

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS
CIÊNCIAS**

Josiane Cristina Bocchi

**A PSICANÁLISE FREUDIANA E O ATUAL CONTEXTO
CIENTÍFICO DA BIOLOGIA DA MENTE
Uma discussão a partir das concepções sobre o ego**

**SÃO CARLOS
2010**

**A PSICANÁLISE FREUDIANA E O ATUAL CONTEXTO
CIENTÍFICO DA BIOLOGIA DA MENTE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E METODOLOGIA DAS
CIÊNCIAS**

Josiane Cristina Bocchi

**A PSICANÁLISE FREUDIANA E O ATUAL CONTEXTO
CIENTÍFICO DA BIOLOGIA DA MENTE
Uma discussão a partir das concepções sobre o ego**

**Tese apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Filosofia
da UFSCar, para a obtenção do
título de doutor em Filosofia**

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

**SÃO CARLOS
2010**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

B664pf

Bocchi, Josiane Cristina.

A psicanálise freudiana e o atual contexto científico da biologia da mente : uma discussão a partir das concepções sobre o ego / Josiane Cristina Bocchi. -- São Carlos : UFSCar, 2010.

255 f.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2010.

1. Psicanálise freudiana. 2. Metapsicologia. 3. Ego (Psicologia). 4. Neurociência. I. Título.

CDD: 150.1952 (20^a)

JOSIANE CRISTINA BOCCHI

A PSICANÁLISE FREUDIANA E O ATUAL CONTEXTO CIENTÍFICO DA BIOLOGIA DA MENTE: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS CONCEPÇÕES SOBRE O EGO

Tese apresentada à Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Aprovada em 06 de maio de 2010

BANCA EXAMINADORA

Presidente



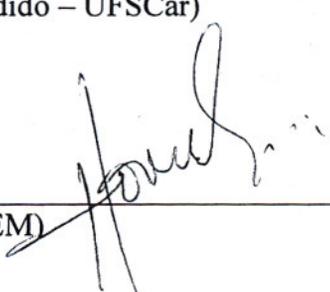
(Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Neto)

1º Examinador



(Dra. Carla Laino Cândido – UFSCar)

2º Examinador



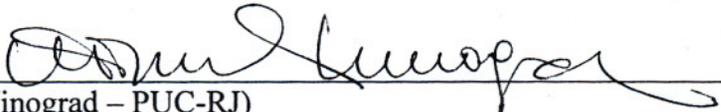
(Dr. Hélio Honda – UEM)

3º Examinador



(Dra. Fátima Siqueira Caropreso – UFGD)

4º Examinador



(Dra. Monah Winograd – PUC-RJ)

*Como sempre, para meus
pais, Walter e Irani,
por me ensinarem o
interesse por uma busca
constante, desde os primeiros passos*

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Richard Theisen Simanke, pela oportunidade do doutorado e pela confiança, mas principalmente pela orientação descomplicada, lúcida e instigante, da qual mesmo as conversas mais triviais foram brilhantes e sempre agradáveis. Gratidão especial ao *Pr. Prado de Oliveira (Directeur de Recherches – École Doctorale Recherche en Psychopathologie et Psychanalyse, Paris 7)*, pela recepção atenta, amável e espirituosa durante o estágio doutoral em 2008/2009, pela participação em seu seminário e por contribuir para meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço à banca examinadora da qualificação, aos professores Francisco Bocca e Hélio Honda, pelas observações valiosas daquela ocasião. Agradeço também à Fátima Caropreso, Monah Winograd, Carla Cândido e Helio Honda por aceitarem o convite para compor a banca da defesa.

Agradeço à **FAPESP** (processo: 05/51663-3), pelo apoio financeiro tão fundamental, o qual possibilitou o encontro com os mais diferentes interlocutores. Agradeço fortemente à respectiva Assessoria Científica, pelo acompanhamento cauteloso e competente, cujas sugestões foram sempre precisas.

Agradeço às assistentes bibliotecárias, Mme. Sandrine Neuville e Mme. Marie-Christine Gayffier, da Biblioteca Sigmund Freud (Société Psychanalytique de Paris), pela infinita gentileza e paciência. Agradeço aos assistentes administrativos do Departamento de Filosofia da UFSCar, Robson, Aron e Fábio, pelo auxílio eficiente em diversos momentos.

Enfim, grata aos amigos, Cris Munaretti, Aline, Marco, Vinicius, Joana, Mary, Erika Yoda e Renata, que estiveram presentes e continuam na minha vida.

Agradeço aos meus pais e aos meus irmãos, Janaina e Juliano, pela lucidez, pelo carinho e o respeito com relação às minhas escolhas, mesmo as mais longas e difíceis, como a do doutorado. Grata ainda à Silvana Lopes Andrade, cuja escuta me fortaleceu nos últimos anos.

E por que não? Agradeço à vida, pelo trabalho e pelo prazer que esta tese me proporcionou.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
------------------	----

PARTE I – PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS

Capítulo I - Formulações neuropsíquicas e psicossociais no âmbito da interdisciplinaridade entre a psicanálise freudiana e as neurociências	20
--	----

1) A interface entre a pesquisa no campo psicológico e os estudos neurocientíficos sob a ótica de Kandel	22
1.2) Uma nova biologia da mente	24
1.3) Resultados preliminares da pesquisa integrada	28
2) O diálogo inicial com algumas antinomias	30
3) Novos parâmetros para a psiquiatria e para a psicanálise	33
3.1) Princípios do “framework” para as neurociências	34
3.2) A “crise” da psicanálise e da psiquiatria	42
3.3) Primeiras aproximações	46
4) O modelo psicanalítico no cenário científico	52

Capítulo II - A Neuro-psicanálise	61
--	----

1) Uma história recente	63
2) Proposta metodológica	66
3) Aplicações do método neuro-psicanalítico	76
3.1) A neurodinâmica do sonho	78
3.2) Casos clínicos da literatura neuro-psicanalítica	83
3.2.1) Síndrome ou psicose de Korsakoff	84
<i>Vinheta clínica</i>	85
3.2.2) Perturbações da auto-imagem na “síndrome do hemisfério direito”	91
3.2.3) Das neuroses narcísicas de Freud a uma “metapsicologia da cognição espacial”	102

Síntese - Primeira parte	106
---------------------------------------	-----

Capítulo III - A recepção dos estudos neurocientíficos pela psicanálise: críticas, limites e algumas ponderações	111
---	-----

1) Críticas mais freqüentes	113
1.2) Problema dos estudos correlativos	118
2) Repercussão na psicanálise: um caso de rigidez parcial	124

PARTE II -- O EGO EM FREUD

Capítulo IV - Interações ente eu-corpo e eu-intersubjetivo no pensamento freudiano	132
---	-----

1) Caracterização geral do ego	133
1.1) Uma via privilegiada para o eu-social ou intersubjetivo	136
1.2) A não linearidade do ego	138
2) Ego-corporal	140
3) O ego-neural/ego-corporal	145

3.1) O ego no “Projeto de uma psicologia (1895/1950)”	145
3.2) Premissas do aparelho neuronal	147
3.3) Uma “massa de neurônios” e sua face psíquica	153
3.4) Relações entre o núcleo e o manto do ego.....	156
3.5) Processos primários e processos secundários	157
3.6) As regras biológicas da “defesa primária” e da “atenção”.....	158
3.7 A vivência de satisfação	160
4) O papel das representações corporais nos processos de pensar e no “reconhecer”	164
4.1) Fragilidade do ego e moralidade	170

Capítulo V - Concepções sobre o ego e o *self* na psicanálise contemporânea 173

1) Os pontos de vista adaptativo e genético para as neurociências	176
2) O ego estilizado e o ego alienado	180

Síntese – Segunda parte 185

PARTE III – O EGO NAS NEUROCIÊNCIAS

Capítulo VI - O *self* neuropsicológico em António Damásio 193

1) Um modelo do corpo no cérebro: a excomunhão do homúnculo	198
2) Self autobiográfico e relação entre consciência central e consciência ampliada: o transitório e o permanente	203
3) Aproximações entre a concepção freudiana do ego e a teoria do <i>self</i> em António Damásio.207	
3.1) Proto-self e instância egóica na seção 14 do “Projeto” (1895)	208
3.2) Self central e ego narcísico	212
3.2.1) O caráter de auto-referência do ego e do self central	213
3.2.2 Função de síntese do narcisismo e o papel convergente da consciência central	214
3.2.3 Self-autobiográfico e ego intersubjetivo	216
4) Considerações finais	217

Capítulo VII - Outros modelos neurocientíficos do eu e do *self* 220

1) Ego ou Self?	221
2) Pesquisas empíricas	224
3) “ <i>Default mode of brain network</i> ”: a atividade cerebral intrínseca	230
3.1) Sobre uma escuta permanente	234
4) Considerações finais	238

CONCLUSÃO 240

<i>Referências bibliográficas</i>	246
---	-----

Resumo

As pesquisas sobre o cérebro passaram por modificações importantes no final dos anos 90, quando se começa a discutir os benefícios de um alinhamento de interesses entre as áreas de Neurociência, Psiquiatria, Psicologia Cognitiva e Psicanálise. Fato que esteve ligado à mudança de enfoque investigativo nas Ciências da Cognição e nas neurociências, indo de uma perspectiva cognitivista para uma visão dinâmica e motivacional, em tese, mais municiada para incluir os aspectos da subjetividade no moderno cenário do estudo da mente. A literatura psicanalítica ortodoxa é deveras resistente a uma rediscussão científica da metapsicologia, contudo não há como negar a construção de uma noção de interdisciplinaridade entre as ciências do cérebro e a psicanálise (e ciências psicológicas em geral). O presente trabalho propõe-se a discutir algumas propostas contemporâneas de convergência entre as formulações neuropsíquicas e psicossociais, no panorama de uma interface entre a neurociência cognitiva e a psicanálise, utilizando as concepções freudianas sobre o ego (*Ich*) como eixo temático. A busca por uma maior integração entre estas formulações na teoria freudiana do ego talvez possa contribuir na reflexão sobre o debate em torno da aproximação entre a psicanálise e as neurociências. Apresentamos a interlocução que alguns programas neurocientíficos propõem para a psicanálise. Será que o Freud do século 19 tem alguma contribuição a oferecer para o que se reivindica atualmente como uma *nova biologia da mente*? De que modo a recuperação de seu pensamento poderia suprir algumas lacunas conceituais e metodológicas desses programas neurobiológicos? Estaria a psicanálise na iminência de perder sua identidade em meio ao atual cenário intelectual das ciências cerebrais? As aspirações desse quadro multidisciplinar nas investigações sobre a mente e o cérebro poderiam abrir novos horizontes para a psicanálise? O fato é que a exploração das origens neuropsicológicas da metapsicologia freudiana tem aberto um leque de discussões, tanto na comunidade neurocientífica, como na psicanálise. Ao invés de assumir um apoio imediato ou uma recusa a essa interface ou ao que muito globalmente se propõe como “integração”, esse trabalho sugere que os questionamentos sejam remetidos ao próprio enquadre conceitual e metodológico dos programas neurocientíficos e ao exame das teses freudianas, para saber se estas têm ou não elementos favoráveis a esse tipo de leitura -, evitando assim conclusões apressadas e até simplificações daquela proposta.

Palavras-Chave: Psicanálise freudiana. Metapsicologia. Ego. Neurociências.

Abstract

There were substantial changes in the 90s decade in brain researches, when one begins to discuss the benefits of an alignment of interests between the areas of Neuroscience, Psychiatry, Cognitive Psychology and Psychoanalysis. Fact that it was linked to the change of perspective in sciences cognition and neuroscience, from a cognitive perspective to a dynamic and motivational view, in theory, more able to include aspects of subjectivity in the modern field of the study of mind. The psychoanalytic literature is very resistant to a renewed discussion of metapsychology, however there is no denying the construction of a notion of interdisciplinarity between the brain sciences and psychoanalysis (and psychological sciences in general). This Thesis intends to discuss some contemporary proposals of convergence between the neuropsychiatric and psychosocial formulations, in view of an interface between cognitive neuroscience and psychoanalysis, using Freudian concepts about the ego (*Ich*) as head theme. The search for the greatest integration between these formulations of the ego in Freudian theory could possibly contribute in reflecting on the debate on the rapprochement between psychoanalysis and neuroscience. We present the dialogue that some programs offer neuroscience for psychoanalysis. Does Freud's 19th century has to offer some contribution to what is named today as a new biology of mind? How to recover his thought could supply some conceptual and methodological shortcomings of these programs neurobiological? Psychoanalysis would be on the verge of losing its identity amid the current intellectual scene of the brain sciences? The aspirations of this multidisciplinary research about the mind and brain could open new horizons for psychoanalysis? The search of neuropsychological origins of Freudian metapsychology has opened a range of discussions, both in the neuroscience community, as in psychoanalysis. Instead of taking immediate support or a refusal to this interface is proposed that much like "integration", this work suggests that the inquiries are referred to their own conceptual and methodological frame of neuroscience programs and examination of the Freudian theories, for knowing whether these concepts are open to this kind of reading - thus avoiding hasty conclusions and simplifications to that proposal.

Keywords: Psychoanalysis Freudian. Metapsychology. Ego. Neurosciences

INTRODUÇÃO

“Nós só podemos esclarecer um assunto científico depois de ter exposto claramente os problemas” (FREUD, 1891, p. 155).

Essa tese procura contextualizar a redescoberta da psicanálise freudiana – e de alguns avanços, como da psicologia do ego e da teoria das relações objetais, que também podem vir a ser explorados – através da neurobiologia. Primeiro, apresentamos detalhadamente os pressupostos de alguns programas e modelos neurocientíficos que ensaiam uma interlocução mais consistente e de um âmbito mais abrangente com a psicanálise, quando comparados com a profusão de diversos estudos empíricos sobre o tema na atualidade. Estes últimos foram apresentados na parte final da tese, a fim de obtermos um exemplo mais próximo dos procedimentos e resultados discutidos nas neurociências. Acreditamos que um problema precisa ser, primeiramente, compreendido ou esclarecido para ser mais bem abordado e debatido. Por esse motivo, desenvolvemos uma descrição cuidadosa e sistemática de alguns dos principais programas surgidos, recentemente, na neurociência cognitiva e na neuropsicologia, e também trabalhamos o tema da relação entre as formulações neuropsicológicas e psicossociais no pensamento freudiano, através da investigação das concepções sobre o ego. Finalmente, inserimos a temática do ego no contexto de um modelo neuropsicológico do *self* e, depois, monitoramos a presença do ego também em alguns outros estudos neurocientíficos contemporâneos.

Como se vê, trata-se aqui de um empreendimento híbrido por incluir uma diversidade de temas que extrapolam o domínio da metapsicologia freudiana e da sua teoria do ego. Todavia, esta parece ser a natureza de um trabalho que pretende, como parte de seus objetivos, apresentar o panorama de questões endereçadas à psicanálise na atualidade.

O que primeiro chama a atenção no contexto atual do debate epistemológico em torno da psicanálise, é o notório o espaço crescente da releitura de algumas teses freudianas desde o ponto de vista das neurociências. Ao mesmo tempo, assistimos à emergência de uma literatura voltada à intersecção de disciplinas historicamente divergentes quanto ao objeto de estudo, método e objetivos, como a psicologia, a psiquiatria, a neurociência e a própria psicanálise. Até mesmo uma busca superficial, em revistas eletrônicas, *websites* e periódicos dessas áreas, tem revelado um pluralismo de discussões sobre uma suposta interface multidisciplinar que, num primeiro momento, mais podem confundir do que esclarecer, já que encontramos muitas posturas extremas ou simplificadoras - de pronta aceitação acrítica ou de uma imediata recusa.

O estudo do cérebro e da mente, como pensado hoje em dia, diversifica-se pela importação de estratégias e de conceitos de áreas vizinhas, sendo até representado por um neologismo, “neurociência”, de modo que quase não se fala mais apenas em neuroanatomia, neurofisiologia ou neuroquímica, o que traduz a característica multidisciplinar das ciências do cérebro, adquiridas na segunda metade do século 20 (IMBERT, 2004, p. 55).

Constata-se uma ascensão das neurociências em setores do conhecimento que extrapolam os campos da biologia e da filosofia da mente, tais como na antropologia, nas artes ou na educação. Para se ter uma idéia aproximada, há uma absorção desse impacto pela sociedade contemporânea e pela mídia em geral, como mostram as discussões recentes sobre a noção de “sujeito cerebral” (*brainhood*). Essa nova figura antropológica prefigura que o cérebro deixe de ser visto apenas como um órgão para ser também um corolário de atributos relativos à individualidade e à identidade. O *brainhood* é característico de uma época na qual nunca se ouviu falar tanto em conexões, sinapses, neurotransmissores e na expectativa dos benefícios de uma neurofarmacologia molecular. Desvendar o cérebro e a mente projeta-se como a grande promessa científica do século 21, o século da memória e do desejo, nas palavras do geneticista francês, François Jacob

(1998), um dos ganhadores do Prêmio Nobel de Medicina de 1965. Essa temática como um todo certamente inaugura um desafio às várias disciplinas envolvidas, qual seja, o de discutir a respeito das implicações sócio-culturais e científicas de uma neurocultura crescente, bem como sobre as eventuais contribuições positivas das neurociências.

A literatura psicanalítica, por seu turno, apresenta uma certa resistência à releitura científica da metapsicologia, como a que propõe a neurociência cognitiva e a neuropsicologia. Contudo, nas três últimas décadas, não há como negar a construção progressiva de uma noção de interdisciplinaridade nos estudos sobre a mente, assim como a atualização do questionamento sobre o antagonismo entre os enunciados psicológicos e neurobiológicos e, simultaneamente, o questionamento de uma série de dicotomias que acompanham o problema das relações entre mente, corpo e cérebro: sujeito-natureza, natureza-cultura, biológico-funcional, genética-ambiente. Desde 1980, uma literatura específica tem sido incorporada aos livros e periódicos de psicologia cognitiva, de neuropsiquiatria, de neurociência e de psicanálise, sugerindo aproximações gradativas entre a neurobiologia e as ciências psicológicas, particularmente daquela com a psicanálise freudiana e/ou com a teoria das relações objetais ou destas com a neuropsicologia (REISER, 1984; ERDELYI, 1985; CLYMAN, 1991; SEMENZA, 2001; IMBASCATI, 2003; BEUTEL *et al.*, 2003; LEEMAN & LEEMAN, 2004; SANDRETTO, 2004; LANE & GARFIELD, 2005; MODELL, 2005; ANDRIEU, 2007; PIRLOT, 2007; SIKSOU, 2007; CARHART-HARRIS *et al.*, 2008). Parece que se coloca em questão até que ponto aquelas diferenças metodológicas são realmente inconciliáveis e, no limite, qual a função da rígida distinção formal entre ciências humanas e ciências naturais.

Deparamo-nos com a formulação concreta de alguns programas de pesquisas sobre o intercâmbio de conhecimentos entre essas áreas afins, através de um esforço em gerar modelos neurocientíficos para temas tradicionais do campo psicológico, como a consciência, a aprendizagem, sistemas motivacionais, sobre o papel do desenvolvimento precoce na psicopatologia e alguns conceitos freudianos caros à psicanálise, como inconsciente, pré-consciente, ego, repressão, a função desiderativa sonhos, entre outros. Há quem diga que do mesmo modo como a leitura filosófico-estrutural da psicanálise foi marcante no século 20, “o século 21 presenciará um retorno

mais amplo e radical ao Freud cientista natural, com sua obra total sendo esquadrihada à luz da neurociência” (ANDRADE, 2003, p. 26).

O presente trabalho propõe-se a discutir algumas soluções contemporâneas para uma convergência entre as formulações neurobiológicas e psicossociais no âmbito de uma interdisciplinaridade entre a neurociência cognitiva e a psicanálise, utilizando as concepções freudianas sobre o Eu (*Ich*) como eixo temático. Essa noção é adotada como operador conceitual por ser central à psicanálise e possuir várias significações na escrita freudiana: o ego já foi o “agente da repressão”, o “escravo de três senhores”, bem como a “sede da razão e da prudência”, o “reservatório da libido” ou o mais enaltecido objeto de amor do sujeito. As concepções sobre o ego estão presentes em todo o percurso do pensamento freudiano e são marcadas por oscilações curiosas. Na primeira teoria das neuroses, ele está no núcleo da *defesa psíquica*; no período posterior (entre 1895 e 1914 aproximadamente), o ego é deliberadamente omitido por Freud e só ressurge com importância na década de 20, na virada para a teoria estrutural do aparelho psíquico. Há também momentos de sensível contraste em sua apresentação: como uma formulação explicitamente neuropsicológica no “Projeto de uma psicologia” (1895/1950), enquanto no âmbito da teoria do narcisismo, na medida em que esta admite ser interpretada como uma modalidade de relações com o objeto, com destaque para o conceito de identificação, o ego e seus desdobramentos narcísicos revestem-se de uma significação intersubjetiva e, a partir de trabalhos como “Psicologia das massas e análise do ego” (1921), ele adquire uma formulação quase que psicossocial, na contramão, *aparentemente*, da sua significação inicial.

Não obstante a diferenciação progressiva das formulações sobre o ego, que muda conforme o foco dos problemas metapsicológicos abordados por Freud, acreditamos que esta noção conserve uma complementaridade essencial entre a dimensão neuropsíquica e uma dimensão mais psicossocial. Vamos abordar essas formulações aparentemente conflitantes do conceito freudiano de ego e discutir a possibilidade de sua integração em uma linha teórica mais unificada. Espera-se que esta espécie de estudo de caso sobre os fundamentos neurobiológicos e psicossociais do ego contribua com elementos de reflexão, a partir do próprio pensamento freudiano, para o novo debate epistemológico em torno da aproximação entre a psicanálise e a neurociência cognitiva.

Não se buscou uma epistemologia das neurociências, mas sim apresentar o contexto atual sobre o encontro da psicanálise com tais estudos. Além disso, o enfoque da tese não é abordar especificamente a viabilidade teórico-metodológica e a sustentabilidade prática de um tal programa de integração, tampouco discutir as repercussões deste para a psicanálise contemporânea, o que talvez nos levaria somente a um manancial de especulações. Entendemos que a primeira discussão é necessária, mas será incluída na medida em que for pertinente aos temas trabalhados e às propostas apresentadas. Está muito em voga questionar se a neurociência pode ou não ser uma legítima fonte de validação externa para a psicanálise, uma vez que a psicanálise utiliza-se da “interpretação” e do “sentido”, e não de enunciados explicativos, ao contrário das ciências cerebrais que trabalham com o princípio da causalidade¹. Assim, as chamadas “*hard sciences*” e “*light sciences*” deveriam permanecer restritas aos seus domínios distintos e inconciliáveis. Antes de discutir a viabilidade teórica e o alcance do que muito globalmente se propõe como “integração”, assumindo um imediato apoio ou rechaço, parece-nos necessário que questões como estas sejam remetidas ao enquadre conceitual-metodológico do programa interdisciplinar neurocientífico e ao exame das teses freudianas – se elas têm ou não elementos favoráveis a esse tipo de leitura -, evitando assim conclusões apressadas e até simplificações daquela proposta que, em princípio, não se limita a confirmar ou refutar os princípios psicanalíticos. É provável que a recuperação do naturalismo da metapsicologia freudiana traga conseqüências para a psicanálise, todavia não se sabe quais, porque as pesquisas sobre um diálogo estão ainda em fases iniciais. No mais, há muita especulação a esse respeito.

Pretendemos, de fato, explicitar alguns programas de aproximação entre as ciências neurais e a psicanálise, como o programa do neurocientista Eric Kandel, a proposta da Neuro-psicanálise e apresentar algumas teorias neuropsicológicas, como a de António R. Damásio, os quais, no limite, filiam-se todos à proposta mais abrangente, surgida no último terço do século 20, no campo das ciências da cognição, de incluir na abordagem científica a dimensão subjetiva da mente (os aspectos qualitativos da experiência), designada como *mente fenomenológica* e que se exprime como um verdadeiro “projeto de naturalização da intencionalidade” devido à busca de integração

¹ Referência à tradição de leitura que se segue ao “L’interprétation: essai sur Freud” (1965), de Paul Ricoeur, que faz uma leitura da psicanálise a partir de uma linha da hermenêutica e que é usada, de modo geral, como apoio para assimilar a psicanálise ao campo exclusivo das humanidades.

com a fenomenologia (ROY *et al.*, 1999; CHANGEUX, 2001). Vamos apresentar o tipo de interlocução que cada programa propõe para a psicanálise e, eventualmente, levantar pontos de como esse diálogo pode vir a ser interessante nas duas direções.

Será que o Freud do século 19 tem alguma contribuição para uma *nova biologia da mente*? De que maneira a recuperação de seu pensamento pode clarear as dificuldades ou suprir algumas lacunas conceituais e metodológicas desses programas? Estaria a psicanálise na iminência de descaracterizar-se em meio a esse turbulento cenário neopositivista ou as aspirações deste podem abrir novos horizontes à psicanálise, ampliar sua esfera de atuação e exigir aprimoramentos na teoria e na técnica, numa linha de contribuições diferente do que a psicanálise recebeu ao longo do século 20? Apresentaremos, por fim, alguns estudos específicos sobre a correlação entre as funções psicanalíticas do ego e alguns sistemas cerebrais, a fim de elucidar o contexto operacional desses trabalhos – alguns de natureza empírica - e na medida do possível, verificar se certos resultados experimentais das neurociências retomam o conceito freudiano, se o sustentam, complementam ou contestam-no.

Não se trata de defender ou de criticar os trabalhos de convergência, as duas posições seriam ainda prematuras, principalmente se considerarmos os impasses da ciência da mente. Em princípio, acreditamos que a discussão (e negociação) de alguns parâmetros científicos para a psicanálise possa contribuir para a continuidade de seu desenvolvimento, através de novos conhecimentos sobre o sistema nervoso, no sentido próximo ao que Freud idealizava quando projetou as bases para sua psicologia científica, importando da física e da própria biologia os postulados de “quantidade” e “neurônio”, portanto, num naturalismo estrito.

As neurociências têm recursos tecnológicos a seu favor, como nos estudos sobre neuroimagem funcional, mas apresentam também lacunas em termos de formulações conceituais e uma necessidade de aprimorar sua compreensão sobre as categorias mentais. A produtividade desta ciência carece, mais do que nunca, de um enquadramento teórico geral para, na medida do possível, alinhar a diversidade de achados sobre o cérebro. A psicologia freudiana apresenta um esforço de sistematização e embora ela até possa ter alguns princípios contestados, seu quadro conceitual é bastante elaborado. Por esse motivo, talvez haja aspectos em que as neurociências e a psicanálise freudiana possam se complementar e, de novo *talvez*, numa aposta interessante.

No limite, nem essa tese pode responder àquelas questões de maneira satisfatória. A posição aqui adotada está sujeita a revisões, seja pelos caminhos que o nosso próprio trabalho apontará, seja pelo desenrolar dos estudos sobre a integração ou pela imprevisibilidade inerente ao conhecimento. O fato é que não pecamos pelo anacronismo. Parafraseando um dos autores a ser consultado, não há motivo para envergonhar-se em ser desmentido pela ciência². É sabido que o próprio Freud não se poupou à revisão de conceitos basilares, como a teoria das pulsões e a própria noção de sexualidade, tantas vezes quanto julgou necessário.

A primeira parte da tese (**Psicanálise e Neurociências**) tem dois capítulos que introduzem o debate em torno da convergência entre a psicanálise e os estudos neurocientíficos e conta com uma conclusão parcial, discutindo alguns pressupostos e problemas dessa aproximação. O primeiro capítulo apresenta o enquadre proposto por E. Kandel para uma maior interação entre as neurociências, a psiquiatria e a psicanálise. Os novos parâmetros conceituais (*new intellectual framework*) deste autor encontram-se na vanguarda da sistematização de um programa de estudos multidisciplinares da neurociência. O segundo capítulo apresenta o programa de estudos da neuro-psicanálise, um enquadre neuropsicológico e clínico, mas em continuidade com o anterior.

A segunda parte (**O ego em Freud**) apresenta a não-linearidade e a ambigüidade fundamental das concepções freudianas sobre o ego, assinalando momentos relevantes para suas formulações neuropsíquicas e psicossociais: a caracterização do ego no “Projeto...” (1895), as contribuições advindas da teoria do narcisismo e da identificação em “Psicologia das massas”, fechando com “O ego e o id” (1923) que explicita a dupla interface do ego.

Essa segunda parte conta com um capítulo sobre algumas elaborações pós-freudianas sobre o ego, como a da escola da Psicologia do Ego e uma distinção entre as noções de ego e de *self*. Apresenta-se, de modo geral, as contribuições de Melanie Klein e Jacques Lacan ao tema, concebendo-o ora num contexto mais próximo da biologia, como em Klein e psicólogos do ego, ora num contexto puramente intersubjetivo, como na leitura de Lacan.

A terceira e última parte (**O ego nas neurociências**) traz uma bibliografia específica para demonstrar o modo como tem se realizado alguns estudos empíricos mais

² SOLMS, M. (2004). “O que é neuro-psicanálise ...”, p. 101.

pontuais sobre o *link* entre as funções egóicas e as funções cerebrais. Há estudos, por exemplo, que equiparam as atividades de auto-reflexão e julgamento, neurobiologicamente, vinculadas ao córtex pré-frontal e, psicanaliticamente, às funções executivas do ego. Seu primeiro capítulo é dedicado à teoria neuropsicológica do *self* em Damásio, no qual propomos um nítido paralelo entre o *self* neural deste autor e os vários aspectos das concepções freudianas sobre o ego.

A junção dos dois primeiros capítulos com o penúltimo configura os três enquadramentos teóricos e metodológicos que utilizamos como ferramentas para a discussão sobre a interface entre as neurociências e a psicanálise.

PARTE I – PSICANÁLISE E NEUROCIÊNCIAS

Capítulo I

FORMULAÇÕES NEUROPSÍQUICAS E PSICOSSOCIAIS NO ÂMBITO DA INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE A PSICANÁLISE FREUDIANA E AS NEUROCIÊNCIAS

Para discutirmos sobre a possibilidade de uma releitura científica da psicanálise, no âmbito da convergência entre esta e as neurociências, apresentaremos três perspectivas teóricas. Esse procedimento é adotado em função da complexidade das novas questões relacionadas ao atual debate entre as neurociências e o campo das teorias psicológicas de modo geral. Além do ritmo crescente das publicações sobre o tema, a participação de diferentes campos do conhecimento torna o quadro abrangente e complexo: são discussões dentro dos círculos psicanalíticos, nos laboratórios de psicologia e entre os diversos grupos de pesquisa em neurobiologia, biologia molecular e neuropsicologia. São teorias emergentes e noções de difícil assimilação, para as quais acreditamos que a escolha de determinados referenciais teórico-investigativos permite um melhor desdobramento.

Na recente literatura neurobiológica, principalmente na neurociência cognitiva, vem sendo discutido a procura por um novo quadro conceitual para as ciências da mente, como em diversos trabalhos de Eric Kandel – especificamente um “new intellectual framework”³. Essa é a primeira perspectiva a ser apresentada; a segunda é a neuro-psicanálise, a qual propõe uma abordagem psicodinâmica para os distúrbios psíquicos decorrentes de lesões neurológicas. Tentaremos mostrar como se dá a investigação de algumas neuropatologias, para as quais se tem recorrido à teoria freudiana do narcisismo e à etiologia das neuroses narcísicas. No penúltimo capítulo,

³ Também é freqüente uma tradução mais literal, como “novos parâmetros intelectuais”. Optamos por usar “quadro conceitual” ou “quadro de referência” pelo seu sentido mais programático.

apresentaremos o conceito de *self* neuropsicológico em António Damásio. Identificamos algumas correspondências entre seu conceito de *self* e o conceito freudiano de ego. As duas últimas abordagens podem ser pensadas como tentativas de por em prática os novos princípios gerais sugeridos pela primeira.

Recorremos a estes três enquadres conceituais que servirão como ferramentas para desenvolver o tema das relações entre as formulações neuropsíquicas e psicossociais, com base nos novos achados em neurociências e no recente panorama de integração entre esses dados de pesquisa e alguns conhecimentos do campo psicológico. Indiretamente, reacende-se também um debate interno à psicanálise, referente às teorizações iniciais de Freud, de cunho neuropsicológico, e ao programa naturalista de sua psicologia. Segundo Ortega e Bezerra Jr. (2006), essa espécie de atualização não é estranha ao encontro das neurociências com outras disciplinas no contexto atual, pois “o cérebro adquiriu significados diferentes em áreas diversas (anatomia, psiquiatria, antropologia, psicologia e arte), nas quais vem sendo incorporado como forma de exprimir ou encarnar princípios e programas próprios a cada uma delas”⁴.

Como discutiremos nesse capítulo, pensamos que o teor do encontro entre a psicanálise e o moderno cenário das neurociências vai além da simples convalidação ou refutação dos princípios psicanalíticos, mas sim trata-se da busca por uma maior unidade nas ciências da mente. Essa tentativa surge no último terço do século 20, no contexto das chamadas ciências da cognição⁵, através de um programa de investigação naturalista da mente que, em essência, propunha aproximar as abordagens cognitivas à fenomenologia⁶. Hoje em dia, a neurociência está bastante alinhada com as diversas articulações das ciências da cognição e ela exprime esse programa através da proposta de um quadro de referência comum às ciências psicológicas e às ciências do cérebro, capaz de incluir determinantes psicossociais e biológicos do comportamento humano.

⁴ ORTEGA, F. & BEZERRA Jr., B. (2006). “O sujeito cerebral”. Fonte: URL: http://www.ibneuro.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=32&Itemid=25. Consultado em 16-11-2007 às 18h27.

⁵ Essa área, globalmente designada, abrange um conjunto de diferentes disciplinas: a psicologia cognitiva, a psicolinguística, a inteligência artificial, a lógica e as ciências cognitivas também interagem com as neurociências e a própria filosofia. A aproximação entre ciências da cognição e neurociências deu origem à neurociência cognitiva, que se prontifica a fazer uma abordagem sistemática das bases neurobiológicas das funções cognitivas.

⁶ ROY, J-M. *et al.* *Beyond the gap: an introduction to naturalizing phenomenology*, 1999.

1. A interface entre a pesquisa no campo psicológico e os estudos neurocientíficos sob a ótica de Kandel

Em dois trabalhos polêmicos à época de sua publicação, fim da década de 90, o psiquiatra e neurocientista Eric Richard Kandel propõe um enquadre conceitual comum às ciências psicológicas e às ciências do cérebro, sugerindo a construção de um *programa multidisciplinar de investigação* que incluísse neurociência, biologia molecular, psiquiatria, psicologia e a psicanálise, na tarefa de investigar o cérebro e a mente como um mesmo objeto de estudo⁷. *Grosso modo*, a intenção é que este quadro de referência (“framework”) funcione como uma grande base de dados para elaborar hipóteses sobre as funções mentais e seus correlatos neurológicos, bem como meios de testá-las experimentalmente. As diversas comunidades científicas colaborariam com a especificidade de suas áreas ao mesmo tempo em que fariam uma abertura metodológica – adotando novas estratégias de pesquisa, inclusive de natureza empírica – e, se necessário, também uma abertura epistemológica, revisando determinados pressupostos de suas teorias.

A plataforma de idéias sugerida por Kandel parece ser uma referência para pensarmos o que freqüentemente tem sido denominado, de modo genérico, como “integração” da psicanálise com as neurociências. A nosso ver, um quadro conceitual mais unificado, como o que é proposto, adquire importância mediante a proliferação de trabalhos sobre a intersecção dessas áreas e também pela necessidade de discutir qual o tipo de multidisciplinaridade é pretendida: será possível falarmos em uma interdisciplinaridade entre as ciências cerebrais e as disciplinas psicológicas ou, ao menos, uma atitude conciliatória?

Atualmente, assistimos a uma crescente produtividade sobre o encontro entre aqueles campos historicamente divergentes, como a psicologia, a psiquiatria e a neurociência. Uma ligeira busca em *websites* e periódicos específicos já revela um pluralismo de idéias potencialmente confusas, na medida que exprimem argumentos

⁷ Trata-se de “A new intellectual framework for psychiatry”, publicado originalmente no *American Journal of Psychiatry*, vol. 155, n. 4, 1998, p. 457-469. O segundo artigo, “Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited” (1999), foi publicado na mesma revista, complementando o primeiro e respondendo ao abundante volume de críticas suscitado por ele.

muito gerais, como a crença de que uma disciplina virá a englobar a outra – no caso, as ciências exatas viriam substituir as ciências humanas – ou a crença exagerada no empirismo, isto é, que os avanços em neuroimagem funcional solucionarão os impasses teóricos anteriores e, principalmente, de que um diálogo fica inviável por envolver ciências humanas e ciências naturais. Tais idéias exprimem também mal-entendidos ou pontos de vista mal colocados, como o fato de que o escrutínio do método clínico pelos modelos experimentais implique automaticamente no reducionismo biológico e na sua substituição pelas investigações quantitativas ou por uma suposta psicofarmacologia de ponta. O fato é que a descoberta de que a psicoterapia também atua estrutural e funcionalmente no cérebro e de que o desenvolvimento influencia a expressão genética tem gerado um significativo volume de especulações, tanto nas neurociências como no campo psicológico.

Através do quadro de referência proposto por Kandel, esperamos problematizar a relação da metapsicologia freudiana com o atual contexto científico a partir de um foco mais preciso, sem nos aprofundarmos nos fundamentos epistêmicos do programa neurocientífico, e apenas elucidando seus princípios de interesse para a psicanálise. O que chama a atenção no *framework* é que a psicanálise é convidada a ter um papel ativo, enquanto teoria psicológica, na construção do que alguns neurocientistas cognitivos aspiram que venha a ser um novo modelo na investigação da mente. Kandel tornou-se um dos autores mais comentados quando o assunto é interface psicanálise-neurociência ao dizer que “... a psicanálise ainda representa o mais coerente e satisfatório ponto de vista sobre a mente” (KANDEL, 1999/2005, p. 64) e, ao mesmo tempo, sugerindo para esta “o **desenvolvimento de uma relação estreita com a biologia em geral e a neurociência em particular** (p. 64).

Antes de apresentar as diretrizes do *framework* e sua relação com a psicanálise, vamos contextualizar o surgimento, no último quarto do século 20, do que, hoje em dia, uma corrente da neurociência cognitiva reivindica como uma “nova biologia da mente”.

1.2. *Uma nova biologia da mente*

A década de 1990, considerada no meio acadêmico como a década do cérebro, assistiu a uma avalanche de descobertas em neurofisiologia, neuroanatomia e indícios promissores em genética molecular – cujo marco data do Projeto Genoma Humano (1990-2003) –, além da progressiva melhora na tecnologia de neuroimagem, permitindo a construção de modelos mais dinâmicos sobre a atividade cerebral. Tudo isso confere renovado fôlego às pesquisas sobre o cérebro, de modo que no final dos anos de 1990 surge, no campo das neurociências, o interesse por uma visão mais global da mente, bem como a busca por uma proximidade com a psicologia cognitiva e com a psicanálise em particular, além de uma reaproximação entre a neurologia e a psiquiatria. Configura-se o interesse por uma teoria geral que complementasse as novas descobertas empíricas, já que o modelo farmacológico falhara justamente nesse aspecto. Esse modelo surgiu na década de 50 com a descoberta da clorpromazina e da imipramina, drogas que revolucionaram o tratamento dos transtornos mentais graves; e embora tenha representado o primeiro grande impulso da neurobiologia moderna na psiquiatria e até reabastecido a visão biológica da mente – em declínio naquele período pela expansão do pensamento psicanalítico nos EUA –, o modelo farmacológico mostrou-se simplista, pois a etiologia da doença era pensada a partir do efeito da droga⁸.

Começa-se, então, a discutir os benefícios de um alinhamento de interesses entre as neurociências e o campo da investigação psicológica; o que está ligado ao próprio contexto da mudança de enfoque nas ciências da cognição, indo de uma perspectiva cognitivista para uma visão dinâmica e motivacional. Richard Simanke (2006) aponta que começa a haver um reconhecimento nas ciências da cognição, nas neurociências e na filosofia da mente de que o mental não se restringe à cognição. O estudo desta, em seus aspectos inconscientes e conscientes, fica distorcido sem a referência às emoções. Os trabalhos de neurocientistas, como Joseph LeDoux, António Damásio, Howard Shevrin,

⁸ Steven Pliszka (2004) coloca que “por que os antipsicóticos bloqueavam a dopamina no cérebro, os pesquisadores formularam uma teoria da dopamina para a esquizofrenia. Se os antidepressivos aumentavam a quantidade de serotonina e norepinefrina (pelo menos agudamente), então isso sugeria que níveis baixos desses neurotransmissores causavam a depressão” (p. 15). Pliszka acredita que a neurociência tenha condições de ultrapassar esses modelos mais lineares, através do desenvolvimento das técnicas de neuroimagem e da genética molecular, e sugere que “**também devemos integrar dados das ciências psicológicas aos nossos modelos**” (*ibid.*, 2004, p. 16). Sua fala exprime um discurso que começou a ganhar contornos nas neurociências naquele período.

Rodolfo Llinás e o próprio Kandel foram responsáveis pela gradativa reinserção da problemática dos afetos nos estudos da neurobiologia: “no começo da década de 80, o estudo do medo e de outras emoções era uma pesquisa contracorrente; a neurociência estava muito mais entrelaçada com a idéia de estudar a cognição superior do que a emoção” (LEDOUX, 1983/2005, p. 114). A partir de então, temas como emoção, consciência, *self*, personalidade e o aspecto qualitativo da experiência subjetiva, os quais haviam permanecido marginais às ciências da mente na maior parte do século 20, ganharam visibilidade na agenda das neurociências. Neste sentido, encaminha-se uma tentativa de por fim ao isolamento histórico que marcou aquelas áreas afins. A neurociência cognitiva estaria, em parte, realinhando-se com uma tendência do final do século 19, onde Freud e William James, por exemplo, já tratavam estas questões num projeto filosófico e científico igualmente abrangente.

Na Europa, houve um movimento correspondente. As discussões pioneiras conduzidas por Jean-Pierre Changeux estimularam a interlocução entre a ciência e as questões do campo filosófico, protagonizadas através de seus célebres diálogos com o psicanalista Jacques-Allain Miller e depois com Paul Ricoeur⁹. Monah Winograd (2004)¹⁰ assinala que o francês André Comte-Sponville pode ser inserido na mesma linha de mudanças. A autora levanta outros fatores que conduziram ao enfoque motivacional nas neurociências, como a ascensão da visão conexionista nas ciências cognitivas e a melhor resolução computacional para exploração do sistema nervoso. Além disso, novas descobertas científicas - como a plasticidade neural e a regulação da expressão genética por fatores ambientais, que ainda abordaremos nesse trabalho, contribuíram para o questionamento do antagonismo entre as explicações biológicas e as explicações psicológicas sobre o comportamento.

Na linha do estudo dos processos dinamicamente motivados, uma nova literatura ganha corpo em neurociência cognitiva, em neuropsicologia e nas ciências cognitivas em geral. Destacam-se tópicos de convergência, como inconsciente cognitivo, neurobiologia da consciência, substrato corporal das emoções, psicoterapia e mudanças estruturais no cérebro. Apenas como exemplo, Damásio publica “O erro de Descartes”

⁹ Essas discussões deram origem, respectivamente, ao “L’homme neuronal” (1983/1997) e “La nature et la règle: ce qui nous fait penser” (1998/2001). Este em co-autoria com Ricoeur.

¹⁰ WINOGRAD, Monah. Matéria pensante - a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Brasília, DF, 56, n.1, 2004. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=32>>. Acesso em: 28-02-2008.

(1995) e o “Mistério da Consciência” (2000), ambos defendendo a importância das representações corporais para a formação dos estados emocionais e da auto-consciência. Joseph LeDoux publica “The emotional brain” (1996), Gerald M. Edelman (1993) traz para a neurociência um modelo da mente desenvolvido no campo da imunologia, os trabalhos do psicólogo Howard Shevrin ganham mais relevo nesse novo cenário¹¹. Ainda, grupos começam a se organizar institucionalmente, como o Grupo de Estudos em Neurociências e Psicanálise, fundado em 1994, no Instituto de Psicanálise de Nova York, que se tornará a Sociedade Internacional de Neuro-psicanálise em 2000.

Kandel (2005) retoma a versão integral de seus diversos trabalhos, publicados desde 1979 até 2001, dando corpo ao que ele visualiza como uma *nova biologia da mente* no seu livro “Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind” (2005), uma coletânea de artigos que foram publicados originalmente em datas distintas¹². Nesta obra, ele descreve como se deu o impacto da biologia molecular na neurobiologia, trazendo para um primeiro plano o estudo dos canais iônicos de sódio, cálcio e potássio (KANDEL, 1983b/2005)¹³. Nestes artigos, o autor também aborda a eficácia da psicoterapia através de sua ação morfológica nas sinapses, e demonstra a operacionalização de modelos experimentais da ansiedade e da aprendizagem, através de procedimentos desenvolvidos na pesquisa psicológica, como habituação e sensibilização, para mostrar o modo como a psicologia e a psiquiatria podem encaminhar questões à neurobiologia. O fato mais importante é que, nesses trabalhos, Kandel discute questões de grande complexidade que extrapolam o campo científico em direção à filosofia da ciência, como a sua projeção de que a biologia fornecerá o impulso para um novo humanismo no século 21, principalmente pelos avanços da biologia molecular e da genética que, sendo assimilados pelas ciências cerebrais, podem trazer novos *insights* para a compreensão do indivíduo.

¹¹ Howard Shevrin demonstrara, desde o final da década de 1960, que estímulos visuais subliminares podiam ser captados pelo cérebro, mesmo sem serem percebidos conscientemente, sinalizando as bases experimentais para o conceito de inconsciente.

¹² Para as citações, usaremos, por exemplo, 1983/2005, 1999/2005, e assim por diante.

¹³ Na visão de Eric Nestler (2005), comentando esse artigo de 1983, Kandel anuncia um ramo que só seria desenvolvido nas próximas décadas, revelando a natureza inovadora de seu trabalho. Kandel foi reconhecido pela pesquisa sobre as bases moleculares da memória e da aprendizagem, sendo um dos contemplados com o Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 2000.

Kandel pode ser lido como um visionário ao esperar que a psicoterapia do futuro seja monitorada pela neuroimagem funcional¹⁴ e que o cuidado médico e psicológico com o outro seja personalizado com base na singularidade do código genético. Contudo, boa parte da comunidade neurocientífica compartilha da aposta de que este será o século da mente para a biologia. Parafraseando François Jacob (1998), Kandel coloca que:

Tem ficado claro que o último grande mistério que confronta a biologia é a natureza da mente humana. Este é o *último grande desafio*, não só para a biologia, mas para toda a ciência. Por esta razão que muitos de nós acreditamos que a biologia da mente será para o século XXI o que a biologia do gene foi para o século XX. (KANDEL, 2001/2005, p. 379)

Enfim, a *nova biologia* discutida nos trabalhos de Kandel propõe diferentes níveis de integração de saberes, isto é, entre as investigações biológicas e as psicológicas sobre a relação entre comportamento, cognição e a atividade cerebral, bem como também dentro das ditas ciências positivas, prescrevendo, por exemplo, uma fusão entre a neurobiologia e a genética molecular para chegar na resolução celular dos fenômenos cerebrais. Nessa nova biologia da mente, a neurobiologia molecular vem representar a promessa de elaborar descrições sobre a vida mental que sejam mais coerentes do ponto de vista biológico (KANDEL, 1983/2005, p. 197) e, quem sabe, promover um novo conceito de mente ou, pelo menos, alguns consensos sobre a investigação deste problema.

Em termos práticos, a integração se faz entre o campo da pesquisa empírica em neurociência e os temas tradicionais do campo da psicologia, como a memória, a aprendizagem, sistemas motivacionais e, sobretudo, conceitos freudianos, como inconsciente, pré-consciente, ego, repressão, o papel da experiência precoce na

¹⁴ Tecnologias como Tomografia por Emissão de Pósitrons (PET) e Ressonância Magnética Funcional (fMRI). Na primeira, monitora-se os isótopos radioativos de oxigênio que são previamente injetados no sangue, níveis elevados indicam fluxo sanguíneo aumentado. Na ressonância, um potente pulso eletromagnético faz com que os átomos alinhem-se numa certa direção. Dependendo da forma e do tempo em que os átomos são excitados, as imagens variam de acordo com as propriedades do tecido cerebral. Segundo Pereira Jr. (2003), tais métodos permitem investigar indivíduos saudáveis, em contraposição ao uso de animais e ao estudo do efeito de lesões graves em humanos, além do relato linguístico do processamento cognitivo. A fMRI é mais promissora para estudar os efeitos da psicoterapia no cérebro, porque não envolve substância radioativa e possibilita acompanhamentos longitudinais, embora ainda tenha certas limitações quanto à comunicação com os sujeitos durante exame (BEUTEL *et al.* 2003, p. 778).

psicopatologia, entre outros. Esse programa interdisciplinar esforça-se para gerar modelos empíricos para esses problemas e já conta com alguns resultados parciais.

1.3 Resultados preliminares da pesquisa integrada: visão emergente sobre a plasticidade nervosa

Algumas formas de aprendizagem e de ansiedade são mais acessíveis às análises experimentais do que a esquizofrenia, a consciência e o pensamento, por exemplo. No início dos anos 80, verificou-se que mesmo comportamentos simples (aprendidos) apresentavam variação da força das conexões sinápticas em modelos animais. Na continuidade destas pesquisas, novos procedimentos experimentais permitiram indagar sobre os resultados da intervenção psicoterápica também em nível de sistema nervoso, e o mais surpreendente foi a convergência de resultados, qual seja, da conclusão de que a relação afetiva e dialógica entre duas pessoas repercute no mesmo nível que o da ação farmacológica (KANDEL, 1979/2005, p. 06) ou ainda, como coloca Beutel *et al.* (2003): “também é possível que tratamentos farmacológicos e psicoterápicos, quando efetivos, atinjam circuitos semelhantes via mecanismos diferentes (p. 789).

Kandel trabalhou com a lesma-marinha (*Aplysia californica*) a fim de investigar se algumas formas de aprendizagem surtiam efeitos na formação da memória no âmbito das sinapses¹⁵. Foi possível montar um modelo animal para a aprendizagem, testando o dado observacional sugerido nos anos 50 pelo psicólogo canadense Donald Hebb, de que a repetição de uma experiência torna a sua consecução mais fácil, dado que o aprendizado faria variar a força da conexão neuronal. Quando se borrija água, a *Aplysia* encolhe-se no manto devido ao seu reflexo de proteção das guelras, mas quando este estímulo é aplicado várias vezes ela deixa de considerá-lo por completo (*habituação*), porque aprendeu a não o associar a algo nocivo. Depois de uma única sessão com 10 estímulos, houve uma diminuição do comportamento de encolher-se por um curto período (variando de alguns minutos até horas): “entretanto, depois de 4 sessões repetidas de treinamento em dias consecutivos, a memória para a habituação foi prolongada,

¹⁵ A lesma-marinha tem um sistema nervoso muito simples, com pequena quantidade de neurônios, os maiores do reino animal, o que facilita sua observação. As associações simples desses animais sinalizam o aprendizado de relações cognitivas surpreendentemente complexas, segundo Kandel (2007).

persistindo por mais de 3 semanas” (KANDEL, 1979/2005, p. 18). Com isso, deduziu-se que a habituação de curto-prazo (única sessão) leva a uma queda transitória na força sináptica, enquanto que a “habituação de longo-prazo produz uma profunda e prolongada **inativação das conexões funcionais** pré-existentes. Esses dados forneceram evidências de que a mudança de longo-prazo na força sináptica pode subsidiar uma instância específica de memória de longo-prazo” (1979/2005, p. 19, grifos nossos). Concluiu-se, então, que o padrão de estímulos (se breve ou persistente) pode levar a uma plasticidade funcional das sinapses e, no caso da habituação, as conexões neuronais tornaram-se funcionalmente inativas ou mais fracas, porque uma menor quantidade de neurotransmissor foi liberada nos neurônios motores.

Também foi borrifado água junto com choque doloroso, produzindo o mecanismo oposto (*sensibilização*), de modo que o animal encolhia-se ao menor toque, ou seja, havendo um aumento do reflexo de retração das guelras, o qual ficou mais forte e também foi mantido por semanas devido ao padrão estimulatório persistente. Nesse caso, foi observado, no mesmo neurônio, uma maior liberação de neurotransmissor, restaurando o comportamento anteriormente extinto, bem como a efetividade das sinapses (KANDEL, 1979/2005, p. 19). Essa descoberta de que a consolidação de novas memórias modifica o sistema nervoso foi importante para abrir caminho para a rediscussão da interação entre genes e ambiente e mostrar o papel da sinalização sináptica na neurogênese. Kandel tornou-se pioneiro no estudo da plasticidade nervosa, proporcionando novos dados para se pensar a relação entre os fatores herdados e os fatores aprendidos, bem como a relação entre os processos biológicos e os processos psicossociais na geração do comportamento. O estudo com a lesma-marinha mostrou que vias neuronais complexas e geneticamente determinadas poderiam ser suspensas não apenas por alguma doença, mas também pela experiência; e elas também podem ser restauradas pela experiência (KANDEL, 1979/2005, p. 21). Estes fatos apontaram para a possibilidade de extrair provas empíricas da ação psicoterápica na atividade cerebral, já que a psicoterapia também é uma forma de aprendizagem duradoura, como na correção de falsas crenças, por exemplo, e na aquisição de novas estruturas cognitivas, ampliando os padrões de interação afetiva. Até então, os benefícios da psicoterapia eram discutidos exclusivamente no âmbito do comportamento, na dimensão da experiência qualitativa e singular dos agentes envolvidos: psicoterapeuta e

cliente. E, como se sabe, o efeito das intervenções psicológicas era bastante questionado até então pelas abordagens empíricas e pelas pesquisas quantitativas.

Em outro estudo, Kandel aponta que as alterações comportamentais da *Aplysia*, por inferência, assemelham-se à ansiedade em animais superiores; de modo que a modelação laboratorial pelo condicionamento aversivo (pavloviano) e pela sensibilização de longa-duração podem também fornecer modelos para pensar a ansiedade antecipatória e a ansiedade crônica, respectivamente (KANDEL, 1983a/2005). Estas formas de ansiedade são, ao menos em parte, resultantes da aprendizagem e esta é considerada por Kandel como o “modelo para a compreensão do modo como a **experiência age no sistema nervoso**” (1979/2005, p. 15, grifos nossos), como em seus estudos acima descritos.

Em 1979, Kandel afirmara que a aprendizagem não provoca um rearranjo anatômico drástico no sistema nervoso, porque nenhuma célula ou sinapse é criada ou destruída. Todavia, os avanços em genética e biologia molecular, como a descoberta do segundo mensageiro (RNA) e a queda do “dogma central” sobre o fluxo de informação entre DNA, RNA e síntese protéica, ampliaram o conhecimento sobre como o ambiente age na transmissão neural¹⁶. O aprimoramento dos estudos sobre a memória revelou que a plasticidade de curta-duração implica na modificação das proteínas e das *conexões sinápticas já existentes*, “enquanto que as mudanças sinápticas de longa-duração envolvem ativação da expressão dos genes, novas sínteses protéicas e a formação de **novas conexões** (KANDEL, 2000/2005, p. 364).

2. O diálogo inicial com algumas antinomias

A maneira pela qual essas mudanças morfológicas ocorrem não é clara, mas a resposta fica mais próxima se levado em conta o papel da expressão genética (KANDEL, 1998/2005, 1983a/2005). As propriedades de um neurônio seriam

¹⁶ De acordo com este dogma, proposto por Francis Crick e James Watson, descobridores da estrutura do DNA, pensava-se que o sentido da informação para a codificação de proteínas era sempre do DNA para a molécula intermediária (RNA mensageiro), que faria a tradução para proteínas. A descoberta dos retrovírus, entretanto, mostrou que o DNA também pode ser sintetizado a partir de um molde de RNA e, desse modo, o diagrama seria DNA ↔ RNA → Proteína (AMARAL & NAKAYA, 2006).

determinadas tanto pelo seu programa genético inerente, como pelas mudanças na expressão genética: “em outras palavras, a plasticidade de um neurônio reflete não só propriedades celulares, mas é uma consequência de suas relações” (LEEMAN & LEEMAN, 2004, p. 654). É preciso entender, primeiro, a dupla função dos genes: transmissão e transcrição. Os genes são “moldes” (“template”) estáveis para fazerem cópias de si mesmos, função exercida por cada gene, em cada célula do corpo. Essa é a *transmissão* genética - uma função que está aquém de qualquer experiência individual ou social -, sendo regulada apenas por mutações raras e aleatórias. Contudo, a informação do DNA não é traduzida diretamente em uma proteína; a seqüência para a codificação desta é dada pelo RNA mensageiro (RNAm), através de um mecanismo denominado *transcrição*. A molécula de RNAm carrega a informação da seqüência de aminoácidos necessários para construir a proteína; e se um gene contiver mutação, esta será transcrita pelo mensageiro, originando proteínas alteradas. Todavia, apenas uma parte dos genes será transcrita (10%-20%), enquanto os demais são suprimidos. A *transcrição*, portanto, é o que determina quais genes terão ou não expressão, confeccionando, assim, o fenótipo das células (se serão hepáticas ou nervosas, por exemplo) e a transcrição também caracteriza o importante fator da *expressão genética*, que é afetada por varáveis, como hormônios, desnutrição ou outras proteínas: “ao passo que a função “template” (a habilidade do organismo para replicar a seqüência do gene) não é afetada pela experiência ambiental, **a transcrição, por sua vez, é altamente regulada e esta responde a fatores ambientais**” (KANDEL, 1998/2005, p. 42, grifos nossos). Essa descoberta do papel do RNAm ameniza a concepção determinística sobre a genética, a qual, freqüentemente, deriva de uma compreensão errônea do modo de ação dos genes (PLISZKA, 2004; KANDEL, 1998/2005). Os estudos em neurobiologia celular têm mostrado que os transtornos mentais são poligenéticos; os genes e o ambiente interagem, e este também se mostra capaz de produzir mudanças duradouras no cérebro.

Chega-se, por exemplo, a supor uma diferença em termos de mecanismos genéticos na base da gravidade dos transtornos mentais. *Grosso modo*, as psicoses poderiam envolver *alteração na estrutura específica dos genes*, enquanto certos transtornos neuróticos, como a ansiedade crônica, surgiriam de alterações na *regulação da expressão genética*, por isso estão suscetíveis aos efeitos da aprendizagem e respondem à psicoterapia, ao contrário da psicose. Psicoses e neuroses implicam em alterações na

função sináptica, porém uma por “transmissão genética” e a outra por “modulação ambiental” (KANDEL, 1983a/2005)¹⁷.

Assim, em suma, Kandel e colegas afirmam que certos padrões de aprendizagem também provocam mudanças estruturais no sistema nervoso: as memórias de curto-prazo modificam sinapses existentes e as de longo-prazo envolvem a criação de *novas sinapses*, ou seja, nos processos de longa-duração a resposta da sinapse não é determinada simplesmente pela sua história de atividade (como é na plasticidade de curta-duração), mas também pela história de ativação transcricional no núcleo (KANDEL, 2000/2005, p. 364).

Desenvolvimentos neurocientíficos recentes, impulsionados pela visão emergente sobre a plasticidade cerebral, oferecem alternativas para reduzir o *gap* histórico entre as abordagens psicodinâmicas e as biológicas em psiquiatria (BEUTEL *et al.* 2003, p. 794). Divisões aparentemente insuperáveis estão podendo ser revisadas, como entre natureza e cultura, lesão biológica e lesão funcional, visão organicista e visão psicossocial, transtorno orgânico e transtorno psíquico, medicamento e psicoterapia. É importante ressaltar que esses estudos moleculares sobre a função nervosa, dos anos 80 e 90, apontaram que tanto os processos ambientais como os genéticos produzem conexões cerebrais, contestando aquela tão difundida concepção de que os determinantes sociais e os determinantes biológicos atuam em níveis separados da mente, o que fundamentou até recentemente a tradicional classificação entre transtornos orgânicos e transtornos funcionais. Mesmo após a revisão conceitual do DSM-IV, que exclui o critério da presença ou ausência do dano cerebral, essa divisão continua impregnando as discussões no campo psicológico e psiquiátrico, pois tão forte é a tensão entre a psiquiatria biológica e a psiquiatria psicodinâmica¹⁸.

Também vale destacar que, com estas descobertas recentes no campo das neurociências, ficou demarcado um caminho para investigar o potencial da experiência na

¹⁷ Essa terminologia foi abolida do DSM-IV, mas era vigente à época da publicação do artigo, em 1983.

¹⁸ Diga-se de passagem, que esse critério adotado pela psiquiatria, nos anos 60 e 70, já era obsoleto na medida em que se originou na neuropatologia dos séculos 18 e 19, cuja clínica médica dispunha de um único grande recurso para o diagnóstico dos transtornos mentais: o método clínico-patológico ou anatomopatológico. Fazia-se uma correlação entre os sintomas clínicos (perda de certas funções) e as lesões neurológicas, as quais só eram identificadas no exame de autópsia (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001). Com a prática clínica, certas síndromes eram relacionadas a certas representações anatômicas. Como ficou consolidado na psiquiatria do século 20, as síndromes em que se encontravam evidências anatômicas eram classificadas como orgânicas (demências, mal de Alzheimer) e as que faltavam esse aspecto eram tidas como funcionais (depressões, transtornos de personalidade).

morfologia nervosa, qual seja, através da “força sináptica” e da “regulação da expressão genética”: “a aprendizagem normal, o aprendizado da ansiedade ou seu não-aprendizado através da psicoterapia podem envolver mudanças estruturais e funcionais de longa-duração no cérebro, as quais resultam da alteração da expressão genética” (KANDEL, 1983a/2005, p. 150). Ao transpor esses resultados para o campo da intervenção psicológica, é plausível concluir que a psicoterapia atua fisicamente no cérebro, assim como a farmacoterapia no nível dos neurônios, células gliais e suas sinapses, contestando também a visão ortodoxa sobre tratamento medicamentoso e tratamento psicológico. Enfim, a partir dos estudos integrados entre neurobiologia, genética molecular e psicologia cognitiva surge a possibilidade de um novo olhar para a relação entre os aspectos biológicos e os aspectos psicossociais da mente, bem como um novo nível de análise – o da resolução celular –, cujos recursos começam a ficar disponíveis e podem ser integrados ao âmbito da análise comportamental e da experiência subjetiva.

Ao longo dos anos de 1980 e 1990, a palavra de ordem parecia ser *interdisciplinaridade* entre as pesquisas psicológicas e as pesquisas neurobiológicas. Neste sentido, identificamos duas linhas de investigação que ganharam força a partir desse período: uma de pesquisa teórico-experimental – a exemplo dos modelos laboratoriais de Kandel, dos estudos sobre o medo em LeDoux e da formulação do *self* neural em Damásio -, dialogando predominantemente com a psicologia cognitiva e com a clínica não-psicanalítica. A outra linha de pesquisa, representada pela neuro-psicanálise, é predominantemente teórico-clínica, porém em permanente interlocução com a pesquisa experimental e com os estudos em neuroimagem, elaborando seu modelo interpretativo principalmente através da psicanálise e da neuropsicologia.

3. Novos parâmetros para a psiquiatria e para a psicanálise

Através desse percurso teórico-investigativo que se desenvolve e estende-se pelas décadas de 80 e 90, foram estabelecidas algumas diretrizes para um novo quadro conceitual nas ciências da mente: “um framework que inclui tanto determinantes sociais como biológicos” (KANDEL, 1998/2005, p. 54). Em “A new intellectual framework for psychiatry” (1998), Kandel sugere que a psiquiatria assimile esses novos parâmetros

conceituais em vista de se atualizar com o emergente cenário neurobiológico e desvencilhar-se da estagnação intelectual que herdara da influência do pensamento psicanalítico nos últimos 50 anos. Esse autor coloca, exaustivamente, a necessidade de *revisão da formação psiquiátrica* à luz dos atuais conhecimentos neurocientíficos, sugerindo, para o residente de psiquiatria e para todos os clínicos em saúde mental, um *novo currículo* que levasse em conta que: 1) Todos os processos mentais são neurais; 2) Genes são determinantes importantes do padrão de conexões neurais; 3) Experiência altera a expressão dos genes; 4) Aprendizagem muda conexões neurais e 5) Psicoterapia também altera a expressão genética. Esses princípios são deduzidos a partir daquelas descobertas apuradas nas duas últimas décadas do século passado, estão bastante interligados e alguns deles soaram provocativos em 1998. Note-se que a noção central é de que a experiência gera mudanças físicas na condução nervosa e isso não é antagônico com a expressão genética, pelo contrário.

3.1 Princípios do “framework” para as neurociências

3.1.1 Todos os processos mentais são neurais

De acordo com esse princípio, todos os processos mentais, desde a locomoção até as ações cognitivas complexas, conscientes e inconscientes, como pensar e falar, em última instância, têm seu fundamento nas operações cerebrais: “a tônica dessa visão é que o que freqüentemente chamamos de mente é uma extensão das funções executadas pelo cérebro...” (KANDEL, 1998/2005, p. 39). Embora, hoje em dia, esta premissa seja consensual para as neurociências, a questão que permanece é sobre os *termos dessa relação* e sobre o fato de que ela fica menos óbvia e torna-se controversa quando generalizada para todas as esferas do comportamento, inclusive entre grupos (KANDEL, 1998/2005, p. 40). Visto desse modo, toda sociologia deve, em algum grau, ser sociobiologia, pois os processos sociais também refletem funções biológicas. Como veremos no terceiro capítulo, esse reducionismo biológico não implica que a biologia se torne a única explicação possível para os fenômenos de grupo, nem sequer a explicação biológica é a mais adequada, mas caracteriza tão somente um patamar básico de análise. Embora hoje se conheçam algumas propriedades da resolução subatômica, a física de partículas não se tornou o nível mais adequado para compreensão da maior parte dos

problemas biológicos (KANDEL, 1998/2005). Então, a questão passa primeiro pela escolha dos patamares de análise; por outro lado, não é difícil perceber que toda uma problemática filosófica instala-se a partir do princípio de que *a mente reflete o trabalho do cérebro* – o mesmo que um *continuum* entre mente e cérebro -, extrapolando o próprio horizonte da ciência, para uma discussão sobre a concepção da relação cérebro-mente.

Até a década de 70, as doenças eram classificadas como orgânicas ou funcionais – o primeiro nível tinha base empírica clara e o outro não -, porque os determinantes sociais e biológicos eram interpretados como sendo excludentes. Agora, essa distinção parece tornar-se artificial em face dos indícios de que:

a experiência sensorial, a privação sensorial e a aprendizagem podem enfraquecer as conexões sinápticas em uma circunstância ou fortalecê-las em outras (...). **A base do novo quadro de referência para a psiquiatria é que todos os processos mentais são biológicos e, portanto, uma alteração naqueles processos é necessariamente orgânica.** (KANDEL, 1998/2005, p. 47, grifos nossos)

Esse princípio prescreve que a ausência de mudanças estruturais não descarta a ocorrência de outras mudanças biológicas mais sutis, não detectáveis pelas atuais ferramentas diagnósticas. A investigação da natureza biológica dos processos mentais requer uma metodologia mais sofisticada, acredita-se que as técnicas atuais não-invasivas aproximam-se do que será necessário para a compreensão dos mecanismos físicos dos transtornos mentais e elas já estão sendo utilizadas no estudo da esquizofrenia e do TOC, por exemplo. Assim, Kandel refere que mesmo os distúrbios mentais que são fortemente determinados pelo social possuem componentes biológicos, já que a atividade cerebral está sendo modificada de alguma forma.

De acordo com essa primeira premissa, não é correto perguntar se um evento é orgânico ou funcional, mas sim *em qual grau o processo é determinado pela genética ou pelo desenvolvimento psicossocial, em qual grau este é social ou ambiental e*, ao mesmo tempo, qual o papel de cada um, já que condições ambientais interagem com condições genéticas¹⁹. Assim, o horizonte que se abre a partir do princípio de que o mental é neural é de uma realidade mais complexa e duplamente transitável: a questão é como o social modula a estrutura biológica e como os processos neurais geram o dado mental.

¹⁹ A propósito da relação entre nutrição e estatura: em momentos críticos do desenvolvimento infantil, a desnutrição (ou a exposição a agentes tóxicos) provoca perda no crescimento mesmo em indivíduos que têm uma programação genética para serem altos.

Esse último aspecto permanece como o grande problema epistemológico (ou o limite epistemológico, de acordo com algumas versões) para o desenvolvimento satisfatório da relação entre as formulações neurobiológicas e psíquicas. Nas ciências cognitivas e nas neurociências, essa dificuldade tem sido formulada através do argumento da *explanatory gap*²⁰ (lacuna explicativa), ou seja, em um programa de naturalização do mental, tal como empreendido pela neurociência cognitiva, por mais que se conheçam os substratos neurais do processamento cognitivo – isto é, ao identificar objetivamente a atividade elétrica de uma região cerebral envolvida no processamento da cor, por exemplo -, não se tem clareza sobre como ocorre a passagem para o dado fenomênico, ou seja, para a dimensão da experiência subjetiva, qual seja, como surge o sentimento em relação à cor vermelha). Falta algo sobre o nexos entre as propriedades materiais do cérebro e as propriedades qualitativas do mental, ou seja, como explicar satisfatoriamente o surgimento da qualidade na experiência sensorial. Alguns autores, como David Chalmers, colocam que os *qualias* constituiriam o “problema difícil” da consciência, por isso propõem modelos de tratamento da informação exclusivamente cognitivos, por acreditarem que os limites impostos pela *qualia* nunca serão transpostos (CRICK & KOCH, 2000, p. 3). Para outros neurocientistas, como Damásio, um programa interdisciplinar empenhado em estabelecer parâmetros científicos para a psicologia ficaria incompleto caso deixasse de fora o aspecto fenomenológico da experiência consciente, como fizeram as ciências cognitivas ao longo de quase todo século 20. Neste sentido, os autores que representam esta corrente de pensamento apostam que o problema dos “qualias” pode ser abordado conceitualmente e experimentalmente.

3.1.2 *Os genes são importantes determinantes do padrão de interconexões entre os neurônios*

Kandel discute que é importante ter claro qual o papel do fator genético, pois uma das razões para que as explicações biológicas sejam negativamente recebidas pela visão humanista é que a genética é mal compreendida, e alguns movimentos

²⁰ O termo foi criado por Joseph Levine no artigo “Materialism and qualia: the explanatory gap” (1983), publicado na *Pacific Philosophical Quarterly* 64 (p. 354-361), mas essa dificuldade já fora apontada, por exemplo, por Thomas Nagel (1970) e John Searle sobre o estudo científico da consciência.

pseudocientíficos contribuíram para isso. A eugenia e o darwinismo social são exemplos infelizes de como os princípios científicos podem ser empregados para fins políticos e ideológicos, mesmo entrando em contradição com a própria lógica científica²¹. Atualmente, os críticos da psiquiatria biológica retomam tais conseqüências socialmente danosas como argumento contrário à ênfase nos estudos dos mecanismos cerebrais e genéticos, entretanto, esquecendo que essas distorções extrapolaram o campo dominante da ciência para fins de controle social e de manipulação.

Boa parte da antipatia para com a genética prende-se a uma concepção errônea que, freqüentemente, associa-a a um determinismo unidirecional e fatalista (PLISZKA, 2004; KANDEL, 1998/2005). Todavia, como dissemos ao discutir a nova biologia, os genes têm duas funções e uma delas é uma janela para a influência de fatores sociais. A “transmissão” só é afetada por mutações, enquanto que a “transcrição” determina quais genes serão ou não expressos, e esse segundo processo é regulado por fatores ambientais. Essa descoberta sobre o modo de atuação dos genes indica que os processos biológicos estão longe de serem estritamente determinados pelos genes, nem a função destes é apenas a transmissão dos caracteres de uma geração para outra. De acordo com o modo de expressão genética e as combinações entre os genes, direciona-se a produção de proteínas, o que é importante para um ou outro passo no desenvolvimento dos circuitos neurais que subsidiam o comportamento (KANDEL, 1998/2005). O comportamento jamais está relacionado a um único gene, mas sim a uma rede de circuitos neurais.

3.1.3 A experiência altera a expressão dos genes

Vimos que as principais evidências empíricas para a noção de que o ambiente modifica os genes surgiram dos modelos sobre memória e aprendizagem na *Aplysia californica* (KANDEL, 1979/2005, 1983a/2005, 2000/2005). Foi constatado que a distribuição das conexões funcionais entre as sinapses (de um mesmo neurônio) desse

²¹ Pliszka (2004) aponta que esses movimentos não eram sustentáveis nem sequer pela ciência de sua época; foi o abandono do método científico que permitiu que aquelas ideologias se disseminassem. As atrocidades cometidas em nome da eugenia, como a erradicação de judeus e a esterilização em massa de doentes e deficientes mentais foram produtos de “uma política deliberada para a qual a pseudociência da eugenia não foi um pré-requisito necessário” (p. 12).

animal pode ser expandida ou retraída, dependendo do padrão de estímulos a que ele é submetido. As mudanças de curta duração influem apenas temporariamente na funcionalidade das sinapses, enquanto que somente os processos de longa duração formam novas memórias, uma vez que mobilizam o núcleo celular e a produção de novas proteínas e novas sinapses (KANDEL, 2000/2005, p. 364). Sendo assim, a experiência, subentendida como um tipo de mudança de longo prazo, promove a plasticidade nervosa através da “regulação da expressão genética” que, conseqüentemente, repercute na “força sináptica”. Por extensão, o mesmo pode ser esperado dos *processos aprendidos* e da *psicoterapia*, provedores de mudanças permanentes por excelência, e que constituem os dois últimos princípios do *framework*.

3.1.4 A aprendizagem muda conexões neurais

Demais evidências objetivas de que as mudanças de longo prazo (memórias de longo prazo) modificam a própria anatomia cerebral, bem como a expressão genética e também podem ser encontradas em estudos sobre a representação neurológica de partes do corpo em indivíduos adultos, além do mais os mapas corticais para as sensações são dinâmicos, mesmo em animais maduros²². Como cada pessoa é criada num ambiente diferente, exposta a diferentes combinações de estímulos e junto com uma combinação genética singular, pode-se dizer que *cada cérebro é modificado de um modo único* ao longo da vida e isso delinea as bases biológicas da individualidade, segundo Kandel (1998/2005).

Kandel relata o estudo de Edward Taub e colegas que escanearam o cérebro de músicos instrumentistas de corda. Os resultados apontaram diferenças com relação ao córtex do grupo controle (não músicos), isto é, a representação cortical dos dedos da mão esquerda (aquela que faz movimentos mais diferenciados) era maior nos músicos. Também foi identificado que aqueles que aprenderam a tocar por volta dos 12 anos tinham uma maior representação dos dedos da mão esquerda que aqueles que aprenderam a tocar mais tarde, sugerindo que tais habilidades são adquiridas mais prontamente nos

²² Merzenich *et al.* (1988 *apud* KANDEL, 1998) treinaram macacos adultos para usarem apenas os três dedos médios para obter comida. Depois de várias tentativas, a área do córtex referente a estes dedos foi bastante expandida em detrimento da área relativa aos outros dois dedos: “a prática, portanto, pode não apenas fortalecer a eficácia dos padrões de conexão existentes, mas também mudar conexões corticais para acomodar novos padrões de ação” (KANDEL, 1998/2005, p. 51).

primeiros anos. Então, nota-se que a representação corporal nas áreas motoras e sensoriais do córtex cerebral depende do seu uso e, portanto, da experiência individual, talvez “Johann Sebastian Bach era Bach não somente porque tinha os genes certos, mas provavelmente porque começou a praticar habilidades musicais em um tempo em que seu cérebro era mais sensível para ser modificado pela experiência” (KANDEL, 1999/2005, p. 91-2).

3.1.5 Psicoterapia também altera expressão dos genes.

Como já vimos, de acordo com o quadro de referência da abordagem de Kandel, as mudanças mentais são também mudanças cerebrais. É intrigante pensar que na medida em que a psicoterapia consegue trazer mudanças substanciais para o comportamento, ela também pode estar operando geneticamente, ao produzir mudanças funcionais e estruturais no cérebro (KANDEL, 1998, 1999). Esse autor refere ainda que essas alterações também são verificadas em função do tratamento psicofarmacológico. Desse modo, a psicoterapia e a farmacoterapia podem induzir alterações semelhantes na expressão genética e na neuroanatomia. O uso conjugado das duas intervenções pode ser útil não apenas pelo efeito aditivo, mas pelo resultado interativo de ambas, acrescenta o autor. Os fármacos podem ajudar a consolidar as mudanças proporcionadas pela psicoterapia através de sua ação nos níveis metabólicos de neurotransmissores e receptores²³.

Neste sentido, o programa neurocientífico proposto por Kandel parece reservar um lugar para o potencial terapêutico das intervenções psicológicas. Veremos que a crítica que ele faz ao método clínico é sobre suas eventuais inconsistências quando usado como única fonte de pesquisa, como na psicanálise e na psiquiatria psicodinâmica. A cooperação esperada entre as intervenções psicológicas e as farmacológicas potencializaria os benefícios terapêuticos como um todo, como tem sido aplicado com êxito no tratamento do transtorno obsessivo-compulsivo, como coloca Pliszka (2004)²⁴.

²³ Kandel refere que, em meados da década de 1950, Mortimer Ostow (um psicanalista com formação neurológica) já apontara que o principal efeito do fármaco era no afeto. Neste sentido, ele já concebia a medicação como uma ferramenta biológica para investigar aspectos da função afetiva.

²⁴ O tratamento tem se dado pelo uso de inibidores seletivos de recaptção da serotonina (SSRIs), fluoxetina, comipramina, certralina, por exemplo, e técnicas terapêuticas de dessensibilização (*deconditioning*), envolvendo exposição e prevenção de resposta.

Enfim, a mesma cooperação tem sido usada para a depressão maior, transtorno do pânico e no controle impulsivo (BEUTEL *et al.*, 2003), por isso se diz que a soma dos esforços entre a psicofarmacologia e a psicanálise pode ser promissora (KANDEL, 1999/2005). O autor espera que as novas técnicas de imageamento cerebral ainda possam ser usadas não apenas para o diagnóstico, mas também para monitorar os progressos da psicoterapia.

É preciso que se diga que esses achados que sugerem uma convergência entre o campo psicológico e as neurociências são ainda incipientes. A relação específica entre a psicoterapia e a atividade cerebral ou a maneira como a psicoterapia modifica a mente é uma questão que requer inúmeros outros desdobramentos. Beutel *et al.* (2003), por exemplo, apontam falhas e dificuldades metodológicas em estudos de neuroimagem, que comprometem a correta avaliação sobre as mudanças ocorridas na personalidade dos indivíduos avaliados, se elas seriam ou não atribuíveis ao tratamento (p. 789). Esse autor também sugere que a opção pelo estudo de caso individual acompanhado por um grupo controle pode ser interessante para gerar hipóteses.

Para usar a metáfora freudiana sobre a abrangência do inconsciente psíquico, esses dados são, provavelmente, a ponta do *iceberg*. Até o momento, os estudos apontam que, como qualquer outra forma de aprendizagem duradoura, a *cura pela fala influi na formação física do cérebro*:

na medida em que a psicoterapia ou o aconselhamento produzem mudanças de longo prazo no comportamento, provavelmente o fazem por aprendizagem, produzindo mudanças na expressão genética que alteram a força das conexões sinápticas e mudanças estruturais no padrão anatômico de conexões entre células nervosas do cérebro. (KANDEL, 1998/2005, p. 39)

Beutel *et al.* (2003) referem, mais especificamente, que o impacto da psicoterapia no cérebro teria o mesmo sentido de uma re-configuração dos caminhos neuronais, o que ocorreria quando um comportamento é automatizado, por isso Beutel e colaboradores colocam que é provável que as mudanças psicoterápicas sejam baseadas em mecanismos de plasticidade, como os que foram delineados durante o desenvolvimento cognitivo. Os achados laboratoriais sobre a intervenção psicoterápica na condução nervosa começam a ficar disponíveis e podem, por exemplo, ser aproveitados para discutir

noções clínicas, como a de “experiência emocional corretiva”. Os psicólogos sempre a reconheceram como parte do processo psicoterápico, mas até então apenas de um modo intuitivo e empático. Sendo assim, surgem alguns novos dados para se discutir a ressignificação mental, inclusive na análise – como ocorre com a reconstrução dos primeiros objetos internos através da reintrojeção do objeto, apoiada na figura do analista – de modo que o tratamento psicanalítico também pode ser pensado como uma forma de aprendizagem. A esse respeito, Vitor Manuel de Andrade (2003a, 2003b) pontua que a psicoterapia psicanalítica poderia agir como um método natural de desenvolvimento psíquico, porque uma verdadeira e intensa relação afetiva é atualizada na vivência da dupla analista-analisando, permitindo a correção de falhas estruturais primitivas no desenvolvimento do ego: “ao mostrar como as relações afetivas são capazes de operar alterações químicas em circuitos neurais, a neurociência está validando a ação da psicanálise como método capaz de ensejar restaurações de falhas narcísicas do ego através da relação transferencial” (ANDRADE, 2003b, p. 1060). Samuel Slipp (2000) refere que as pesquisas neurobiológicas têm proporcionado fortes evidências de que o tratamento psicanalítico também pode “alterar estruturas profundas e o funcionamento do cérebro” (p. 199).

Segundo Kandel (1998/2005), muitos biólogos e neurocientistas acreditam que a confirmação experimental de que o cérebro é modificado fisicamente pela variável ambiental traz consigo um significativo impacto na compreensão da mente. A orientação biológica pode vir a ser a base clínica da psiquiatria no século 21, coloca ele, ao mesmo tempo em que pode ser também uma alternativa para um renascimento do pensamento psicanalítico. Para a psicanálise revigorar-se através da biologia, ele diz que ela precisará testar seus resultados terapêuticos, assim como outras formas de terapias psicológicas estão fazendo; assimilar algumas reestruturações conceituais, além de mudanças institucionais, como um maior rigor na formação dos psicanalistas e a inclusão de conhecimentos básicos em neurologia.

Esse tema é, pela primeira vez, desenvolvido no artigo de 1998 que, junto com o trabalho de 1999, “Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited”, torna-se pioneiro pelo conjunto sistemático de argumentos e relatos de estudos empíricos em prol de um quadro de referência comum nas

pesquisas sobre a mente, do qual seria altamente desejável que a psicanálise também participasse. A tônica destes artigos é a crítica ao prestígio acadêmico da psiquiatria e da psicanálise pelo fato de, até então, elas terem se mantido restritas ao método clínico como única fonte de pesquisa, bem como a projeção do futuro de ambas no contexto de uma biologia da mente, através do respaldo empírico nas ciências cerebrais.

3.2 A “crise” da psicanálise e da psiquiatria

Para Kandel (1998/2005), a primeira metade do século 20 contou com a impressionante expansão do pensamento psicanalítico, tanto nas ciências humanas, na filosofia e na sociologia, como também na medicina, inspirando a inclinação psicodinâmica da psiquiatria dos EUA, nos anos 50 e 60. Entretanto, a segunda metade do último século, na visão deste autor, não teve nenhum progresso psicanalítico significativo, constituindo uma crise do conhecimento e um isolamento da psicanálise em relação ao quadro científico, bem como um progressivo anacronismo nesse sentido. Kandel coloca que o impacto atual da psicanálise deve-se principalmente aos seus primeiros 50 anos, e não à segunda metade do século 20. Comentando a chamada crise científica na psicanálise, Andrade (2003) diz que o resultado não poderia ser diferente: “a psicanálise, como doutrina científica, enredou-se em uma crise que poderá tornar-se inextrincável, ainda que o ímpeto de sua proliferação possa sugerir o contrário; na realidade, sua difusão se faz mais no sentido de práticas alternativas que científicas” (ANDRADE, 2003, p. 20-21).

Kandel (1998/2005) coloca que a psiquiatria norte-americana do pós-guerra abraçou uma orientação psicossocial, graças à forte influência da visão psicanalítica que apresentava uma proposta para dar conta das neuroses. Estas afecções não cabiam nos esquemas explicativos do final do século 19, pois não podiam ser explicadas pela neuroanatomia, como o caso da histeria. Segundo ele, neste período a psiquiatria teria se afastado da medicina; fato que trouxe ganhos e perdas importantes para a psiquiatria²⁵.

²⁵ Steven Pliszka lembra que Freud teria agradado a psiquiatria deste país com as conferências na Clark University, já em 1909: “de fato, a psicanálise foi adotada com muito mais ímpeto nos Estados Unidos do que na Europa (...). Com efeito, durante a Segunda Guerra Mundial, a psicanálise ganhou ainda mais adeptos entre os psiquiatras norte-americanos” (PLISZKA, 2004, p. 13). O autor também coloca que, além da emergência da psicanálise, o declínio da psiquiatria biológica, naquele período, deu-se em função dos temores de uma reedição

Para notar essa repercussão e até os excessos praticados a partir de justificativas na psicanálise, basta lembrar da noção de “mãe esquizofrenogênica”, a partir da qual as perturbações psíquicas graves eram explicadas por conflitos infantis oriundos do cuidado parental deficitário ou negligente, gerando uma culpabilidade para os pais de indivíduos portadores de doenças mentais.

Segundo Kandel, o predomínio da psicanálise também trouxe avanços para a psiquiatria, como o desenvolvimento de definições mais sistemáticas sobre os quadros psíquicos, bem como a busca por um tratamento mais humanizado, além do interesse pela história de vida do paciente. Por outro lado, o fato da psicanálise não por sua metodologia à prova teria engendrado seu declínio intelectual, bem como, indiretamente, impedido a psiquiatria de desenvolver novas formas de pensamento²⁶. O neurocientista aponta a existência da tensão contínua entre visão biológica e visão psicológica dentro da psiquiatria. Ele acredita que antíteses como esta aconteçam em outras áreas próximas entre si, contudo em “outros campos científicos essa relação é auxiliada pelo avanço do conhecimento” (Kandel, 1979/2005, p. 06). Fato este que teria ficado em segundo plano para a psiquiatria, na medida em que o referencial psicodinâmico recomendava a aplicação do método intuitivo-clínico para o tratamento das doenças mentais e não necessariamente o desenvolvimento de um corpo de conhecimentos.

Embora o método psicanalítico tenha fornecido uma contribuição original para a psiquiatria, ele peca pela falta de objetividade, segundo Kandel, que segue dizendo que Freud, sem dúvida, possibilitou a “escuta” de uma forma inovadora, bem como investigou o sentido de fenômenos que, de outro modo, soariam como associações incoerentes: “na verdade, nos seus primórdios, a psicanálise fez muitas contribuições úteis ao nosso entendimento da mente” (KANDEL, 1999/2005, p. 65); porém, como “instrumento de pesquisa, este método particular perdeu muito de seu poder investigatório. Cem anos depois, **há poucas novidades no campo da teoria** que possam ser apreendidas através de uma mera escuta atenta dos pacientes” (p. 65, grifos nossos). A escuta terapêutica e a observação clínica detêm um valor fundamental no campo da clínica

da eugenia. Por sua vez, a corrente *behaviorista* oferecia princípios modificadores do comportamento, mas tinha pouco a dizer sobre as doenças mentais e, na prática, era vista “pelos profissionais de saúde mental como autoritária” (*ibid.*, p. 13).

²⁶ Kandel fala sobre sua formação psiquiátrica na década de 60, no Centro de Saúde Mental de Massachusetts, como um exemplo de como a ênfase do treinamento recaía sobre a escuta e a empatia na relação transferencial. Não era possível estudar as bases genéticas das doenças mentais e até mesmo as pesquisas bibliográficas não eram requisitadas (1998/2005, p. 36).

propriamente, porém, complementa o autor, sozinhas elas não são ferramentas suficientes para sustentar um moderno estudo da mente, deixando este à mercê das parcialidades do observador (KANDEL, 1999/2005, p. 65-6).

Kandel (1998/2005) sugere que outras possibilidades de investigação sejam exploradas a exemplo da bem-sucedida pesquisa observacional em desenvolvimento infantil, como nos trabalhos originais de psicanalistas como John Bowlby e René Spitz. Tais estudos tornaram-se um marco nas pesquisas de desenvolvimento e vários aspectos dos seus resultados foram reproduzidos e confirmados em outras oportunidades pela comunidade científica. Bowlby (1984) estudou o vínculo afetivo de uma perspectiva psicanalítica e evolucionária, elaborando um modelo de pesquisa desvinculada da intervenção terapêutica²⁷. Seria nesse sentido que Kandel sugere que a pesquisa em psicanálise se desenvolva, isto é, incorporando dispositivos que extrapolem a investigação interna ao *setting* analítico, ampliando os campos da investigação psicanalítica.

Kandel chega a sugerir tópicos polêmicos, como alguma forma de análise experimental para que, ao menos, uma parte das análises seja supervisionada e acessível a um segundo exame, além da leitura subjetiva do analista responsável pelo caso (KANDEL, 1999/2005, p. 66). O que seria relevante não só para a validação da confiabilidade científica do método de tratamento psicanalítico, mas também para que os *insights* de uma sessão de psicoterapia psicodinâmica possam instigar novas investigações em outras áreas. Obviamente, há que se ponderar que isso esbarra no obstáculo da privacidade da comunicação analítica, que é justamente o aspecto central para o desenvolvimento da aliança terapêutica. Pensamos que a sugestão de Kandel talvez possa ser pensada no contexto da psicanálise como método de investigação dos sentidos produzidos pela mente e não no contexto da psicanálise como tratamento. Torna-se apropriado retomar a fórmula freudiana clássica, na síntese de Monah Winograd: “... a psicanálise é definida ao mesmo tempo como um **método de investigação do sentido** das ações e produções mentais do ser humano, uma **teoria geral da mente** humana baseada

²⁷ Experiências no sentido de ir além da pesquisa dentro do *setting* analítico não são inéditas mesmo na psicanálise. Com estratégias iniciadas na década de 40, Spitz, Bowlby e Margareth Mahler forneceram modelos teóricos sobre o desenvolvimento, operacionalizando uma abordagem que extrapolou os limites da pesquisa que até então se restringia ao tratamento psicoterápico. Numa linha de investigação comparativa e evolutiva, mas de orientação psicanalítica, realizaram observações de campo sobre as interações precoces, formulando noções como depressão anaclítica, hospitalismo, simbiose e a própria teoria do apego, hoje em dia, bastante elucidativas em desenvolvimento infantil.

nos resultados destas investigações e **uma forma de tratamento** de algumas afecções mentais derivada de um método e de uma teoria próprios (2004, p. 29).

Do ponto de vista das ciências positivas, essa é a crítica comum ao problema do método em toda ciência psicológica, e não exclusivamente na psicanálise. Quanto ao grau de confiabilidade do método clínico, a psicanálise realmente tem sido um tradicional contra-exemplo de cientificidade na medida em que seus pressupostos não podem ser replicados, pelo menos não nos mesmos moldes que um experimento em física ou química. Desse modo, o discurso da ciência objetiva presente nos apontamentos de Kandel sobre a metodologia clínica psicanalítica procura por em cheque alguns dos princípios teóricos e técnicos da psicanálise, pois estes não são falseáveis e, neste sentido, dão a impressão de serem apenas auto-confirmados. Contudo, na verdade, a produção do saber em psicanálise obedece a uma outra lógica, própria à ordem da manifestação dos fenômenos clínicos e de suas teorizações.

Dentro do que Kandel descreve como uma “crise” na psicanálise, ele atribui o declínio da influência do pensamento psicanalítico à falta de uma cultura investigativa mais crítica por parte dos psicanalistas, a qual não dependesse somente da relação interpessoal: “embora a psicanálise tenha sido historicamente científica em seus objetivos, raramente foi científica em seu método (...). De fato, a psicanálise tem sido tradicionalmente melhor para gerar idéias do que para testá-las” (KANDEL, 1999/2005, p. 66). O marcado anti-intelectualismo da psicanálise nos últimos 50 anos com relação ao avanço das investigações sobre a mente fora decisivo para esta crise. Ao contrário dos psicólogos cognitivos que já dispõem de algumas demonstrações objetivas sobre os efeitos da psicoterapia, os psicanalistas recusaram-se a fazer o mesmo, porque lhes faltara “uma fundação científica, ainda mais uma tradição de questionar com base não apenas em ‘*insights* imaginativos’, mas em experimentações críticas e criativas para respaldar ou refutar aqueles *insights*” (KANDEL, 1998/2005, p. 54). Outro fator determinante para esse ostracismo da psicanálise em relação às investigações científicas sobre a mente, como lembra Slipp (2000), é que alguns psicanalistas resistem em assimilar novas descobertas por apostarem que o estudo do caso clínico seja suficiente para seu trabalho com os pacientes (p. 191). Contudo, apesar do papel crucial que a clínica sempre teve para o desenvolvimento da psicanálise, como um campo onde Freud testava suas hipóteses ao observar as manifestações clínicas e retornava à teoria, não se pode dizer que a

metapsicologia seja sustentada pela clínica ou que dependeu exclusivamente desta para suas constantes revisões. Freud partia de premissas e especulações teóricas, ou seja, realmente é questionável a idéia de vincular todo o desenvolvimento da psicanálise aos princípios e potencialidades da clínica analítica.

Poucos discordam de que Freud seja o maior pensador moderno da motivação e que o século passado foi marcado pela sua profunda compreensão da mente, segundo o próprio Kandel, mas ele reitera que se a psicanálise não passar por essa reestruturação, atualizando-se com as novas contribuições, ela pode se tornar uma filosofia da mente, de modo que “a literatura psicanalítica – de Freud a Hartmann, de Erikson a Winnicott – deve ser lida como um moderno texto filosófico ou poético, ao lado de Platão, Shakespeare, Kant, Schopenhauer... e Proust” (KANDEL, 1999/2005, p. 68).

3.3 Primeiras aproximações

Os trabalhos de Kandel do final da década de 90 ecoaram não apenas na comunidade neurocientífica, mas também entre os psicanalistas. Desde então, quando o assunto é convergência entre psicanálise e neurociências, este trecho tornou-se um dos mais citados:

Este declínio é lamentável, dado que **a psicanálise ainda representa o ponto de vista mais coerente e satisfatório sobre a mente**. Caso a psicanálise queira recuperar seu poder e influência intelectual, precisará fazer mais do que responder às críticas hostis. Precisarão também do envolvimento construtivo por parte daqueles que a valorizam e que privilegiam uma teoria realística e sofisticada da motivação humana. Minha sugestão nesse artigo é **uma forma de revigoração da teoria psicanalítica** que se dá através do desenvolvimento de uma relação próxima com a biologia em geral e com a neurociência cognitiva em particular. (KANDEL, 1999/2005, p. 64, grifos nossos)

Essa aproximação pode vir a trazer para a psicanálise, do ponto de vista conceitual, uma nova fundação, em tese, com maior respaldo científico do que a metapsicologia. Do ponto de vista experimental, auxiliaria na comprovação de certas idéias

sobre como a mente funciona, mas não apenas isso e sim viria a esclarecer determinadas propriedades do funcionamento da mente, não elucidadas no campo da psicologia ou psicanálise até o momento. Segundo o autor, muitas disciplinas médicas cresceram através da incorporação de noções e metodologias de outras disciplinas, e a psicanálise poderia fazer o mesmo para compensar os anos em que ficou afastada do quadro acadêmico: “para sobreviver como uma força intelectual na medicina e neurociência cognitiva e, na verdade, na sociedade como um todo, a psicanálise precisará adotar novas fontes intelectuais, novas metodologias e nova organização institucional para realizar sua pesquisa” (KANDEL, 1999/2005, p. 67).

Do ponto de vista deste autor, embora a psicanálise até venha a adotar novas fontes de conhecimentos e eventualmente novos fundamentos, isso não significa uma “fusão” entre nenhuma das disciplinas envolvidas no *framework*. Essa seria uma alternativa radical e que ao ser interpretada literalmente torna-se uma auto-contradição dentro do programa de estudos proposto, bem como um flagrante contra-senso no atual contexto discursivo de interdisciplinaridade. Nos trabalhos de 1998 e 1999, nota-se uma freqüente permuta de terminologia; ora Kandel fala de uma psicanálise “biologicamente orientada”, ora de “uma ciência neural psicanaliticamente orientada”, inclusive em uma mesma passagem do texto (KANDEL, 1998/2005, p. 56), denotando a ausência de preocupação sobre uma eventual direção paradigmática dominante. Naturalmente, a fusão de áreas tão diferentes como psiquiatria, psicologia, neurociência, psicanálise e, ainda, biologia molecular implica no perigo da perda da identidade e do que há de específico nestas disciplinas; o que é reiterado pelo autor como sendo um resultado indesejável (KANDEL, 1979, 1983, 1998, 1999). Em outras palavras: “traduzir questões da psicologia da aprendizagem para a linguagem empírica da biologia não seria substituir a lógica da psicologia ou da psicanálise pela lógica da biologia molecular, mas tentar juntar estas duas disciplinas e contribuir para uma nova síntese...” (KANDEL, 2000/2005, p. 342).²⁸ No

²⁸ Cabe aqui um parênteses para pensar o próprio desenvolvimento das neurociências como uma sucessiva integração de níveis diversos de conhecimentos sobre o cérebro. É possível identificar uma tendência de campo interdisciplinar, no século 20, através do alinhamento dos progressos em neuroanatomia, neurofisiologia, psicologia experimental, psicofísica e, posteriormente, da inteligência artificial (PEREIRA JÚNIOR, 2003). Essa marcante tendência configurou o que hoje se concebe como “neurociência cognitiva”: “...as ciências do comportamento desempenham um papel crítico na neurociência cognitiva: psicologia cognitiva, lingüística, psicofísica e disciplinas relacionadas provêm descrições detalhadas do que o cérebro faz” (KOSSLYN & ANDERSEN, 1992, p. xxiii).

entanto, a apreensão com relação a uma espécie de fusão está freqüentemente implícita nas críticas feitas às aproximações entre a psicanálise e a neurobiologia.

Quando Kandel fala da interação entre a psicanálise e a neurociência é no sentido próximo ao de uma unificação bem-sucedida na própria biologia; em que a genética clássica uniu-se à biologia molecular e tornou-se *genética molecular*, proporcionando uma revolução na compreensão dos genes e do controle das funções celulares. Nem por isso a genética foi abolida, “ela fez uso dos poderosos conhecimentos da biologia molecular, aplicou-os efetivamente aos seus próprios fundamentos e foi adiante. Que o mesmo aconteça com a psicanálise” (KANDEL, 1999/2005, p. 94). Como ele discute em um dos seus trabalhos, a neurobiologia pode funcionar como a nova “anti-disciplina” da psicanálise, proporcionando mais recursos e desafiando a consistência de seus métodos, assim como durante o século 20 a filosofia e as ciências sociais já exerceram esse papel em relação à psicanálise (KANDEL, 1979/2005). Kandel acrescenta que embora a neurobiologia possa ser uma anti-disciplina da psiquiatria e da psicanálise e impulsione um novo conjunto de investigações, ela não fornece seu enquadramento mais amplo: **“a psicologia e a psicanálise são potencialmente mais profundas em conteúdo.** As proposições *hard-nosed* da neurobiologia, embora cientificamente mais satisfatórias, têm consideravelmente menos sentido existencial do que as proposições *soft-nosed* da psiquiatria” (*ibid.*, p. 08, grifos nossos)²⁹.

Parece-nos que a concepção de ciência da mente apresentada por Kandel não questiona a autonomia da psicanálise enquanto modalidade de tratamento psicológico e, em princípio, tampouco sua concepção de sujeito. O alvo da crítica à psicanálise é o *grau de adequação científica da sua secular metodologia de pesquisa*, seguida da sugestão de que ela pode continuar progredindo se fizer como outras disciplinas que incorporaram novas metodologias e conceitos. Kandel sugere um papel efetivo para a psicanálise, através da “elaboração de novas idéias”, na atual conjuntura de alinhamento entre as ciências da mente. Parece-nos que uma das expectativas dessa corrente de pensamento em neurociência cognitiva, representada aqui pelo quadro de referência de Kandel, é de que as formulações mais abrangentes e sistemáticas da teoria psicanalítica

²⁹ “*Hard-nosed*” e “*soft-nosed*” referem-se à metáfora sobre a divisão entre posturas teóricas sobre a aceitação ou não das explicações psicanalíticas. Os primeiros são teóricos de linha dura, favoráveis às explicações biológicas e testáveis; os “*soft-nosed*” eram favoráveis à visão psicanalítica.

possam servir como modelo de interpretação para os dados empíricos. A esse respeito, André Green (1999) coloca que este é o aspecto em que a psicanálise mais poderia contribuir com as neurociências: “Freud tem uma considerável consistência teórica, mais do que qualquer outro (psicanalista), mesmo que isto agora seja colocado em questão. O que eu recomendo é estudar seu trabalho, tentando tomar a consistência interna mais do que considerar fatos isolados para os quais ele chamou atenção” (p. 44).

Assim, embora alguns neurocientistas restrinjam-se a propor apenas um tratamento experimental para certos conceitos freudianos, o que Green descreve como uma atitude limitada e prescritiva – a propósito de Levin (2003), Imbasciati (2003) e Semenza (2001), entre outros - o que nos parece mais interessante para a própria neurociência é que a psicanálise funcione como uma chave de leitura para encaminhar questões problemáticas. Esta sim é uma proposição mais abrangente do que o simples teste dos conceitos e é a que se encontra no conteúdo programático do *framework* de Kandel, para quem a psicanálise pode auxiliar as neurociências a elaborar ou aprimorar uma teoria sobre a memória, sobre o determinismo psíquico ou sobre a etiologia dos transtornos mentais; questões que ainda permanecem como grandes desafios para uma ciência do mental. Não obstante a junção criativa dos esforços entre a psicanálise e a neurobiologia, a fim de encaminhar tais problemas, pode-se, ao mesmo tempo, prover uma base mais científica para a primeira. Kandel sugere algumas questões em que uma colaboração entre as duas disciplinas seria produtiva: *a natureza dos processos mentais inconscientes, a natureza da causalidade psicológica, experiência precoce e predisposição para a doença mental, as interações entre o pré-consciente, o inconsciente e o córtex pré-frontal, orientação sexual, psicoterapia e mudanças cerebrais e psicofarmacologia aliada à psicanálise.*

Dentre as investigações neurobiológicas sobre tais tópicos, uma delas tem direto interesse para a nossa tese, como as investigações sobre a memória, a natureza biológica do inconsciente e sua relação com a noção freudiana de ego. Além da conhecida função autobiográfica da memória, de armazenar lugares, objetos e pessoas, foi identificado uma nova função em pacientes amnésicos³⁰. Uma memória voltada para

³⁰ Essas descobertas estão relacionadas ao trabalho da neuropsicóloga Brenda Milner que, desde a década de 50, tem acompanhado a amnésia do caso H.M., um paciente que teve o lobo temporal medial e dois terços do hipocampo retirados bilateralmente em uma cirurgia para prevenção de crises epiléticas. H.M. ficou

procedimentos, como a aquisição de habilidades perceptivas e motoras: “esse tipo de memória, denominada memória procedural ou memória implícita, é completamente inconsciente e emerge somente no desempenho e não nas suas recordações conscientes” (KANDEL, 1999/2005, p. 70). A memória procedural e a memória declarativa, isto é, a que está conscientemente ligada aos objetos e fatos, geralmente trabalham juntas; e repetições constantes transformam a memória explícita em implícita, tal como aprender a dirigir, andar de bicicleta, dançar, etc. Kandel coloca esse achado como exemplo de um aspecto biológico da vida mental inconsciente, todavia diferenciando do inconsciente reprimido de Freud, já que o inconsciente cognitivo, revelado pela memória procedural, não está associado a conflitos sexuais, e a informação nunca se torna consciente³¹.

Como veremos no final da tese, recentemente alguns fenômenos emocionais foram agrupados sob a rubrica de “memória procedural”, e acredita-se que estejam vinculados à aquisição das primeiras relações de objeto, por isso alguns neurocientistas propõem um modelo neural para o processamento emocional implícito, como Clyman (1991), Imbasciati (2003) e Lane & Garfield (2005).

Kandel sugere que os aspectos inconscientes do ego (aqueles que não foram excluídos da consciência pela repressão, nem são suscetíveis de consciência), referentes às percepções e ganhos motores estariam relacionados ao conhecimento procedural: “apenas o inconsciente procedural, a parte inconsciente do ego que não está em conflito ou é reprimida, parece projetar-se no que os neurocientistas chamam de memória procedural” (KANDEL, 1999/2005, p. 72). Outros pesquisadores têm desenvolvido o tema do inconsciente procedural de outras maneiras, como Marianne Goldberger (1996) que amplia esse raciocínio, investigando se o desenvolvimento do sistema moral infantil não

impossibilitado de adquirir novas memórias, o que fez com que se relacionasse as regiões cerebrais ausentes à memória conhecida até então, o que já era uma novidade, e também permitiu a descoberta de outro sistema mnemônico, independente da consciência e ligado a uma região cortical ainda desconhecida. H. M. aprendia tarefas cognitivas de forma inconsciente, através de uma memória (*priming*) na qual o reconhecimento de palavras e objetos é facilitado pela exposição prévia a pistas visuais, embora o paciente não se recordasse de ter visto aquelas pistas. Milner e Kandel têm trabalhos em conjunto a respeito da conversão das memórias recentes em memórias de longa duração.

³¹ A confluência entre o inconsciente freudiano e o inconsciente cognitivo pode ser maior do que suspeitam os psicanalistas e os neurocientistas. Por um lado, a noção de inconsciente em Freud não se restringe ao inconsciente reprimido, que foi um aspecto importante para clínica da histeria, mas foi perdendo espaço na metapsicologia. Ao longo da segunda tópica, Freud coloca ênfase no aspecto dinâmico do inconsciente, entre ser suscetível ou não de consciência. É possível discutir uma dimensão cognitiva do inconsciente freudiano, tal como elaborado no “Projeto de uma psicologia” (1895), ou seja, como aquilo que originariamente resulta de processos neurofisiológicos do cérebro sem a apreensão consciente do sujeito. Essa discussão pode ser encontrada em Matthew H. Erdelyi (1985) e Wilma Bucci (1997), por exemplo. Por outro lado, também é possível falar em processos inconscientes dinamicamente motivados na neurociência cognitiva, como nos estudos sobre a emoção e através da abordagem feita pela neuro-psicanálise.

ocorreria paralelamente aos ganhos de memória procedural. Esse aprendizado teria sido em grande parte automático, pois os indivíduos não se recordam das circunstâncias nas quais assimilaram as regras de conduta. Os psicanalistas do *Boston Process of Change Study Group*, como Louis Sander e Daniel Stern, defendem a idéia de que as mudanças terapêuticas no decorrer de uma análise não dependem apenas dos mecanismos interpretativos e dos ganhos de consciência (que Freud representou na máxima: “onde houver id que se faça ego”). As mudanças se vinculam também aos “momentos de significação”, nos quais o paciente adquire conhecimento não-verbal (memória implícita) e estratégias afetivas que o lançam para um novo nível de interação com o outro, exatamente como ocorre na transferência analítica. Assim, para esses autores: “o progresso na psicoterapia passa por um componente procedural importante e muito do que acontece na psicoterapia não precisa estar diretamente relacionado ao *insight*” (KANDEL, 1999/2005, p. 93). Isto caracteriza um exemplo da busca por uma convergência entre as pesquisas sobre o cérebro e os aspectos da subjetividade.

Ainda quanto ao papel das relações precoces, a maioria das pesquisas recentes em neurociência cognitiva está de acordo para o fato de que a predisposição genética não explica toda a variância das doenças mentais, sendo preciso investigar fatores desenvolvimentais e sociais. Os estudos neurobiológicos sobre o desenvolvimento têm reconhecido que a formação das primeiras representações internas na criança está fundamentalmente ligada ao cuidado parental – algo teorizado por Freud (1895) já desde o papel estrutural da “vivência de satisfação”, como ainda veremos – e, além disso, que esse desenvolvimento ocorre privilegiadamente em um *período crítico da vida infantil*. A esse respeito, Kandel e colegas enfatizam que os estudos clássicos de Spitz sobre a síndrome do “hospitalismo” constitui um interessante modelo de pesquisa psicanalítica. As crianças institucionalizadas que se desenvolviam sob condições mais severas de privação sensorial - que não brincavam com outras crianças e estavam sob os cuidados de enfermeiras em regime de rodízio - apresentavam, no final do primeiro ano de vida, prejuízos na sociabilidade, nos desempenhos motor e cognitivo em comparação com outro grupo de crianças que, mesmo no berçário de uma prisão, tinham um contato diário com suas mães. Como resultado, Spitz (2002) concluíra que existem *estágios específicos da vida infantil que são importantes para o desenvolvimento de habilidades sociais e perceptuais*, uma noção que está sendo reaproveitada por alguns modelos neurocientíficos, como o de

Kandel, quando se leva em conta a existência de um período crítico do desenvolvimento infantil.

4. O modelo psicanalítico no cenário científico

Retornando ao *framework*, a nosso ver, o que está em jogo não é convalidar ou refutar os conceitos da psicanálise, remetendo-os aos níveis mais elementares da análise biológica, como argumentará o discurso anti-reducionista das ciências humanas, mas sim que a psicanálise também possa efetivamente colaborar nesse programa de pesquisas sugerido pelas neurociências. Nesse caso, a teoria psicanalítica poderia ser usada como um modelo de interpretação dos fenômenos mentais, disponibilizando uma sólida tradição clínica, conceitos mais sistemáticos sobre o psiquismo e principalmente a ênfase psicodinâmica na dimensão subjetiva e qualitativa dos processos. Mais importante que isto, a metapsicologia freudiana dispõe de uma teoria psicológica mais coesa que os tradicionais modelos neurobiológicos da mente.

Não é novidade que a neurociência não possui uma teoria geral sobre o funcionamento do cérebro e da mente. Seu trabalho, via de regra, concentra-se em funções específicas do sistema nervoso central, o que levanta uma questão séria para a comunidade neurocientífica: o problema da “ligação” (*bridging*), ou seja, o modo como o cérebro integra e coordena o funcionamento de suas partes para gerar a unidade da percepção e do pensamento, o que também pode ser pensado como um reflexo do problema da lacuna explicativa (*explanatory gap*). Por exemplo, não existe um consenso entre os neurocientistas sobre o que exatamente ocorre no cérebro quando o sujeito vê uma bola vermelha pulando. O mapeamento das regiões corticais por neuroimagem mostra grupos neuronais específicos que disparam diante do objeto bola e outros neurônios que disparam na lembrança desta imagem, contudo, a integração entre essas informações e a qualidade da sensação do vermelho e da textura da bola permanecem sem uma resposta satisfatória. Sabe-se, atualmente, que o sistema visual, assim como o olfativo e o auditivo estão organizados em vias paralelas, donde as informações do objeto são analisadas em separado e logo compostas em uma síntese global sobre o mundo ao

redor (CHANGEUX & RICOEUR, 2001). Contudo, apesar das funções executivas e sensorio-integrativas do córtex pré-frontal serem cada vez mais investigadas, não existem dados conclusivos sobre onde as informações sobre cor, movimento e forma são integradas e principalmente como isso ocorre. Essa dificuldade na descoberta dos sistemas de integração do cérebro reflete-se no próprio desenvolvimento das neurociências, cujas pesquisas e resultados se diversificam a cada dia; um fato que acentua o grau de dificuldade no tratamento dos dados recém-descobertos na medida em que falta uma teoria geral que ordene ou agrupe seus resultados. Como apontamos no parágrafo anterior, é nesse contexto que a teoria psicanalítica pode vir a ter um papel, qual seja, auxiliar na busca de uma maior coesão na diversidade de dados sobre o cérebro e o psiquismo.

Além do mais, dissemos que há uma distância entre o conhecimento funcional do processamento cognitivo e a qualidade da sensação e da experiência subjetiva. Simanke (2006) acredita que possa haver algo de errado com a formulação do problema sobre esta relação. Neste sentido, pensamos que a cooperação entre os referenciais do campo psicológico e psicanalítico e o novo *framework* possa levar ao aprimoramento da conceitualização sobre o problema da lacuna explicativa, no âmbito dos processos cognitivos conscientes e inconscientes.

Há, portanto, segmentos dentro da neurobiologia, onde uma perspectiva psicodinâmica mais consistente e sofisticada sobre a mente é inteiramente bem-vinda (KANDEL, 1998/2005, p. 38). Por exemplo, a psicanálise provê ferramentas para a exploração da estrutura inconsciente das psicopatologias e utiliza-se da descrição dos processos mentais nas três pessoas do discurso: através da narrativa do sujeito em análise (primeira pessoa), do ponto de vista das observações clínicas feitas pelo analista ou examinador (terceira pessoa) e da troca dialógica entre analista e analisando (aproximativamente, uma comparação com a segunda pessoa do discurso). Esse arsenal também pode ser aplicado às síndromes neurológicas e essa será a grande diferença em relação aos instrumentos neuropsicológicos de avaliação da personalidade (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001). No capítulo seguinte, abordaremos como essa versatilidade da psicanálise tem sido explorada por um novo campo denominado neuro-psicanálise.

Um exemplo vizinho de uma troca bem-sucedida entre ciência objetiva e ciência psicológica está na colaboração igualmente recente entre neurociência e psicologia cognitiva e, um pouco antes, entre neurociência e o próprio *behaviorismo*. Sabemos que o

programa psicológico behaviorista, em suas diferentes versões, aboliu de suas teorias os enunciados “mentalistas”, definindo como seu objeto de estudo exclusivo a análise do comportamento observável e chegando mesmo a considerar a anatomia do cérebro e demais processos internos do organismo – sob a denominação de “caixa preta” - como irrelevantes para a explicação do comportamento. Changeux (2001) afirma que essa restrição de objeto e de campo de estudo repercutiu positivamente nas ciências da mente, conduzindo à análise objetiva do comportamento em situação experimental, em modelos animais ou não. Esse dado também foi, segundo ele, o ponto de partida obrigatório para a investigação sobre os modelos dos processos cognitivos ou ainda: “esses dados de observações comportamentais, **descritos nos termos que lhe são próprios**, constituem um conjunto de fatos indispensáveis em toda investigação das neurociências” (CHANGEUX & RICOEUR, 2001, p. 24, grifos nossos).

O atrativo da psicanálise para as neurociências prende-se, em parte, ao que constituiu a identidade da disciplina psicanalítica, ou seja, como uma ciência atenta à complexidade e à singularidade dos processos e do seu peculiar método de interpretação dos sentidos, elementos esses que evidentemente podem servir como ferramentas para trabalhar algumas limitações conceituais no campo da cognição (como a necessidade de formulações mais consistentes sobre a auto-consciência ou uma teoria mais unificada sobre a memória). Kandel categoricamente afirma que seria desastroso se os *insights* psicanalíticos se perdessem com a reaproximação entre a psiquiatria e a biologia (KANDEL, 1998/2005, p. 54). O que ele anuncia como uma *nova biologia da mente*, através da aproximação da neurobiologia com a área Psi, requer que o campo psicológico cumpra um papel organizador, fornecendo o *referencial humanista* que falta para as ciências cerebrais. Em contrapartida, espera-se das disciplinas psicológicas uma abertura epistêmica e metodológica, como colocamos no início desse capítulo. Sendo assim, nessa linha da neurociência cognitiva, representada aqui pelo *framework* de Kandel, espera-se que o campo psicológico também possa fazer uso de conceitos da biologia e da físico-química sem abrir mão das suas próprias noções mentalistas e comportamentais. Changeux, que introduziu o polêmico conceito de “homem neuronal” no final da década de 70, defende a importância da descrição dos processos mentais em seus próprios termos, como vimos.

Quanto aos métodos de investigação utilizados pelas abordagens psicológicas, essa abertura para as ciências do cérebro implica na comparação de seus resultados com outras fontes de pesquisa (como com a genética molecular ou com os estudos de neuroimagem funcional) e em discutir a importação para o campo Psi dos dados gerados por tais estratégias, bem como a formulação de hipóteses psicológicas que também possam ser testadas empiricamente. Para Kandel:

Os pontos fortes da psicanálise são sua alçada e a complexidade de questões que ela encaminha, forças que não podem ser diminuídas pela biologia. Assim como a medicina tem reiteradamente indicado direções à biologia e a psiquiatria à neurociência, também a psicanálise pode servir como tutora competente e realisticamente orientada para uma compreensão sofisticada do cérebro-mente. (1999/2005, p. 94)

Em outras palavras, Kandel espera que as ciências psicológicas - e particularmente a psicanálise - tenham um papel diretivo na neurobiologia, delimitando quais funções mentais podem ser estudadas ou uma maneira mais coerente de fazê-lo, permitindo, desse modo, uma compreensão mais significativa sobre a mente (KANDEL, 1998/ 2005, p. 38; KANDEL, 1979/2005, p. 07). Diríamos, portanto, que a contribuição das ciências psicológicas é fundamental para a manutenção desse novo programa neurocientífico, pois mesmo com toda inovação tecnológica a seu favor, a moderna biologia da mente acolhe temas que não foram esgotados no campo filosófico, como mente, consciência, percepção, qualidade. Além do mais, trata-se de temas que permaneceram problemáticos também na metapsicologia freudiana, como as relações entre consciência e inconsciente³². Não seria esperar demais que a tecnologia resolvesse esses impasses conceituais?

John Horgan (2002) alerta para o fato de que o entusiasmo com as novas descobertas nas ciências da mente não soluciona problemas conceituais; o anseio pela procura de padrões e soluções que escaparam às tentativas anteriores pode fazer a ciência deslizar para simplificações e modismos reducionistas que decretaram o fracasso de outras explicações, como explicar tudo pelos genes, ora tudo pela teoria da evolução ou pelos neurotransmissores.

Para que o *framework* se desenvolva como um projeto científico-filosófico, tal qual se propõe, e não simplesmente como um programa instrumental de pesquisas e

³² Segundo Fátima Caropreso (2006), o problema de uma teoria da consciência permanece em aberto na metapsicologia freudiana.

para que ele não se torne simplista ou reducionista como os anteriores, será preciso uma interlocução realística com a psicologia e com a psicanálise. Seria uma postura excessivamente empirista ou anti-teórica crer que descobertas experimentais (como o sistema procedural da memória, a plasticidade nervosa adquirida com a experiência e a mediação da expressão genética) contornem lacunas do plano conceitual, as quais podem ser atribuídas, entre outros fatores, ao próprio isolamento histórico entre as áreas envolvidas, marcado por uma constante oscilação entre as perspectivas organicistas e as perspectivas mentalistas na psiquiatria.

Embora o modelo psicanalítico seja especulativo e forjado pelo encontro entre a observação clínica e a inferência, ele oferece uma teoria psicológica mais unificada e uma refinada apreensão sobre as categorias psíquicas, sem dúvida, mais consistente do que a compreensão dos modelos neurobiológicos. Gérard Pommier (2007) coloca que muitos experimentos neurocientíficos são feitos sobre uma profunda incompreensão das noções psicanalíticas, correndo o risco de localizar fenômenos psíquicos como o inconsciente e a repressão no cérebro e mesmo uma confusão entre as propriedades inibitórias cerebrais e a repressão (p. 13-14). Em geral, quando o cientista mapeia os campos neurais referentes ao pensamento e à linguagem, tende a presumir que a descrição psicológica destas categorias já está dada, entretanto, a nosologia é vaga e historicamente mutável, e – mais importante ainda – a observação psicológica por parte da neurobiologia é bastante superficial.

Por outro lado ainda, Mark Solms e Karen Kaplan Solms (2004) também lembram que mesmo os tradicionais modelos neurocientíficos sobre o funcionamento mental sempre foram “dirigidos por teorias”, assim: “não se faz observações clínicas sobre a mente sem uma teoria com a qual organizar essas observações e orientar o pesquisador, seja ele neurocientista ou psicanalista” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 105). Para defender o papel fundamental dos referenciais teóricos nas pesquisas empíricas, esses autores apontam que os trabalhos de Paul Broca, em 1861, eram orientados pela psicologia das faculdades (influência da Frenologia de Franz J. Gall)³³. A própria neurociência baseou-se por muito tempo na psicologia associacionista de Ivan Pavlov, enquanto que a atual ciência da mente apóia-se na psicologia cognitiva. Portanto,

³³ Fundamentada na idéia de que a mente seria formada por componentes independentes e localizáveis, a frenologia surge Franz J. Gall (1758-1828) e de Johann Spurzheim (1776-1832).

parece ser nesse sentido, de um suporte teórico, que se tem estruturado a tentativa de diálogo com a psicanálise por parte do programa de estudos de Kandel.

Contudo, há também segmentos dentro da comunidade neurocientífica e neuropsiquiátrica que não vêm com bons olhos tal abertura à influência da psicologia e da psicanálise, como é o caso de J. Allan Hobson, pioneiro no estudo fisiológico dos sonhos: “a psicanálise está numa grande enrascada, e remendos neurobiológicos não vão dar um jeito nisso. Seria preciso fazer uma revisão tão grande que muitos neurocientistas prefeririam começar do zero e criar um modelo neurocognitivo da mente” (HOBSON, 2004b, p. 57). Existem também os neurocientistas que privilegiam uma leitura exclusivamente lingüística e hermenêutica da psicanálise, para os quais haveria um abismo epistemológico intransponível entre a psicanálise e o método das ciências naturais, como defendiam Morton Reiser (1975) e Marshall Edelson (1984), para quem a combinação entre hipóteses sobre o cérebro e hipóteses sobre o funcionamento mental em uma mesma teoria implica numa confusão lógica³⁴. Essa interpretação hermenêutica da psicanálise, longe de estar restrita a alguns neurocientistas mais ortodoxos, também está presente principalmente entre os psicanalistas e aqueles teóricos que se baseiam no “velho” Freud. Essa chave de leitura que divide o pensamento freudiano entre os clichês de “jovem Freud” e “velho Freud” ou entre o neurologista e o psicólogo está na base da observação feita à incompatibilidade epistêmica na aproximação entre as teorias e os métodos da psicanálise e das neurociências, uma vez que identificam a psicanálise a um certo purismo do campo das ciências humanas. À medida que a referência explícita à neurologia desapareceu dos textos de Freud, os responsáveis por essa leitura supõem uma inviabilidade na aproximação entre a psicanálise e as ciências naturais; crêem que Freud, ao amadurecer suas idéias, abandonou os pressupostos neuropsicológicos do início de sua carreira e definitivamente enveredou pela psicologia. No nosso capítulo sobre os fundamentos neuropsíquicos e psicossociais do ego, veremos que muitos dos pressupostos do início das teorizações freudianas estão presentes na primeira e na segunda tópica do aparelho psíquico, fazendo com que aquelas oposições não se sustentem na leitura mais atenta da metapsicologia, nem mesmo a concepção da psicologia freudiana como um

³⁴ Curiosamente, Reiser publicou recentemente um artigo no qual procurou integrar conceitos neurobiológicos e psicológicos, revendo sua primeira posição: “sugerimos que as camadas da consciência descritas por Freud proporcionam um quadro conceitual mais adequado para a compreensão da atividade cerebral e da sua relação com o mentalismo” (SHULMAN & REISER, 2004, p. 133).

projeto humanista, pelo menos, não no sentido da divisão clássica entre as ciências naturais e ciências humanas.

* * *

Não compartilhamos desta distinção tão rígida, digamos, entre esses “dois lados” de uma equação formalmente estabelecida no campo do conhecimento, e trabalhamos no sentido de uma perspectiva de leitura favorável à concepção da metapsicologia freudiana como um projeto unitário em sua fundamentação, o qual fora desenvolvido, inicialmente, dentro da ciência natural. Neste sentido, como ainda será desenvolvido, em função das afinidades do pensamento freudiano com suas bases neurológicas (e não apenas psicológicas), retomamos o que foi afirmado no início deste tópico, ou seja, que é razoavelmente provável que a teoria psicanalítica tenha contribuições a trazer para o que parece ser a construção progressiva de um programa de pesquisas mais dinâmico e integral nas neurociências.

Até o momento, nossas principais reflexões apontam que, primeiro, o programa de Kandel não surge com o objetivo de ser apenas instrumental, ou seja, não vem apenas para testar hipóteses psicanalíticas ou resolver problemas empíricos. Em segundo lugar, que o intercâmbio de conhecimentos entre a psicanálise e as neurociências pode ser interessante nos dois sentidos: a psicanálise pode ser auxiliada na compreensão dos padrões gerais de funcionamento do cérebro e a neurociência pode se beneficiar dos conceitos da teoria psicanalítica. Por esse motivo, optamos por apresentar, no próximo capítulo, uma abordagem que procura demonstrar o grau de afinidade e cooperação em potencial entre a teoria freudiana e a neurociência cognitiva atual; esta que almeja tratar questões complexas, como motivação e afetividade. Sendo assim, a neuro-psicanálise parte do princípio de que as articulações entre a psicanálise e as neurociências trazem ganhos mútuos, principalmente para as neurociências se considerarmos o nível de elaboração teórico-técnica da psicanálise e, especialmente, seu alcance investigativo para com os estratos mentais inconscientes.

No decorrer do presente capítulo, caracterizamos o fato de que as novas descobertas em neurobiologia celular e em genética, apoiadas nos estudos dos modelos

experimentais sobre a memória e sobre o impacto da experiência na mente, indicam um caminho pelo qual o ambiente mostra-se decisivo na configuração estrutural e funcional das conexões nervosas. Kandel reconhece que esse fato não é novidade para a psicanálise, que já defendia a coexistência de fatores constitucionais e aprendidos na determinação das representações psíquicas. Contudo, a leitura empírica desses resultados, como reiteradamente assinalado por Kandel, dispõe novas bases para rediscutir a interação entre tais fatores e, portanto, é altamente significativa para a demonstração da eficácia das intervenções psicoterápicas, agora, com um respaldo empírico.

Os achados laboratoriais sobre o modo como a psicoterapia – e mesmo uma conversa entre duas pessoas – incide sobre a condução nervosa podem, por exemplo, ser aproveitados para desenvolver, discutir e sustentar certas noções clínicas, como a de experiência emocional corretiva, como a reestruturação cognitiva e a substituição de crenças distorcidas; noções que são prontamente utilizadas na prática clínica, porém de modo mais vivencial e intuitivo.

Até o momento, destacaríamos que, ao que tudo indica, o interesse geral das neurociências pela psicanálise não pode ser pensado como um processo de mão única, o que está em jogo não é exatamente refutar ou confirmar os pressupostos psicanalíticos, mas sim que as diferentes disciplinas envolvidas no quadro de referência elaborem uma plataforma de idéias e pontos de vista convergentes sobre a mente. Esse sim parece ser o grande desafio desse programa, o de fazer disciplinas tão díspares, historicamente separadas, interagirem na tentativa de preencherem lacunas conceituais e lidar com determinados obstáculos presentes na construção de uma ciência do mental. Vimos que a vertente da neurociência cognitiva, representada pelo programa de pesquisas de Kandel, espera que a psicologia cognitiva, a psiquiatria clínica e principalmente a psicanálise possam oferecer novas diretrizes às neurociências, a fim de sofisticar a investigação sobre a mente e formular teorias mais sistemáticas e humanistas. Em contrapartida, as neurociências ofereceriam a estas áreas novos níveis de análise.

As duas próximas abordagens são, pelo menos indiretamente, tentativas de realizar o conteúdo programático dos novos parâmetros apresentados por Kandel em 1998-1999 (*framework*), ou parte essencial dele. Primeiro, a proposta discutida pela neuro-psicanálise, cujo programa é o mais organizado institucionalmente e desenvolve

uma linha de pesquisa teórico-clínica apoiada na neuropsicologia, nos avanços neurocientíficos e na psicanálise freudiana. Por fim, no penúltimo capítulo da tese, Damásio dá seqüência à linha de pensamento de que o mental não se resume à cognição e esta tem que ser redefinida de modo a incluir as representações corporais, tanto quanto os afetos e a experiência consciente que delas decorrem. A neuro-psicanálise e os trabalhos neuropsicológicos de Damásio seguem o núcleo conceitual do *framework*, como a noção de que os processos mentais são, em último grau, processos cerebrais e de que a psicoterapia e os mecanismos gerais da aprendizagem influenciam nas conexões neurais. Dito de outro modo, a mente e o cérebro requerem pontos de vista e técnicas diferentes para as suas abordagens, porém, no limite, não são concebidos como objetos de estudo distintos.

Capítulo II

A Neuro-psicanálise

“Não há por que se envergonhar em ser desmentido pela ciência. A vergonha, na minha forma de ver, recai sobre aqueles que são excessivamente preconceituosos, ou tímidos demais” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 101).

Apontamos até aqui o quanto é freqüente, dentro de uma visão mais hermenêutica da psicanálise, questionar se todo o legado freudiano não está sendo submetido a uma ordem científica dominante, quando, na verdade, a psicanálise é uma das disciplinas convidadas a contribuir no debate mais abrangente sobre a integração entre a pesquisa empírica e a pesquisa psicológica. Chamamos atenção para o fato de que o retorno ao Freud neuropsicólogo é, em parte, reflexo dos desafios que se apresentam a esse projeto naturalista de investigação do mental, um programa decidido a não mais deixar de fora a subjetividade e o aspecto fenomênico da experiência. Talvez por isso, este programa seja confrontado com a necessidade de pensar uma nova forma de interdisciplinaridade para as ciências da mente.

Em continuidade à discussão anterior, abordaremos agora a neuro-psicanálise, cujo programa para uma convergência entre as neurociências e as abordagens psicológicas é direcionado exclusivamente à psicanálise de Freud, diferentemente do programa de Eric Kandel que, como vimos, dirige-se também à psiquiatria e à psicologia cognitiva. Em certo sentido, a neuro-psicanálise também pode ser pensada como uma tentativa de concretizar a proposta de Kandel. Este enfatizara que o referencial psicanalítico pode efetivamente contribuir para um novo conceito em biologia da mente por abraçar questões que vão além das ferramentas tradicionais da conceitualização neuropsicológica e cognitiva (KANDEL, 1998/2005, p. 38; 1999/2005, p. 94). A neuro-

psicanálise vem explorar os recursos da psicanálise nesse exato sentido, ou seja, enquanto um método de investigação dos processos mentais conscientes e inconscientes e enquanto uma teoria geral da personalidade. Ao mesmo tempo, a neuro-psicanálise considera a hipótese de que o modelo psicanalítico de Freud possa ser útil também para a interpretação de problemas e dados empíricos, respectivamente, em neuropsicologia clínica e na pesquisa neurocientífica.

Vimos que a neurociência desde o final do século 20, bastante identificada com os avanços no campo das ciências da cognição, começou a apostar na idéia de que os processos psicodinâmicos também poderiam ser incluídos na abordagem científica. A neuro-psicanálise parte do reconhecimento de que a psicologia freudiana já tratava dos aspectos da motivação, da afetividade e dos processos inconscientes desde o século 19. Então, ela procurará demonstrar objetivamente como o estudo dos sistemas cerebrais, ligados ao afeto e à motivação, pode ser mais bem elucidado a partir da contribuição da psicanálise freudiana que, como veremos, permite assimilar dados fenomenológicos indispensáveis à compreensão da experiência subjetiva, sem recorrer ao tradicional método psicológico da *introspecção*.

Embora se trate de um campo muito recente de discussão e de pesquisa, a proposta interdisciplinar neuro-psicanalítica é, sem dúvida, atualmente a mais delineada do ponto de vista institucional e é conceitualmente mais consistente quando comparada com determinados estudos de correlação clínico-empírica - por exemplo, onde se relaciona a função psíquica X ao sistema neuronal Y - e que se mantêm num nível superficial pela ausência de uma revisão crítica dos aspectos investigados ou pela falta de um corpo teórico que subsidie o estudo como um todo, além do fato de que os estudos de correlação em geral são problemáticos pela permanência em um referencial dicotômico (extra-disciplinar) e até mesmo incorrem no risco de reeditar novas formas de localizacionismo e, na comparação de Lionel Naccache, ficamos com a impressão de uma “nova frenologia em gestação” (2006, p. 10)³⁵.

A neuro-psicanálise também trabalha com a lógica de desvendar os sistemas neurológicos subjacentes ao psiquismo e, conseqüentemente, concebe uma propriedade material para as instâncias psíquicas. Contudo, ao contrário da maioria dos

³⁵ Yusaku Soussumi, no prefácio de “O que é a neuro-psicanálise” (2004), diz que “resultam disso escritos que se multiplicam atualmente e que dão, à primeira vista, a impressão de uma teoria integrada, mas que, em essência, continua dicotômica e com alto grau de detrimento do método e potencialidade psicanalíticos na descoberta de novos fatos” (p. 10).

estudos de correlação entre os processos cerebrais e os processos psicológicos, parece-nos que algumas condições importantes para abordar a complexidade da relação mente-cérebro são mais clara ou cuidadosamente discutidas na neuro-psicanálise, como a necessária distinção entre funções mentais e funções cerebrais ou a recusa da neuro-psicanálise pela concepção localizacionista do século 19. Os pesquisadores e estudiosos desta linha apostam na interação entre a neurociência e a psicanálise, através da construção de um método investigativo comum a ambas, supostamente compatível com os princípios do pensamento freudiano e, ao mesmo tempo, coerente com a evolução das neurociências e do desenvolvimento do referencial dinâmico em neuropsicologia.

Esta seção será dividida em três partes. Iniciando com uma sumária introdução sobre o surgimento da neuro-psicanálise, descreveremos, em seguida, sua proposta teórico-metodológica, bem como indicaremos, posteriormente, o contexto pragmático de investigação onde os princípios psicanalíticos têm sido efetivamente empregados. No âmbito dessa práxis, apresentaremos alguns resultados extraídos da leitura psicanalítica de alguns casos clínicos neuropsiquiátricos e da análise dos sonhos. Também nos chamou atenção que neuro-psicanalistas, como Oliver Turnbull, Mark Solms e Karen Kaplan-Solms, têm recorrido à concepção freudiana do ego e à teoria do narcisismo para explorar dinamicamente tais fenômenos.

1. *Uma história recente*

Em meados da década de 1990, surge um movimento extra-disciplinar na comunidade neurocientífica, através do qual um certo número de pesquisadores manifestaram interesse pelo intercâmbio de informações e conhecimentos com a psicanálise, o que veio, ao mesmo tempo, ao encontro da inquietação de alguns psicanalistas que indagavam sobre os mútuos benefícios da interlocução entre as duas áreas. De maneira isolada ou em pequenos grupos, esses estudiosos supunham a existência de tópicos de interesse comum entre as agendas dos pesquisadores e dos psicanalistas. Então, em 1994, sob a coordenação do psicanalista Arnold Z. Pfeffer e de James Schwartz, organiza-se o primeiro Grupo de Estudos de Neurociência e Psicanálise em

Nova York, que daí por diante contou com o apoio intelectual ou a participação efetiva de nomes bem conceituados, tanto em neurociência como em psicanálise³⁶. Neurocientistas, como António Damásio, Oliver Sacks, Joseph LeDoux, Oliver Turnbull, Jaak Panksepp e psicanalistas, como Charles Brenner, André Green, Mark Solms, Karen Kaplan-Solms, Arnold M. Cooper e Daniel Stern, deram início a um programa geral de leituras e debates na tentativa de disponibilizar o arsenal conceitual da psicanálise para investigar a ação de diferentes danos neurológicos na mente, explorando as alterações de personalidade e sua base neurodinâmica e neuroanatômica. A produção do grupo de Nova York logo gerou uma revista de divulgação, a *Neuro-psicanálise*. Em julho de 2000, em função da revista, o referido grupo de estudos, já conhecido como Grupo de Neuro-psicanálise, promove seu primeiro congresso internacional, onde é criada uma sociedade, atualmente, chamada de *International Neuro-psychoanalysis Society*³⁷.

Lembrando que no mesmo período Kandel (1998; 1999) traz sugestões para a psicanálise no *tournant* do século 21, dentro de um novo panorama para a abordagem da mente em neurobiologia, e também já se consolidavam os estudos pioneiros de Howard Shevrin sobre a percepção subliminar, ambos na vanguarda de uma linha investigativa voltada à construção de modelos laboratoriais capazes de operacionalizar determinados construtos da psicologia sobre uma base empírica. Como dissemos, a palavra de ordem era uma atitude conciliatória entre a área Psi e a neurobiologia em geral e, a nosso ver, esse movimento envolveu duas linhas de investigação. Uma linha de pesquisa teórico-experimental – a propósito dos modelos de aprendizagem e memória de Kandel, dos estudos sobre o medo em LeDoux e sobre o *self* neural em Damásio -, dialogando predominantemente com a psicologia cognitiva e a clínica não-psicanalítica. A outra linha de pesquisa é a teórico-clínica e tem na neuro-psicanálise seu principal cenário de desenvolvimento. A neuro-psicanálise é fortemente embasada na teoria freudiana da personalidade, ao mesmo tempo em que mantém um permanente diálogo com a neuropsicologia clínica. Esta é aquela parte da neurociência que se dedica ao estudo das funções psicológicas alteradas por lesões cerebrais, portanto, tradicionalmente, a neuropsicologia beneficia-se do intercâmbio com os dados experimentais das

³⁶ Falecido em janeiro de 2002. O Grupo de Estudos fundado por Pfeffer tornou-se, atualmente, o Centro Arnold Pfeffer de Neuro-psicanálise, filiado ao Instituto de Psicanálise de Nova York. Pfeffer teve um papel imprescindível na fundação da Sociedade Internacional de Neuro-psicanálise e foi seu primeiro presidente.

³⁷ Até os dias de hoje, outros congressos têm sido realizados a cada ano, com tópicos específicos. Em 2000, fora emção; em 2001, memória. Para mais detalhes, conferir (SOLMS & TURNBULL, 2002, p. 300-308).

neurociências – inclusive, utiliza-se dos estudos de neuroimagem funcional -, mesmo que seus examinadores não freqüentem o laboratório. Essa herança é, então, transportada para a neuro-psicanálise.

Atualmente, a Sociedade Internacional de Neuro-psicanálise conta com a filiação de 25 grupos de estudos regionais e especializados, distribuídos em diversos países, como Estados Unidos, França, Austrália, Israel, Suécia, Itália, México, Brasil, entre outros. A sociedade mobiliza um fórum de conferências, publica a revista *Neuro-Psychoanalysis*, bem como realiza um congresso internacional por ano. Mark Solms, além de ser o atual presidente da Sociedade de Neuro-Psicanálise e diretor do Centro Arnold Pfeffer, tem uma participação bastante efetiva na difusão da proposta neuro-psicanalítica, disponibilizando dados de sua pesquisa sobre casos clínicos neurológicos e sobre a neurodinâmica dos sonhos; o que, inclusive, tem contribuído para a revalorização da interpretação psicológica desses processos. Solms também é editor e tradutor da série de quatro volumes *The Complete Neuroscientific Works of Sigmund Freud*, tornando mais acessível a produção inicial de Freud, de contexto neuropsicológico e que, segundo ele, é constitutiva do nascimento da psicanálise.

Segundo alguns personagens desse movimento, alguns fatores que impulsionaram a abertura de parte à parte foram, para a psicanálise, o abalo na sua autoconfiança e o fato de que a psicanálise tornara-se um campo de batalha para várias correntes rivais e, para as neurociências, a própria constatação do quão difícil é abarcar cientificamente a subjetividade (SOLMS & TURNBULL, 2002, p. 302-3). De alguma forma, “os enormes problemas conceituais e metodológicos que tinham assombrado a psicanálise desde sua concepção, repentinamente, também se tornaram problemas neurocientíficos” (2002, p. 303). É preciso sublinhar que as tentativas de articulação entre as agendas das neurociências, psicologia cognitiva e psicanálise, as quais propiciaram o surgimento de uma neuro-psicanálise, ligam-se ao contexto recente da mudança de enfoque na neurociência cognitiva, indo de uma perspectiva cognitivista para uma mais dinâmica e motivacional, como apontamos ao descrever os fundamentos da *nova biologia da mente*. Alguns autores referem-se a essa mudança dentro do contexto da “revolução cognitiva”, nas diversas disciplinas globalmente chamadas de ciências da cognição, e também com relação ao seu amplo projeto científico-filosófico de extensão da natureza da

cognição à subjetividade (SOLMS & TURNBULL, 2002; ROY; PETITOT; PACHOUD; VARELA, 1999).³⁸

2. Proposta metodológica

Mark Solms e sua esposa e colega Karen Kaplan-Solms (2001; 2002; 2004)³⁹, dois representantes bastante atuantes da neuro-psicanálise, e outros neuro-psicanalistas acreditam que os neurocientistas cognitivos, assim como os psicanalistas, estão interessados no mesmo objeto de estudo, qual seja, quais são as leis que regem o funcionamento da mente. Ambos investigam a “arquitetura funcional da mente”, mas sob perspectivas e metodologias distintas:

Se for uma verdade óbvia que ambos os grupos estejam estudando e tentando entender a mesma coisa, o mesmo aspecto da natureza, embora a partir de diferentes pontos de vista e usando diferentes métodos, então é absurdo que tenhamos tão pouca afinidade entre nós. Certamente, deveríamos estar colaborando uns com os outros, comparando notas e compartilhando nossas descobertas. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 103-104)

Os neurocientistas também constroem modelos especulativos sobre a estrutura e o funcionamento da mente, como o modelo do corpo no cérebro de Damásio ou o modelo da consciência de Gerald Edelman como um sistema fechado. Neste sentido, os neurocientistas não fazem algo tão diverso do que as teorizações dos próprios psicanalistas. Através do vai-e-vem constante entre a especulação teórica e a observação clínica, Freud elaborou seu modelo do aparelho psíquico no que ficaram conhecidas como primeira e segunda tópica, além do aparelho neuropsicológico de 1895. No entanto, a neurociência tem a vantagem da percepção externa, da concepção do cérebro como objeto,

³⁸ ROY, J.-M. *et al.* (1999). Beyond the gap: an introduction to naturalizing phenomenology. In: J. PETITOT *et al.* *Naturalizing phenomenology: issues in contemporary phenomenology and cognitive science*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999. p. 1-82.

³⁹ Essas obras serão consultadas daqui por diante: Kaplan-Solms, K. & Solms, M. (2004). *O que é a Neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise*. São Paulo: Terceira Margem. Kaplan-Solms, K. & Solms, M. (2001). *Clinical Studies in Neuro-Psychoanalysis: Introduction to a Depth Neuropsychology*. London: Karnac Books, 2.ed.. Solms, M. & Turnbull, O. (2002). *Brain and the inner world: an introduction to the neuroscience of subjective experience*. New York: Other Press. Solms é conferencista honorário em neurocirurgia, neuropsicólogo e psicanalista. Karen Kaplan-Solms também tem formação tanto em neuropsicologia, como em psicanálise. Oliver Turnbull é neuropsicólogo e conferencista sênior em neurociência na Universidade de Wales, Bangor.

“observando a mente enquanto órgão físico, coisa, objeto externo” (2004, p. 104), enquanto que a psicanálise beneficia-se da perspectiva do mundo interno do sujeito:

O que fazemos na psicanálise é tentar entender o funcionamento da mente humana, beneficiando-nos da vantagem de *sermos* mentes humanas, ou seja, a partir da vantagem da experiência interior [...]. Nós olhamos para dentro. Tentamos estudar nossos pacientes, encorajando-os a olharem para dentro de si e a partir de suas livres-associações, que constituem suas tentativas de descrever o mais honesta e precisamente possível o que estão vivenciando durante os minutos em que estão deitados no divã. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 104)

Enquanto a psicanálise apóia-se exclusivamente no método clínico, a neurociência dispõe de metodologias mais variadas (o uso de modelos animais, a psicofarmacologia ou as técnicas de observação direta do sistema nervoso), no entanto, o método da “correlação anatomoclínica” (*clinico-anatomical correlation*) é o mais relevante do ponto de vista da história da neurociência cognitiva. Desde o século 19, ele vem sendo praticado pelos neurologistas na tentativa de entender como *a mente é alterada pelas mudanças cerebrais*. Os estudos clínicos da neuroanatomia começam com Jean Baptiste Bouillaud, em 1825, no estudo da linguagem, porém seu trabalho surte pouca repercussão na época (CHANGEUX, 1997, p. 17). Três décadas depois, Paul Broca consegue maior reconhecimento: “(ele) estabeleceu a primeira correlação rigorosa entre uma lesão da parte média do lobo frontal do hemisfério esquerdo e a perda da palavra ou afasia. A partir daí, desenvolveu-se uma nova disciplina, a neuropsicologia” (CHANGEUX & RICOEUR, 2001, p. 53). De acordo com Kaplan-Solms e Solms (2004), os estudos de Broca sobre a afasia em 1861 marcam a introdução formal do que veio a ser conhecido como método da “correlação anatomoclínica”, o qual consiste, primeiro, na observação clínica das mudanças mentais após a instalação da lesão neurológica e, depois, na busca de correlação entre estas observações e os achados anatômicos (aspectos da parte afetada do cérebro), na expectativa de que isso traga alguma informação sobre as funções mentais vinculadas a essa parte então lesionada.

Assim, o método de articulação entre a psicanálise e as neurociências, proposto por Solms e colaboradores, será uma espécie de herdeiro indireto do tradicional método anatomoclínico da neurologia do século 19 e nascido da própria clínica médica. Dito de outro modo, a recente formulação do método neuro-psicanalítico resulta da

combinação entre conceitos e princípios da técnica psicanalítica e a concepção neuropsicológica de Aleksandr Romanovich Luria sobre “análise da síndrome” e seu ponto de vista funcional – que em sua origem são devedores do método anatomoclínico.

Kaplan-Solms e Solms (2001) assinalam que a clínica médica geral dos séculos 18 e 19 contava com um único recurso para o diagnóstico das afecções mentais, qual seja, o estudo comparativo que associava a descrição clínica da doença à exploração do seu substrato orgânico, que só era feito *post mortem*. Através da prática clínica, constatava-se que algumas apresentações clínicas relacionavam-se com certas representações anatômicas e fisiológicas:

tornou-se gradualmente possível para o clínico geral reconhecer as constelações patognomônicas de sinais e sintomas e, portanto, prever a natureza e a localização subjacente a qual doença e conduzir o tratamento de acordo com a mesma. Esta é a origem do conceito de *síndrome* clínica. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 06)

Na medida em que a neurologia torna-se uma especialidade separada da clínica geral, essa peça chave da clínica médica foi adotada pela neurologia moderna como o método da “correlação anatomoclínica”, uma vez que as constelações de sinais e sintomas (síndrome) só eram comprovadas com o laudo da autópsia (o exame anatomopatológico). Em meados do século 19, a aplicação desse método estendeu-se para a localização de funções mentais relacionadas à linguagem: “com base nisso, um mapa (ou mosaico) de regiões especializadas do córtex foi construído no curso de poucas décadas. A busca para situar diferentes regiões cerebrais em relação a funções mentais particulares tornou-se conhecida como *localizacionismo*” (SOLMS & TURNBULL, 2002, p. 60). Os trabalhos de Broca e Wernicke vieram a caracterizar o localizacionismo oitocentista, no qual o correlato anatomoclínico das funções mentais era procurado em centros específicos, supondo uma relação de espelhamento entre a função mental e partes da anatomia nervosa. Segundo Uttal (2001, p. 103), essa foi uma das primeiras teorias específicas sobre a localização cerebral e do ponto de vista modular da mente. Wernicke e Broca retomaram o princípio da localização numa linha experimental, já que a craniologia de F. Gall (método frenológico), era baseada na dedução das faculdades morais e intelectuais a partir das medidas do crânio, e não explorava propriamente a anatomia cerebral. Ainda, a versão localizacionista do método anatomoclínico tem uma dívida

histórica com o caso Phineas Gage, já que toda uma linha de conhecimento foi fortalecida a partir das constatações de que, ao contrário do que ocorre com outros órgãos, as mudanças cerebrais repercutiam direto na mente.⁴⁰

Kaplan-Solms e Solms (2001) colocam que Freud, cuja formação médica data do mesmo contexto histórico, naturalmente fora treinado nesse método pelas duas escolas de neurologia da época, embora ele não demorasse em apontar os limites desse tipo de correlação para os fenômenos psicológicos⁴¹. A escola austro-alemã, dirigida por Hermann von Helmholtz, e a escola francesa de neuropatologia, organizada em torno da personalidade de Jean-Martin Charcot, aplicavam o método das comparações anatomoclínicas dentro de enfoques diferentes. A primeira escola enfatizava o aspecto anatômico na explicação da histeria e a escola francesa focava o aspecto observacional e, por isso, tendia para a abordagem clínico-descritiva, priorizando a identificação e classificação dos transtornos.

No século 19, a histeria participava de uma classe de manifestação neuropsíquica que não tinha nenhum equivalente anatômico compatível com a sintomatologia, pondo, portanto, um desafio para ambas as escolas – mas principalmente para a germânica -, porque Charcot ainda abordava a histeria em termos clínicos. Para muitos adeptos da outra corrente, a histeria não devia ser estudada cientificamente, porque se não havia lesão, não havia síndrome (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 14; 2004, p. 21). Freud defende as concepções de Charcot por um tempo até que, influenciado pela leitura do neurologista inglês John Hughlings Jackson, segue outra via. Referências de Freud a Jackson são encontradas no texto “Sobre a concepção das afasias” (1891), no qual para explicar a relação entre os fenômenos físicos e psíquicos e manter a autonomia de cada um, Freud assume a doutrina da concomitância de Hughlings Jackson.

Kaplan-Solms e Solms (2001) comentam o texto de 1891 no qual Freud declarou seu rompimento com o isomorfismo mente-cérebro da visão localizacionista, ao afirmar que a linguagem e sua patologia tinham que ser explicadas em seus próprios termos, já que não obedeciam às mesmas leis que a representação anatômica. Neste

⁴⁰ Relatado inicialmente por John Harlow em 1848, Phineas Gage tornou-se um dos casos clínicos mais famosos da neurologia ao ter seus lóbulos frontais perfurados de ponta a ponta por uma socadeira de ferro. Enquanto sua saúde física permaneceu íntegra, tempos depois, Gage apresentou severas alterações de personalidade (SOLMS & TURNBULL, 2002, p. 07-8).

⁴¹ Oliver Sacks (2000) discute alguns trabalhos de Freud, publicados entre 1876 e 1896, que indicam uma notável produção como anatomista e neurologista. Para um exame mais detalhado sobre a formação neurológica de Freud e o papel que esta teria exercido em suas idéias mais importantes, conferir Amacher (1965, p. 84).

trabalho, Freud conclui que jamais se teria uma compreensão das afasias com base no estudo da anatomia concreta, deflagrando os limites do enfoque anatomopatológico e, conseqüentemente, abandonando o método da correlação anatomoclínica. Ao cabo desse processo, Freud propõe uma reorientação do estudo da afasia, sugerindo um modelo baseado na investigação do funcionamento da linguagem, de modo a extrair dele certas implicações psíquicas. Assim, Freud apresenta uma nova concepção do aparelho de linguagem baseada na reordenação dos processos associativos que estão na base das representações, e estas só são possíveis a partir daqueles rearranjos anteriores⁴².

O que Kaplan e Solms querem enfatizar, a partir das hipóteses de “Sobre as concepções das afasias”, é que, para Freud, a natureza do dado psicológico é dinâmica, constituída por reordenações freqüentes e, no adoecimento, as funções mentais entram em colapso, segundo seu esquema funcional próprio. Em suma, a concepção anti-localizacionista ou dinâmica de Freud “... atribui um lugar de honra aos métodos psicológicos de análise das síndromes mentais, independentemente desses sintomas terem uma base orgânica ou não” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 27). Tanto é verdade que Freud, antes de tratar as neuroses, aplicara primeiramente essa concepção ao estudo das afasias e das paralisias cerebrais, ou seja, afecções que embora tivessem uma base orgânica definida, também podiam ser pensadas em termos de sua autonomia funcional.

Em diferentes oportunidades, Kaplan e Solms (2001, 2002, 2004) utilizam essa argumentação para sustentar que a psicanálise teria surgido de uma sólida tradição da neurologia clínica do século 19; esta que teve início com o método da correlação anatomoclínica. Segundo os autores, quando Freud rompe com a neuroanatomia comparativa teria levado para a psicanálise quase tudo que aprendera como neurologista, sob a influência da escola francesa e da escola alemã:

com sua ênfase especial no estudo cuidadoso dos casos clínicos individuais e na identificação de padrões regulares de sintomas (...); continuou a explicar os fenômenos clínicos em termos de forças naturais subjacentes,

⁴² De fato, em 1891, Freud faz uma desmontagem da teoria localizacionista das afasias, principalmente dos esquemas neurológicos propostos por Carl Wernicke (1848-1905) e Ludwing Lichtheim (1845-1915), nos quais as funções da linguagem são determinadas por regiões corticais específicas, e tem como unidade elementar uma representação de memória contida numa célula individual. Esses autores, de acordo com Caropreso (2006), tal como apresentados no texto freudiano, não teriam uma clara delimitação entre os domínios do fisiológico e do psicológico. Contudo, os pressupostos de suas teorias serão um a um desconstruídos por Freud ao rejeitar a determinação das funções por uma anatomia topográfica e estática, e dirá que os distúrbios de linguagem têm que ser inseridos em um contexto mais amplo.

como havia sido ensinado a ele pelos mestres originais da escola de medicina de Helmholtz. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 20-1)

Freud deixou de lado apenas o localizacionismo e, com isso, adquiriu mais autonomia para trabalhar o psíquico e passou a buscar os fatores psicológicos dinâmicos, de modo a constituir o método clínico psicanalítico: “Freud investigava a estrutura psicológica interna da síndrome e explicava-a com referência ao sistema funcional que ele imaginava ser dinamicamente representado *entre* os elementos do cérebro” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 21-2), entretanto, sem ter o compromisso de explicar sua representação anatômica. Com isso, a neuro-psicanálise procura demonstrar como as bases do pensamento freudiano são genuinamente da ordem de uma neuropsicologia, por isso não haveria nada de destoante em aproximar a psicanálise de certas teorias neuropsicológicas do século 20, como a do psicólogo e neurologista russo Aleksandr Luria⁴³. Como veremos, a neuro-psicanálise procura demonstrar um parentesco entre a concepção de Freud sobre a relação entre o psicológico e o fisiológico e a neuropsicologia de Luria. Segundo, o casal Solms ambos assumiam um ponto de vista funcional e dinâmico sobre a relação entre a anatomia e o mental. Na monografia sobre a afasia em 1947, Luria apresenta uma abordagem para a representação da linguagem muito parecida com o aparelho de linguagem freudiano de 1891 (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 29)⁴⁴.

Em síntese, tanto Luria como Freud enfatizavam que a linguagem pode ser deduzida somente através de uma análise clínica rigorosa de como as suas funções desintegram-se, dispensando a identificação precisa da anatomia envolvida. A neuroanatomia, quando possível, pode auxiliar, mas não está em primeiro plano. Para Luria, que introduziu a noção de *sistema funcional* na neuropsicologia – a exemplo de outras funções corporais complexas que não se restringem a um órgão em específico, como a respiração e a digestão, mas implicam um sistema constituído de elementos não estáticos –, a localização das funções mentais só poderia acontecer em sentido dinâmico e distribuído (SOLMS & TURNBULL, 2002, p. 63). Vejamos agora como essa também foi a prerrogativa do aparelho de linguagem proposto por Freud.

⁴³ Discussões sobre o caráter neuropsicológico da metapsicologia freudiana também são encontradas nos tradicionais trabalhos de Pribram & Gill (1976) sobre o “Projeto” (1895) e em R. C. Solomon (1976).

⁴⁴ Luria correspondera-se com Freud por um breve período quando recebe o reconhecimento da sociedade psicanalítica de Kasan (Rússia). Freud teria tido uma notável influência na abordagem de Luria (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 26-7 e p. 32).

Pode-se dizer que um dos resultados da revisão freudiana das hipóteses localizacionistas, em “Sobre a concepção das afasias” (1891), foi uma nova maneira de pensar a localização das funções cerebrais e também um novo entendimento da relação entre os dados fisiológicos e os dados psicológicos (CAROPRESO, 2006c, p. 65), a saber, a prioridade da concepção funcional⁴⁵. Os elementos tópicos, ao serem associados, são determinados por um princípio exclusivamente funcional. Freud se preocupava com a confusão freqüente entre os aspectos fisiológicos e os psicológicos: “além do mais, nós queremos separar, tanto quanto possível, o ponto de vista psicológico do ponto de vista anatômico” (FREUD, 1891, p. 122)⁴⁶. Segundo Caropreso (2006), o que Freud chama de aparelho de linguagem consiste de vários níveis de processos associativos fisiológicos concomitantes a vários níveis de processos associativos psicológicos, estes seriam o último estágio de um longo processo de reorganização sucessiva da informação sensorial externa e configuraria as representações-palavra. Então, ao invés de “centros e vias associativas”, Freud propõe uma área associativa para a linguagem, na qual interessa *a maneira* como os processos transcorrem e não exatamente onde: “os círculos não representam os ditos centros da linguagem, mas as áreas corticais *entre* as quais se desenvolvem as associações da linguagem” (FREUD, 1891, p. 131, grifos nossos). Assim, Freud concebia apenas uma localização geral para as funções mentais complexas, enquanto que a sua identificação com centros específicos e independentes devia ser descartada, exatamente como depois vai propor Luria. Grande parte das funções da linguagem seriam, por isso, funcionalmente dependentes uma das outras, tanto que lesões em áreas diferentes podem acarretar um mesmo sintoma, e vice-versa. Essa ampliação do ponto de vista funcional, derivada da rejeição do localizacionismo estrito, será copiosamente aplicada ao posterior desenvolvimento do aparelho psíquico, como na estratégia que Freud adota em “A interpretação dos sonhos” (1900) para poder trabalhar no “terreno psicológico”. Se nessa obra Freud defende a virtualidade dos processos, é porque as localidades psíquicas adquiriram um sentido meramente funcional⁴⁷.

⁴⁵ Simanke, R. T. & Caropreso, F. S. (2006). Temas de introdução à psicanálise freudiana. *Série Apontamentos*. São Carlos: Edufscar.

⁴⁶ Segundo Simanke (2006b), essa tomada de posição, que ao mesmo tempo converge para uma concepção dinâmica da representação, é o passo inaugural da psicologia freudiana. A noção de representação pensada em 1891 é a ferramenta que confere certa autonomia para Freud pensar na articulação entre o somático e o psíquico sem a necessidade de identificar os pressupostos anatômicos dessa relação, embora ainda haja uma tentativa nesse sentido no “Projeto” (1895).

⁴⁷ No capítulo 7 deste texto, somos advertidos para não cair na tentação de determinar a localidade psíquica como se fosse anatômica, o que freqüentemente é interpretado como se Freud abandonasse a convicção na

Para os neuro-psicanalistas aqui consultados, isso colocaria a psicanálise, desde sua origem, numa posição particular em relação às ciências neurológicas, sobretudo àquela tradição que se inicia com a clínica descritiva de Charcot, passa pela visão dinâmica de Hughlings Jackson e termina por se constituir na escola de neurologia dinâmica. Esta, desde sempre rejeitou a localização concreta das funções mentais em prol de uma “análise da síndrome”, cujos expoentes mais destacados foram C. Monakow, Kurt Goldstein, A. Luria e, mais recentemente, Jason Brown. Assim como para Freud as funções complexas surgem de um jogo de forças entre as estruturas mais elementares do cérebro, os mesmos princípios foram posteriormente desenvolvidos pela neurologia comportamental ou neuropsicologia, como ficou conhecida mais tarde.

O casal Solms (2001; 2004) defende, então, a tese de que a neuropsicologia dinâmica seria o ponto de aproximação entre a psicanálise e a neurociência, já que as duas disciplinas descendem de um ramo comum. É por este caminho que a neuro-psicanálise propõe o método de articulação entre a psicanálise e as neurociências, apostando na estratégia metodológica da “localização dinâmica”, que se apóia na neuropsicologia de Luria, mas nasceu originalmente na clínica médica do século 19 e foi sucessivamente modificada. Desenvolvida a partir do tradicional método de correlação anatomoclínica, a “localização dinâmica” tem como objetivo identificar a organização neurológica das funções complexas – considerando-as como categorias amplas e distribuídas. Propõe-se basicamente:

1. Identificar os modos pelos quais uma função entra em colapso, fase chamada de “qualificação dos sintomas”. Usando metodologia psicológica para casos individuais, procura-se explorar a estrutura psicológica de cada um dos sintomas (*ibid.*, 2002, p. 40-1; 2004, p. 31). Tratar-se-ia, nesse caso, de investigar como uma função foi se perdendo, quais aspectos se deterioraram primeiro, como isso afetou o comportamento e outras funções.

materialidade dos processos psíquicos, como faz Strachey no prefácio de “O inconsciente” (1915), Garcia-Roza (1991), entre outros. Essa passagem, à luz das reflexões neurológicas de 1891, significa apenas que a virtualidade das instâncias psíquicas, como a noção emergente de sistema inconsciente, não deve ser confundida com a localidade anatômica, exatamente como sugerido na revisão das afásias: “queremos deixar por completo de lado que o aparelho psíquico de que aqui se trata nos é conhecido *também* como preparado anatômico” (1900, p. 529, grifos nossos).

Diríamos que é possível estabelecer uma semelhança entre o enfoque sindrômico desse método e a técnica psicanalítica de investigação, na medida em que esta não visa simplesmente identificar o sintoma, mas sim obter um quadro psicológico detalhado de toda a estrutura de personalidade envolvida.

2. Na fase da “análise da síndrome”, examina-se quais outras funções estão perturbadas, além da função primária em questão. A investigação psicológica também é empregada aqui, com objetivo de saber o que estes sintomas têm em comum com a função investigada e, com isso, é possível isolar o fator subjacente comum a uma variedade de sintomas. Assim, além de apreender algo sobre a estrutura psicológica da síndrome, levanta-se a função psíquica elementar de uma parte específica do cérebro.

Todo esse procedimento pretende descobrir a forma como uma função mental complexa “se desmonta em função de lesões em diferentes partes do cérebro, ter-se-á então descoberto sua representação neurológica dinâmica, identificando-se quais partes do cérebro contribuem, e de que forma contribuem, para o sistema funcional complexo daquela faculdade como um todo” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 43). A inovação na abordagem de Luria seria a possibilidade de *acomodar as funções mentais complexas*, enquanto que a versão *strictu sensu* do método anatomoclínico aplicava-se apenas às funções elementares, como as percepções sensoriais visuais, auditivas, gustativas⁴⁸. Na versão sugerida por Luria, note-se que a função não está localizada em nenhuma parte do cérebro, mas há vários elementos que, através da interação funcional dinâmica, compõem sua representação. Segundo Kaplan-Solms e Solms (2004), esse método não contradiz a natureza anti-localizacionista fundamental da psicanálise freudiana e constrói uma ponte viável entre os conceitos da psicologia e os da neuroanatomia:

O que estou recomendando, por acreditar ser a pedra fundamental para uma integração duradoura entre a psicanálise e a neurociência, é uma investigação psicanalítica completa dos pacientes com lesões neurológicas

⁴⁸ Posição que se diferencia da tendência frenológica anterior, que era localizar as faculdades mentais e os valores morais em sua totalidade, como propunha Gall para a prudência, a esperança, o caráter, entre outras.

focais. [...] utilizando uma versão psicanalítica da análise da síndrome. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 41)

Pela concepção da “análise da síndrome” ou “localização dinâmica”, a complexidade da estrutura mental não é reduzida à anatomia e à fisiologia, embora a sua distribuição neurológica seja exposta. Tal método permite que as funções superiores possam ser compreendidas em seus próprios termos psicológicos, de forma que sua natureza dinâmica seja respeitada e acomodada metodologicamente. Neste sentido, Kaplan e Solms (2001, 2004) referem que o método da *análise da síndrome* pode ser aproveitado operacionalmente como o “ponto natural de contato” entre a psicanálise e as neurociências. E na medida em que a neuro-psicanálise adota a teoria psicanalítica do inconsciente e demais hipóteses psicodinâmicas, para lançar luz em suas pesquisas sobre a subjetividade na neuropatologia, ela se apresenta como uma *concepção psicanalítica dos distúrbios psicológicos decorrentes de lesões cerebrais*.

Solms (2004, 2004b, 2001) chega a referir que o método neuro-psicanalítico “é a via de acesso pela qual Freud esperava” (2004, p. 32) e reitera a fala do neurocientista Jaak Panksepp sobre a neuro-psicanálise estar em posição de “terminar o serviço de Freud”. Isto deve ser entendido no sentido de que essa vertente da neurociência que se interessa pelas questões subjetivas não começa do zero, mas retoma parte do edifício teórico da psicanálise (SOLMS, 2004b, p. 56). Conforme o próprio Freud especulou em várias ocasiões, os avanços no conhecimento neurobiológico e os novos recursos bioquímicos poderiam complementar e até revisar seu quadro metapsicológico. Esses autores acreditam ser possível, em princípio, mapear a organização neurológica de qualquer função psíquica abordada pela psicanálise, sem contradizê-la em seus fundamentos (2004, p. 32).

Como se vê, alguns neuro-psicanalistas assumem um discurso de tom francamente eloquente. Embora a proposta teórica da neuro-psicanálise, bem como suas investigações empíricas e clínicas precisam ser examinadas de forma mais crítica, é preciso ressaltar que Mark Solms e Kaplan-Solms estão defendendo novos domínios para a pesquisa sobre a relação entre a mente e o cérebro. Desse modo, não surpreenderia se eles assumissem uma retórica favorável às tentativas de implantar o *framework* conceitual

de Kandel e de difundir o modelo interdisciplinar neuro-psicanalítico e, assim, talvez superestimassem a dimensão e o alcance do seu método.

3. Aplicações do método neuro-psicanalítico

O apanhado sobre a composição do método neuro-psicanalítico, bem como sobre a história do método clínico na neurologia e sua posterior configuração na neuropsicologia e na psicanálise vem mostrar que a formulação de inferências sobre a mente humana é um dos tradicionais *modus operandi* da neurociência. Vimos que as teorizações neurocientíficas foram engendradas ou orientadas, ora pela dedução das faculdades mentais a partir do formato do crânio (método cranioscópico de Gall), ora a partir da observação clínica e da neuroanatomia comparativa ou pela ênfase observacional e teorização a exemplo da escola de neuropsicologia dinâmica. De qualquer modo, segundo Solms, toda investigação sobre a mente precisa de teorias para organizar seus dados, ela é necessariamente “dirigido por teorias”. A psicologia cognitiva tem cumprido esse papel no contexto atual da ciência da mente, no entanto, esse modelo começou a mostrar-se insuficiente para a compreensão do que vai além do dado cognitivo. Neste sentido, na visão da neuro-psicanálise, a concepção psicanalítica pode vir a suprir algumas dificuldades ou lacunas presentes nas teorias psicológicas utilizadas pela neuropsicologia.

Especificamente, o trabalho da neuro-psicanálise consiste em unir os dados observacionais de sessões de psicoterapia de orientação psicanalítica, realizada com pacientes neurológicos, aos dados diagnósticos de neuroimagem e aos testes neuropsicológicos, visando encontrar relações comuns entre determinados sistemas funcionais do cérebro e os fenômenos observados clinicamente. A investigação de como a mente é modificada pelas lesões cerebrais é um tipo de estudo historicamente consolidado pela neuropsicologia; a novidade na neuro-psicanálise fica por conta do emprego do ponto de vista psicanalítico para a compreensão dos processos psíquicos normais e patológicos, tanto quanto de sua neurodinâmica subjacente⁴⁹. Tradicionalmente, os neuropsicólogos

⁴⁹ William Uttal (2001), ao assinalar os limites da localização cerebral dos processos cognitivos, aponta a natureza incerta dos dados em neuropsicologia. A idiosincrasia dos casos individuais, a plasticidade pós-reabilitação e as auto-organizações dinâmicas dos sistemas cerebrais configuram uma plataforma não confiável para a construção da noção de localização: “a *recuperação de funções* põe profundos problemas para um estudo que propõe determinar o efeito de lesões cerebrais nas funções psicológicas” (2001, p. 166). Poder-se-ia pensar

usam testes psicométricos para avaliar o estado das funções mentais, mas, segundo Solms, isso não se adequa à apreensão mais integral dos aspectos subjetivos:

A neuropsicologia começou a lidar, em anos muito recentes, com algo que ela antigamente excluía: os problemas da personalidade, das emoções complexas e da motivação, que são os aspectos realmente interessantes da psicologia. Isso possibilita uma oportunidade única para que a psicanálise construa uma ponte em direção à neurociência, uma vez que a psicanálise tem uma teoria altamente elaborada exatamente sobre esses aspectos da vida mental com que a neurociência está começando a lidar atualmente. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 106)

Os neuro-psicanalistas partem do princípio de que as articulações entre a psicanálise e as neurociências trazem ganhos mútuos, principalmente para a segunda se considerarmos o nível de elaboração do referencial teórico-técnico da psicanálise e, especialmente, seu alcance investigativo para com os estratos mentais inconscientes. No entanto, Solms (2004) concorda com Eric Kandel (1999/2005) sobre as restrições do método psicanalítico para a testagem de hipóteses, ressaltando, por um lado, que o contato da psicanálise com as neurociências até pode fazer com que algumas idéias psicanalíticas sejam reproduzidas numa linha mais confiável do ponto de vista da ciência formal, porém o método psicanalítico ele mesmo não é testável. Por outro lado, a vantagem que se estende para toda a ciência da mente é o potencial da teoria psicanalítica para a abordagem dos aspectos mais difíceis da experiência subjetiva⁵⁰.

O instrumental conceitual e técnico da psicanálise pode contribuir para formular idéias sobre a experiência em primeira pessoa sem recorrer ao clássico método psicológico da *introspecção*⁵¹. Esse método seria eficiente caso fosse legítima, em todas as séries psíquicas, a equivalência entre representação e consciência. Sabemos que Freud rompe com a noção de que o mental é consciente e justifica a hipótese do inconsciente psíquico, por isso a psicanálise desenvolveu-se paralelamente à principal linha da psicologia acadêmica do século 19, de Wundt e Brentano. Ao mesmo tempo, Freud propõe um método clínico para a apreensão do conteúdo das lacunas psíquicas. Como

estar localizando o que não existe, diz o autor. Embora a crítica de Uttal seja pertinente em vários aspectos, ela seria totalmente assertiva se a neuropsicologia dependesse de uma localização precisa, mas o que ela propõe é uma localização dinâmica e distribuída.

⁵⁰ Cf. (2004, p. 107; 2002, p. 305).

⁵¹ Parte do programa da psicologia experimental de Wilhelm Wundt consistia na observação controlada que um indivíduo fazia de seu próprio estado mental ou, nas palavras de Wundt, “percepção interior” (Schultz & Schultz, 1992).

dissemos, a psicanálise utiliza-se da descrição dos processos mentais nas três pessoas do discurso: tanto através da narrativa do sujeito em análise (primeira pessoa), como do ponto de vista das observações realizadas pelo analista ou examinador (terceira pessoa) e da troca dialógica entre analista e analisando, que também é um modo de interpolação dos níveis descritivos em primeira e em terceira pessoa.

Para ilustrar o contexto pragmático da pesquisa em neuro-psicanálise, comentaremos alguns resultados do estudo dos sonhos e alguns aspectos do material clínico sobre quadros cerebrais bastante específicos, como a síndrome de Korsakoff e as lesões na convexidade perisylviana do hemisfério direito, apresentados em “Clinical studies” (2001), “Brain and the inner world” (2002) e “O que é neuropsicanálise” (2004).

3.1 A neurodinâmica do sonho

Sabemos que nos anos 70 a visão freudiana do sonho como “realização de desejo”, ou seja, como um processo motivacional complexo, estava desacreditada perante as hipóteses bioquímicas – a principal delas, a do sono REM -, no entanto, com as pesquisas de Solms em 1997, a teoria psicológica dos sonhos voltou a ventilar as discussões acadêmicas sobre o tema⁵². A repercussão do trabalho de Solms contribuiu também para o retorno geral de algumas idéias freudianas nos círculos neurocientíficos⁵³. Numa linha contrária, destaca-se Allan Hobson, ferrenho opositor da concepção freudiana do sonho. Em seu curioso livro, “13 dreams Freud never had: the new mind science” (2005), Hobson usa uma metáfora literária para narrar sonhos pessoais como se ele fosse Freud, especulando qual seria a posição freudiana frente aos avanços recentes do conhecimento neurobiológico. Não surpreendentemente, nas habilidades inventivas do narrador onisciente (e não menos narcisista), Freud reconhece a falácia da repressão dinâmica em sua teoria do sonho em favor da teoria de “ativação-síntese” (HOBSON, 2005, p. 170, p. 174, p. 179 e outras). De acordo com essa hipótese bioquímica, de Hobson e McCarley, de 1977, a censura psíquica não explica a bizarrice dos sonhos,

⁵² O chamado sono REM (*Rapid Eyes Movement*/Rápido Movimento dos Olhos), descoberto na década de 50, é um estado neurofisiológico tradicionalmente ligado ao ato de sonhar, ativado por estruturas profundas do tronco encefálico (supostamente pela ação da acetilcolina) e disparado ciclicamente a cada 90 minutos do sono.

⁵³ Solms, M. (1997). *The neuropsychology of dreams: a clinico-anatomical study*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates. Esta pesquisa investigou algum prejuízo na função do sonhar em 361 casos de pacientes com lesões neurológicas. Há outros trabalhos do autor sobre esse tópico utilizados aqui.

porque não existiria nenhum disfarce. Os sonhos são alterações normais de vários estados cerebrais e possuem um conteúdo emocional direto, negativo ou positivo: “realmente há evidências que a ativação de partes do sistema límbico que produzem ansiedade, raiva e alegria dá forma aos sonhos” (HOBSON, 2004b, p. 57), mas não são desejos reprimidos. São freqüentes os trabalhos em que Solms dialoga com a teoria de Hobson e McCarley.

Kaplan-Solms e Solms (2004) aplicaram o método neuropsicológico de “análise da síndrome” ao estudo dos sonhos, descrevendo inicialmente o efeito primário da lesão de três áreas em específico, notemos seu raciocínio anatomoclínico:

na região frontal mediobasal ou na região parietal inferior de cada hemisfério, a experiência consciente do sonhar desaparece totalmente. Esse fato clínico nos mostra que essas três partes do cérebro contribuem com funções básicas que são fundamentais para o processo do sonhar como um todo pois, quando qualquer uma delas é lesionada, o sonho manifesto fica totalmente apagado. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 33)

As lesões em outra região (a occipito temporal ventral) afetam a experiência onírica de outra forma: mantém-se a consciência do sonho, porém sem imagens: “por mais estranho que possa parecer, pacientes que apresentam lesão nessa parte do cérebro têm sonhos completamente não-visuais” (*ibid.*, 2004, p. 33). Se a região temporal-límbica estiver prejudicada e associada a um foco epiléptico os pacientes passam a ter pesadelos recorrentes. Por sua vez, quando a região frontal-límbica encontra-se afetada, nota-se o aumento da freqüência do sonhar e a dificuldade de discriminar entre estes e a realidade. A descrição desses sintomas “qualificam” as diferentes maneiras pelas quais o sonho pode ser impedido ou perturbado a partir de certas lesões cerebrais:

Mas, como se disse, para que se descubra qual foi a causa do colapso do sonhar em cada uma dessas seis instâncias, é necessário estudar a constelação de outros sintomas psicológicos que acompanham as mudanças no sonhar após a ocorrência de lesão em cada uma dessas áreas. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 34)

Adentra-se, com isso, à fase da “análise de síndrome”, que permitirá isolar o elemento comum a todas as áreas acometidas e identificar a contribuição de cada uma delas para o sonhar como um todo. Então, procede-se a uma detalhada análise da

síndrome psicológica de cada um daqueles perfis sintomáticos. Escolhemos como exemplo a síndrome gerada pelos danos no lobo parietal direito (F), que eliminam o sonho e também produzem déficits da “memória de trabalho visuo-espacial”. Os pacientes perdem a capacidade de reter informações espaciais concretas por períodos curtos de tempo, conseqüentemente, deduz-se que “o sonho e a memória de trabalho visuo-espacial *compartilham* da função elementar gerada por essa parte do cérebro” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 47), e não que essas funções estão estritamente localizadas no lobo direito.

No mais, “seis fatores juntos constituem o sistema funcional do sonhar. Ou, para dizer de outro modo, o processo de sonhar emerge de uma interação dinâmica entre esses seis fatores, para os quais seis áreas do cérebro contribuem” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 35):

- C → contribui com a motivação geral do funcionamento mental;⁵⁴
- E → síntese espacial, importante para operações simbólicas;
- F → representação espacial concreta;
- G (occipito temporal ventral) → revisualização (fundamental para imagética visual);
- H (temporal-límbica) → despertar emocional (*affective arousal*) no início do processo onírico;
- J (frontal-límbica) → ativação e inibição seletiva, essencial para os processos de atenção, teste de realidade e julgamento;

Também são descritas regiões que **não** colaboram com o sonho e os resultados foram reveladores, segundo os autores. Por exemplo: lesões na região central do tronco cerebral prejudicam o sono REM, mas a experiência consciente do sonho persiste. Isso leva à surpreendente constatação de uma separação entre os processos do sono REM e a experiência do sonhar. Inversamente, as regiões que ajudam na consciência do sonho (C, E e F), quando lesionadas, não interferem na produção do sono REM⁵⁵. Ainda foi identificado que outras áreas **neutras** para o sonho são aquelas igualmente responsáveis pelos controles executivo e motor voluntário. Considerando que essas

⁵⁴ A letra C corresponde à região frontal mediobasal, enquanto que E e F, às regiões do lobo parietal inferior do hemisfério esquerdo e do direito, respectivamente.

⁵⁵ Esses resultados contestam frontalmente as pesquisas de Allan Hobson e MacCarley, que concebem o sono-REM e o sonho como sinônimos.

funções corticais aproximam-se das funções psicanalíticas atribuídas por Freud à organização egóica (que, entre outras, incluem o controle executivo e motor), esse dado indiretamente vai ao encontro do que Freud apontara sobre o fato de que, para o sonho se desenvolver, é necessário que a censura do ego esteja enfraquecida ou, em linguagem neuropsicológica, não esteja completamente funcional, assim como aquelas áreas de fato não são importantes para o sonho (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 36).

Solms e Kaplan-Solms revisam a concepção neurocientífica tradicional sobre o sonho e propõem um modelo global sobre a sua organização neurodinâmica, em que cada aspecto é acessível à verificação empírica:

- A) O sonhar é motivado por um processo excitatório (*arousal stimulus*). O REM é o mais comum deles, porém não é essencial para o sono, já que existem sonhos não-REM.
- B) Tais processos excitatórios têm uma natureza motivacional e muito provavelmente regressiva. Através de algumas instâncias cerebrais seletivamente inibidoras, estímulos noturnos são deslocados para os sistemas posteriores do cérebro, responsáveis pelas sínteses perceptivas (*ibid.*, p. 37).

A “análise da síndrome” de certas lesões revelou então que a mesma área que têm um papel fundamental no desenrolar do sonho é também vital para o estado motivacional geral da personalidade. As disfunções na região frontal ventromedial provocam o cessar imediato do sonho e são acompanhadas de vários sintomas relacionados à perda da iniciativa e do interesse pelo mundo (“adynamia”). Esta região teria duplo papel no escoamento dos impulsos, ora direcionando-os ora inibindo-os. No sono, junto com outras estruturas seletivamente inibidoras, como a frontal-límbica que também tem a função de regular a atenção, o teste de realidade e o julgamento “desviam o processo excitatório do sistema motor e executivo do cérebro” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 36-7). As áreas que correspondem a essas funções têm que estar inativas durante o sono, caso contrário os impulsos seriam diretamente canalizados para as vias motoras, e o sono fica gravemente perturbado ou ocorre o despertar:

Esse cenário geral sugere que o sonhar é um processo mental regressivo, sendo desencadeado e, ao mesmo tempo, dependente dos estados excitatórios noturnos. Estes são desviados dos sistemas motores para os sistemas perceptuais. Os sistemas perceptuais superiores representam o

processo de excitação sob a forma de sínteses simbólicas e espaciais que são *projetadas regressivamente nas zonas visuais inferiores*. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 37, grifos nossos)

Assim, o sono fica preservado pelo sonho, o que vem confirmar a função protetora do sonho anteriormente sugerida por Freud em “A interpretação dos sonhos” (1900). Os autores falam da *regressão* das sínteses espaciais e simbólicas para a zona visual, uma vez que a representação visual concreta parece estar no estágio “terminal” do sonho e tampouco é crucial para ele; tanto que prejuízos nessa parte não impedem que o sonho aconteça. É possível um tipo de sonho esvaziado de imagens ou de aspectos como cor, percepção dos rostos ou do movimento (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 49). Outro fator é que a neuropsicologia contemporânea concebe o “padrão de ativação visual” como uma projeção invertida (*backward projection*) num sentido similar ao que Freud descreveu como “regressão topográfica”. Kaplan e Solms (2001, 2004), com base nisso, argumentam que o método de Luria da “análise da síndrome” mostra-se compatível com a teoria freudiana clássica do sonho em muitos aspectos.

De fato, alguns achados coincidem, apenas no nível geral, com alguns princípios que Freud identifica no estudo do sonho, no “Projeto” (1895) e em 1900, como a inversão da seqüência normal do aparelho psíquico (no sonho, passando a ser da motilidade para a percepção), o rebaixamento da censura do pré-consciente em 1900 ou o rebaixamento quantitativo do núcleo do ego e a parcial ausência do mecanismo da atenção em 1895. Em sentido geral, as operações inibitórias parciais daquelas estruturas cerebrais (região frontal ventromedial e frontal-límbica), principalmente ligadas à motivação/vontade e às funções executivas do aparelho, não contradizem as observações freudianas. Não é hora de prolongar essa discussão, mas é intrigante que os processos primários que governam o sonho, descritos por Freud em 1895, decorrem da quantidade que é escoada a partir do núcleo de ψ que, em Freud, é a instância propulsora do aparelho, portanto, de natureza também motivacional: “podemos supor que seja a *descarga (Entladung) do ego* que condicione e caracterize o sono” (FREUD, 1895, p. 382).

Devido ao papel central que a teoria dos sonhos ocupa no modelo freudiano do aparelho psíquico, Solms e Turnbull (2002) sugerem estender a aplicação da “localização dinâmica” para outros conceitos psicanalíticos, isto é, quando se tratar de esclarecer a ligação destes com sua organização neurodinâmica. Como se sabe, os

mecanismos inconscientes, tanto do sonho como dos sintomas, estão sob o efeito de resistências psíquicas que visam dificultar a compreensão das estruturas internas da personalidade. Quanto a estes aspectos, o método neuropsicológico sozinho falha; ele até pode ajudar a elucidar a organização neurológica da experiência consciente do sonho, mas não elucida seus processos inconscientes. E esse seria um exemplo prático, no âmbito da pesquisa em neuro-psicanálise, de contribuição científica que os autores acreditam que a psicanálise possa oferecer à neurociência, ou seja, oferecer um aparato de condições para que o investigador possa burlar as resistências psíquicas e alcançar os aspectos mentais inconscientes (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 40).

3.2 Casos clínicos da literatura neuro-psicanalítica

Veremos como se dá o procedimento clínico-investigativo de duas neuropatologias graves, através da combinação do método neuropsicológico com o potencial da relação analítica. Os dados foram coletados a partir da abordagem de indivíduos em regime de internação hospitalar em um programa de reabilitação neurológica. Os neuro-psicanalistas com formação em psicanálise procuram reproduzir o *setting* analítico, através da frequência das sessões, do atendimento individual, do estabelecimento de uma aliança terapêutica baseada na intimidade e na confiança entre duas pessoas e, sobretudo, pelo emprego da interpretação da transferência e da livre associação de idéias.

3.2.1 Síndrome ou psicose de Korsakoff⁵⁶

O relato clínico desses casos pretende estabelecer um paralelo entre as perturbações psicológicas e algumas observações anatômicas e, com base nisso, “fazer inferências sobre a contribuição funcional dessa parte do cérebro para o funcionamento *normal* da mente” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 48). Os quadros clínicos da síndrome de Korsakoff são caracterizados por:

- 1) Incapacidade de acumular novas memórias, *amnésia* para acontecimentos após a lesão. As memórias mais antigas são preservadas até um certo ponto, mas também são gradativamente atingidas.
- 2) *Confabulação*: distorção no preenchimento das lacunas de memória. Eventos e falsas crenças são criados. Parece haver outros déficits funcionais: a) Déficit na busca das memórias adequadas; b) Falta de questionamento/monitoramento das memórias evocadas; c) Dificuldades executivas mais gerais para monitorar suas percepções e seus desempenhos.

Considerando as alterações devastadoras que ocorrem nas vidas desses pacientes após a instalação do quadro neurológico, podemos questionar sobre as implicações éticas e prognósticas da sua abordagem psicanalítica. Kaplan e Solms (2004, p. 111) colocam que é difícil avaliar se esses indivíduos realmente podem ser auxiliados do ponto de vista psicanalítico - ao mesmo tempo em que é certo que o envolvimento emocional terapeuta-paciente é tão necessário quanto em qualquer outro tratamento psicológico -, assim como o fato de que ao conhecê-los enquanto pessoas, seus quadros, que de início eram apenas uma constelação de sintomas excêntricos, tornam-se inteligíveis. Por outro lado, a aplicação da psicanálise também poderia refinar o diagnóstico neuropsicológico e enriquecer a descrição clínica dos transtornos. A nosso ver, essa nova situação configura um outro uso para o método psicanalítico que não é o tratamento, mas sim a investigação do sentido dos conteúdos psíquicos. Essa constitui uma das sugestões de Kandel para a psicanálise no seu diálogo com as neurociências, o que nos faz lembrar da afinidade entre os dois programas apresentados até aqui.

⁵⁶ A síndrome de Korsakoff não é o mesmo que doença de Korsakoff. Esta é uma deficiência vitamínica resultante do alcoolismo que afeta determinada parte do cérebro. A síndrome é ocasionada por quaisquer processos que afetem partes específicas do cérebro (aneurismas, traumatismos, tumores, etc), portanto, não ocorre só em alcoolistas. Na síndrome de Korsakoff, apesar das controvérsias, os núcleos atingidos estariam à “frente do terceiro ventrículo”: tálamo dorsal, hipotálamo, núcleos da base e o córtex frontal.

Sublinhamos a continuidade, pelo menos parcial, estabelecida entre a neuro-psicanálise e o núcleo do programa de estudos de Kandel. O que está em foco é a finalidade investigativa do método psicanalítico, ou seja, o uso do método para a **investigação do significado** das produções mentais desses pacientes, o que justamente falta às neurociências.

Segue uma vinheta clínica indicativa de como o trabalho com as ferramentas analíticas clássicas pode ser feito em contexto adverso do *setting* analítico convencional, e lançar alguma luz no emaranhado de confabulações e associações exuberantes. Aqui, ficará evidente como o método psicológico clássico da introspecção ficaria inviabilizado, uma vez que o discurso do sujeito é entrecortado por uma série de lacunas que só se tornam compreensíveis a partir da hipótese dos processos inconscientes e de um modo de interpretá-los.

*Vinheta clínica*⁵⁷

O paciente foi atendido individualmente por Mark Solms (2004) por duas semanas, de segunda a sábado. Até a 9ª sessão, ele não conseguia reconhecer o médico, associando-o sempre a um colega da universidade, do futebol, etc. Na 10ª sessão, em meio à sua confabulação, ele o cumprimenta como médico e sabe seu nome, e em seguida diz:

Pac: “Acho que o problema é que está faltando um cartucho. Precisamos... precisamos das especificações, quais eram? Um C49? Devemos encomendá-lo?”

Solms: *Para que serve um cartucho C49?*

Pac: É um cartucho de memória, um implante de memória.

Paciente fizera alguns implantes dentários há alguns anos e na última sessão ele acreditava que o médico era um dentista.

Pac: “Parece que nós não precisamos mesmo desse troço, foi tudo cortado fora por um tal de Dr. Solms. Qual é seu nome? Dr. Solms, eu acho, mas não preciso desse troço, o implante funcionou bem.”

S.: “*Você sabe que tem algo de errado com sua memória?*”

⁵⁷ Cf. “O que é neuro-psicanálise”, pp.112-115.

Note-se que o analista acaba de fazer uma intervenção bastante direta, inserindo o contato com a realidade. Vejamos seu efeito.

Pac: (Interrompe) “Sim, não está funcionando 100%, mas não precisamos desse troço. Só faltavam algumas batidas. A Denise me trouxe aqui para consultar o Dr. Soms (...). Fiz um transplante de coração e agora está funcionando bem de novo, não perde uma batida.”

Denise é sua primeira esposa e não foi ela que o trouxe. O paciente já recebera uma intervenção cardíaca no passado. Segue o uso preciso da interpretação da transferência, que é seguida de uma reação afetiva por parte do paciente.

S.: ***“Você sabe que algumas coisas estão faltando. Algumas memórias estão faltando e é claro que isso é preocupante. Você espera que eu dê um jeito nisso, assim como os outros médicos resolveram os problemas com seus dentes e com seu coração. Mas você quer tanto isso que está tendo dificuldade em aceitar que o problema ainda não tenha sido resolvido”*** (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 114).

Pac: “Ah, sim não está funcionando cem por cento (toca a cabeça). Caí, perdi os sentidos, mas agora estou bem”.

Em seguida, o paciente fala de um especialista em medicina esportiva. Refere que ele mesmo tem apólice de seguro. Na seqüência da sessão, Solms continua apontando que a falta de memória é o que verdadeiramente atormenta o paciente. Este, então, imediatamente fica agitado, parece entrar no foco mais realístico do seu problema médico, porém, ao mesmo tempo, a ansiedade cresce e o paciente começa a falar em explosivos e detonadores. É interessante, nesse momento, notar que a emoção está surgindo; terapeuta e paciente não estão falando de um assunto intelectual. O *analista assinala que ele está perturbado com que está ouvindo, por isso as coisas estão perigosas*. O paciente começa a procurar um papel no bolso das calças, fica muito aflito, tira as calças, procura embaixo da cadeira. Analista entende que esse gesto representa como o paciente sente-se em relação à sua perda de memória: vulnerável, exposto e impotente.

Nesta sessão, Solms identifica um progresso terapêutico na medida em que, apesar da incoerência da fala e da defasagem dos fatos evocados, o paciente, além de conseguir reter a figura do analista, tocou no problema da memória mesmo que alusiva ou metaforicamente: “obviamente, ele está falando sobre sua memória. Embora esteja de fato falando sobre todo o tipo de outras coisas, subjacente a elas há algo que o guia, uma

consciência de sua perda de memória, o que foi um novo desenvolvimento” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 114-115).

Discussão

Para caracterizar o estado de mente desse paciente, Solms compara com a busca por uma estação de rádio, ou seja, a oscilação entre o emaranhado de pensamentos desconexos e o foco de uma mínima conscientização sobre seu déficit de memória:

ele ou ao menos parte dele está tentando achar a estação real, a verdadeira memória, ou a conscientização do que de fato está acontecendo no mundo dele num dado momento. Mas quando chega nessa estação, não consegue permanecer nela, e lá se vai ele de novo. Mas não simplesmente para qualquer lugar, permanece mais ou menos naquela faixa de ondas. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 116)

Solms diz que ele parece estar procurando algo, e a investigação da fala desconexa desses pacientes é similar ao trabalho de elucidação do sonho, o conteúdo das associações mostra imagens, pensamentos e cadeias mnêmicas que estão *simbolicamente conectadas* ao que ele de fato quer dizer. Destacamos que o papel do analista foi fazer “interpretações” muito simples, cujo efeito é uma breve conscientização: “então, você os sintoniza novamente, e, em seguida, eles desintonizam de novo” (*ibid.*, p. 116).

Solms diz que a confabulação não se deve simplesmente a uma falha cognitiva, o que chama a atenção é a emoção despertada em algumas “frequências de ondas” que ele não consegue suportar e algo *emerge* para suprir as lacunas deixadas pelo déficit. Há uma tolerância pequena para com a realidade, de modo que ao começar entrar em contato com a sua nova condição, ele perde o foco de novo: “esse paciente não sabe o que aconteceu há minutos atrás, nem quem é a pessoa que está sentada na frente dele e, tampouco, consegue suportar a consciência da realidade na qual está inserido” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 117), por isso o processo alucinatório entra em cena para substituir o que ele percebe (e o quanto percebe) por algo mais suportável para si mesmo. A parte da mente que monitora a realidade perde a potência para outros fatores dinâmicos e, segundo os autores, é possível identificar quatro categorias de pensamentos que emergem em defesa à realidade penosa.

A) Substituição da realidade externa pela psíquica

O contexto realístico vivenciado pelo paciente era a perda de memória. Note-se que ele supervaloriza pensamentos não condizentes com sua realidade objetiva, como dentes e coração. Essa substituição é motivada por um fator “emocional”, pois ele troca algo provavelmente incurável – as seqüelas de um AVC - por algo que deixou de ser fonte de ansiedade: o implante dentário e a angioplastia cardíaca no passado foram bem-sucedidos. Em outro caso, o paciente internado agia como se estivesse não no hospital, mas sim de férias, confinado num hotel caribenho, substituindo o desprazer de estar num hospital pela experiência de estar num outro ambiente não-familiar, porém agradável. Ele lia um livro sobre as pirâmides de Giza, mas, ao invés de fantasiar em nível simbólico, seus pensamentos eram tão concretos como sua experiência presente. Ele agia como se estivesse no Egito (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 209-211). Em outra situação, outro paciente (Sr. G) vivenciava a psicoterapia como se esta fosse uma conferência ou uma seqüência de cursos (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 218).

Solms refere que os indivíduos acometidos pela síndrome de Korsakoff também supervalorizam experiências oníricas tratando-as como se fossem reais, contam algo que supostamente acontecera na noite anterior quando, na verdade, não passara de um sonho. Não é à toa que a natureza distorcida das confabulações caracteriza um típico quadro psicótico, com a incapacidade para discriminar entre fantasia e realidade, o que foi descrito por Freud, em “Neurose e psicose” (1924), na formulação do mecanismo psicótico.

B) Ausência de contradição mútua

Esses pacientes concebem uma ou mais situações contraditórias e absurdas ao mesmo tempo: por exemplo, uma paciente tratava o doente do leito ao seu lado como se fosse seu marido mesmo na presença do seu verdadeiro marido, assim, quando confrontada, ela dizia que ambos eram seus maridos. Outro paciente (o mesmo Sr. G) contava aos outros que já tinha morrido apesar de estar presente para contar a experiência (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 216). Esse tipo de contradição é comum na psicose de Korsakoff, segundo os autores (2001, 2004), muitos parentes ou amigos estão mortos e vivos ao mesmo tempo e, quando confrontados, os pacientes apresentam as

racionalizações mais diversas e pitorescas. Esse fenômeno é acompanhado de um efeito cômico nas pessoas: “isso poderia ser compreendido - de acordo com a teoria do humor em Freud (1905) – como um efeito da irrupção inesperada dos mecanismos do processo primário nos processos secundários conscientes” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 210)⁵⁸. É interessante também que a morte não existe no inconsciente psicanalítico e, no caso desses pacientes neurológicos em que a doença libera organizações mais primitivas, eles insistem em negar a morte.

C) Atemporalidade

Eles apresentam acrogênese, a incapacidade de ordenar os eventos no tempo, fenômeno bem conhecido na neurociência cognitiva. Outro aspecto é a condensação do tempo (com a sobreposição dos acontecimentos), uma paciente diz que está em três hospitais ao mesmo tempo, quando de fato ela já esteve, mas em épocas diferentes e fazendo procedimentos diferentes. Então, o tempo é usado de várias maneiras, de acordo com suas necessidades: “para esses pacientes, o tempo não é um fator objetivo, e sim um construto teórico que se pode usar à vontade” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p.120). Um paciente (Sr. H) acredita que eram sempre 5 da tarde (não por acaso era o horário em que sua mulher o visitava) independente do horário cronológico, denotando, mais uma vez, a presença do fator emocional, ou seja, a confabulação não é aleatória “a realidade do desejo interno sobrepuja os fatos externos” (*ibid.*, p. 120). O Sr. H dizia que o aviso “não fume” era o relógio da parede que apontava 5:00 pm (uma realização de desejo distorcida), embora minutos antes ele tivesse reconhecido que ainda não eram 5:00 (2001, p. 209). Quando inquirido ele dizia que existiam vários tempos: o “tempo da terapeuta”, o “tempo dele”, “a hora certa”, o “tempo do hospital”, e assim por diante.

D) Processo primário

Um objeto substitui o outro à vontade, o colega de quarto torna-se marido, a psicoterapeuta torna-se colega da faculdade. Outro elemento identificado é a *concretização* visual e uma *coisificação* dos pensamentos abstratos, assim como o paciente que começa a procurar o papel no bolso quando percebe sua amnésia: “todos os deslocamentos, condensações, representações visuais evidentes nesses pacientes são

⁵⁸ Referência ao “Chiste e suas relações com o inconsciente” (1905).

identificáveis com o pensamento onírico. A linha do desejo fica bem aparente o tempo todo” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 121). Em Freud, a teorização sobre a relação entre os processos primários e os processos secundários começa no “Projeto” (1895) e estende-se para a segunda tópica sem alterações importantes. Em 1895, nota-se um mesmo traço de fluidez das operações aqui descritas, que correspondem ao modo de funcionamento por “compulsões associativas”, as representações são ocupadas livremente (ou seja, sem as intervenções do ego) de acordo com as facilitações preestabelecidas pelas vivências primordiais do aparelho neuropsíquico.

Numa perspectiva psicanalítica, Kaplan e Solms (2004) concluem que os sintomas desses pacientes apresentam qualidades semelhantes às do sonho, na medida em que se nota um inconsciente aflorado, apresentando sinais e traços característicos do que Freud atribuiu ao sistema inconsciente em “O Inconsciente” (1915). O princípio de realidade entra em colapso quando se instala a síndrome de Korsakoff:

Não podemos localizar o sistema pré-consciente inteiro nessa região do cérebro. Ainda assim, sabemos que alguma função desempenhada por essa área cerebral é essencial para esse sistema funcional como um todo, ao qual chamamos de sistema pré-consciente ou processo secundário. Com a remoção dessa função o que emerge, ou o que a substitui, é o que Freud denominou – sistema inconsciente – que é impelido pelo desejo e que ignora a realidade. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 123)

Os autores colocam que a compreensão psicanalítica dessa síndrome revela que seus sintomas não são simplesmente um déficit. A liberação do pensamento primário não ocorreria só nesse tipo de lesão, mas outros elementos do processo primário ocorrem em outras síndromes.

Gostaria de encerrar, reproduzindo na íntegra um trecho de Solms e Kaplan sobre o potencial da relação afetiva do processo de análise, quando se trata de levar em conta aspectos qualitativos e subjetivos da experiência vivida, o que pode ser indicativo, nesse sentido, de um dos papéis que a psicanálise pode vir a ter junto à neuropsicologia e à neurociência cognitiva:

Para um acesso mais direto a esses estratos mentais mais profundos de um paciente, seja ele portador de uma lesão cerebral ou não, precisamos vir a conhecê-lo como pessoa, dentro de uma relação psicanalítica, num *setting* profissional confiável [...]. Então, sem pressa observaremos a forma pela

qual os determinantes internos dos sintomas se desdobram gradativamente na transferência, por meio do teste de hipóteses que nos ocorram sob a forma de interpretações adequadas, por meio da observação que essas informações têm sobre o material analítico subsequente, e assim por diante. Em outras palavras, só poderemos elucidar adequadamente a estrutura dinâmica inconsciente de um sintoma mental por meio do método psicanalítico. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, p. 2004, 39-40)

3.2.2 Perturbações da auto-imagem na “síndrome do hemisfério direito”

Vejamos uma situação na qual Solms e colegas recorrem à teoria freudiana do narcisismo e à etiologia das neuroses narcísicas para examinar a estrutura inconsciente das desordens de personalidade presentes na chamada “síndrome do hemisfério direito”⁵⁹, uma designação geral para três categorias de sintomas:

1. *Anosognosia*: a não-consciência ou uma recusa quase alucinatória da hemiplegia, mesmo em face das evidências contrárias mais óbvias. Pode evoluir para uma forma mais branda na fase crônica, a *anosodiaforia*. Nesta, a doença é reconhecida apenas em nível intelectual, persistindo então uma negação psíquica. Os indivíduos podem ter uma atitude *emocionalmente indiferente*, parecendo não se preocupar com a seqüela das lesões.

O traço delirante desses sintomas é denominado de “alucinações somatoparafrênicas”. Os autores relatam que os indivíduos, quando forçados a tomar conhecimento do seu braço esquerdo paralisado, “estão mais propensos a aceitar que o braço pertença ao examinador, mesmo que isso implique em aceitar que o examinador tenha três braços, do que preparados a aceitar que o membro deficiente esteja ligado ao seu próprio corpo” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 50).

2. *Negligência*: ignoram o lado esquerdo do espaço (relativo à mão, perna ou braço ou a todo o conjunto). Às vezes não conseguem usar o braço esquerdo, ainda que este esteja preservado em nível instrumental. Quando confrontados negam que o órgão tenha qualquer ligação com seu corpo. A sintomatologia exuberante acomoda-se após a fase aguda da doença, passando a uma falha da atenção e da concentração quanto ao lado

⁵⁹ As desordens mentais, nesse caso, resultam de lesões na “convexidade perisylviana do hemisfério cerebral direito”, geralmente por acidentes vasculares ou traumas, cujas seqüelas físicas são paralisias ou hemiplegias na parte esquerda do corpo (mão e/ou braço). Esse distúrbio perceptivo da imagem corporal foi primeiramente relatado por Babinski em 1914.

esquerdo do corpo e um aborrecimento quando confrontados. Também é possível uma forma paradoxal da negligência, onde a indiferença é substituída pelo ódio/obsessão pela lesão (a *misoplegia*). Esses sintomas positivos, como veremos, ainda não foram bem integrados às explicações tradicionais sobre a síndrome.

3. *Perturbações espaciais*: incapacidade para vestir-se ou arrumar objetos no espaço (apraxia de construção), ordenar linhas em um papel, apesar da capacidade perceptual primária e a percepção motora mostrarem-se adequadas.

Na literatura neuropsiquiátrica, as explicações correntes para essa síndrome tomam como base a conceitualização clássica das funções normais do hemisfério direito, relativo à especialização lateral de suas funções, quais sejam, as de percepção e cognição espacial em oposição às habilidades lingüísticas do hemisfério esquerdo, e assim por diante: funções concretas em oposição às simbólicas, funções holístico-gestálticas em oposição às lógico-analíticas. Também acredita-se que o hemisfério direito seja dominante para as emoções negativas. Outros estudiosos, segundo Kaplan-Solms e Solms (2004), atribuem a ele o monitoramento de todas as emoções.

O fato comum entre as teorias mais tradicionais sobre a síndrome do hemisfério direito é que elas “não vão muito além dos dados diretamente observáveis” (2004, p. 55), e o raciocínio clínico empregado é bastante linear, ou seja, se as lesões no hemisfério direito trazem seqüelas perceptivas e espaciais, então, ele é o responsável pela espacialidade. Por outro lado, se as lesões produzem indiferença afetiva é porque este hemisfério representa a condição emocional, e assim por diante. As teorias mais recentes sobre a síndrome também não dão conta do problema. Uma delas, a do *despertar da atenção* diz que a lesão no hemisfério direito provocaria uma perturbação da atenção para o campo espacial correspondente. A outra teoria é a das *emoções negativas*: “quando o hemisfério (o direito) é lesionado os pacientes só têm acesso às emoções positivas intactas do hemisfério esquerdo e, portanto, sentem-se inadequadamente positivos com relação a sua condição” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 54). A terceira teoria está vinculada ao nome de António Damásio, segundo a qual, o hemisfério direito cerebral é responsável pela representação do estado visceral do corpo e pelo monitoramento emocional. Quando lesionado, a capacidade de apreensão da imagem corporal e das emoções estaria danificada, o que justifica um empobrecimento emocional.

Apesar de esses modelos explicativos serem testáveis empiricamente, o problema com eles é a sua simplicidade. Chamamos a atenção neste ponto sobre como a neuropsicologia pode se beneficiar da teoria freudiana das neuroses. É preciso levar em conta que, para Freud, as perturbações psíquicas são invariavelmente mais complexas do que aparentam à primeira vista, neste sentido, as teorias supracitadas revelam até mesmo uma ingenuidade. Na maioria das vezes, os mecanismos presentes no comportamento manifesto são opostos àqueles que motivam dinamicamente uma dada perturbação psíquica, como no caso das alterações que apresentam os mecanismos latentes de formação reativa, repressão ou negação defensiva. Ainda, segundo Freud, os conteúdos mentais são obscuros à primeira vista para qualquer forma de investigação e isso se deve ao fenômeno da “resistência psíquica”, clinicamente identificado pelas reações de culpa, ansiedade ou ira. Um grande exemplo de como os fatores psíquicos dificultam a análise imediata dos eventos mentais está na interpretação do conteúdo latente do sonho, o qual fica barrado pela censura e só vai ser acessado através de um trabalho específico de interpretação dos sentidos (FREUD, 1900). Ou seja, não é à toa que as motivações inconscientes não são acessíveis aos métodos neuropsicológicos convencionais. A própria psicologia freudiana utilizou-se de diferentes técnicas – como a hipnose e a técnica da pressão na testa - para vencer as forças da censura e da resistência até chegar à concepção da livre associação como núcleo do método psicanalítico.

Kaplan e Solms (2004) comentam um curioso experimento de Vilavanur Ramachandran (1994)⁶⁰ sobre a correção temporária dos déficits da síndrome do hemisfério direito, através da introdução de um jato de água gelada no ouvido esquerdo de uma paciente, cuja negação emocional da paralisia cessou completamente enquanto durou o efeito calórico: “isso é interpretado como uma correção temporária e artificial dos déficits de atenção entre os hemisférios” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 157). Quando a paciente é entrevistada sob o efeito da água gelada, ela relata a perda da função do braço e consegue notificar desde quando o fato ocorreu. Contudo, findo o efeito, os sintomas da negligência retornam e a paciente lembra-se de ter sido entrevistada há poucas horas atrás, porém rechaça especificamente o fato de ter reconhecido a paralisia e esquivava-se do assunto.

⁶⁰ Publicado na *International Review of Neurobiology*, p. 323.

Algumas considerações podem ser retiradas desse experimento, como o fato de que as informações relativas aos déficits foram registradas em algum nível na memória dessa paciente. Então, haveria um conhecimento inconsciente da perda sem a possibilidade de dirigir a atenção para ela. Ramachandran conclui que o mecanismo psicanalítico da repressão estaria subjacente a esse fenômeno, tanto que seu estudo ficou conhecido como uma demonstração experimental da “repressão” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001).

Contudo, o casal Solms diz que a repressão não é a única explicação psicanalítica para a síndrome do hemisfério direito: “as descobertas psicanalíticas clínicas que agora relataremos sugerem que esses pacientes estão de fato evitando o conhecimento inconsciente referente ao estado paralisado de seus corpos, porque *esse conhecimento é fonte de insuportável sofrimento para eles*” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 160, grifos nossos). Por que essa informação torna-se tão intolerável para esses indivíduos, enquanto que o mesmo não ocorre com as lesões na região correspondente do hemisfério esquerdo? O que motiva essas pessoas a não entrarem em contato com a realidade física e com as mudanças na sua auto-imagem? A discussão será encaminhada pelos autores a partir da teoria freudiana do narcisismo, uma vez que o quadro neurológico é acompanhado de uma *grave perturbação da auto-imagem* (CHANGEUX & RICOEUR, 2001, p. 55).

Serão apresentados quatro casos abrangendo toda a sintomatologia da síndrome⁶¹. O primeiro deles, o Sr. C, 59 anos, não negava explicitamente a paralisia do braço, mas minimizava-a e racionalizava o fato, dizendo que o braço parecia um pedaço de “carne morta”, “só um pouquinho bobo e preguiçoso”. O que chama a atenção é que ele tratava a parte esquerda de seu corpo *como se não fosse sua*, inclusive, ignorava o examinador quando este se sentava do seu lado esquerdo. Com relação à equipe de profissionais, apresentava-se alheio e arrogante, uma postura tipicamente narcisista. Era bastante intolerante às recomendações médicas e às normas hospitalares; o Sr. C também endereçava à equipe de saúde constantes demandas de atenção e cuidados, o que a psicanalista que conduziu as sessões de psicoterapia também descreveu como um outro comportamento narcisista.

⁶¹ Em todos os casos, a lesão foi gerada por acidentes vasculares cerebrais na distribuição da artéria medial direita.

Nas sessões, observou-se que o Sr. C tratava seu braço do mesmo modo que o fazia à equipe de enfermagem, como uma parte da realidade externa que o incomodava muito por não cooperar com suas vontades. Apesar da aparente invulnerabilidade, havia momentos em que o Sr. C irrompia em episódios breves de choro. Neste ponto, os testes psicométricos convencionais poderiam falhar, esse fato provavelmente não seria detectado por um MMI ou outra escala de depressão, porque o Sr. C estava na maior parte do tempo indiferente o suficiente para ignorar seu verdadeiro estado emocional de disforia, de modo que este não seria identificado pelos questionários padrões. Quando lhe perguntavam como ele estava, ele sempre respondia “muito bem” e tecia racionalizações.

A passagem de uma sessão exemplifica, mais uma vez, a aplicação da técnica psicanalítica à investigação das motivações psicodinâmicas da sintomatologia do Sr. C. Inicialmente, o paciente conta das dificuldades que tivera para executar os exercícios nas últimas sessões de fisioterapia, porém atribuindo àqueles profissionais as dificuldades que eram derivadas do seu déficit:

“Karen respondeu que era difícil para ele tomar contato com os problemas causados pelo derrame, mas parecia que tinha, naquele momento, mais condições de fazê-lo. O Sr. C reagiu como se a Karen não houvesse falado nada. Ele disse que a fisioterapia “ia” bem, mas que seu braço não havia progredido como ele esperava. Nesse momento, ele subitamente se ausentou da conversa com ela e começou a exercitar seu braço e sua mão esquerda com a mão direita. Karen comentou que parecia que ele não conseguia esperar e queria que o braço se recuperasse imediata e totalmente. “Não”, respondeu ele, retornando momentaneamente a suas racionalizações. “Eu só não quero que meu braço esquerdo fique fraco pela falta de uso”. Karen replicou que talvez fosse doloroso demais tomar contato com o que ele estava prestes a reconhecer no momento anterior – ou seja, que seu braço estava, de fato, totalmente paralisado – e que saber se o braço se recuperaria ou não estava totalmente fora do controle dele. Esse comentário provocou um desabamento instantâneo de sua expressão facial, com irrupção de uma emoção dolorosa próxima às lágrimas. Virando-se para Karen, disse em desespero: “Mas olhe meu braço [apontando para o braço esquerdo], o que é que vou fazer se ele não recuperar? (Esse foi seu comentário mais reflexivo até o momento, envolvendo um reconhecimento pleno de sua

problemática – um momento de fato sem defesas). Então, o Sr. C fez um longo silêncio, após o que reverteu para seu estado usual de aparente indiferença”. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 66-67, grifos nossos)

Sublinhamos as intervenções psicanalíticas pontuais, uma interpretação-contínua e uma confrontação, respectivamente. Elas mostram dinamicamente como o paciente indiferente chega a conscientizar-se de seu estado físico e de sua fragilidade emocional, dando vazão a sentimentos suprimidos. Assim: “as intervenções de Karen, planejadas cuidadosamente no tempo e verbalizadas com tato na situação analítica, tiveram o mesmo efeito que a estimulação calórica de Ramachandran produziu na situação experimental anteriormente descrita” (2004, p. 68). A situação analítica trouxe, portanto, a correção temporária do déficit durante a sessão, através de intervenções adequadas, e seus resultados vão questionar as hipóteses correntes sobre a síndrome do hemisfério direito, como a que diz tais os indivíduos não teriam emoções negativas ou não perceberiam adequadamente seus corpos. Mais que isso, o que lhes falta é a *inclinação* para permitir que esse conhecimento entre na esfera consciente (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, 2001).

Em outro caso, Sra. B, de 55 anos, há 18 anos paralisada por um AVC que afetou o rosto, braço e perna, caminhava com ajuda de uma bengala. Assim como o Sr. C, a Sra. B apresentava crises súbitas de choro, que ela relacionava a sentimentos tristes, mas com grande distanciamento. A paciente ignorava o motivo de sua tristeza, mas tudo indicava que fosse em função de suas deficiências físicas, embora ela persistentemente refutasse tal idéia. Os autores assinalam que, nestes dois casos, as emoções negativas de natureza depressiva irrompem na forma de breves conscientizações. O caso do Sr. C e o experimento de Ramachandran indicam que a dinâmica psíquica desses pacientes é mais complexa, eles *percebem* inconscientemente seus danos corporais: “eles sabem perfeitamente bem o que aconteceu aos seus corpos, mas não querem sabê-lo” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 172). Resta saber, segundo os autores, por que os pacientes com a síndrome do hemisfério direito padecem dessa forma pelo mecanismo da repressão e, principalmente, apresentam negação e aspectos depressivos, enquanto que os lesionados em outras regiões não: “o que se passa com esses pacientes que eles são tão intolerantes com relação a emoções depressivas, bem como a sentimentos associados à perda e

dependência?” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 172). A investigação psicanalítica de ambos aponta para o uso de defesas narcísicas.

Antes de discutirmos esse fato, seguem mais dois casos de lesão na região perisylviana direita, porém com reações emocionais distintas do Sr. C e da Sra. B.

Num deles, a Sra. A, 61 anos, severamente prejudicada em termos de percepção do espaço e de motricidade (o derrame levou-a ao uso da cadeira de rodas). Embora ela não reconhecesse conscientemente as perdas, já tentara suicídio duas vezes e apresentava um quadro clínico de depressão. Na verdade, os três casos apresentam vivências emocionais profundamente negativas e fica difícil sustentar aquela tese de que a usual indiferença dos pacientes seja por uma deficiência literal para o afeto negativo, como propõe uma das teorias tradicionais sobre a síndrome: “no entanto, isso é inteiramente compatível com a teoria alternativa de que a hipoemocionalidade é apenas *aparente*; que as emoções negativas não estão *ausentes* nesses casos, mas sim suprimidas em termos dinâmicos” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 75). A teoria alternativa a que ele se refere é a psicanálise.

No outro caso (Sr. D), o paciente recuperava-se da negligência e começava a apresentar ódio pela mão esquerda (*misoplegia*). Assim como o Sr. C, este também agia *como se sua mão não fizesse parte de seu corpo*. Esse paciente sofria intensos ataques de agressividade, semelhantes a uma fúria narcísista, transferindo esse ódio também para a equipe hospitalar. Temos a Sra. A com uma franca melancolia associada à inconsciência de sua deficiência física e o Sr. D que, ao invés da indiferença, era obcecado por sua lesão. Ambos seriam casos atípicos da síndrome do hemisfério direito, porém a teoria psicanalítica poderá acomodar essas aparentes disparidades, como também revelar uma mesma estrutura psíquica para os quatro casos descritos.

De acordo com os Solms (2004, 2001), a apresentação clínica da Sra. A era prontamente condizente com o quadro de melancolia em moldes semelhantes ao que Freud descreveu em “Luto e melancolia” (1917). A melancolia era em função da sua grande perda (da condição saudável, da integridade corporal, da independência, etc), acompanhada imediatamente de um ódio auto-dirigido. Do ponto de vista do senso comum, ela tinha de fato muitos motivos para estar deprimida. No entanto, essa perda só era vivenciada em nível inconsciente, pois apesar de lamentar-se da dependência, a

paciente continuava ignorando o verdadeiro motivo da perda de sua vida anterior: a paralisia pós-derrame, o que seria óbvio para nós. Freud (1917 [1915]) diz que o melancólico até pode identificar o que perdeu, mas não sabe *exatamente* o que perdeu no objeto e esse parece ser um típico exemplo. Como sua perda processava-se inconscientemente, a Sra. A ficara impossibilitada de fazer o luto normal da auto-imagem saudável, antes de tudo, “ela não podia admitir conscientemente o pleno horror do que havia acontecido” (2004, p. 79). Essa profunda negação explica os sintomas de negligência e anosognosia, mas não seu auto-desprezo. Para defender-se da percepção de sua imagem alterada, a Sra. A, segundo os autores, *introjeta* a imagem do corpo íntegro: “esses pacientes não podem suportar o contato com a perda de um objeto amado e, então, negam essa perda introjetando o objeto perdido (...). Eles retêm o objeto perdido dentro de si, sob a forma de uma introjeção inconsciente” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 80).

Como segundo Freud (1917 [1915]), na base da melancolia encontra-se uma *relação de objeto narcísica*, os autores afirmam que precisamente era esse o tipo de relação que a paciente mantinha com seu corpo e com os objetos externos, inclusive com a percepção do espaço a sua volta⁶². Provavelmente, a Sr. A não elaborou suficientemente sua ansiedade de separação e nunca aceitou plenamente a existência separada dos objetos, acreditando sempre poder contar com o controle onipotente de seu corpo: “por isso é que a perda de tal objeto é tão especialmente intolerável. Abala nosso sentimento de onipotência infantil, força-nos a reconhecer nossa real dependência do mundo objetal e, conseqüentemente, produz um ferimento sob a forma de uma falha em nosso narcisismo”(KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 80). Na verdade, a relação com o corpo é sempre ambivalente em sua origem, assim como o próprio mecanismo da introjeção cujo protótipo é a oralidade.

Considerando as noções freudianas de auto-erotismo e narcisismo, o corpo como modelo do primeiro objeto de amor é tudo, menos passível de controle narcísico: é

⁶² Os autores utilizam a precedência do ego corporal para explicar o papel do corpo na gênese das primeiras relações objetais de amor e ódio (*ibid.*, p. 81). Contudo, a compreensão das relações objetais primitivas não pode abrir mão das noções de ego corporal e de narcisismo, não só pela sua importância para os primeiros contatos libidinais com o mundo, mas principalmente para a formação da auto-imagem do sujeito. Dada a sua importância para a síndrome, esse último aspecto não foi devidamente explicitado na bibliografia consultada. Aqui nos parece relevante também o papel da noção de ego-prazer e ego-realidade (FREUD, 1911, 1915), elucidativas dos mecanismos identificatórios entre sensações aprazíveis e não-aprazíveis e da conseqüente discriminação entre ego e não-ego.

fonte de satisfação auto-erótica, mas também é a origem de perturbações constantes (fome, frio, sede, necessidade de um objeto externo, etc), além de ser identificado a certas porções da *odiada* realidade externa, como na discriminação inicial sujeito-mundo, que Freud faz coincidir com as primeiras noções de interior e exterior (FREUD, 1915, p. 130, 131). A identificação narcísica na base da introjeção é acompanhada, então, de uma regressão do amor objetal ao narcisismo infantil e de uma “des-fusão” pulsional e dissociação do ego em partes boas e em partes odiadas, explicando o ódio auto-infligido desta paciente⁶³ (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 83 e p. 87).

Complementando a discussão dos autores, diríamos que a introjeção remodela o próprio ego, dividindo-o entre parte identificada com o corpo saudável e o restante do ego. Assim como na identificação narcísica do melancólico, a hostilidade para com o objeto passa a atuar dentro do ego, recriminando-o e dando margem à satisfação de impulsos sádicos e precipitando, como na Sra. A, o suicídio, ou seja: “... uma parte do ego se contrapõe à outra, avalia-a criticamente, toma-a como objeto, por assim dizer” (FREUD, 1917, p. 245). Segundo Freud, o ego passa a ser tratado como se fosse o objeto perdido, numa nítida operação de autoflagelo. Após a identificação com o objeto, uma relação ambivalente é reconstruída dentro do ego, agora dividido entre parte boa e parte má. De fato, todas as identificações guardam um traço de ambivalência, porque as primeiras identificações tiveram como modelo uma relação oral canibalística (FREUD, 1905; FREUD, 1923; LAPLANCHE, 1998). Em síntese, a Sra. A odiava a realidade externa tão frustrante da sua deficiência, no entanto, após a introjeção esta realidade repulsiva passou a coincidir com uma parte do seu ego, então, ela “odiava a parte de si da qual não mais podia depender e que não mais lhe dava suporte” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 84). Quando esse paradoxo é apontado em forma de interpretação, a paciente reconhece, pelo menos por um tempo, que estava hemiplégica e responde à intervenção da mesma forma que a paciente de Ramachandran havia respondido à estimulação calórica e da mesma forma que a Sra. B e o Sr. C, quando suas defesas também se desfizeram nas sessões de análise (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 84-5).

⁶³ Para compreender a divisão ambivalente do ego, Freud explica que “a sombra do objeto caiu sobre o ego (...). Dessa maneira, a perda do objeto tornou-se uma perda do ego, e o conflito entre ego e a pessoa amada, em uma divisão entre ego crítico e o ego alterado pela identificação” (FREUD, 1917, p. 246-247)

Então, além da repressão, haveria outros aspectos em comum em todos os casos: “qualquer reconhecimento de seu presente estado imperfeito, lesionado e dependente era intolerável” (*ibid.*, 2004, p. 95), e bastou uma intervenção psicanalítica apropriada para haver um reconhecimento dos afetos depressivos associados à perda da função motora. Os autores apontam que, nos três primeiros casos, há um *fracasso no processo de luto* em relação à perda da integridade corporal e uma regressão ao narcisismo, uma vez que esses indivíduos mantinham uma relação de objeto narcísica consigo (seu corpo) e com os objetos da realidade muito antes da doença neurológica.

Como será esclarecido ainda, as funções do hemisfério direito conferem uma peculiaridade à melancolia: os componentes objetais cindidos dentro do ego são tratados *concretamente* como realidades externas distintas. Kaplan e Solms encontram na teoria freudiana do narcisismo e na etiologia da melancolia uma explicação para a relação ambivalente desses pacientes com seus membros deficientes: “ao invés de fazer o luto pela perda de seus corpos saudáveis da forma normal (como o fazem os pacientes do hemisfério esquerdo), esses pacientes instituem medidas defensivas maciças, designadas a protegê-los contra qualquer percepção da perda” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 86). Os mecanismos defensivos variam de acordo com o caso. Nos dois primeiros, Sra. B e Sr. C, as defesas narcísicas entram num colapso momentâneo, mas logo são restabelecidas, enquanto que, no caso da Sra. A, elas falham completamente. Ela negava a sua perda através da *introjeção*, e havia uma identificação com o objeto perdido, isto é: “seu braço intacto ainda estava preservado com segurança dentro de si, na parte inconsciente de seu ego; portanto, o braço paralisado era negligenciado e a deficiência, negada” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 80).

Lembrando que as neuroses narcísicas também incluem a paranóia, Kaplan e Solms (2001, 2004) relatam que, no caso do Sr. D, havia uma constelação paranóide agressiva, com uso maciço da *projeção*. Ele fazia ataques agressivos à sua mão, verbalizando desejo de que esta fosse substituída por uma “garra de metal” e, beirando a alucinação, referia a intenção de morder a sua própria mão e cuspir os pedaços, picando-a e mandando pelo correio para o cirurgião: “note-se que a reação do Sr. D a esse ferimento narcísico era expelir a mão - e todos os maus sentimentos associados a ela - para fora da esfera de seu onipotente e amado ser” (2004, p. 94). Assim, pelo menos em fantasia, ele

conseguiria separar de fato a mão odiada de seu corpo narcísico e vê-la “substituída por algo que fosse da ordem do não-eu” (idem, p. 95).

Solms e Turnbull (2002) sublinham que, de fato, a *mesma área lesada* pode produzir reações emocionais opostas. De um lado, a negação do déficit (Sra. A) e de outro (Sr. D) hostilidade persecutória em relação ao mesmo. Na verdade, os pacientes com ódio declarado para seu problema físico apresentam um funcionamento psicodinâmico no qual “eles também atacam a percepção interna de sua perda, mas ao invés de tentar se matar (como a Sra. A), eles reagem literalmente tentando arrancar a auto-imagem odiada (danificada) – ou partes dela – do resto de si mesmo, no sentido de preservar seu self intacto” (SOLMS & TURNBULL, 2002, p. 269). A Sra. A estava identificada com o objeto perdido (a imagem saudável do corpo), que após ser reconstruído dentro do ego, tornou-se objeto interno mau, explicando seu impulsos auto-destrutivos. No caso do Sr. D, também houve a mesma regressão ao narcisismo e subseqüente retração da libido objetal para o ego, mas ao invés de guardar o objeto danificado consigo ele continuamente *expulsa* o que é sentido como suas partes más e assim externaliza sua raiva narcísica ao invés de ficar intoxicado por ela e tentar se matar.

Kaplan e Solms (2001, p. 193-194) referem que, desse modo, ele ficava persecutório com relação à realidade externa e com isso mantinha afastado o impulso suicida, porque a ameaça era vivenciada sempre como vindo de fora: por parte dos cirurgiões, da mãe-hospital negligente, e assim por diante. Mesmo a sua mão, em fantasia, fazia parte dessa odiada realidade externa, de modo que seus impulsos sádicos eram intercomunicáveis entre si; ora ele odiava sua mão, ora a equipe e os demais.

Finalmente, em acréscimo às teorias convencionais sobre a “síndrome do hemisfério direito”, que são, em geral, muito presas à observação direta da sintomatologia, a investigação psicanalítica traz uma formulação alternativa inteiramente mais complexa, sendo prontamente “capaz de dar conta do fato de que a *mesma lesão pode produzir dois estados emocionais diametralmente opostos*” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 98), mas com uma mesma estrutura de personalidade, qual seja, a estrutura narcísista. O Sr. D apresentava uma sintomatologia da convexidade perisylviana direita completamente atípica em relação aos aspectos usualmente explicados pelas diferentes teorias neurocognitivas:

ele apresentou, de quase todas as formas, exatamente o oposto dos sintomas emocionais preditos por essas hipóteses. Ele não apresentou negligência ou deixou de dar atenção ao lado do corpo referente à mão esquerda: ele era, sem sombra de dúvida, obcecado por ela (...). E, acima de tudo, não era deficiente com relação à afetividade negativa: ele era um caldeirão fumegante de agressividade e ódio. Não vemos como explicar um paciente que se apresenta dessa forma dentro da moldura [*framework*] das teorias cognitivas dominantes. (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 195)

Uma organização narcisista de personalidade está presente tanto nos casos de *ignorância* do déficit ou de aparente indiferença, como naqueles em que o indivíduo está *obcecado* pela lesão e ainda nos casos de reação depressiva declarada. A diferença está nos mecanismos defensivos utilizados, *grosso modo*, a negação, a repressão, introjeção e projeção, os quais só foram identificados pelo alcance e sutileza das observações psicanalíticas.

3.2.3 *Das neuroses narcísicas de Freud a uma “metapsicologia da cognição espacial”*

É possível que a concepção do narcisismo contribua para a compreensão não apenas dos aspectos emocionais do quadro (afetos depressivos e a recusa da auto-imagem), mas também auxilie na apreensão dos *distúrbios cognitivos das relações espaciais*. Dissemos que alguns pacientes sofrem uma drástica alteração de seu eixo de orientação espacial, onde parece que a natureza aloclétrica e independente do espaço perde seu significado. O que assistimos é que o espaço passa a ser organizado de uma maneira estritamente narcísica e pessoal. Mais uma vez, considerando a precedência do ego corporal para a formação das representações objetais internas e externas, é possível que nos portadores da síndrome do hemisfério direito “*as catexes de objeto externo entram em colapso dentro do ego*, resultando cognitivamente num verdadeiro colapso do espaço externo e, com isso, num abandono em diversos níveis da existência independente das coisas externas” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, p. 184). Como Kaplan e Solms (2001, p. 47) relataram na neurodinâmica dos sonhos, outra estrutura do hemisfério direito (o lobo parietal) está vinculada à apreensão das informações externas e internas em nível concreto. É necessário cautela e maiores investigações, no entanto, nesse contexto, parece razoável especular que a retração da libido narcísica em nível psíquico, quando

relacionada dinamicamente a certas estruturas do hemisfério direito, *leva junto consigo a capacidade neuropsíquica do sujeito representar o espaço de maneira concreta.*

É possível ainda extrair alguma informação sobre a relação entre esses dados e as funções normais do hemisfério direito, no que os autores chamam de uma espécie de “metapsicologia da cognição espacial”, em que a noção de narcisismo faria a ligação entre os aspectos emocionais e cognitivo-espaciais do funcionamento desse hemisfério. Atualmente, a neuropsicologia postula que a convexidade do hemisfério direito é especializada na apreensão das relações com o espaço externo concreto, nesse sentido, é sugerido que “ele seja um veículo para as *catexias de objeto total*, que ele é um componente crucial do substrato neural para a representação de objetos externos reais *que são percebidos como separados de nós mesmos*” (*ibid.*, 2001, p. 198). É provável que com a paralisia, haja perda parcial da representação do esquema corporal da pessoa *enquanto coisa* – uma função proporcionada pelo hemisfério direito, agora afetado – e reproduza-se a mesma repercussão emocional de um golpe narcísico, uma vez que na ausência da função que representa o corpo concretamente, esses indivíduos teriam uma auto-imagem patologicamente mutilada do ponto de vista neurológico.

As particularidades comportamentais e psicológicas que daí decorrem levam os autores a teorizarem que “a lesão perisylviana direita mina radicalmente os *meios* de transformação da libido infantil narcisista em amor objetal amadurecido e realista” (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2004, p. 100). Esse é o fator específico dessa síndrome que a “distingue das lesões equivalentes na região perisylviana do hemisfério *esquerdo*, onde os objetos são representados não concretamente, mas simbolicamente, como palavras, e não como coisas” (*ibid.*, p. 100). No hemisfério direito, portanto, os objetos teriam uma representação em sentido concreto e totalizado, por isso quando o objeto perdido (que no caso destes pacientes é representado pelos aspectos saudáveis de seus corpos) é dividido em partes amadas e partes odiadas – o que é próprio da melancolia -, e estas partes são tratadas como se fossem verdadeiros objetos separados, o que explica incapacidade de se perceberem em sentido total, elucidando a natureza bizarra dos sintomas. Enfim, nesta síndrome, assistimos a um colapso das relações objetais ambivalentes do ponto de vista *concreto*. Ou como coloca Changeux:

A conseqüência dessa lesão pode comprovar uma **grave perturbação da imagem de si mesmo**. A percepção da imagem do corpo requer, pois, a

integridade desta área somato-sensorial. Não se diz que esse território seja a sede única da imagem do corpo. Porém, a lesão produz uma separação que os neurólogos chamam de ‘dissociação’ no senso da percepção global do conjunto do corpo. (CHANGEUX & RICOEUR, 2001, p. 55)

Na mesma linha de investigação, os autores consultados nesse capítulo ainda examinam outro tipo de distúrbio de personalidade pós-lesão neural, as lesões frontais ventromediais, que com manifestações diferentes da síndrome do hemisfério direito esclarecem sobre o funcionamento dessas últimas. As lesões ventromediais parecem contribuir, com alguns substratos neuroanatômicos, para as representações narcísicas mais primitivas na base das funções regulatórias do ego e do superego, que entram em total colapso nos casos ventromediais, culminando em quadros psicóticos completos. Na síndrome do hemisfério direito, essas funções ficaram preservadas em sua maior parte, e apenas alguns aspectos da personalidade adquiriram um funcionamento psicótico. Kaplan e Solms (2001, 2004) sugerem que a interpolação entre as duas síndromes tende a confirmar que as representações objetais e as memórias, assim como Freud postula na carta 52 e em “A interpretação dos sonhos” (1900), estão registradas mais de uma vez em “cascata”, que “vão desde as representações de objeto total (ligadas às imagens perceptuais concretas) registradas no nível relativamente superficial do córtex perisylviano direito até, mais abaixo, nas representações de objeto narcísico” (2004, p. 99), que seriam primariamente mais suscetíveis às modificações fisiológicas na região ventromedial.

Embora essa nos pareça uma hipótese bastante ousada e que demanda uma maior investigação, pelo menos de um ponto de vista evolutivo e do desenvolvimento psicosexual, não estão incorretas: se as funções mais maduras (como a representação de objeto total) são adquiridas mais tardiamente, então, é condizente que se situem nos estratos mais superficiais do córtex cerebral. No entanto, essas hipóteses requereriam outras análises para que esses achados iniciais possam ser mais bem desdobrados e compreendidos.

A intenção imediata com esse extenso relato sobre as aplicações do método neuro-psicanalítico às patologias do sonho e às síndromes de Korsakoff e das lesões do hemisfério direito era demonstrar que a teoria e o método da psicanálise podem

complementar, acrescentar e até confrontar aquelas teorias do campo neuropsicológico que não explicam satisfatoriamente alguns transtornos neuropsiquiátricos vigentes.

Síntese - Primeira parte

A descrição do programa da neuro-psicanálise e do programa neurocientífico de Kandel atendeu a dois objetivos principais. Primeiro, demonstrar que as correlações empírico-conceituais não vão adiante se não houver o embasamento em um quadro conceitual comum entre a psicanálise e as teorias neurobiológicas, que, no caso da neuro-psicanálise, surge da junção entre os princípios psicanalíticos e as formulações da neuropsicologia. As puras correlações presentes nos estudos comparativos fariam da psicanálise apenas um grande banco de dados (para teste de hipóteses), e ela pode oferecer mais do que isso, pelo menos, na concepção dos autores aqui trabalhados (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001; SOLMS & TURNBULL, 2002). Em segundo lugar, a neuro-psicanálise traz um exemplo de pesquisa multidisciplinar que aponta uma direção de como a psicanálise freudiana pode oferecer uma contribuição para problemas que desafiam a neuropsiquiatria e a neuropsicologia contemporâneas.

Vimos que os neuro-psicanalistas procuram levar suas formulações até o limite absoluto das evidências clínicas e do conhecimento neuropsicológico. Foram identificadas regiões anatômicas que contribuem para uma determinada função psicológica, mas não significa que uma compreensão das síndromes ficaria impossibilitada na ausência daquele conhecimento sobre a anatomia. Não se pode dizer que a função mental esteja localizada ou tenha sede naquelas regiões neuroanatômicas, uma vez que o papel da anatomia na execução da função não é totalmente claro. Por exemplo, o papel do hemisfério direito na representação da percepção no nível concreto contribui para a compreensão do distúrbio da imagem corporal na anosognosia, mas essa é apenas uma hipótese geral que requer investigações complementares. A conclusão dos autores é de que o aspecto afetivo da síndrome foi mais bem explicado pela teoria do narcisismo e pela melancolia. É preciso ressaltar também que a concepção de localização dinâmica independente da anatomia - como Luria sugere e também dentro do ponto de vista funcional assumido por Freud em 1891 - enfatiza a caracterização de um grupo de

funções e não uma localização restrita, como ocorria no movimento localizacionista do século 19.

Nos estudos neuro-psicanalíticos, nota-se uma combinação de metodologias, uma referente à organização microscópica e morfológica do sistema nervoso (com o uso da neuroimagem funcional e do conhecimento neuropsicológico) e a outra metodologia referente à experiência afetiva e ao mundo interno do ponto de vista psicodinâmico, para a qual se buscou um complemento no método psicanalítico. Enfim, também parece se abrir para a psicanálise um campo inédito de distúrbios psíquicos a serem explorados. Voltamos a reforçar que o diálogo científico com a psicanálise pode ser fecundo nas duas direções, se não se tratar simplificaradamente de passar a psicanálise a limpo pelos procedimentos científicos. Ao que parece, esse não é o objetivo nem do programa de Kandel, nem da neuro-psicanálise.

Nessa tese, não se trata, prioritariamente, de defender ou de criticar os trabalhos de convergência entre a psicanálise e as ciências do cérebro. As duas posições ficam sem um maior respaldo no atual estágio de desenvolvimento das pesquisas. Contudo, como o interesse de muitos neurocientistas pela psicanálise tem sido alvo de constantes discussões e, principalmente, de resistência por parte dos psicanalistas, procuramos, sistematicamente, descrever o contexto de surgimento de duas principais propostas de diálogo com a psicanálise - a neuro-psicanálise e o *framework* de Kandel -, a fim de elucidar os princípios norteadores de ambos e indicar pontos onde essa interlocução pode vir a ser proveitosa e aspectos potencialmente mais problemáticos.

É bem verdade que esse novo campo extra-disciplinar que se apresenta nas investigações sobre a relação mente-cérebro e o que alguns autores propõem como uma nova biologia da mente carece de uma sistematização, o que começa a ser buscado com os novos trabalhos. Todavia, uma boa parte das discussões sobre a necessidade de um diálogo extra-disciplinar apresenta generalizações que dificultam uma reflexão mais realística, tais como: o *framework* impõe que a psicanálise se transforme em uma disciplina cognitiva ou que os novos parâmetros neurocientíficos ou neuro-psicanalíticos vão substituir os fundamentos da psicanálise no século 21 ou, ainda, que a interlocução com as neurociências pressupõe um automático reducionismo biológico ou uma adesão à ciência positiva dominante. Queremos apontar que questões como estas precisam ser remetidas ao próprio enquadramento metodológico e conceitual do programa de pesquisas

a que se dirigem, para não gerar conclusões apressadas (algumas, inclusive, ingênuas) e até simplificações daquela proposta. Ora, é provável que a recuperação do naturalismo da metapsicologia freudiana traga conseqüências para a psicanálise contemporânea. Todavia, não se sabe quais serão os resultados destas mudanças, porque as pesquisas e os diálogos sobre uma integração encontram-se em fases iniciais.

A proposta de Kandel não só é representativa daquelas pesquisas do final do século 20, que deflagraram uma visão inovadora sobre a plasticidade cerebral, como ele também pode ser pensado como o principal porta-voz, nas neurociências, dessa redescoberta da psicanálise. O programa de estudos de Kandel representa uma linha de pensamento em neurociência cognitiva que defende a incorporação da neurobiologia molecular ao estudo das funções mentais complexas, juntamente com a busca de um complemento nas abordagens psicodinâmicas.

Em síntese, pelo que foi levantado através de ambos os programas, não parece haver uma tentativa de descaracterização da psicanálise ou a substituição de sua teoria ou psicoterapia por modelos ou estratégias da neurociência. O que, primeiramente, está no foco da discussão sobre uma interlocução entre as neurociências e a psicanálise é o grau de contribuição que a teoria psicanalítica viria a oferecer para a integração dos dados da pesquisa neurobiológica, de um lado, e a correção de alguns prejuízos no método de investigação da psicanálise, decorrentes do seu afastamento com relação à biologia e ao quadro acadêmico durante a última metade do século 20, fato que também teria acontecido com a psiquiatria. Não obstante, Kandel (1998, 1999, 2001, 2007) procurou explicitar, em diferentes oportunidades, que a psicanálise poderia melhor sustentar suas teorias se não negligenciasse o moderno cenário científico do campo psicológico – hoje em dia, em grande parte, representado pelas ciências cognitivas e pela psicologia cognitiva. Do ponto de vista de uma teoria da mente e de uma investigação rigorosa sobre seus processos, a psicanálise não poderia continuar se apoiando exclusivamente no estudo de caso como sua única fonte de dados. Neste sentido, o *framework* sugere uma correção de sua mira investigativa, isto é, que se criem novos dispositivos psicanalíticos de investigação sobre a vida mental, porém menos herméticos, a fim de que os *insights* da psicanálise possam instigar outros setores das ciências da mente. De fato, o *setting* analítico está restrito à escuta atenta do paciente, que é fundamentada na relação transferencial da dupla analista-analisando, bem como todo o processo de análise só pode

ser definido nestas condições. Nenhum dos programas neurocientíficos que examinamos contesta os fundamentos da relação analítica e não questionam o seu papel como tratamento dos distúrbios psicológicos – também se sabe que uma análise se desenvolve apenas se as condições sigilosas do *setting* forem respeitadas.

O que se coloca é que a psicanálise poderia abrir-se para outros expedientes de investigação (ou como na linguagem neurocientífica, de coleta de dados) – menos suscetíveis da interferência de variáveis subjetivas – como a propósito das estratégias observacionais pioneiras dos psicólogos do ego, por exemplo. O programa proposto por Kandel, portanto, não contesta diretamente a eficácia da terapia psicanalítica, mas incentiva que ela poderia ser testada, assim como outras terapias psicológicas já o foram, como a cognitivo-comportamental.

Kandel e, junto com ele, outros estudos sugerem a criação de novos dispositivos para entender como as psicoterapias funcionam, de uma forma mais confiável, e para sua associação às terapias farmacológicas no tratamento de transtornos mentais e neurológicos. Segundo Beutel *et al.* (2003), já está comprovado que no TOC, alguns casos de depressão maior, transtorno do pânico e distúrbios do controle impulsivo, a combinação entre o tratamento medicamentoso e o psicoterápico tem sido a estratégia na qual se verifica maior eficácia. A maioria dos estudos avalia a eficácia da terapia cognitivo-comportamental, mas os resultados são semelhantes quando comparados com a psicoterapia psicodinâmica.

Afinal, tradicionalmente, os métodos psicológicos sempre foram um alvo fácil de críticas que não os discriminavam de um charlatanismo ou uma ação placebo. Os resultados recentes dos estudos com neuroimagem funcional sobre as mudanças na função cerebral após a terapia apontam que as psicoterapias também atuam ao nível cerebral e, além disso, tem sido documentado uma maior eficácia nas terapêuticas clínicas conjugadas (KANDEL, 1998, 1999; PLISZKA, 2004; ETKIN *et al.* 2005; CARHART-HARRIS *et al.* 2008).

Os neuro-psicanalistas, por sua vez, embora compartilhem dos princípios do programa neurocientífico de Kandel, não propõem que o método psicanalítico seja testado, porque eles partem do pressuposto de que este seja a principal ferramenta, aliada à neuropsicologia, para uma compreensão mais satisfatória sobre as alterações psíquicas pós-lesões neurológicas. Para alguns neuro-psicanalistas, como Solms, Karen Kaplan ou

Jaak Panksepp, seria, portanto, um absoluto contra-senso questionar o lugar da análise ou da psicoterapia de orientação psicanalítica. Eles reconhecem a eventual eficiência ou, pelo menos, a importante indicação do método psicanalítico e das psicoterapias psicodinâmicas dele derivadas para a abordagem das motivações primitivas e dos processos mentais inconscientes, e defendem que o mesmo também se aplica à clínica neuropsiquiátrica e neuropsicológica.

Sendo assim, a sugestão dos neurocientistas para que se amplie o foco de investigação da psicanálise e dos problemas por ela abordados não anuncia a bancarrota do método clínico nem soa como um golpe anti-psicanalítico, como vimos após o exame dos princípios propostos em seus programas ou modelos.

Como também tentaremos mostrar na segunda parte da tese (“O ego em Freud”), as aproximações sucessivas que vem sendo propostas, desde a década de 90, entre os programas neurocientíficos e a teoria psicanalítica, em princípio, não contrariam os fundamentos da metapsicologia freudiana, principalmente ao se considerar o elo que Freud mantinha com o espírito naturalista da ciência de sua época, bem como as afinidades de seu pensamento com uma neuropsicologia (SOLLERO-DE-CAMPOS & WINOGRAD, 2005; KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001, 2004). A psicanálise freudiana não pode ser identificada a um purismo psicológico, nem a uma neuropsicologia em si mesma, haja vista, como procuraremos mostrar no quarto capítulo, o equilíbrio tenso, mas constante entre as formulações psicossociais e as formulações de cunho neuropsicológico na teoria do ego e na teoria pulsional.

Antes de iniciar a segunda parte, apresentamos uma primeira tentativa de integração, levando em conta a repercussão desses dois programas neurocientíficos na psicanálise e pincelando algumas críticas mais freqüentes, bem como eventuais limitações dos estudos sobre as correlações entre os conceitos psicanalíticos e os modelos neurocientíficos, além de ponderações sobre seu possível alcance.

Capítulo III

A RECEPÇÃO DOS ESTUDOS NEUROCIENTÍFICOS PELA PSICANÁLISE: CRÍTICAS, LIMITES E ALGUMAS PONDERAÇÕES

É preciso ir deixando claro que, a nosso ver, o encontro da psicanálise com as ciências da mente ficaria empobrecido se fosse pensado - seja pelos neurocientistas, seja pelos psicanalistas - sob o prisma exclusivo de uma validação científica externa para a psicanálise.

Os modelos neurocientíficos, de fato, podem oferecer um outro modo de demonstração de certos mecanismos psíquicos, que na psicanálise são demonstrados apenas pelas teorizações e pela observação clínica. Todavia, esse não é o único, nem o principal propósito do programa multidisciplinar das neurociências. Se assim fosse, a interlocução em jogo seria bastante restrita e epistemologicamente não proveitosa para as áreas envolvidas. É importante ponderar sobre os limites e o alcance da articulação psicanálise-neurociência que, no extremo, diz respeito a uma discussão sobre a possibilidade da existência de uma psicologia científica. Contudo, se os modelos experimentais têm ou não ressonâncias ou afinidades com os pressupostos da psicanálise – um tópico freqüente nas críticas à sua releitura neurocientífica - não parece ser um aspecto tão relevante em nosso balanço, na medida em que o que está em jogo não é a adequação de uma disciplina à outra, e sim uma suplementação de estratégias para a elucidação de questões sobre a relação mente-corpo-cérebro que permanecem em aberto, desde que tratadas isoladamente pelas respectivas áreas.

Ainda é prematuro apontar quais rumos as aproximações da psicanálise com esse quadro científico, atualmente proposto pelas ciências da cognição e pelas neurociências, trariam a médio e longo-prazo para ambos os lados e mesmo se essa convergência é viável ou não. O fato é que a tentativa de instalação de um modelo

multidisciplinar nas ciências da mente tem ganhado um espaço crescente de discussão⁶⁴. A proposta de diálogo com a psicanálise, oriunda do campo de investigação das ciências naturais, ao sugerir a abertura desta para uma metodologia empiricamente mais rigorosa, levanta também questionamentos, por parte de uma leitura de linha humanística, sobre os riscos de um reducionismo biológico e do materialismo neurocientífico e ainda uma idéia geral, um tanto vaga, de uma eventual descaracterização da autonomia conceitual da psicanálise ou sua submissão aos parâmetros científicos positivistas.

O que primeiro chama a atenção na oposição às aproximações entre as neurociências e a psicanálise não são as posições teóricas específicas de determinados autores, por isso não daremos destaque a nenhum deles em especial e nos limitaremos a alguns exemplos. O que parece ser comum aos estudos contrários à essa aproximação são principalmente os argumentos utilizados: os domínios epistêmicos de ambas as áreas não são apenas distintos, mas são inconciliáveis; o método psicanalítico é da ordem da interpretação dos sentidos e seu objeto de estudo é o inconsciente (e não a totalidade dos processos mentais); a neurobiologia retira a especificidade do sujeito; as trocas de conhecimento com as ciências do cérebro implicam irremediavelmente numa biologização da psicanálise, uma vez que a neurociências empregam concepções reducionistas e materialistas, entre outros argumentos. Como por exemplo, Arnold Goldberg (2000) coloca que “neurociência e psicanálise lidam com dados diferentes e devem continuar respeitando essa distinção” (p. 92), ou ainda: “não existe lacuna entre neurociência e psicanálise. São mundos separados. O *self* de Damásio não deveria ser enxertado no de Freud e de nenhum outro” (GOLDBERG, 2004, p. 91). A busca por complementos entre o conhecimento neurocientífico e o saber psicanalítico seria auto-contraditória, por envolver a formulação de modelos empíricos para categorias mentalistas (GUERRA & XAVIER, 2008)⁶⁵. Em geral, os argumentos contrários tendem a assumir uma ruptura implícita ou explícita entre natureza e cultura, o que automaticamente produz outra dicotomia: entre sujeito e natureza.

⁶⁴ Concordamos com Winograd, para quem “nem a psicanálise pode mais manter sua “*belle indifferença*” relativamente à neurociência, nem esta pode mais seguir afirmando que a psicanálise deve ser descartada por ser uma teoria ficcional, fruto da imaginação fértil de um positivista excêntrico que abandonou a via tradicional da experimentação confiável cientificamente” (2004, p. 23).

⁶⁵ Além desses trabalhos, refiro-me ao grande volume de críticas que chegou à redação do *American Journal of Psychiatry*, em 1998. Suscitadas pelo primeiro artigo de Eric Kandel, “A new intellectual framework for psychiatry”, que, pela primeira vez, propunha uma ponte entre a psicanálise e a neurobiologia.

André Green apresenta uma postura mais moderada ao chamar a atenção para o purismo epistemológico buscado pelas neurociências quando se trata do diálogo com as disciplinas do campo psicológico, sobre a resistência em assimilar dados que não sejam de experimentos laboratoriais controlados, ignorando as manifestações da clínica e a variabilidade dos casos individuais. Em nome de um ideal de clareza na investigação, alguns neurocientistas poderiam estar também excluindo aspectos subjetivos importantes (GREEN, 2001, p. 18).

1. Críticas mais frequentes

A apreensão de muitos psicanalistas com relação a uma releitura da psicanálise a partir dos modelos da neurociência deve-se ao fato de que a maioria das descobertas neurocientíficas sobre a plasticidade cerebral e sobre a ação do meio na expressão genética, comentadas nos capítulos anteriores, remete às sinapses e ao nível dos mecanismos moleculares. Vimos que a nova biologia da mente, discutida nos trabalhos de Kandel, por exemplo, pretende incluir a resolução celular como mais uma opção em termos de nível de análise para gerar inferências sobre o fenômeno psíquico. Todavia, esse não é o único nível proposto, tampouco se argumenta que ele seja o mais adequado para a análise dos fenômenos psicológicos - do mesmo jeito que a descoberta da resolução sub-atômica com a Física de partículas, embora revolucionária, tornou-se apenas uma fonte de informações inéditas, mas não foi eleita como o nível ideal para o estudo dos fenômenos biológicos. Via de regra, o emprego do reducionismo faz parte dos procedimentos rotineiros do cientista.

Kandel apresenta um tipo de reducionismo radical quando, por exemplo, barganha protocolos comportamentais da aprendizagem reflexa, baseada nos estudos de Ivan Pavlov, pelos protocolos biológicos ao nível do núcleo das células nervosas, como ilustra os títulos de alguns capítulos dos seus livros⁶⁶: “*The Biological Basis of Individuality*” e outros como “*From metapsychology to molecular biology...*” ou “*Psychotherapy and the single synapse...*”. O reducionismo neurocientífico de Kandel é radical, porque inclui a resolução celular como um novo nível de análise para o fenômeno

⁶⁶ “In Search of Memory: The Emergence of a New Science of Mind” (2006) e “Psychiatry, Psychoanalysis and the New Biology of Mind” (2005).

psíquico. No entanto, não é um reducionismo eliminativista, no sentido de que a análise biológica possa substituir a análise comportamental ou psicológica. Kandel não propõe que entidades explicativas, como ‘motivação’, ‘crença’, ‘desejo’, ‘prazer’, ‘intenção’ sejam ficcionais ou devam ser eliminadas. Em outras palavras: “traduzir questões da psicologia da aprendizagem para a linguagem empírica da biologia não seria substituir a lógica da psicologia ou da psicanálise pela lógica da biologia molecular, mas tentar juntar estas duas disciplinas e contribuir para uma nova síntese...” (KANDEL, 2000, p. 342). Existem diferentes modos de reducionismo, como aquele do *reducionismo eliminativista* identificado, por exemplo, às posições de Steven Stich, Paul Churchland e Patricia Churchland (BENNETT & HACKER, 2005, p. 366), no qual uma categoria de explicação substitui a outra.

Pierre Jacob (2004) lembra que existem duas versões principais para esse reducionismo que se apóia num materialismo eliminativista: a versão neurobiológica, proferida por P. K. Feyerabend, R. Rorty e pelos Churchland, e a versão sintática ou computacional. De acordo com a primeira, “os conceitos e generalizações da ‘psicologia ordinária’ são destinados, não a serem reduzidos, aos conceitos e às generalizações da neurobiologia, mas a serem pura e simplesmente *substituídos* (ou *eliminados*)” (2004, p. 427). O materialismo eliminativista supõe que a psicologia seja uma teoria proto-científica que vai ser substituída pelas suas rivais (neurobiologia e ciências cognitivas).

Lembremos que as aplicações do reducionismo na genética não invalidaram as leis de Mendel sobre a hereditariedade; pelo contrário, a genética clássica teve suas bases esclarecidas quando as noções gerais e funcionais do “pai da genética” foram reinterpretadas pelas análises moleculares⁶⁷. Sendo assim, via de regra em ciência, recorrer ao plano das entidades mais simples que compõem um dado fenômeno complexo pode, tão somente, trazer novas informações sobre sua estrutura ou funcionamento, não acessíveis até então ou, pelo menos, não demonstráveis por outra metodologia. O reducionismo de Kandel é essencialmente metodológico, posto que é inerente à

⁶⁷ Até 1953, sabia-se que os traços eram transmitidos de uma geração para outra, que os genes localizavam-se nos cromossomos e que o DNA mediava todo o processo. Contudo, os mecanismos físico-químicos que controlavam a síntese proteica eram misteriosos até a descoberta, de Francis Crick e James Watson, da molécula desoxirribonucléica em dupla-hélice, pela qual o DNA é representado por duas fitas enroladas em torno de seu próprio eixo, como se fosse uma escada em caracol. O modelo de Crick e Watson trouxe rumos antes impensáveis à ciência; contudo, sem eliminar a genética clássica. Segundo Semenza (2001), esse exemplo ilustra uma redução satisfatória na biologia e uma integração bem-sucedida, a da genética com a biologia molecular, criando a genética molecular.

investigação experimental, como um entre outros expedientes operacionais para a definição do objeto em questão. Esse procedimento não está isento de restrições, evidentemente. Contudo, traduzir protocolos complexos em unidades elementares não é, forçosamente, o mesmo que simplificar seu objeto de estudo, mas somente a formulação de uma etapa da análise. Dada uma situação concreta: isolar um comportamento reflexo simples, como a retração das guelras na lesma-do-mar, para seguir o todo o fluxo da informação sensorial, ou isolar o reflexo do sugar do bebê quando amamentado. Seqüencialmente, esses recortes são coordenados junto a outros elementos da investigação: uma cartografia de todas as respostas motoras da lesma ao meio externo, por exemplo, ou os demais registros observacionais da relação mãe-bebê, a interação visual da dupla, a disponibilidade materna, e assim por diante.

Embora a busca pelos fundamentos da memória nas sinapses de um molusco seja quase uma injúria à luz das leituras humanistas das funções mentais superiores, não se propõe que a natureza da memória seja definida pelo que esse patamar de conhecimento revela. É verdade que os trabalhos de Kandel ilustram sua postura monista e materialista e trazem um reducionismo epistemológico, porém de natureza metodológica e levado às últimas conseqüências: ele faz micro-análises do metabolismo das trocas iônicas entre a célula nervosa e seu núcleo. No entanto, nota-se um cuidado com a linguagem: “o *striatum*, uma área do cérebro freqüentemente implicada na sensação de bem-estar” (2007, p. 362). Por fim, Kandel diz que o objetivo da fusão dos conhecimentos da biologia e da psicanálise seria no sentido de fazer com que ela e a psiquiatria se beneficiem desse “reducionismo radical que sustenta a biologia fundamental” (*ibid.*, p. 378). O fato é que qualquer investigador, em ciência natural ou não, dispõe de estratégias para delimitar a sua pergunta ou reproduzir o fenômeno estudado, ainda que sempre tangencialmente.

Como já foi dito, a relação entre uma disciplina científica e um dado conjunto de conhecimentos básicos não é necessariamente linear, como entre psiquiatria ou psicanálise e a neurobiologia. A disciplina mais básica pode funcionar como um referencial crítico para as demais, desafiando a consistência de seus métodos e pressupostos, assim como a biologia molecular tornou-se uma “anti-disciplina” para a neurobiologia e aquela, por sua vez, tem a físico-química como anti-disciplina. Kandel

propõe que a neurobiologia possa funcionar como uma espécie de anti-disciplina da psiquiatria clínica e da psicanálise.

Naturalmente, Kandel, Jean-Pierre Changeux, G. Edelman e outros neurocientistas, como Joseph LeDoux, A. Damásio, Howard Shevrin, Rodolfo Llinás, Marc Jeannerod, endossam o materialismo neurocientífico, para o qual a organização neuronal, bem como a relação entre o indivíduo, seu cérebro e o meio são, de fato, cruciais para a composição de uma teoria científica da mente, com base nos processos que decorrem das relações anteriores. Esse materialismo está explicitado no avanço de uma literatura que, desde 1980, tem sido incorporada aos periódicos de Neuropsiquiatria, de Neurociência e de Psicanálise, sugerindo aproximações gradativas entre a neurobiologia e as ciências psicológicas, particularmente daquela com a psicanálise freudiana ou com a teoria das relações objetais, ou destas duas com a neuropsicologia (como, por exemplo, REISER, 1984; ERDELYI, 1985; CLYMAN, 1991; SEMENZA, 2001). De modo geral, hoje o materialismo neurocientífico se expressa, predominantemente, no quadro de um programa naturalista para a psicologia, o qual surge alinhavado pelas diversas articulações das ciências da cognição. Estas diferentemente do seu tradicional enfoque cognitivista, têm contemplado também uma visão psicodinâmica. É nesse sentido, então, que atualmente alguns modelos neurobiológicos materialistas propõem um trabalho com conceitos da psicologia e da psicanálise.

Assim como um certo grau de reducionismo é inerente à relação entre as neurociências e a psicanálise, porque a redução é parte da metodologia da formulação dos modelos empíricos, o materialismo neurocientífico também é inevitável na medida em que é tomado como pressuposto fundamental⁶⁸. Contudo, há que se levar em conta qual o tipo de materialismo e de reducionismo estão em jogo. Sua versão eliminativista é a mais difícil de ser sustentada na prática e é a que contraria os postulados da psicologia e da psicanálise, entretanto não parece ser esta a versão assumida pelos programas da neuro-psicanálise e do *framework*.

Além do mais, na perspectiva de uma integração de esforços entre neurocientistas e psicanalistas, a fim de estabelecer tarefas comuns na investigação da mente, uma visão demasiadamente reducionista seria indesejável, caso contrário perde-se o sentido de uma interface. Karen Kaplan-Solms e Mark Solms (2004) colocam que será

⁶⁸ Ou seja: “a compreensão da organização funcional do cérebro passa pelo estudo anatômico das conexões estabelecidas entre células nervosas individuais” (CHANGEUX & RICOEUR, 2001, p. 83).

um grande contra-senso se um intercâmbio de idéias entre a psicanálise e as neurociências levar a uma substituição do referencial psicodinâmico que a psicanálise defende. A psicanálise teria se tornado mais atrativa para alguns neurocientistas exatamente por possuir o “mapa” mais completo sobre a mente, o que ajuda a montar uma agenda de tarefas para a neurobiologia. Antes de tudo, refere Cooper (2005, p. 60)⁶⁹ que o mais intrigante sobre o *cérebro é precisamente como ele gera a vida mental*, por isso:

Se tal ocorresse (redução), a neurobiologia destituiria a psicanálise de sua riqueza e textura essenciais, além de mudar o caráter da terapia (...). As agendas da psicanálise, psicologia cognitiva e ciência neural sobrepõem-se, mas não significa que sejam idênticas. As três disciplinas têm diferentes perspectivas e poderiam convergir **apenas em certas questões críticas**. (KANDEL, 1999/2005, p. 94)

Sobre os riscos de uma abordagem cientificista ou biologizante do pensamento psicanalítico, é preciso lembrar que ao longo do século 20 tornou-se uma tradição – principalmente na psicanálise francesa e germânica – o diálogo desta com diversos campos do conhecimento, como com as artes, com as ciências sociais, com a educação e com a filosofia. Se couber uma analogia, nem por isso houve uma “antropologização” da psicanálise ou ela converteu-se em uma outra forma de teoria literária ou uma nova corrente filosófica, mas criou-se uma linha de pesquisa denominada “filosofia e psicanálise” e a leitura psicanalítica segue sendo aplicada à literatura, por exemplo. E em quê se fundamenta a expectativa de que uma descaracterização de outro gênero aconteça, agora, na relação da psicanálise com as neurociências? O teor exacerbado de certas reações à aproximação da psicanálise com as neurociências, pelo fato de que ela possa perder sua identidade conceitual, apresenta muito mais de uma convicção ideológica do que de uma posição teoricamente consistente e livre de contradições.

Como veremos nos dois tópicos seguintes, salvo algumas confusões quanto às noções de mente e de cérebro, dificuldades de compreensão dos conceitos psicanalíticos e de uma expectativa irrealista no uso da neuro-imagem, para ficar nesses exemplos (e que não são representativos do amplo movimento das neurociências em relação ao campo psicológico), não há nada, de antemão, no programa neurocientífico que diminua a importância dos enunciados psicológicos e psicanalíticos ou que indique a

⁶⁹ Cf. “Comentário” do 3º capítulo do “Psychiatry, Psychoanalysis and the New Biology of Mind” (2005).

eliminação do amplo *know-how* de suas metodologias clínicas e, finalmente, que suprima a identidade e, no limite, a existência destas áreas.

Vejamos, agora, alguns exemplos de estudos correlativos que, de fato, têm implicações problemáticas e pensamos que alguns aspectos mereçam uma revisão crítica.

1.2 Problema dos estudos correlativos

O foco da leitura desta tese não é discutir sobre os termos e as condições em que os dados de uma disciplina podem ter *validade, aplicabilidade e significado* para a outra (no sentido da neurociência para a psicanálise, e vice-versa). Psicanálise e neurociências têm notadamente naturezas metodológicas distintas. Ambas construíram seus domínios epistêmicos em tradições historicamente divergentes, uma na esteira das ciências formais (as “*hard sciences*”, imbuídas do positivismo científico) e a outra no campo das ciências humanas. Embora Freud afirmasse categoricamente a viabilidade de uma teoria naturalista da mente, sua descoberta não se amoldava ao espírito das ‘*Geisteswissenschaften*’ – em parte porque o conhecimento neurológico da época era insuficiente -, por isso ele recorreu ao potencial do método clínico que permitia a observação psicológica sistemática das várias formas de manifestação do inconsciente.

Preliminarmente, é possível dizer que é imprescindível discutir as relações entre o ponto de vista teórico-clínico e o experimental e, sobretudo, as dificuldades na passagem de um para o outro, para não incorrer no equívoco de pensar que essa relação possa se dar de maneira direta, como se o problema fosse de ordem instrumental, e de um emparelhamento de resultados. Mesmo que se concorde com a viabilidade e o interesse científico da troca entre a psicanálise e as neurociências, o seu encontro é acompanhado por alguns pontos críticos: como a necessidade de discussão sistemática sobre a multidisciplinaridade, a necessidade de distinção entre conceitos tensos (como de mente e cérebro), bem como a melhor formulação das categorias psíquicas estudadas e o risco de reedição do localizacionismo ou mesmo de uma moderna frenologia das categorias mentais; estes dois últimos elementos problemáticos são apontados por William Uttal (2001).

Diante dos avanços tecnológicos (como estudos de mapeamento por imagens cerebrais), tão promissores quanto a soluções mais rápidas, é importante retomar

o *background* de cada disciplina, evitando violar, entre outras coisas, o que cada área tem de específico. Na verdade, qualquer investigação sobre a natureza do mental não está isenta de uma tomada de posição frente às considerações conceituais minimamente necessárias, além do fato de que estão em jogo temas emblemáticos para o próprio campo filosófico. Para não incidir em uma postura excessivamente empirista, pensamos que um dos problemas a ser enfrentado no percurso de um trabalho interdisciplinar é a permanente necessidade de discussão dos conceitos que estão sendo retomados pelos modelos experimentais. Não apenas das próprias noções freudianas, como também de discriminações mais gerais, como a própria diferença entre os conceitos de *cérebro* e de *mente*.

Um exemplo de uma potencial confusão entre esses conceitos é realizada por Fred Levin (2003), cujo próprio título de seu trabalho, “Mapping the mind”, não esconde uma sobreposição entre as noções de cérebro e mente, na medida em que ele não define claramente qual a concepção da relação mente-cérebro que embasa seus trabalhos. Em se tratando de uma concepção monista, onde “a mente é uma extensão das funções executadas pelo cérebro”, então mapear o cérebro, em última instância, é também mapear a mente⁷⁰. Do contrário, na visão dualista que concebe mente e cérebro como naturezas distintas só é possível mapear as funções cerebrais, mas não o pensamento ou a linguagem. Levin não discute estes impasses conceituais e segue utilizando a psicanálise como um modelo hierárquico das funções nervosas, enfatizando que a metáfora (na interpretação da transferência) promove uma ligação (“*bridging*”) entre as diferentes modalidades sensoriais (visão, toque, audição) e nisso residiria a efetividade da análise. Ele faz uma descrição psicodinâmica do problema, agrega observações clínicas (vinhetas), mas parece faltar algo sobre a relação entre o psicológico/fenomenológico e suas estruturas subjacentes.

Levin (2003) discute a suposta inovação de um estudo em que foram empregadas técnicas de *scanner* radioativo em pessoas em estado de vigília⁷¹. Quando solicitados a imaginar a sinfonia de Beethoven, a atividade ficava restrita ao córtex auditivo, mas quando se excede o limiar de interesses “o cérebro vem a ser ativado *como um todo* (...)” (2003, p. 12), havendo uma comunicação entre suas partes. Ou seja, conforme o tipo ou nível de estímulo, ativa-se sensorialidades diferentes. Estes autores co-

⁷⁰ Como refere Kandel (1998/2005, p. 39).

⁷¹ Cf. Lassen, Ingvar e Skinhoj, 1978 *apud* Levin, 2003, p. 12.

relacionam a atividade sintética cerebral a certas vias inespecíficas. Levin comenta um tanto vagamente: “como já expus, parece que a atividade sintética ocorre quando a ‘mente’ do paciente está incitada e em comunicação com ela própria” (LEVIN, 2003, p. 13). Talvez este estudo não seja ilustrativo de uma verdadeira integração, mas apenas aproxima, por analogia, dados diferentes, de modo que os termos comparados (dados descritivo-clínicos e experimentais) parecem permanecer externos um ao outro. Com efeito, um sem número de descobertas neurológicas pontuais marcam a produtividade recente das neurociências, mas concordamos com Milidoni (2003) que um programa interdisciplinar vai além da correlação de hipóteses de ordem “micro-estrutural” para a “ordem dos sistemas complexos”, como é o caso da mente humana como um todo.

Ainda, Vuckovich (2003) retoma explicitamente uma espécie de isomorfismo mente-cérebro quando discute a atividade distinta entre os hemisférios cerebrais como fator de conflito psíquico, responsável pela repressão no complexo de Édipo: “no início da fase edípica, uma alteração psicológica e neuroanatômica coincide com o começo da habilidade (ou inabilidade) dos hemisférios integrarem suas atividades” (VUCKOVICH, 2003, p. 21). O autor acredita que diferenças individuais no momento da mielinização das conexões inter-hemisférios levam a “diferenças no tipo de ‘mente’, que se exprimem nos problemas da idade edípica (bi-hemisférico ou lateralizado)”. Assume-se que sua contribuição está na “identificação de princípios isomórficos para a neurologia e psiquiatria” (p. 19-20). Diante de um eventual ‘reducionismo’, ele responde: “mas a impressão que temos é de que ao indicar ambos os hemisférios simultaneamente estamos falando do indivíduo inteiro” (VUCKOVICH, 2003, p. 34). William Uttal (2001) aponta o risco não só de reducionismo em estudos como este, mas precisamente o problema da retomada de novas formas de localizacionismo na abordagem da mente.

Se formos minimamente coerentes com Freud, as geografias do mental e do cerebral são incomensuráveis. O mapa do cérebro *ipsis literis* não é o mapa da mente. Freud rompeu com o localizacionismo, em “Sobre a concepção das afasias” (1891), criticando a concepção vigente naquela época, sobretudo, no que concerne ao espelhamento das funções mentais no cérebro. Paul Broca demonstrara, em 1861, que a perda de uma função muito específica (a expressão da linguagem) decorria da lesão de uma área igualmente específica, o lobo frontal esquerdo. Para Freud, era preciso romper com essa idéia de que a função psíquica tem que ser simétrica à sua descrição

neuroanatômica, até porque: “... aquilo que é simples para Wernicke, para Freud ainda é, do ponto de vista neurológico, excessivamente complexo para ser localizável” (SIMANKE, 2004). O localizacionismo vigente no século 19 remete a uma concepção eminentemente mecânica, dada a suposição de uma correspondência pontual entre os elementos do sistema nervoso e suas funções, negando o sentido evolutivo, dinâmico e auto-gerencial da mente.

Freud refere-se às concepções localizacionistas de Carl Wernicke e Ludwig Lichtheim e de Theodor Meynert, quando diz que a *espacialidade necessária para descrever as funções psíquicas não tem que ser a mesma que é geograficamente determinada*. É possível construir esquemas abstratos sobre o pensamento e a linguagem ou sobre a paralisia histérica e descrever sua significação psicológica sem delimitar necessariamente o lugar anatômico real. Estes lugares existem, já que o cérebro é um órgão situado espacialmente, mas o que interessa a Freud são as relações internas estabelecidas e as suas condições dinâmicas que permitem um dado funcionamento psíquico. Neste sentido, Freud nega o simples espelhamento entre a função e seu correlato anatômico, já que, na prática, construir uma equação entre o lugar concreto e o lugar “abstrato” seria insustentável, como na concepção de linguagem, por exemplo, onde os localizacionistas supunham existirem centros exclusivos para imagens visuais, imagens acústicas, para a percepção da cor, para a escrita e demais funções específicas. Desse modo, a questão dos lugares psíquicos em Freud deve ser primeiramente remetida à sua função e pensada em termos da virtualidade dos processos psíquicos (SIMANKE, 2006b).

Pensamos que seja fundamental não perder de vista a ruptura freudiana com a tese do isomorfismo, já que este pode ser considerado um passo decisivo para a metapsicologia freudiana. Freud pôde trabalhar a função com mais liberdade em relação à sua base anatômica (SACKS, 2000; KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2001; SIMANKE, 2004). Considerando o exemplo da leitura neurobiológica de Levin e Vuckovich, apontamos o risco presente nos estudos contemporâneos, guiados pelo mapeamento das funções nervosas e da sua localização cerebral, de estarem resgatando uma nova forma do isomorfismo mente-cérebro - ainda que mais sofisticada que a versão oitocentista - e, desse modo, afastando-se da originalidade inaugural da proposta naturalista freudiana.

A partir de uma reflexão sobre tais elementos, retornamos à discussão sobre a oposição a uma interlocução entre a psicanálise e as neurociências (e ciências cognitivas em geral) no seu formato de recusa imediata, e apontamos que, ao recusar o papel que a biologia teve no pensamento freudiano, os psicanalistas entram em uma contradição radical. Andrade (2003) reforça que houve um distanciamento tão marcante em relação ao espírito naturalista freudiano que a maioria dos psicanalistas deixou de conceber a psicanálise como ciência natural, considerando-a uma hermenêutica.

De acordo com a linha interpretativa adotada neste trabalho, o programa metapsicológico freudiano também fora construído sobre pressupostos naturalistas, como é explicitado no “Projeto de uma psicologia” (1895), bem como demonstrado em conceitos como pulsão, id e ego que contam também com a especulação biológica, o que ainda veremos com as concepções sobre o ego, no capítulo 4. Freud insistiu que a metapsicologia poderia, no curso do desenvolvimento da psicanálise, assimilar novas evidências, como na reflexão feita em “Introdução ao narcisismo” (1914) sobre o caráter provisório dos fundamentos na construção de uma ciência: “nos dias atuais, vivemos situação idêntica na física, cujas intuições básicas sobre a matéria, os centros de força, a atração e os conceitos parecidos estão sujeitos quase a tantos reparos como os correspondentes da psicanálise” (p. 75). Uma mesma discussão aparece no ano seguinte, em “Pulsões e destinos de pulsão”, onde Freud diz que os conceitos básicos de uma ciência “devem comportar um certo grau de indeterminação”, já que “a rigor, têm o caráter de convenções...” (1915, p. 113). Na *Conferência* 24 (“O estado neurótico comum”), encontramos que a psicanálise “é uma superestrutura que está destinada a receber, algum dia, seu fundamento orgânico; mas ainda não o conhecemos” (p. 354). Freud parece não levar em conta a ruptura entre sujeito e natureza na medida em que pretendia uma naturalização dos aspectos qualitativos da experiência subjetiva, como no tratamento da consciência em 1895, reforçado no “Esboço de psicanálise” (1938): “(...) esses processos conscientes não formam séries sem lacunas, fechadas em si mesmas, de modo que não haveria outra alternativa a não ser adotar a suposição de certos processos físicos ou somáticos concomitantes do psíquico” (FREUD, 1938, p. 186).

Embora não nos detenhamos nesse tópico, queremos dizer que é preciso levar em conta esses e outros aspectos quando se discute o tipo de relação existente entre o psíquico e o biológico na metapsicologia freudiana para não incorrer em mal-

entendidos. Essa relação, ao que tudo indica, não comportava exclusão para Freud (MILIDONI, 1994; SIMANKE, 2004), assim como esta relação está passando por transformações na neurociência contemporânea que não concebe uma ruptura essencial entre fenômeno psíquico e atividade cerebral, como vimos no pressuposto de que a mente reflete o trabalho do cérebro. Enfim, os trechos acima ilustram uma simpatia de Freud pela biologia, cujos conhecimentos trariam um reino de possibilidades ilimitadas, podendo esperar dela os avanços mais surpreendentes (FREUD, 1920, p. 58). Sendo assim, uma questão que permanece é sobre o que poderia haver, realmente, no sentido de inconcebível ou inviável na articulação de idéias entre a psicanálise e as neurociências, ou melhor, daquela com um projeto psicológico científico e naturalista.

Uma outra crítica freqüente, especificamente, ao conteúdo programático sugerido por Kandel é de que ele teria sugerido que a psicanálise se torne uma disciplina cognitiva. Não negamos que também exista, como alerta Green, excessos de uma atitude prescritiva de alguns neurocientistas para com a psicanálise, como a de Carlo Semenza: “Semenza decide o que é bom e o que é ruim para a psicanálise. Esta atitude está se tornando comum entre os neurocientistas que desejam reformar a psicanálise” (GREEN, 2001, p. 16). O que, de fato, é referido nos textos de Kandel é uma expectativa de que as noções psicanalíticas tenham grande impacto nas ciências da cognição (KANDEL, 1998/2005, p. 55). A psicologia cognitiva teria um débito com a psicanálise justamente nesse sentido, porque, em tempos de *behaviorismo* radical, a psicanálise reconhecia o papel das representações internas, de modo que, atualmente, as abordagens psicológicas que deixarem de fora as representações são inadequadas para dar conta dos processos mentais e do comportamento. Em outros termos, se a neurociência cognitiva contemporânea estuda o comportamento como baseado em representações mentais, é graças à contribuição do pensamento psicanalítico.

Por fim, outros autores também comparam Freud a uma visão cognitivista, por este apoiar-se em uma concepção representacional e intencional do evento psíquico (VARELA; THOMPSON & ROSCH, 1991/2003; WAKEFIELD, 1992). Nesse sentido, inclusive, Freud teria contribuído para a transformação da psicologia, de uma ciência da consciência para uma ciência das representações mentais, segundo Jerome Wakefield

(1992)⁷². Indo além, também é possível identificar uma confluência surpreendente entre a tentativa freudiana de balizar uma psicologia científico-naturalista e o programa interdisciplinar contemporâneo das ciências cognitivas para a abordagem do mental (SIMANKE, 2006). Ambos os programas parecem terem se deparado com um mesmo tipo de problema de difícil solução, qual seja, como a relação entre o corporal e o cerebral articula-se com a experiência consciente e que, como já referimos, é um problema denominado de lacuna explicativa. Na metapsicologia freudiana, a noção de psíquico inconsciente é plenamente justificável - conceitual, teórica e empiricamente –, além de ser fundamental para sua psicologia científica, porém a abordagem da consciência permaneceu problemática e inacabada, embora Freud tenha reconhecido sua importância e tentado estabelecer suas condições de possibilidade (CAROPRESO, 2006).⁷³ As ciências da cognição enfrentariam o mesmo desafio de acomodar os processos nervosos à experiência consciente do sentir, o que confere atualidade ao pensamento freudiano em relação ao programa de pesquisa das ciências cognitivas (SIMANKE, 2006).

2. Repercussão na psicanálise: um caso de rigidez parcial

Em resumo, quanto à recepção da proposta multidisciplinar daqueles programas neurocientíficos dentre os psicanalistas clínicos, demais estudiosos da psicanálise e a quase totalidade dos lacanianos, há os que recusam integralmente a concepção de um *framework* neurocientífico que inclua a psicanálise, com base no discurso anti-reducionista (tão marcante entre os humanistas) de que as ciências naturais pretendem englobar as ciências humanas. Em menor número, há aqueles que visualizam que a discussão (e negociação) de parâmetros científicos para a psicanálise pode contribuir para a continuidade de seu desenvolvimento, agora com respaldo em novos conhecimentos sobre o sistema nervoso, no sentido próximo ao que Freud (1895)

⁷² Segundo Wakefield (1992), a justificativa freudiana para a existência de um psíquico inconsciente pode ser retomada em termos modernos, pois corresponde ao mesmo argumento usado pelos cognitivistas contemporâneos.

⁷³ Para uma discussão sistemática e minuciosa sobre o percurso da noção de psíquico inconsciente e a constituição da metapsicologia, conferir Caropreso, F. S. “A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana”. Tese de Doutorado apresentada do ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências, UFSCar, São Carlos, 2006.

idealizava quando projetou as bases para sua psicologia científica, importando, respectivamente, da física e da biologia os postulados de “quantidade” e “neurônio”.

Em outro segmento de leitura, para o qual o encontro da psicanálise com as neurociências também é possível, tal interface pode ser fecunda ou interessante, porém não é necessária para a credibilidade da psicanálise enquanto uma teoria e uma prática psicológica ao contrário do que sugere Kandel, para quem a psicanálise só pode ter prestígio se aliada ao contexto científico. Não obstante, para esse segmento de leitura que dialoga parcialmente com a proposta do *framework*, as aspirações da “nova biologia da mente” podem abrir uma janela de oportunidades para a psicanálise, no sentido de alargar sua esfera de atuação e exigir aprimoramentos na teoria e na técnica na mesma linha de contribuições que a psicanálise recebeu ao longo do século 20.

É sabido que os limites do campo da aplicação clínica da psicanálise já foram constantemente discutidos e redefinidos ao longo do século 20, muito antes de se falar em interlocuções com as neurociências, como mostram as sucessivas ampliações da indicação do tratamento psicanalítico. Após Freud, as ferramentas analíticas clássicas recomendadas por ele (como atenção flutuante, transferência, associação livre de idéias e a interpretação) foram fundamentalmente mantidas, mas com novas ênfases e com sua aplicação adaptada às modificações na teoria da técnica. As contribuições inestimáveis de Sándor Ferenczi, que até irritavam Freud por enfatizar sutilezas emocionais e a sensibilidade do analista no momento da sessão, são precursoras da visão contemporânea sobre a transferência e a contra-transferência nos fenômenos emocionais da dupla analítica no aqui-agora da sessão⁷⁴. Seguiram-se também contribuições originais de Melanie Klein (aliás, analisada por Ferenczi), Lacan, Winnicott e Bion.

Por exemplo, a partir de Klein, a interpretação não visa apenas tornar o inconsciente consciente, levantando a censura dos conteúdos reprimidos (extraída da máxima freudiana: “onde houver id que se faça ego”), mas sua função será comunicar as fantasias inconscientes ao analisando para que ele e o analista possam significá-las emocionalmente (BARROS & BARROS, p. 12-3). Em 1935, as idéias kleinianas dividiram membros dentro Sociedade Britânica de Psicanálise, tendo sido alvo de ataques públicos por parte de Edward Glover e Mellita, sua filha (SIMON, p. 25).

⁷⁴ Para ler mais sobre a história de psicanalistas e seus desenvolvimentos, conferir E. R. Marcus (1999).

De modo geral, a psicanálise começou a estender seu campo de intervenção a partir de temas e referências presentes no pensamento freudiano, abrangendo as chamadas neuroses de guerra com Ferenczi; a demência precoce, com Karl Abraham e Carl Gustav Jung. Melanie Klein foi a principal responsável pelo desenvolvimento da abordagem ludoterápica, estendendo a psicanálise às crianças. Jacques Lacan, por seu turno, discute intensamente a psicanálise numa leitura que a aproxima da filosofia e, para o âmbito da clínica, Lacan problematiza o difícil trabalho com psicóticos. Outros psicanalistas, como Heinz Kohut e Donald Winnicott, viabilizaram novas concepções para o trabalho com pacientes-limite e com os distúrbios anti-sociais, e assim por diante. De fato, alguns pós-freudianos trouxeram contribuições que, em muitos aspectos, afastaram-se do referencial freudiano, como Klein, Lacan e Bion; e mesmo os dissidentes de Freud também propuseram novas abordagens, como Reich e Jung.

O fato é que desde Freud a psicanálise cresceu num terreno de controvérsias, como Freud-Ferenczi, Klein-Anna Freud, *Self Psychology-Ego Psychology*. Se assim não fosse, graças a analistas que ousaram enfrentar os princípios teóricos consolidados, a psicanálise seria somente a primeira escolha de tratamento dos neuróticos. Efetivamente, há que se reconhecer que foi graças a todas essas contribuições anteriores que a visão dos processos mentais inconscientes deixou de ser aplicada exclusivamente aos adultos não psicóticos, como era na década de 30, por volta da morte de Freud. Tanta foi a expansão da abordagem psicanalítica que ela se estendeu para além dos transtornos mentais propriamente ditos: até as doenças médicas que não respondiam ao tratamento farmacológico, como diabetes, hipertensão, úlcera e asma, passaram a ser tratadas ou investigadas a partir dos *insights* psicanalíticos e foram classificadas como transtornos psicossomáticos.

A psicanálise foi estendida aos *boderlines*, psicóticos e crianças; sua leitura é operacionalmente aplicada às observações diretas da relação mãe-bebê nas instituições, esta última inspirada nas pesquisas pioneiras de René Spitz. As abordagens da *Self Psychology* e da *Ego Psychology* contribuíram para a abertura do campo de atuação com pacientes de difícil acesso (BLANCK & BLANCK, 1983). Margareth Mahler, Edith Jacobson, O. Kernberg e Kohut ousaram no interesse pelas patologias graves fronteiriças. Hoje em dia, o trabalho com a contra-transferência é tão importante quanto o uso da associação livre. No entanto, Freud via a contra-transferência como uma resistência ao

progresso terapêutico, enquanto que trabalhos como o de Paula Heimann, nos anos 50, apontaram-na como ferramenta auxiliar para a comunicação entre as mentes do analista e do analisando.

Também é sabido que tais avanços não decretaram o fim da psicanálise, tampouco a sua submissão a qualquer uma dessas inovações sobre a teoria da técnica. Os desenvolvimentos pós-Freud apenas tornaram a psicanálise mais diversificada em termos de escolas de pensamento, qual seja, de um pluralismo de dissidências (como ocorreu com Reich e Jung, dando origem a novas abordagens) e de correntes de pensamento no *après-Freud*, diga-se de passagem, bastante competitivas entre si: psicologia do ego, psicologia do *self*, psicanálise lacaniana, o kleinismo, o annafreudismo, o referencial klein-bioniano, escola inglesa de relações objetais - representada por Fairbairn, Balint e Winnicott (*Middle Group*) -, entre outras.

A questão que aqui se impõe é que, mesmo com um histórico de instigantes debates e ciclos de rompimentos que permitiram a criatividade e o pensamento mais livre, uma grande parte dos psicanalistas contemporâneos mantém-se fechados para alguns debates em específico, como proposto pela corrente de leitura psicanalítica que reconhece o papel da biologia na metapsicologia de Freud e as provocações e sugestões das neurociências. Seria em função dos riscos do reducionismo biológico na compreensão dos conceitos psicanalíticos? Dissemos que esse risco pode ser administrado no decorrer da elaboração teórica e empírica dos modelos sobre as funções mentais. Ainda, o teor exacerbado de algumas reações contrárias à aproximação da psicanálise com as neurociências seria pela presença do naturalismo nos programas neurocientíficos? Nesse ponto, parece existir uma certa confusão, como aquela de que a presença do naturalismo em um projeto científico para a psicologia possa ser, imediatamente, interpretada como sinônimo de um viés mecanicista ou positivista. O mecanicismo e o positivismo, sim, sozinhos, não sustentam um projeto psicológico e não se adequam ao mesmo.

Os estudiosos da psicanálise que recusam um *framework* multidisciplinar e aquele grupo intermediário, de leitura mais moderada, discutem a manutenção da autonomia das disciplinas psicológicas e do método psicanalítico de investigação em relação ao tipo de saber que é produzido dentro do que ficou conhecido como “*hard*

sciences”, prescrevendo e reproduzindo, assim, a histórica divisão entre ciências humanas e ciências da natureza – e conseqüentemente, reproduzem uma variedade de dicotomias que dela derivam: incompatibilidade entre uma teoria psicológica e uma teoria naturalista do sujeito, entre compreensão e explicação causal, ciência interpretativa e ciência explicativa. Sem poder dar seqüência a essa discussão, apenas sugerimos que a grande antinomia entre “*hard sciences*” e “*soft sciences*” seja reportada ao contexto histórico-filosófico em que ela foi estabelecida e que se questione sua sustentabilidade frente a uma reflexão sistemática sobre o próprio conceito de natureza, bem como a utilidade dessa antinomia no contexto atual da construção de uma noção de multidisciplinaridade na abordagem do mental.

Permanecemos indagando sobre os motivos para que uma ciência da natureza não possa ser, ao mesmo tempo, uma ciência do sujeito; o que não significa que a mesma estaria isenta de limitações e problemas a serem discutidos, como a necessidade de um dualismo metodológico para dar conta da especificidade do seu objeto de estudo e a diferença entre sujeito e objeto. É claro que embora o sujeito humano também seja um objeto do mundo - e não uma entidade metafísica -, seu estudo não é como o de outros materiais. Neste sentido, qualquer estudo do sujeito, orientado ou não por um naturalismo, não pode dispensar o *ponto de vista clínico e a singularidade dos aspectos*. Esse também se coloca como um dos aspectos mais difíceis a ser trabalho pelos modelos neurocientíficos ao tratarem de questões subjetivas. Enfim, o movimento de reinserção do homem, como sujeito e fonte de motivação, no campo de estudos das ciências naturais não prescinde, talvez, de uma recategorização da relação sujeito-objeto, sobretudo de uma discussão sistemática sobre sua natureza.

O mais importante é que a psicanálise pode mudar com o tempo, como aconteceu com os avanços na teoria da técnica. Ela não é um monobloco ortodoxo ou um sintoma rígido que não possa ser reformulada diante de novas evidências; e por que a metapsicologia estaria ao abrigo de revisões? Freud fez isso tantas vezes quanto lhe pareceu conveniente: ao constatar a falta de sustentabilidade prática da teoria da sedução, ele parte para a formulação da teoria da sexualidade em “Três ensaios...” (1905), ou antes quando experimenta técnicas, como a hipnose e a pressão na testa, até entender que os histéricos precisavam falar - o que vem a ser expresso na célebre *talking cure*. Freud

reviu o primeiro dualismo pulsional (pulsões do ego *versus* pulsões sexuais) e ainda acrescentou uma segunda tópica para o aparelho psíquico em 1923.

Mas, enfim, no século da *memória e do desejo* - uma frase do geneticista François Jacob (1998) -, o mais sensato, a nosso ver, é não permanecermos confinados ao arcaísmo acadêmico, caracterizado nas situações em que a psicanálise recusa prontamente uma troca com o âmbito científico de investigação da mente, e também não ficarmos entusiasmados com verdades definitivas, cujas especulações serão postas à prova. Pensamos que os modelos teóricos mal fundamentados não suportam o crivo das discussões críticas, das observações clínicas e, no caso dos modelos empíricos, também dos experimentos bem planejados. Lembremos dos desgastes da frenologia no século 19 e, por que não, da ingenuidade do modelo farmacológico na explicação da doença mental no auge nas décadas de 1960 e 1970, o qual declinou exatamente porque contava com uma simplicidade mecanicista: a etiologia da doença era pensada a partir do efeito da droga.

Afinal, a psicanálise foi convidada a debater em um programa naturalista sobre a mente, ou seja, no quadro científico; e a ciência, de modo geral, não é outra coisa que a permanente reiteração da dúvida: testar, falsear, confirmar, re-testar - tentativa e erro. Ao mesmo tempo, volto àquela idéia de que a psicanálise não pode ser um sintoma rígido, é como coloca Freud: "... o progresso do conhecimento não tolera rigidez alguma, tampouco nas definições" (1915, p. 113).

Em função do exposto, antes de discutir se o projeto de integração entre as diferentes áreas das ciências cerebrais e das ciências psicológicas é viável ou não, e que rumos uma interface dessa natureza traria para a psicanálise - o que pode ser prematuro sem antes um exame prévio das propostas de parte à parte que são colocadas no debate -, sugerimos indagar sobre o modo como a teoria freudiana pode contribuir para tal proposta contemporânea de psicologia naturalista. A presente investigação opera com a seguinte questão: se Freud pode, de fato, ter um lugar no contexto científico de uma *nova biologia da mente* como propõe as neurociências. Haveria razões dentro da psicanálise freudiana para se argumentar que sim, como veremos na própria coexistência entre as formulações psicossociais e neuropsíquicas do ego. E como se sabe, a psicologia freudiana do século 19 já levava em conta motivação, afeto e cognição num mesmo empreendimento e que se pretendia naturalista - aspectos estes presentes na agenda das neurociências apenas desde a década de 1980 -, mas qual seria exatamente o papel de Freud na atualidade? Em outras

palavras, como o projeto de uma ciência natural do sujeito pode se inteirar da teoria freudiana e qual o teor dessa relação? Foi o que tentamos levantar no capítulo anterior sobre a leitura freudiana feita pela neuro-psicanálise.

Pelo que procuramos apontar através do exame dos pressupostos dos dois programas, o *framework* e a neuro-psicanálise, colhemos algumas indicações sobre a possibilidade de que a psicanálise freudiana venha a elucidar dificuldades na abordagem das questões mente-corpo-cérebro, o que pode ser esquematizado da seguinte forma: o papel dos fatores constitucionais e desenvolvimentais já eram apontados pela psicanálise freudiana antes das pesquisas sobre a interação entre a expressão genética e a experiência, tanto que a atualidade de Freud nesse aspecto foi reconhecida por alguns neurocientistas; a confluência entre a teoria freudiana do inconsciente e a descoberta do inconsciente cognitivo; além de que a própria concepção freudiana sobre a representação psíquica atualiza-se através do papel central, recentemente, adquirido pela representação mental nas ciências da cognição e na neurociência cognitiva. Por fim, colhemos indicações de que a psicanálise pode oferecer uma teoria da personalidade e um método de investigação dos fatores inconscientes presentes em algumas neuropsicopatologias que não são satisfatoriamente explicadas pelas teorias neuropsicológicas convencionais.

Finalizamos, apontando a importância de explicitar o alcance e as implicações dessa relação que, em princípio, esboça uma aposta interessante. Freud construiu a teoria psicanalítica com base em inferências - com observação clínica e teorização -, mas tinha lacunas em termos de arsenal de investigação neurobiológica. A neurociência atualmente possui tais recursos, principalmente pela tecnologia de neuroimagem, mas apresenta lacunas em termos de formulações conceituais. A produtividade neurocientífica carece, mais do que nunca, de um enquadramento conceitual geral para que possa acomodar o “vivido subjetivo” e “as atividades neurofisiológicas”, como na terminologia de Changeux (1997). As neurociências também enfrentam o problema de equacionar a diversidade de achados sobre o cérebro e seu psiquismo. Por sua vez, encontramos diversos esforços, no pensamento freudiano, em prol de uma maior sistematização de seus conceitos e embora sua teoria até possa conter alguns princípios contestados ou discutidos, pelo menos, ela não é ingênua, já que apresenta um considerável grau de elaboração.

Neste sentido, pode haver pontos em que as neurociências e a psicanálise freudiana possam se complementar. Concluímos que as diversas proposições do novo quadro

conceitual de Kandel e as contribuições da neuro-psicanálise caracterizam a construção progressiva de um programa de estudos sobre o mental, o qual aspira se constituir em um projeto científico e filosófico que visa uma complementação de problemas, alinhamento de níveis de investigação e comparação de seus objetos de estudo. Parece-nos, todavia, necessário que esses novos modelos empíricos problematizem também uma noção de interdisciplinaridade, façam uma reflexão sobre os problemas a serem formulados e busquem uma compreensão mais sistemática dos conceitos psicológicos, para que o *framework* justamente não se torne mais um programa instrumental ou reducionista sobre a mente. Feito isso, quem sabe talvez aquelas interlocuções possam ir além do âmbito inicial de comparação de resultados e problemas, como nos programas de estudo apresentados nesta tese, para futuramente caminharem no sentido de construir novas teorias sobre a mente e o psiquismo.

PARTE II – O EGO EM FREUD

Capítulo IV

INTERAÇÕES ENTE EU-CORPO E EU-INTERSUBJETIVO NO PENSAMENTO FREUDIANO⁷⁵

“... não se pensaria em contrapor a esta orientação da ego psychology uma exposição do que seria a ‘verdadeira’ teoria freudiana do ego: antes nos impressiona a dificuldade em situar numa única linha de pensamento o conjunto das contribuições para a noção de ego” (*Vocabulário da psicanálise*, p. 134).

Nessa segunda parte, trata-se de considerarmos alguns aspectos da teoria freudiana, como os que se projetam ao longo da formulação conceitual do ego, atentos à relação implícita entre seus fundamentos corporais (e também neurobiológicos) e os pressupostos da abertura à influência do outro, do social propriamente dito. Vimos que no núcleo do programa de estudos que Kandel sugere está a “janela” para a experiência, revelada pela própria genética. Lembrando que esse pode ser pensado como um programa geral nas neurociências que a neuro-psicanálise virá complementar e realizar parcialmente, caracterizando uma linha de esforços progressivos.

A questão que se tentará responder ao final desse capítulo é sobre quais pressupostos e quais elementos da teorização sobre o ego em Freud poderiam interessar para as neurociências numa tentativa de modelização das funções psicológicas do ego ou mesmo do *self*, e também para seu programa de estudos em geral.

⁷⁵ Manteremos a palavra “eu” e não ego apenas para as expressões “eu-intersubjetivo”, “eu-corporal” ou “eu-neural”, devido à abrangência dos aspectos que tais termos denotam.

1. Caracterização geral do ego

Os conceitos freudianos de *Trieb* (impulso ou pulsão) e de representação (*Vorstellung*) também poderiam exercer a função que atribuímos ao ego no presente trabalho, isto é, de auxiliar na articulação entre o psíquico e o corporal. Como Freud (1905) mesmo referiu, a pulsão é a noção fronteira entre o somático e o psíquico e, mais recentemente, há discussões sobre o significado semelhante do conceito de representação (SIMANKE, 2006b). Contudo, a interface do ego com a clínica é mais expressiva ou direta. As concepções sobre o ego estão ligadas à explicação de diferentes quadros clínicos, como a histeria e as neuroses narcísicas (melancolia, paranóia e esquizofrenia), e aos fenômenos psicológicos, como a ligação afetiva na massa, o mecanismo da angústia ou a inversão de objeto na homossexualidade masculina, para citar apenas alguns.

Antes de discutirmos propriamente a relação entre as formulações psicossociais e as formulações neuropsíquicas nas concepções do ego e esboçar um quadro sobre o que as neurociências poderiam encontrar ao lerem Freud a esse respeito, vamos apresentar um esquema geral da evolução do conceito, a fim de apontar que à medida que esse foi se desenvolvendo também foi assimilando dados de observação clínica e novas teorizações de Freud, o que foi lhe conferindo a característica de uma tensão permanente e uma ambigüidade positiva quanto a diferentes aspectos.

O ego surge na primeira teoria das neuroses, nas investigações sobre a histeria, em meio à fundamentação do conceito de *defesa psíquica*, que mais tarde teria o recalçamento como seu paradigma e se tornaria essencial para a formação da teoria psicanalítica (GARCIA-ROZA, 1987). Na teoria da defesa, em “Psiconeuroses de defesa” (1894), existiria um conflito entre o ego e certas representações (não toleradas por ele), seguido de uma dissociação entre estas e o afeto correspondente. As representações intoleráveis formariam um grupo que se separaria da consciência e se comportaria, segundo Freud, como um “corpo estranho”. O ego operaria como o mecanismo através do qual as representações dolorosas eram afastadas da consciência (MILIDONI, 1993). À luz da descoberta da “resistência” do paciente, Freud substitui a metáfora do “corpo estranho” pela da infiltração. Em “Estudos sobre Histeria” (1895), a relação entre ego e consciência é bastante estreita, mas quando Freud começa a usar a metáfora do agente “infiltrante” os

limites entre um e outro não se mostram mais tão precisos, o que é infiltrante no ego antecipa já o seu caráter inconsciente que só será explicitado na teoria estrutural da segunda tópica (Monzani, 1989).

No “Projeto de uma psicologia” (1895/1950), o ego é uma organização de neurônios interligados e suas funções são mais amplas e bem definidas, mas continuam vinculadas a um sistema de defesas contra o desprazer. Em seguida, na teoria do ego, há um período de omissão em que, pelo menos explicitamente, o conceito não foi trabalhado, entre 1895 e 1914 aproximadamente, quando a noção de narcisismo revigora o papel do ego na teoria freudiana⁷⁶. Em “A interpretação dos sonhos” (1900), os mecanismos que antes eram atribuídos ao ego podem ser relacionados aos comandos do pré-consciente e à censura psíquica (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 130; MEZAN, 2002, p. 480), embora Freud não explicita essa identificação.⁷⁷

Na década de 1910, a aceção do ego passa por mudanças importantes, como as observações clínicas do *narcisismo* normal e patológico e as nuances da identificação na melancolia. A descoberta de que o ego é investido pela libido desencadeia parte do processo de revisão da primeira teoria pulsional. A oposição entre pulsões do ego e pulsões sexuais, agora, corria o risco de reduzir-se a uma mesma energia (e uma conseqüente aproximação ao monismo junguiano), o que, para Freud, dissolveria o sentido do conflito psíquico⁷⁸. Até 1920, o conflito foi sustentado apenas em termos tópicos, entre libido egóica (libido narcísica, isto é, investida no ego) e libido objetal (investida nos objetos exteriores) (FREUD, 1920, p. 51). Interessa ressaltar que uma das maiores contribuições do período para a noção do ego deriva da ampliação que o narcisismo efetua na teoria da libido, em que, apesar dos investimentos objetais, uma parte da libido permanece no ego por toda a vida.

Em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud amplia o narcisismo, cuja noção até então estava mais restrita a uma perspectiva desenvolvimentista e que agora

⁷⁶ Monzani (1989) considera que o conceito de ego só foi retomado a partir de 1920. Para J. Strachey, tal fato já ocorrera por volta de 1910 com as formulações sobre o narcisismo (Cf. “Introdução” de *O ego e o id*, p. 8).

⁷⁷ Como se sabe, a primeira teoria tópica do aparelho psíquico é constituída pelos sistemas Inconsciente (Icc), Pré-consciente (Pcc) e Consciente (Cc), formalizada em *Interpretação dos sonhos*. Ao caracterizar os sistemas Icc e Pcc, Freud tenta mostrar como “o segundo sistema tem que corrigir o processo primário” (1900, p. 591), assumindo a função que, como veremos, anos antes coube ao ego no “Projeto” (1895).

⁷⁸ A noção de conflito psíquico é uma peça fundamental da teoria psicanalítica, tanto que Freud só abre mão deste conflito pulsional quando esteve em condições de substituí-lo (SIMANKE, 1994; BLUM, 2002). “Além do princípio do prazer” (1920) integra as duas primeiras classes pulsionais a uma nova categoria (as pulsões de vida) e formula as pulsões de morte.

passa a ter um significado estrutural para o sujeito. O ego é descrito como o alvo de toda a libido (*narcisismo primário*, narcisismo do ego ou narcisismo infantil) e, portanto, está em condições de funcionar como um objeto sexual. As relações compensatórias entre a libido do ego/narcísica e a libido objetal, em que o fortalecimento de uma implica no decréscimo da outra, e vice-versa, lapidam as futuras relações objetais. Para exprimir essa relação plástica entre elas, Freud usa a imagem de um protoplasma: “... são os investimentos de objeto como o corpo de uma ameba e seus pseudópodes” (FREUD, 1914, p. 73). Sendo assim, uma idéia geral importante deste período das conceitualizações do ego é que o narcisismo primário torna-se uma condição permanente do funcionamento psíquico, sendo o suporte libidinal dos investimentos objetais,

A libido narcísica transforma o ego no primeiro objeto amoroso e total do sujeito, à semelhança de um objeto externo. Trata-se de uma inovação, já que antes da fase narcísica, a sexualidade dispunha exclusivamente de objetos parciais, em grande parte auto-eróticos e circunscritos às diversas zonas erógenas, como Freud descreve no auto-erotismo nos “Três ensaios de teoria sexual” (1905). O ego narcísico é responsável pela captação das diferentes pulsões sexuais, promovendo uma unificação do esquema corporal (a imagem do corpo) que coincide com uma unidade psíquica – a própria repetição da imagem de si -, que doravante será um dos paradigmas para a escolha de objeto (pelo menos para a sua forma narcísica).

A passagem do texto de 1914, na qual Freud distingue as fases do auto-erotismo e do narcisismo, ao apontar que um novo fato tem que se juntar ao auto-erotismo para que o narcisismo se constitua⁷⁹, é sugestiva de que a “nova ação psíquica” somada ao auto-erotismo consiste justamente na constituição do ego, como “imagem unificada pela qual o sujeito se representa para si mesmo, o que permite à libido tomar essa imagem como objeto total, e não mais parcial, como acontecia com as desconectadas pulsões do auto-erotismo” (SIMANKE, 1994, p. 122).

Desse modo, na escolha objetal narcísica e na homossexualidade em particular, ego e objeto tornam-se, virtualmente, indistinguíveis, posto que o interesse pelo objeto vela, no fundo, um apego pela imagem do próprio indivíduo. Em outra oportunidade (BOCCHI, 2004), vimos que o problema do ego não apenas é revigorado

⁷⁹ “É um suposto necessário que não esteja presente desde o começo no indivíduo uma unidade comparável ao ego; o ego tem que ser desenvolvido. Agora bem, as pulsões auto-eróticas são iniciais, primordiais; portanto, algo tem que se agregar ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua” (FREUD, 1914, p. 74).

pelo narcisismo, mas que este incrementa o conhecimento da instância egóica e de sua relação com os objetos internos e externos, sugerindo uma gênese conjunta do ego e do objeto através da internalização do outro percebido como um igual⁸⁰. Seja como for, a identificação demonstra a origem simultânea do ego e dos objetos psíquicos, de modo a inserir a intersubjetividade no âmago da teoria do narcisismo e na própria origem do ego.

1.1 *Uma via privilegiada para o eu-social ou intersubjetivo*

A partir do artigo metapsicológico de Freud, “Luto e melancolia” (1915/1917), as observações clínicas que apontam como o ego pode ser remodelado pela introjeção do objeto na identificação narcísica reforçam o papel que o objeto tem na formação do ego: partes do ego são modificadas como consequência da substituição do investimento amoroso por uma identificação com o objeto perdido, que é reconstituído no ego. No melancólico, a relação ambivalente com o outro não é abandonada, mas é deslocada para o interior da instância egóica, dividindo-a entre a parte identificada com o objeto perdido e o restante do ego e fazendo com que uma parte deste oponha-se à outra. Estas identificações também participam da própria formação do ego, onde Freud conclui mais tarde que elas contribuem essencialmente para seu caráter (FREUD, 1923, p. 30-31).

Em 1914, o conceito de ideal do ego, que Freud aponta como sendo “uma via para a psicologia coletiva”, vem sinalizar o funcionamento de uma organização interna altamente complexa, responsável por uma variedade de relações intrapsíquicas e intersubjetivas, tanto que as relações entre o ego total e os objetos podem ser reproduzidas no mundo interno do sujeito, dentro do ego (FREUD, 1921, p. 123). Alguns fenômenos descritos em “Psicologia das massas” (1921) também apontam como o ego é passível de cisão e permuta com os objetos externos. Estes podem substituir o ego ou o ideal do ego, como ocorrem no enamoramento e na massa (FREUD, 1921). Aliás, esta obra de Freud deixa muito claro a caracterização do viés intersubjetivo na construção e fundamentação do conceito de ego, demarcando um período de seu pensamento em que a idéia de um eu-social fica bastante evidente.

⁸⁰ BOCCHI, J. C. (2004). *A noção de narcisismo na obra freudiana: implicações do narcisismo primário para uma concepção de psiquismo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.

Cabe aqui um parêntese importante, o tema da identificação retorna ao cenário psicanalítico na teoria do narcisismo e, como vimos, recebe novos contornos na elucidação da melancolia, fato que por si trouxe ferramentas imprescindíveis à demonstração da origem social do ego. Todavia, Freud já falava em identificação desde a primeira teoria das neuroses, mas no sentido de aquisição de sintoma histérico (WOLLHEIM, 1971; FREUD, 1921, p. 99). Agora, em 1921, a noção de identificação passa a integrar os processos normais, mais do que isso, ela é “a forma mais precoce de ligação afetiva com a outra pessoa” (FREUD, 1921, p. 99), desse modo, reforçando o que seria uma formulação mais psicossocial do ego. Freud fala da coincidência entre a identificação com o objeto e o investimento objetal, bem como a precedência da identificação em relação ao investimento de objeto, usando como exemplo o conflito edípico do menino, no caso da identificação: “o pai é o que ele queria *ser*; no segundo, é o que ele queria *ter* (...). **A primeira ligação já é possível, portanto, antes de toda escolha sexual de objeto**” (FREUD, 1921, p. 100, grifos nossos). O texto “Psicologia das massas” (1921) é o momento em que a questão da identificação é reinserida com grande peso no pensamento freudiano, sendo aprofundada nos seus capítulos VII, VIII e X. O fenômeno da identificação demonstra o ângulo da equação entre o indivíduo e o social, como a fonte de todos os vínculos (WOLLHEIM, 1971, p. 210-13). Então, para Freud, não se trata de simplesmente reportar a psicologia de grupo à psicologia individual, uma crítica freqüente à essa parte da obra freudiana, mas sim demonstrar a via contínua e de mão dupla entre o social e o individual.

A psicologia individual freudiana jamais teria sido fechada, porque o outro apresenta-se precocemente na vida psíquica (PAUL, 1995). Esse é um aspecto importante que nosso trabalho visa apontar; pensemos nas considerações que se seguem neste parágrafo como um divisor de águas para a argumentação que adotaremos daqui por diante. Quando Freud abre “Psicologia das massas”, já na introdução, colocando que desde muito cedo, “na vida anímica do indivíduo, o outro conta, com total regularidade, como modelo, como objeto, como auxiliar e como inimigo, e por isso desde o começo mesmo a psicologia individual é simultaneamente psicologia coletiva [...]” (FREUD, 1921, p. 67), na prática, Freud está dizendo que a explicação de qualquer ato psíquico evoca, de algum modo, fatores sociais. A diferença entre psicologia social e a individual, em Freud, é apenas formal.

Dessa forma, Freud sela oficialmente uma concepção do ego, cuja gênese se dá na troca intersubjetiva com os outros egos, todavia essa afirmação tem seu precedente conceitual nas discussões sobre a identificação narcísica desde 1910, no ensaio sobre Leonardo da Vinci, com a explicação da homossexualidade masculina. Com efeito, os trabalhos relativos à escolha narcísica de objeto (na melancolia e na homossexualidade) configuram uma fértil transição para os desenvolvimentos que tomariam corpo em 1921 e em 1923, em “O ego e o id” principalmente. Graças às operações identificatórias na origem do ego, sugeridas em 1921, mas que só ficarão mais claras em “O ego e o id”, a vida interior não pode mais ser pensada sem recorrer ao mundo externo.

1.2 *A não linearidade do ego*

A partir de “O ego e o id” (1923) fica atribuída ao ego a coordenação de importantes funções psíquicas (como a percepção, o exame da realidade, a atenção, o acesso à consciência e à descarga motora, entre outras), e dele também parte a repressão, porém, ao mesmo tempo, sabemos que o ego tem de ponderar entre as exigências internas e externas. No mundo interno, o ego se depara com as forças pulsionais do id e com o rigor do superego e, com vistas à realidade externa, regula a relação necessária entre o princípio do prazer e o princípio da realidade (FREUD, 1923, p. 27). O ego opõe-se a certos investimentos do id, de um lado, reprimindo o acesso de representações censuráveis à consciência e, de outro, deflagra o sinal de angústia (FREUD, 1926).

Desta feita, o exame das operações egóicas e seu papel no conflito intersistêmico - segundo Freud, numa tripla servidão – revela também sua posição vulnerável, o que relativiza ou torna discutível sua autonomia no psiquismo: “as apreciações freudianas sobre a parte da vida psíquica que representa a razão e a prudência são ambíguas e é o próprio Freud quem chama a atenção, em Inibições, sintomas e angústia, para a diferença entre seus dois pontos de vista acerca do ego” (BLUM, 2002, p. 150). Freud parece demonstrar que o ego exerce controle sobre o id, mas também depende dele na medida em que este é a fonte de sua energia. Embora, em “Inibição, sintoma angústia” (1926), a expressão dessas facetas contraditórias do ego sejam mais visíveis, Freud não as discute especificamente.

Whitebook (1995) aborda o problema dessas posições aparentemente opostas, lembrando as duas famosas asserções de Freud que bem caracterizam a não-linearidade de seu pensamento sobre o ego: “*o ego não é senhor em sua própria casa*” e “*onde houver id que se faça ego*”. Segundo ele, estes dois epigramas são retomados nas discussões sobre o lugar do sujeito moderno. O primeiro serve às leituras que apóiam a idéia de descentramento do sujeito, e o segundo é usado como argumento pelos que defendem o ideal iluminista de um sujeito autônomo e unificado. Estamos de acordo com o fato de que “menosprezar um ou outro simplificaria seu pensamento sobre a questão” (WHITEBOOK, 1995, p. 91). Como parte dos objetivos deste capítulo, gostaríamos de começar a apontar que o desenvolvimento do conceito de ego demonstra a manutenção de uma tensão constante, que se distribui em diferentes aspectos: agente da defesa-ego invadido pelas representações negadas, autonomia-dependência, amor objetal-narcisismo anobjetal, libido egóica - libido objetal e a tensão que mais nos interessa, eu-social - eu-neural/coporal.

Dissemos que a libido narcísica foi um dos fatores que precipitou a reformulação da teoria pulsional freudiana; uma vez que a libido permanece no ego, ele não podia mais se opor às pulsões sexuais. Monzani (1989) levanta outros fatores que fazem do ego um dos quatro catalisadores da introdução da segunda tópica. Segundo ele, desde 1914, o ego já aparece como uma constelação psíquica composta de várias instâncias e funções - ego ideal, ideal do ego, superego -, as funções do sistema pré-consciente são redefinidas como parte do ego, além de seu vínculo com a consciência, com a motilidade e o agenciamento dos mecanismos de defesas: “isso fez com que se formasse uma espécie de nódulo difícil de ser mantido em termos de primeira tópica, pois essas mesmas funções acabavam por se dispersar nos diferentes sistemas da teoria topográfica” (MONZANI, 1989, p. 249). Para Monzani, entretanto, nem a acomodação do ego na teoria estrutural ajuda-o a ser um conceito menos problemático. O ego teria uma das expressões mais ambíguas de toda a teoria psicanalítica.

Efetivamente, na segunda tópica, Freud descreve como o ego é enriquecido ou empobrecido pela identificação com o objeto, enfim como a sua organização é modificada através do contato com outros egos. Uma prova disso é o fato de que o ego é moldado originalmente pelos investimentos nos primeiros objetos amorosos da criança,

como na diferenciação ego-superego em “O ego e o id” (1923), marcando a concepção estrutural do ego.

A descrição do conceito até aqui caracteriza a evolução do enquadre do que, por enquanto, poderíamos chamar de “eu-social”. É verdade que os contornos de um eu-social se definem após uma lenta diferenciação desde a teoria das neuroses, como vimos. E talvez porque a fonte de contribuições para a noção de ego fora bastante diversificada, fica até difícil obter uma apreensão integral sobre o conceito. Não obstante, por outro lado, é certo que a compreensão do ego não é tão linear quanto parece à primeira vista, nem os contornos do quadro de um ego puramente social mantêm-se intactos no seio da segunda tópica.

Daqui por diante, pretendemos mostrar como uma análise mais detalhada de determinados momentos das formulações do ego não apenas dissolve o *purismo* social do quadro apresentado até agora, como também permite reconhecer a existência de indicadores precisos da importância do aspecto interpessoal para a gênese das representações do sistema ego, muito antes do período da transição da primeira para a segunda tópica. Inclusive a inter-relação entre o aparelho psíquico e as porções específicas da realidade – aquelas que contêm o outro – é tratada por Freud de forma explícita já em 1895, porém tematizada dentro de outros contextos e numa linguagem marcadamente neuropsicológica.

2. *Eu-corporal*

Em primeiro lugar, o purismo do eu-social não se sustenta a partir de “O ego e o id”, no qual Freud reedita teses neurobiológicas quase no mesmo nível que no “Projeto” (1895). Contudo é a partir da década de 20 que Freud elabora boa parte de suas reflexões sobre a psicologia coletiva, sobre a cultura e adota uma descrição antropomórfica das instâncias psíquicas. Chamamos atenção para o fato de que na virada de 1920 está claro para Freud que a formação do ego e a construção da subjetividade estão vinculadas às identificações com o outro. Todavia, a partir do seu trabalho de 1923, Freud recupera enunciados biológicos do início da metapsicologia para dar conta da psicogênese

do ego, assinalando, a partir deste período até os últimos textos, a natureza híbrida do conceito no que concerne às formulações psicossociais e neuropsíquicas (ou corporais).

Desse modo, queremos sinalizar que o recorte principal que discutimos no ego – o de um eu-inter subjetivo e um eu-corporal – fica bastante evidente neste momento do pensamento freudiano, no sentido de que todos esses aspectos coexistem na consolidação da teoria estrutural do aparelho psíquico e parecem conviver de modo relativamente tranquilo. Nossa hipótese para isso é de que a relação específica entre as dimensões psicossocial e neuropsicológica do ego são parte do interjogo de tensões e ambigüidades que Freud não parece estar preocupado em desfazer. Ora, essa ambigüidade pode vir a ser interessante para os modelos neurocientíficos, porque permite que estes abordem ou utilizem os aspectos psicossociais, psicodinâmicos, neuropsicológicos e biológicos no conceito de ego sem a necessidade de se fazer uma escolha entre esses princípios, o que, de saída, limitaria o programa geral das neurociências, o qual propõe uma certa integralidade na abordagem do fenômeno mental.

O que se tentará mostrar nas próximas seções é que o *link* entre as formulações neuropsicológicas do ego e as psicossociais encontra-se tanto nos textos freudianos considerados pré-psicanalíticos, como nos mais tardios. Não acolhemos a idéia de que existam concepções freudianas do ego que sejam verdadeiramente discrepantes ou opostas, como uma espécie de “eu-neural” ou neuropsicológico, restrito aos primórdios da psicanálise e um outro ego, propriamente psicanalítico, mais intersubjetivo e alicerçado no mundo das relações, o “eu-social”. A nosso ver, a segmentação entre os enfoques neuropsicológico e psicossocial na teoria freudiana do ego não se sustenta se considerarmos a evolução do conceito, como portador de múltiplas facetas e intrinsecamente complexo e ambíguo. O que existem são momentos onde cada uma dessas dimensões é formulada e ganha destaque.

A partir daqui, vamos sugerir que se repense a atribuição de uma ênfase psicossocial à noção de ego exclusivamente a partir de 1914 (data da publicação do ensaio sobre o narcisismo) e em 1921, quando se oficializa sua natureza identificatória, como procuramos apontar. Para desenvolver essa idéia, primeiro, apresentamos a tese do ego-corporal em 1923 e em seguida discorreremos sobre o ego no “Projeto” (1895), o qual vamos chamar de “eu-neural” simplesmente pela retórica de exposição das idéias. Nosso

objetivo é justamente demonstrar que a oposição entre um eu-neural/solipsista e um eu-social/intersubjetivo é artificial em Freud, salvo alguns períodos da obra em que essas formulações são desenvolvidas e, por sua vez, são realçadas mais separadamente, a exemplo do que ocorre nos textos “Luto e melancolia” (1915/1917) e em “Psicologia das massas” (1921).

Ressalta-se que antes do texto do “O ego e o id” (1923), nos anos da década de 1910, uma formulação biológica já permeava os desdobramentos intersubjetivos do ego, porém muito indiretamente, através do conceito de libido e de pulsão. Agora em “O ego e o id”, essa ambigüidade será explicitamente abordada por Freud. É preciso que se esclareça que a gênese do ego, questão fundamental em nosso estudo, só tem uma resposta mais objetiva a partir da identificação narcísica. Isto porque a sexualidade infantil estava ausente no “Projeto” (1895), quando Freud apresenta o que seria a primeira formulação propriamente metapsicológica do conceito de ego. Sabemos que, naquele período, a única pulsão operante era a da fome (pulsões de autoconservação), e Freud só começa a falar em escolha infantil do objeto sexual a partir dos “Três ensaios de teoria sexual” (1905), portanto antes disso o sexual não tinha nenhum papel na constituição do sujeito. Como dissemos, a identificação é o elo entre uma concepção mais solipsista do ego e uma mais social, além disso, ela qualifica a importância da sexualidade para a origem dessa instância.

A questão da formação do ego via identificação ganha mais visibilidade no texto de 1923, tanto no âmbito do surgimento do ego a partir das moções pulsionais do id, como no sentido das identificações primitivas que formam o superego. A psicogênese desta instância mostra mais do que relações constitutivas entre ele e o ego, mas mostrar a inserção de certos objetos no mundo interno. Estes são as figuras parentais - os primeiros a cuidarem do bem-estar e da sobrevivência da criança -, as quais são internalizadas a partir das identificações mais primitivas. Na melancolia, ficara evidente que a substituição da escolha objetal pela identificação com o objeto perdido conduzia à introjeção deste objeto, provocando cisões no ego e outras modificações. Em “O ego e o id”, agora, com mais conhecimento sobre esse processo, Freud atribui à identificação um sentido estrutural: “desde então, temos compreendido que tal substituição participa em considerável medida na conformação do ego, e contribui essencialmente para produzir o que se denomina seu caráter” (FREUD, 1923, p. 30-31).

Quando um investimento erótico é abandonado, diz Freud, via de regra, segue-se uma identificação e uma posterior reconstituição do objeto no interior do ego. As primeiras trocas desse tipo estarão na raiz do caráter, que nasce da “história destas escolhas de objeto”. Essas operações muito precoces caracterizam a progressiva diferenciação id-ego: “no início de tudo, na fase primitiva oral do indivíduo, é por completo impossível distinguir entre investimento de objeto e identificação” (FREUD, 1923, p. 31). Em termos econômicos, enquanto não existir um ego ou enquanto este for frágil, o id encontrará satisfação diretamente nos objetos. Trata-se de um momento originário em que o ego não medeia essa relação e ela se dá com objetos parciais e identificações parciais⁸¹. Estaria em jogo aí a constituição do estágio narcísico, necessário à captação dos diferentes traços parciais na imagem de um mesmo objeto, assim: “quando o ego contrai os traços do objeto, por assim dizer se impõe ele mesmo ao id como objeto de amor, busca reparar sua perda dizendo: ‘Olhe, pode amar a mim também, sou tão parecido com o objeto ...’” (FREUD, 1923, p. 32). Assim, no texto de 1923, o ego constitui-se à *semelhança* dos objetos, como uma fusão ou uma síntese de diferentes traços dos objetos ou objetos parciais. A libido pode ser fixada no ego e ele torna-se um objeto de amor, Freud dirá, o mais enaltecido de toda a sexualidade.

Aproveitamos para comentar que pensar a origem do ego requer uma atenção especial, pois ela deve ser pensada nos diferentes registros psíquicos. Acabamos de ver um jogo de forças em sentido econômico e também dinâmico. Em termos tópicos, Freud (1923) diz que o ego surge do núcleo do sistema perceptivo (P-Cc) a partir do contato com a realidade externa, e o que é mais interessante é que não se trata de qualquer realidade, e sim àquela que contém os pais. Por esse ângulo, o desenvolvimento do ego é como a continuação de uma diferenciação originária com o id, à qual será seguida por uma intensificação da complexidade do aparelho psíquico, tanto em termos da diferenciação das funções psicológicas como da consolidação da importância do outro na vivência subjetiva. De qualquer forma, a teorização metapsicológica do ego mostra a imbricação entre os pontos de vista tópico, dinâmico e econômico.

Aproximando-se da teorização do ego-corporal, por sua vez, observamos que Freud retoma uma argumentação biológica para fundamentar o ego. Em nível tópico, como dissemos acima, o ego surge da influência da percepção como se fosse o núcleo do

⁸¹ Identificação parcial, que incide sobre “um único traço do objeto”, foi descrita em “Psicologia das massas”.

sistema-superfície P-Cc, assim: “é fácil perceber que o ego é parte do id alterada pela influência direta do mundo exterior, com mediação de P-Cc: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies” (FREUD, 1923, p. 27). De fato, as percepções são para o ego o mesmo que as pulsões são para o id, coloca Freud. O corpo também contribui para essa modificação no id, fornecendo um modo privilegiado de percepção: “o ego é, sobretudo, uma essência-corpo; não é só uma essência-superfície, senão, ele mesmo, a projeção de uma superfície” (FREUD, 1923, p. 27). A superfície corporal proporciona sensações diferentes que equivalem às percepções externas e internas ao mesmo tempo, oferecendo a possibilidade do corpo poder objetivar-se para si mesmo: “o corpo próprio e principalmente sua superfície é um sítio do qual podem partir simultaneamente percepções internas e externas. É visto como um **objeto outro**, porém proporciona ao tato duas classes de sensações, uma das quais pode equivaler a uma percepção interna” (1923, p. 27, grifos nossos).

Essa auto-objetivação, digamos assim, o estranhamento em relação ao próprio corpo coincide, em termos de desenvolvimento psicosexual, com os momentos em que o narcisismo unifica diferentes sensações numa imagem de si, investindo-a repetidas vezes. O conceito de ego corporal freudiano dá margem para se pensar na relação especular presente no narcisismo, portanto na formação do ego a partir da auto-imagem e das representações de objeto que daí decorrem, por exemplo, na escolha narcísica (na qual essa imagem é o modelo) e nas circunstâncias em que o outro é inicialmente percebido como um idêntico. Por outro lado, essa passagem de “O ego e o id” sugere o que pensamos que seja uma ambigüidade peculiar do ego, cuja formação parece se dar através da interação permanente entre sensações internas/representações corporais e sensações externas/representações de objeto. Com a noção de ego corporal, talvez seja possível pensar em dois registros genéticos para origem da instância egóica: o *eu-intersubjetivo* e o *eu-corpo*. Este último gera um tipo de representação que não surge da identificação com a imagem, mas propriamente do “rastreamento de sensações corporais próprias”, como veremos mais adiante. Freud (1895) afirma que as representações-objeto só adquirem significados a partir de sua associação com as sensações corporais já conhecidas. Em outros termos, o eu-corpo pode emergir, sob alguns aspectos, como um “outro” e, desse modo, é possível uma forma precoce de objetivação que tenha um substrato psicobiológico concreto, o corpo. Por esse motivo,

pensamos, então, que “O ego e o id” apresenta duas formas de conceber o ego ou duas linhas de raciocínio que não parecem ser antagônicas, o eu-corpo e o eu-intersubjetivo.

As reflexões desse texto apontam a impossibilidade de conceber um aparelho psíquico que não esteja ligado ao corpo e, ao mesmo, tempo ligado a determinadas porções do mundo externo, isto é, àquelas que englobam o outro: o ego surge das sensações corporais e do núcleo da percepção, que está em contato direto com a realidade externa. Os textos que se seguem ao “O ego e o id”, dando continuidade a questões aí trabalhadas, vão manter a idéia de uma relação direta entre ego e corpo, como o “O problema econômico do masoquismo” (1924) que retoma o sentimento de culpa e mesmo “A negação” (1925).

Agora, para mostrar a ambigüidade intrínseca entre o que formalmente estamos chamando de eu-neural e eu-social, vamos trazer o enunciado da **vivência de satisfação**, na qual o desamparo do indivíduo depende do cuidado do outro e discutiremos as conseqüências dessa experiência primordial para o desenvolvimento de uma teoria do **pensar** em 1895. Para Freud, o desenvolvimento das formas de pensamento revela uma íntima relação entre corpo e intersubjetividade, o aprendizado do ato de “reconhecer” passa por um processo de identificação entre o próprio corpo e o corpo do próximo.

3. O eu-neural e o eu-corporal

3.1 O ego no “Projeto de uma psicologia (1895/1950)”⁸²

O “Projeto” condensa o amplo empreendimento freudiano para uma naturalização da ciência psicológica, o que faz com que nele a teoria do ego seja pensada dentro dos critérios de um programa naturalista para a investigação da mente. Como Freud

⁸² O “Projeto”, como se sabe, foi escrito em 1895, porém arquivado por Freud e só publicado em 1950. Encontramos muitas opiniões controversas sobre esse texto, desde aquelas que lhe negam qualquer valor para o desenvolvimento da psicanálise, pois Freud o teria abandonado ou tentado destruí-lo (coincidindo também, algumas vezes, com a interpretação de Lacan e seus estudiosos, que o veriam como a metáfora neurológica de Freud ou mesmo um “manual fantástico”). Há também leituras que atribuem ao “Projeto” um valor puramente historiográfico e nada mais. Finalmente, existe outra concepção que reencontra no horizonte deste manuscrito a pedra angular da metapsicologia freudiana. Todas as posições são defensáveis com maior ou menor fundamentação e até sem nenhuma base segura, como parece ser o caso daqueles que o ignoram por completo.

toma emprestado pressupostos da física e da fisiologia, ele atenta para a gênese dos processos e para o fato de que o ego é, em seu conjunto, uma realidade psíquica e material. Freud introduz o texto, demarcando o âmbito de sua alçada: “apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas” (FREUD, 1895, p. 339).

No “Projeto” (1895), ele desenvolve um aparelho neuronal, porém, face ao tipo de eventos que este procura dar conta, como a formação da memória, do juízo ou a satisfação de desejo, tal aparelho também é psíquico, ou melhor, neuropsíquico. Muitos aspectos sobre o funcionamento deste aparelho serão quase integralmente adotados na posterior concepção de aparelho psíquico. Soluções sobre uma teoria do pensar serão aproveitadas nos artigos metapsicológicos posteriores, bem como a questão da atenção, do juízo e o que pode ser considerado uma formulação inicial do conceito de pulsão. Existem também questões que são exclusiva ou mais sistematicamente abordadas só no “Projeto” (1895), como a consciência e a vivência de dor (CAROPRESO, 2006).

Um fato que chama atenção é que embora o texto tenha ficado inacabado, possui um surpreendente encadeamento lógico-conceitual (GABBI Jr., 2003; SIMANKE, 2006b) e nele o conceito de ego tem ampla repercussão. A hipótese de uma organização similar ao ego ajuda a encaminhar alguns problemas do aparelho neuronal e desta organização depende a adaptação do organismo ao mundo externo⁸³. A instância egóica ocupa o lugar de honra na formulação da teoria geral dos processos psicológicos, como o juízo, o pensamento, a linguagem, a possibilidade de um exame de realidade, entre outras. Como o “Projeto” (1895) visava, em primeiro plano, fundamentar em termos neuropsicológicos a primeira teoria das neuroses (a “teoria da sedução”), a instância egóica também é crucial na elucidação do psicopatológico. Sendo assim, muitos aspectos conceituais do ego estão dispersos na variedade de temas presentes no “Projeto” (1895). O texto apresenta um caráter especulativo e inferencial, pois a estrutura e o funcionamento psíquicos têm uma fundamentação explicitamente neurofisiológica, como parte do trabalho de Freud para fundar uma ciência psicológica no contexto das ciências naturais.

Com vistas a um dos objetivos da tese, examinar a teoria do ego a partir da idéia de uma pretendida ambigüidade ou tensão entre as formulações neuropsíquicas e as

⁸³ O “Projeto” circunscreve as vicissitudes da relação do organismo com o meio externo, o qual é potencialmente traumatogênico para o aparelho neuropsíquico na medida em que do mundo resulta um montante de sensações que exigem gastos energéticos do organismo e o desenvolvimento de processos psíquicos.

formulações psicossociais em Freud, pretendemos buscar no “Projeto” (1895) apoio para a hipótese do duplo registro na origem da instância que levantamos na seção anterior - o *eu-intersubjetivo* e o *eu-corpo* -, considerando que estas duas realidades são indissociáveis dentro do dinamismo psíquico e o próprio interjogo entre as sensações internas/representações corporais e as sensações externas/representações de objeto.

3.2 *Premissas do aparelho neuronal*

A legitimação da organização ego está ligada à consecução de funções essenciais à sobrevivência do indivíduo e à instauração dos processos secundários, portanto, uma parte dessas funções deverá levar em conta as circunstâncias da realidade externa. A ausência do ego faria com que o aparelho neuronal perecesse em pouco tempo por permanecer alucinando (GABBI Jr., 1994, p. 77). A segunda parte do “Projeto” é dedicada à explicitação do psicopatológico e de como este se instaura mediante uma falha na atuação do ego. À última parte do texto é reservado o estudo dos processos psíquicos normais e sua dependência de uma organização semelhante ao ego. Situiremos, em linhas gerais, as premissas que fundamentam a proposta do texto para contextualizar o papel do ego no funcionamento do aparelho neuropsíquico e, ao mesmo tempo, esclarecer o significado de muitos termos que estão presentes na sua definição formal. Em princípio, Freud procura explicar todo o funcionamento psíquico por um ponto de vista mecânico, que é levado ao seu limite. Mas Freud acaba recorrendo a justificativas biológicas – introduzidas a partir da seção 4 (parte I) - para explicar principalmente os processos que envolvem a ação do ego.

Não obstante a introdução formal do conceito de ego só ocorra na seção 14, ele já está implícito desde a primeira seção como pressuposto que virá satisfazer algumas exigências teóricas dos primeiros postulados do aparelho, mais exatamente, a tendência à constância, que é necessária para a realização dos processos secundários e será deduzida a partir do “princípio de inércia”, (SIMANKE, 1994; GABBI Jr., 1994). Segundo Freud, o “princípio de inércia” está submetido à lei geral do movimento e determina, inicialmente, a estrutura e funcionamento do aparelho neuronal através da tendência a descarregar todas as quantidades que incidissem sobre o aparelho. A inércia neuronal é apresentada na

primeira parte do texto, junto com os dois postulados básicos para uma teoria geral dos processos psíquicos: a “quantidade” (Q) e o “neurônio” (N)⁸⁴.

Com as proposições de “quantidade” e “neurônio”, os estados psíquicos podem ser explicados através do fluxo de quantidades (concepção quantitativa) que circula ao longo de partículas materiais (teoria neuronal), dando origem a todos os processos psíquicos: “pode-se formular um princípio fundamental da atividade neuronal com referência a Q (...). É o princípio da inércia neuronal; enuncia que os neurônios procuram aliviar-se da quantidade” (FREUD, 1895, p. 340). Em obediência ao “princípio da inércia”, a quantidade (Q) é a diferença entre atividade e repouso, ou seja, a modificação de um estado, logo, a Q igual a zero significa ausência de movimento e não ausência de quantidade. A Q diferente de zero refere-se à passagem do repouso ao movimento, e vice-versa. Assim, a tendência primordial do aparelho seria anular todo o aumento de quantidade e manter essa igual a zero. Essa tendência pode ser lida como uma tendência a evitar o desprazer que, nesse período da teoria, corresponde ao aumento de excitação e o prazer corresponde à diminuição. A concepção quantitativa é deduzida de observações da clínica da histeria, na qual as idéias patológicas hiperintensas mostram com mais nitidez o fator quantitativo dos fenômenos mentais: foram as substituições, as conversões e a ab-reação que deram origem à concepção da excitação nervosa como uma quantidade em fluxo. O “neurônio”, segundo pilar da teoria e a unidade material e funcional do sistema nervoso, é deduzido a partir das hipóteses histológicas daquela época, como as de W. Waldeyer, segundo Strachey.

A estrutura do neurônio individual está de acordo com a tendência fundamental do aparelho de livrar-se da quantidade, tanto pela via motora como pela via associativa (através de outro neurônio). O aparelho neuronal é formado por neurônios estruturalmente idênticos, independentes entre si e mediados por um tecido não-neuronal (uma “massa alheia”) que oferece resistência à passagem da quantidade, cujo escoamento segue uma direção privilegiada: o movimento reflexo, que vai da parte sensorial

⁸⁴ As abreviaturas Q e Q_n representam a “quantidade”, porém seu uso no texto não é consistente (GABBI Jr., 2003, p. 24). Em geral, designam, respectivamente, quantidade de origem externa e a Q_n circularia dentro do aparelho. Entretanto, Simanke (2004) aponta que às vezes Freud também usa Q no último sentido. Então, esse autor sugere que talvez Q possa ser aplicada também às excitações internas (como uma quantidade em geral), enquanto que Q_n se refira apenas aos processos intercelulares. Freud não especifica a natureza da quantidade, mas, segundo James Strachey (1998, p. 442), afirmações anteriores de Freud sobre o “soma de excitação” e a “quota de afeto” sugerem que se trata de algo que se comporta analogamente à energia elétrica. Como dissemos, Freud importava noções da física e da biologia, de outras ciências naturais.

(responsável pela recepção dos estímulos externos) para a parte motora do aparelho, onde são eliminados e retoma-se a quantidade inicial de movimento. A teoria neuronal surge da junção entre a concepção quantitativa e a idéia do neurônio como a unidade material fundamental do sistema nervoso, as quais estão divididas entre cilindro e eixo: “nelas estão prefiguradas certas orientações de condução, pois com prolongamentos celulares recebem, e com cilindros-eixo liberam” (FREUD, 1895, p. 342).

Da teoria neuronal, seguem noções importantes para a compreensão do ego, como as noções de “ocupação” (*Besetzung*)⁸⁵ e de “barreira de contato”. A passagem da quantidade de um neurônio ao outro – designada como “ocupação”, na qual uma célula nervosa torna-se excitada - encontraria uma resistência no contato entre os neurônios, nas ditas “barreiras de contato”. Para superar essa resistência, a quantidade tem que ser mais forte do que a magnitude das barreiras, diminuindo, assim, a resistência entre aqueles neurônios. Esse fato imprimiria uma diferenciação cada vez maior nos caminhos de condução, ou seja, quanto mais freqüente a quantidade em curso, mais *facilitada* torna-se a passagem pelas barreiras de contato envolvidas naquele processo. Freud, na seção 3, atribui à diferenciação das barreiras de contato um estado de “facilitação” (*Bahnung*). A *Bahnung* é um conceito muito importante para se compreender a formação ontogenética do sistema de memória, uma vez que uma quantidade passa pelas barreiras de contato deixa atrás de si caminhos de condução, uma espécie de trilha, com uma resistência cada vez menor, ou seja, deixam modificações no aparelho neurônico. Esses caminhos de condução que ficaram constituem os traços permanentes do aparelho neuropsíquico e as bases materiais do sistema de memória: são as representações mais facilitadas entre si, pois serão mais facilmente percorridas nas próximas vezes em que um processo se repetir naqueles neurônios. Ressalta-se que no “Projeto” há uma mudança na concepção freudiana da representação em relação ao “Sobre as concepções das afasias” (1891); neste a representação era o concomitante psíquico de um processo cortical associativo. No “Projeto”, a representação passa a ser pensada como o processo cortical em si mesmo: representação aqui é o mesmo que associação entre grupos de neurônios, cujas barreiras de contato estão mais facilitadas entre si. Mesmo quando seus neurônios estão

⁸⁵ Freud usara o termo *besetzung* para designar ocupação tanto no “Projeto”, como no restante da sua obra. As traduções, no entanto, optaram pela criação de um novo termo, *investimento*, que se tornou corrente ao lado dos conceitos metapsicológicos posteriores. Utilizaremos “ocupação” e investimento, embora o mais pertinente, em sentido *strictu sensu*, é “ocupação”.

desocupados, isto é, sem movimento de excitação, as representações continuam existindo potencialmente nas facilitações mecânicas que ficaram no sistema.

Chamamos atenção para o fato de que as facilitações surgem de fatores decorrentes da história das vivências e dos processos do organismo. Além destas noções, outro aspecto é imprescindível à futura atuação egóica, ou seja, a “lei de associação por simultaneidade”, que diz que a ocupação de dois neurônios ao mesmo tempo cria uma facilitação maior do que a ocupação de um, podendo, assim, alterar o curso da excitação: “uma Q_n de um neurônio passa mais facilmente para um {neurônio} ocupado do que para um desocupado” (FREUD, 1895, p. 364). As noções de “barreira de contato”, “facilitação” e associação simultânea constituem os elementos da *teoria da memória* que Freud desenvolve nesse texto e que, em última instância, corresponde à predileção pelos caminhos mais bem facilitados. Como veremos, o ego surge circunscrito a essa teoria, a partir de fatores mecânicos e biológicos.

Considerando o permanente ingresso das quantidades externas no aparelho neuropsíquico, dois mecanismos atuam para fazer com que este funcione dentro do critério da inércia neuronal: as *funções primária e secundária*. Até aqui Freud, refere-se a um aparelho totalmente abstrato, pois ainda não considerou sua ligação com o corpo e a conseqüente ação dos estímulos endógenos, o que caracteriza o aparelho mental de um ser vivo desde um ponto de vista biológico. A função primária e a função secundária, então, são explicadas pela concepção mecânica do aparelho e a esta será acrescentado o ponto de vista biológico, por conta da necessidade de encontrar também um significado biológico para o desenvolvimento dos subsistemas de neurônios. Veremos que os pontos de vista mecânico e biológico são levados ao extremo por Freud até que se esbarram na questão da qualidade. A *função primária* de qualquer processo psíquico é a tendência à descarga, o esforço de eliminar, tanto quanto possível, as quantidades externas e internas do aparelho, enquanto a *função secundária* visa evitar a chegada dessa energia. Entretanto, as funções primária e secundária não são condições suficientes para a preservação da inércia em todos os casos, pois a função secundária não pode ser cumprida quando se trata de estímulos endógenos, esta fonte de estimulação é inerente ao organismo e a “fuga de estímulos” através do movimento reflexo torna-se ineficaz. O ingresso dos estímulos corporais – a partir da seção 9, sobre o funcionamento do aparelho – é uma complicação

para o aparelho neuronal que, de início, hipoteticamente funcionava pelo modelo do arco-reflexo.

A ação reflexa do aparelho primitivo cumpriria suficiente e adequadamente as funções primária e secundária se não fosse o caráter peremptório, constante e incoercível do elemento corporal: “destes estímulos, o organismo não pode escapar como dos estímulos exteriores, não pode aplicar sua Q para fugir do estímulo. Só cessam sob precisas condições que tem que se realizar no mundo externo” (FREUD, 1895, p. 341). A introdução do conceito de ego, por seu turno, virá responder ao *armazenamento de uma certa quantidade de energia* necessária para executar essa ação no mundo, que Freud denomina de “ação específica”. O modelo reflexo, portanto, é válido apenas para eliminação de quantidades exógenas. Os estímulos internos têm um novo modo de atuar e exigem diferentes condições para a descarga, pois eles requerem um funcionamento mais complexo do aparelho: “com a complexidade do interno, o sistema de neurônios recebe estímulos do elemento corporal mesmo, estímulos endógenos que, de igual modo, devem ser descarregados” (1895, p. 341). Os estímulos endógenos escapam à reação motora – ao contrário da estimulação externa que age de maneira repentina, aqueles atuam cumulativamente -, rompendo os limites entre o somático e o psíquico e perturbando a inércia, através do que Freud chama de “grandes necessidades da vida” (fome, respiração, sexualidade).

Como conseqüência, o aparelho reflexo inicial é levado a modificar a primária tendência à inércia para admitir um armazenamento de quantidade que possa suprir as demandas da ação específica, porém a inércia é “modificada no afã de manter ao menos a Qn o mais baixa possível e defender-se de qualquer acrescentamento, isto é, mantê-la constante” (p. 341). Com efeito, trata-se de preservar o máximo possível a mesma tendência, alterando-a o mínimo indispensável à reorganização do aparelho (SIMANKE, 2004), portanto a substituição do princípio da inércia pela tendência à constância não marca uma oposição, e sim uma modificação. Fica prefigurada, assim, a idéia de uma *constância*⁸⁶, decisiva para a constituição de uma teoria do ego na medida em que este será o “portador da reserva” requerida acima. Embora à primeira vista essa apresentação geral das premissas do “Projeto” (1895) possa parecer secundária ou soar cansativa, ela será importante, como veremos nas seções seguintes, para entender o papel

⁸⁶ Esboça-se aí o conceito de “princípio de constância”, cuja expressão só aparece em “Além do princípio do prazer” (FREUD, 1920, p. 9).

do conceito de ego no modelo explicativo deste texto e, principalmente, para demonstrarmos a relação estreita entre as formulações neuropsicológicas e psicossociais do ego já num momento inicial da metapsicologia freudiana.

Essa reserva será utilizada pelo ego para escoar a estimulação interna e encontrar a satisfação das necessidades vitais. Com exceção da respiração, as carências orgânicas da fome e da sede só cessam mediante a *ação específica* realizada no âmbito externo por outra pessoa, devido ao estado natural de desamparo performático do recém-nascido. O que Freud chama, nessa parte do texto, de “agente prestativo” é o adulto que oferece o leite, satisfazendo a criança e gerenciando todos os outros cuidados básicos. Além da reserva de quantidade no ego, o aparelho precisa aprender a conservar os caminhos que levam à satisfação, portanto, ele requer um modo de registrar suas experiências em traços permanentes, a memória. Freud diz que existe um aprendizado com base na memória.

Ao discutir as condições de possibilidade da memória, Freud depara-se com uma questão que, segundo Simanke (2004), também tinha sido notada por Breuer (1895, p.247-8) e estará presente praticamente em todas as versões freudianas sobre a relação entre percepção e memória. Trata-se da incompatibilidade recíproca entre as funções de recepção e armazenamento das impressões sensoriais⁸⁷. Essa premissa parte da observação psicológica ordinária, na qual a percepção parece requerer a possibilidade de permanecer inalterada após a chegada das sensações, de modo a manter-se sempre aberta ao recebimento de novas impressões. Como não é permitido a um só sistema receber estímulos e reter ao mesmo tempo, Freud concebe dois sistemas funcionalmente distintos, um para a memória e outro para a percepção. O sistema de memória será introduzido para satisfazer a necessidade da reserva de energia, seria o fundamento material para uma exigência biológica, isto é, a da lei da inércia que se modifica pela necessidade de uma constante mínima de quantidade. Dito de outro modo, a necessidade de uma reserva de energia é a exigência biológica que a teorização da noção de ego virá suprir para que o aparelho possa administrar tanto tensões externas, como internas.

⁸⁷ Cf. também Pribram e Gill (1976, p. 62-63).

3.3 Uma “massa de neurônios” e sua face psíquica

Três subsistemas neuronais são postulados: um totalmente permeável à excitação e não alterado por ela (o sistema ϕ), relativo às sensações externas; e outro sistema impermeável e duradouramente modificado pelo curso excitatório (o sistema ψ), referente à memória, às representações e aos processos psíquicos em geral. A função do sistema ϕ é receber a quantidade da periferia do sistema nervoso e transmiti-la fracionada ao sistema ψ . A um terceiro sistema de neurônios (ω) é atribuída a questão da qualidade, portanto as propriedades conscientes do aparelho: “consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos ω ” (FREUD, 1985, p. 355).⁸⁸

Pela ligação do aparelho com o corpo, os neurônios ψ dividem-se entre “ ψ do manto” - ligado a ϕ - e “ ψ do núcleo”, referentes às ocupações endógenas. A diferença entre os sistemas ϕ , ψ e ω não está na constituição dos neurônios, mas apenas na magnitude da quantidade que percorre cada um deles. Assim, a localização mais externa de ϕ , ligado aos órgãos sensoriais, expõe o mesmo a quantidades maiores (superiores às suas barreiras, portanto, ele nada retém e fica permeável a novas impressões), enquanto que ψ está submetido a quantidades inferiores ou de magnitude igual às de sua barreira de contato, por isso ele armazena⁸⁹. Assim, as facilitações dentro do sistema- ψ só são possíveis pela associação entre dois neurônios ao mesmo tempo, de modo que a *associação por simultaneidade* é o princípio associativo fundamental da constituição das representações psíquicas.

Ressaltamos que uma parte do sistema de memória (o ψ do núcleo) está voltada para o corpo e, em nível da teorização do “Projeto”, seria o lugar da conversão do somático em psíquico (CAROPRESO, 2006b). É importante guardar essa observação, pois veremos adiante que o ego é uma caracterização de processos funcionais que ocorrem

⁸⁸ Devido ao traço de permeabilidade que Freud atribui à consciência, ele introduz junto com o sistema ω a hipótese do “período” de movimento, o que não seria retido pelas barreiras de contato. Apenas o surgimento das qualidades sensoriais depende do período, as sensações de prazer e desprazer são proporcionais à diminuição e ao aumento da quantidade em ψ , respectivamente.

⁸⁹ Segundo Freud, no mundo físico, encontram-se os grandes montantes de energia e na medida que se adentra ao aparelho neuronal as quantidades diminuem cada vez mais. A corrente excitatória, da periferia até o córtex, é distribuída e incide sobre ψ em diversos pontos, por isso que um aumento de intensidade em ϕ expressa-se como aumento de complexidade em ψ .

no sistema ψ , portanto, ele faz parte do sistema de memória, tendo uma face voltada às exigências do organismo e outra voltada à experiência externa. O sistema- ψ está parcialmente ligado às sensações externas e às sensações internas. O ψ do manto está protegido a partir do sistema ϕ em relação aos fluxos que vem do mundo externo, prova disso é a própria arquitetura do aparelho $\phi \psi \omega$ e a direção do fluxo (periferia-centro).

Com relação ao interior do organismo, todavia, o sistema- ψ não conta com nenhuma proteção, a não ser a resistência das barreiras de contato entre ψ do núcleo e o corpo, por isso: “ ψ , deste lado, está exposto sem proteção à Q, e nisto reside a *mola pulsional* do mecanismo psíquico” (FREUD, 1895, p. 360). O que é absolutamente interessante na formulação conceitual do ego é que seja justamente a sua ligação com o corpo – a exposição do aparelho com relação à fome e à sexualidade – que abre o precedente para o desenvolvimento de um fenômeno tão genuinamente psíquico como a realização de desejo, como a busca pelo objeto do desejo. Desenvolveremos, ainda, a elaboração da noção de desejo neste texto; ela apóia nossa idéia de que os elementos neurobiológicos e os psicossociais são indissociáveis no pensamento freudiano, como desenvolvido de modo bastante lógico por Freud em 1895.

A fome é modelo pulsional do “Projeto”, porque, nesse período, Freud ainda não concebia a sexualidade infantil. Na medida em que o sistema ψ também é um aparelho de representação, os processos que caracterizam o ψ do manto são as representações do mundo externo e os processos que formam o ψ do núcleo são as representações corporais. Estas são parecidas com o que Freud vai chamar, na segunda tópica, de representantes da pulsão (*Triebrepräsenz*) de forma semelhante ao conceito de pulsão em “Pulsões e destinos das pulsões” (1915). Assim, no “Projeto”, o núcleo do sistema ψ é formado pelos representantes psíquicos dos estímulos somáticos que provêm das necessidades orgânicas.

Os estímulos somáticos são ininterruptos e têm uma magnitude menor do que as barreiras do sistema- ψ , por isso eles têm que se somarem até adquirirem uma intensidade capaz de romper as barreiras de ψ e ter uma expressão psíquica. Por esse motivo, Freud diz que a ocupação de ψ do núcleo (isto é, a parte do sistema- ψ que está em contato com o corpo) ocorre por “somação” e forma as representações psíquicas desse sistema, que são propriamente as *representações das sensações corporais*. A percepção

psíquica das demandas internas é intermitente, o que se explica pelo fato de que logo que as necessidades do indivíduo são satisfeitas, tem-se uma diminuição da tensão, que se traduz em uma sensação prazerosa, graças ao restabelecimento das barreiras de contato entre ψ -núcleo e o corpo⁹⁰. A intermitência do efeito psíquico não é contraditória com a ocupação constante do núcleo; esta é explicada pela somação e pelo fato de que a desocupação dos neurônios no interior do núcleo nunca é total. Aqui, se traduzíssemos nos termos que Freud desenvolverá mais tarde, na teoria do narcisismo, ele está falando da cota de libido que nunca abandona de todo o ego, tornando-nos estruturalmente narcísicos. A exigência biológica da constância para a realização da *ação específica* é de que ψ -núcleo tenha uma Q constante, mas não precisa recebê-la continuamente. A desocupação de ψ do núcleo pela via motora originará todas as representações psíquicas em ψ do manto: representação dos movimentos de cabeça, do grito, representação-objeto e, mais tarde, as representações da linguagem.

Pela definição da seção 14, o conjunto das ocupações constantes de ψ do núcleo constitui o ego. As representações de ψ do manto, quando são ocupadas por ψ do núcleo, ficam provisoriamente em “estado ligado” e, nessa condição, são momentaneamente incluídas no ego, formam a sua “parte variável”. Todo esse conjunto interligado dentro de ψ , entre núcleo e manto, realiza uma série de processos funcionais que caracterizam a organização ou a representação do ego. Os processos do ego não são conscientes em si mesmos, pois a consciência cabe ao sistema ω . Assim temos:

Esta organização chama-se o ‘eu’ e pode facilmente ser apresentada pela consideração de que com regularidade se repete a recepção de $Q\eta$'s endógenas em determinados neurônios (do núcleo), e de que o efeito de facilitação decorrente daí resulta em um grupo neurônico, cuja ocupação é constante [...]. Portanto, cabe definir o eu como a totalidade das respectivas ocupações ψ , na qual se separa uma parte permanente de uma variável. (FREUD, 1895, p. 368)

⁹⁰ Se a resistência fosse anulada de modo irreversível, a sensação psíquica da fome ou o desejo sexual do adulto seriam constantes, o que se torna insustentável do ponto de vista prático. Freud só pode explicar a recuperação da resistência das barreiras de contato em termos mecânicos e hidráulicos, mas não quimicamente, talvez pela limitação desse campo do conhecimento naquela época.

3.4 Relações entre o núcleo e o manto do ego

Dissemos que o núcleo do ego contém aqueles estímulos corporais que alcançaram uma expressão no psíquico (as representações corporais), logo, ele é a *instância pulsional* do aparelho, por isso o ego é diretamente afetado pelas necessidades vitais que parcialmente determinam seus processos. A outra parte do ego é gerenciada pelas representações de objeto devido ao seu contato com o sistema- ϕ ; tal fenômeno elucidado, assim, uma face interna e outra face externa da instância egóica no aparelho psíquico deste período, o que é muito importante para as investigações do nosso trabalho sobre a interação entre os fatores neurobiológicos e os fatores sociais. Em outras palavras, uma parte do ego é pulsional (pulsões de autoconservação) e a outra é aberta à experiência (processos mnêmicos e perceptivos de ψ do manto). Esta última é a parte variável do ego e que, portanto, pode ser ampliada ou diminuída⁹¹. Ela corresponde às conseqüências duradouras das vivências primordiais do aparelho, a vivência de satisfação e a vivência de dor. É nesse sentido que Gabbi Jr. (2003) diz que o ego representa a história das experiências inscritas em ψ .

As $Q\eta'$ que ocupam o núcleo de ψ a partir do corpo vão ser investidas nas imagens de movimento e imagens de objeto no manto, e o caminho inverso também é percorrido devido à lei de associação por simultaneidade, já que todas as percepções têm um correspondente em ψ ⁹², desse modo, temos as *relações recíprocas entre ψ do núcleo e ψ do manto*. Em outras palavras, são as relações entre as representações do corpo (núcleo pulsional do ego/sensações internas) e as diversas representações de objeto do manto/sensações externas (imagens de movimento de cabeça, do grito, da sucção e a imagem do seio ou das feições do outro).

Em termos psicológicos, essas são as *relações entre o ego e o não-ego*, ou seja, entre o núcleo egóico (a parte constante) e os caminhos temporariamente forjados por ele em ψ do manto (a parte variável). As representações do manto formam a parte do

⁹¹ Anos mais tarde, em 1914, ao retomar o conceito de ego dentro da teoria da libido, Freud usa a imagem do movimento da ameba (com a emissão de seus pseudópodes) para descrever a relação plástica e bastante flexível entre a libido do ego e a libido destinada aos objetos, ou seja, entre ego e o não-ego. Em 1895, o ψ do manto contém as representações de objetos e está sujeita a ser estendida ou recolhida, conforme a história das vivências do aparelho psíquico. Como veremos a seguir, as relações entre o núcleo do ego e sua parte variável (o manto) podem ser definidas psicologicamente como as relações entre ego e não ego no aparelho de 1895.

⁹² Cf. GABBI Jr., O. F. "Notas a um projeto de psicologia", p. 81.

ego mais passível de descrição psicológica, como Freud vai desenvolver na terceira parte do “Projeto”. Veremos agora como o núcleo do ego influi no manto, o que é fundamental para entender não só como são formadas as primeiras representações de objeto da criança, mas também para entender melhor a própria gênese do ego e as demais conseqüências psicológicas derivadas da ampliação do manto do ego ao longo do desenvolvimento.

3.5 Processos primários e processos secundários

O estado livre e o “estado ligado” da excitação referem-se aos modos de associação dentro do aparelho neuronal, respectivamente, quais sejam, os processos primários e os processos secundários. Pelos primeiros, os neurônios de ψ são livremente percorridos por grandes quantidades de acordo com a associação por simultaneidade e, nesse caso, vigora uma compulsão associativa dos caminhos mais bem facilitados que são regidos pelo “princípio de inércia”. Nos processos secundários, as associações são direcionadas, de modo que os mesmos caminhos são percorridos por quantidades menores, podendo levar em conta a realidade externa e possibilitando a satisfação das necessidades. A passagem dos processos primários para os processos secundários marca a substituição do “princípio de inércia” pela “tendência à constância”, e é sancionada de início por uma regra biológica e depois pelo ego, ou seja, quando sua parte do manto já estiver constituída.

No “Projeto”, os processos primários têm que ser substituídos pelos secundários, por isso o ego não pode existir desde o início do aparelho psíquico⁹³. Freud vai manter a necessidade da gênese do ego ao longo do desenvolvimento psicosexual em toda a sua obra, como em “Introdução ao narcisismo” (1914) e em “O ego e o id” (1923). A inibição dos processos primários pelo ego permite que as compulsões associativas nocivas ao aparelho dêem lugar ao desenvolvimento dos processos psicológicos normais, mais complexos e mais integrados do ponto de vista evolutivo, como o pensamento, o juízo, a defesa psíquica normal, o mecanismo da atenção, os sinais de realidade.

⁹³ Em 1895, Freud não tem como conceber a concomitância entre os processos primários e os secundários. Isso será possível já a partir de “Interpretação dos sonhos” (1900) e na segunda tópica, como em “Além do princípio do prazer” (1920).

Dissemos que o ego é o “portador da reserva” necessária para a satisfação das necessidades orgânicas. A quantidade armazenada em seu núcleo é utilizada para direcionar os processos associativos em ψ do manto, possibilitando as condições externas necessárias para a *ação específica* e a conseqüente evitação do desprazer. A “inibição” através do ego é feita pelo que Freud chama de “ocupações laterais”, ou seja, o ego envia ocupações ao manto, em neurônios adjacentes ao ocupados a partir de ϕ e de ψ do núcleo, sobrepujando, assim, as vias mais bem facilitadas produtoras de desprazer:

Se um neurônio contíguo é investido simultaneamente, isto produz o mesmo efeito de uma facilitação temporária das barreiras de contato, situadas entre ambas, e modifica o decurso, que de outro modo seria dirigido por uma barreira de contato facilitada. Um investimento colateral é então uma inibição para o decurso de $Q\eta$ (...). Portanto, se existe um eu, por força inibirá processos psíquicos primários. (FREUD, 1895, p. 368-9)

A inibição exercida pelo ego é determinada pelos critérios de prazer e desprazer, justificando, assim, a não intencionalidade e a não aleatoriedade dos processos regidos pela instância egóica. Através das “ocupações laterais”, o ego tem acesso a todas as facilitações (e representações) do manto.

3.6 *As regras biológicas da “defesa primária” e da “atenção”*

Dado que o ego não existe desde o início, a primeira inibição do processo primário é realizada por uma regra biológica, a “defesa primária”, segundo a qual as ocupações que gerariam desprazer no manto são inibidas ou evitadas. Depois desse primeiro condicionamento, o ego passa a executar os demais processos inibitórios do aparelho com o auxílio de outra regra biológica, a da “atenção” e o seu potencial para a aprendizagem. A primeira inibição dos processos primários, feita pela lei da “defesa primária”, coincidiria com o estabelecimento da tendência à constância, ou seja, a retenção de alguma quantidade no núcleo do ego e que é a reserva necessária para ele influir nos demais processos associativos do aparelho; o que também explica a ocupação constante no interior do ego.

Como consequência da “defesa primária”, além de evitar as vias desprazerosas, o ego aprende, nas situações em que as percepções não foram levadas em conta e isso acarretou desprazer⁹⁴, a ficar atento à entrada de novas percepções, mantendo a ocupação constante dos signos de qualidade, como veremos adiante. Segundo Freud (1895), todos os movimentos executados são seguidos de imagens de movimento em ψ , que funcionam como uma notícia de eliminação reflexa. Os signos de qualidade são as notícias de eliminação a partir do sistema ω . A lei da “atenção” determina quais caminhos serão percorridos através das “ocupações laterais” do ego, a saber, aqueles que favoreçam a ação específica do adulto no ambiente externo (por exemplo, abrir os olhos, chorar, virar o pescoço, espernear). Aí existe também um princípio implícito de seleção de vias neuronais determinado pelo critério prazer-desprazer.

É hora de repetir que, no “Projeto”, o ponto de vista mecânico diz respeito ao montante de excitação que envolve as representações egóicas em seu componente material: neurônios mais facilitados e suas associações por simultaneidade, fatores adquiridos pelas experiências do organismo. Contudo, ao introduzir as regras da “defesa primária” e da “atenção”, adquiridas filogeneticamente, Freud acrescenta o ponto de vista biológico. Em última instância, a repetição dos processos primários na “vivência de satisfação” e na “vivência de dor”, provocando a satisfação alucinatória do desejo e a defesa patológica respectivamente, poria em risco a sobrevivência do bebê. Os fatores mecânicos, como as intensidades da excitação ou o registro das primeiras experiências, não são suficientes para explicar o porquê a repetição de eventos desprazerosos deixa de acontecer. Tais eventos deixam de ocorrer, porque comprometem o princípio evolutivo da preservação da vida, portanto é um princípio biológico (e não mecânico) que explica como a criança pára de alucinar.

Ambas as sanções biológicas têm, portanto, um sentido adaptativo e são inatas, mas a existência do ego não, porque a teoria freudiana pressupõe a psicogênese do ego para que haja diferenciação entre percepção e recordação, portanto para que existam processos normais. Portanto, o ego surge de condições inatas, como aquelas que impediram a alucinação pela primeira vez, mas terá que ter suas representações

⁹⁴ O exemplo aqui são todas aquelas situações nas quais o recém-nascido eliminou quantidade na ausência do objeto externo, portanto, alucinando a presença do seio. O resultado imediato é a frustração de sugar no vazio ou o estado de “desamparo”, como diz Freud.

constantemente atualizadas pela experiência para que o encontro com o objeto da satisfação seja viabilizado. O ego vai originando novos processos que não estavam pré-determinados, como as condições para a gênese do pensamento e, mais tarde, da linguagem.

3.7 A vivência de satisfação

Segue uma descrição minuciosa da vivência de satisfação, porque dela extrairemos informações importantes para a nossa discussão.

O estabelecimento da “defesa primária” ocorre em função da repetição do que Freud define como “vivência de satisfação”: a experiência originária da satisfação da primeira carência orgânica e que estrutura todos os processos psicológicos normais (a atenção, a linguagem, o julgar, as defesas normais, etc.), porque deixa registros definitivos no aparelho neuropsíquico, isto é, deixa as primeiras facilitações dos traços de memória.

Quando ψ do núcleo é ocupado pela primeira vez (primeira fome do lactente), provoca respostas reflexas do bebê (como o choro e a agitação), pois a tensão tende inicialmente a ser eliminada pela via motora (“alterações internas”), através do esperneio e do grito. Freud diz que as alterações internas, embora não satisfaçam a fome, constituem a forma de comunicação que faz com que um adulto preste atenção na carência da criança. A fome continua estimulando o sistema ψ :

Aqui um cancelamento de estímulo só é possível mediante uma intervenção que, por um certo tempo, remova no interior do corpo a liberação de Qn’e essa intervenção exige uma alteração no mundo externo (oferta de alimento, aproximação do objeto sexual) que, como *ação específica*, só pode realizar-se segundo determinados caminhos. O organismo humano é no início incapaz de levar a cabo a ação específica. Ela efetua-se por *ajuda externa* [...]. (FREUD, 1895, p. 362)

O conjunto dessas alterações no mundo externo constitui a “ação específica” (como a oferta do leite, da água ou a higiene). Quando a mãe oferece o seio ao bebê, satisfazendo-o, ao mesmo tempo, este executa uma série de movimentos, como

mexer a cabeça, abrir os olhos e a sucção do peito materno, necessários para a eliminação da quantidade e para o conseqüente cancelamento do ingresso dos estímulos corporais em ψ do núcleo. Só assim a fome desaparece e surgem as primeiras representações do aparelho, ou seja, é formada a “vivência de satisfação” pelo conjunto das representações facilitadas entre ψ do manto e ψ do núcleo, entre o registro das representações de movimento e do objeto da satisfação. Freud diz que três coisas acontecem em ψ depois da satisfação: o fim do desprazer (fome) dentro do núcleo de ψ , a constituição da representação do objeto da satisfação (o seio) e a constituição das imagens motoras que cancelaram a fome. As duas últimas representações estão em ψ do manto e uma facilitação entre elas e ψ do núcleo foi registrada, porque elas foram formadas junto com a diminuição do desprazer em ψ do núcleo.

Este circuito, que se tornará privilegiado para a eliminação, é a noção de *desejo* para Freud. A imagem mnêmica do seio se tornará o *objeto de desejo originário*. A tendência a repetir a vivência de satisfação é o que Freud chama de “estado de desejo” e a ocupação desse circuito é a “realização de desejo”. Na segunda vez que esse processo ocorrer, não haveria somente a necessidade, mas também a busca pelo objeto de desejo, pois a representação deste ficara associada com a carência orgânica.

Freud explica que quando a fome reaparecer as representações dos movimentos e a do objeto de desejo serão ocupadas ao mesmo tempo: “com o reflorescimento do estado de esforço ou desejo, o investimento toma as duas recordações e as anima” (1895, p. 364). Se não houver nenhuma inibição nesse processo (como se constata nos processos primários), a representação do objeto de desejo será intensamente investida, com isso, ω liberaria os signos de qualidade. E como Freud diz que uma lembrança muito intensa tem um efeito similar ao de uma percepção, o bebê acaba alucinando o seio. Em função disso, as representações de movimentos serão liberadas (nesse caso, a sucção), mesmo na ausência do objeto externo. O resultado é *sugar no vazio*, o que intensifica ainda mais o desprazer. Freud diz que, nestas circunstâncias, o sujeito fica em “desamparo”, o que repercute em um alto gasto energético para o aparelho, além de impedir que os caminhos que efetivamente levariam ao encontro com o objeto externo sejam percorridos.

Sendo assim, tendo em vista a sobrevivência do indivíduo, será necessário uma modificação no curso dos processos associativos que, no primeiro momento, como

dissemos, aconteceu em função da tendência inata do aparelho para evitar o desprazer (representada pela lei da “defesa primária”). Agora, para as posteriores vivências de satisfação, tem-se o seguinte:

A vivência de satisfação arranhou para este núcleo [do eu] uma associação com uma percepção (a imagem de desejo) e uma notícia de movimento (da parte reflexa da ação específica). No estado apetitivo de repetição, no *estado de expectativa*, realizam-se **a educação e o desenvolvimento do eu inicial. Ele aprende inicialmente** que não tem o direito de ocupar as imagens motoras de modo que a eliminação se efetue, enquanto não forem realizadas certas condições do lado da percepção. Depois ele aprende que não tem o direito de ocupar a representação de desejo acima de uma certa medida, porque, caso contrário, iludir-se-ia alucinatoriamente [...]. (FREUD, 1895, p. 417, grifos nossos)

Em outros termos, o que está sendo dito é que a tendência inata do aparelho ensinou o ego a não iniciar a sucção antes que haja indicadores da presença do objeto adequado (o seio). O sistema egóico está diretamente envolvido no estabelecimento das operações que garantem a tolerância mínima do desprazer até que a satisfação possa acontecer e os signos de qualidade do sistema ω possam ser liberados na presença do objeto externo. A inibição através do ego vai impedir que o objeto de desejo seja investido intensamente, evitando que sua notícia de eliminação seja interpretada como uma percepção externa. E, nessas condições, as mensagens de eliminação de ω funcionam como sinal de realidade para o ego e, assim, pode haver a diferença entre uma percepção e uma recordação:

se o investimento de desejo sobrevém sob inibição, como é possível na presença de um eu investido, é concebível um caso quantitativo em que o investimento de desejo, por não ser bastante intenso, não produza nenhum sinal de qualidade, enquanto que só a percepção exterior o faria. Neste caso, pois, o critério conserva seu valor. (FREUD, 1895, p. 371)

Ressaltemos que a lei da atenção é fundamental para o aprendizado do ego, porque o desprazer não cessa somente com as inibições de certas ocupações do manto, mas requer que o objeto seja encontrado no mundo externo. Para isso, além de inibir processos desprazerosos, o ego também tem que se manter atento aos signos de qualidade

e às novas percepções⁹⁵, estas seriam sobre-investidas como uma forma de justapor a imagem do objeto percebido à imagem do objeto desejado em um processo de comparação entre os atributos de ambos, iniciando, assim, uma contínua busca pelo objeto do desejo que dará origem aos processos do pensar. Quando coincidirem os dois complexos de representações daqueles objetos (o da percepção atual e o do objeto do desejo), o pensamento atinge sua meta. Se todo o pensar visa a descarga de quantidades, o que o especifica é o modo como esse objetivo é atingido. O pensamento consiste numa forma bem sucedida de adiamento da satisfação de desejo, pois percorre o mesmo circuito originário da vivência de satisfação sob o regime do processo secundário e contando com o auxílio do mecanismo da atenção e das ocupações laterais da instância egóica. Segundo Freud, em “A interpretação dos sonhos” (1900), por mais complexo e indireto que o pensamento se torne, seus processos são, em último grau, tudo o que se interpõe entre a formação do desejo e a sua realização. Assim como tudo o que acontece no aparelho, o pensamento também é uma realização de desejo. A demonstração disso pode ser encontrada no “Projeto” (1895).

Nas repetições da vivência de satisfação que levam à realização de desejo, o fluxo das excitações vai ser alterado pelas ocupações que partem do núcleo-ego da seguinte maneira: uma quantidade mínima de excitação vai para a memória do objeto, outra para a representação do grito e uma quantidade de excitação fica à disposição para que o ego fique atento à entrada de novas percepções, porque uma delas pode corresponder à representação do objeto desejado. Em resumo, ao invés da ocupação maciça do objeto de desejo (e a conseqüente alucinação), a atuação do ego provê condições para que o bebê possa abrir os olhos e chorar, o que o aproxima do encontro com o objeto gratificador.

Para Freud, o processo secundário que permitiu, digamos, esse rodeio na satisfação só é possibilitado pela ação inibidora do ego, que mantém a imagem mental do objeto minimamente ocupada enquanto se persegue as associações que faltam. Assim, no “Projeto”, pensar é uma descrição psicológica dos processos secundários (PRIBRAM & GILL, 1976; GABBI Jr., 2003), e é descrito no contexto dos eventos que decorrem do

⁹⁵ O mecanismo da atenção nada mais é do que deslocar a quantidade presente no signo de qualidade – ou seja, dos neurônios ψ referentes à notícia de eliminação de ω - para os complexos neurônicos em ψ que correspondam à percepção de algo (GABBI Jr., 2003, p. 134).

reinvestimento daquele circuito de representações criadas na vivência de satisfação, cuja tentativa de reprodução Freud chama de “estado de desejo”.

4. O papel das representações corporais nos processos do pensar e no “reconhecer”

Consideramos um primeiro exemplo de estado de desejo: quando o bebê está com fome, a percepção do objeto externo coincide com a representação mnêmica do primeiro objeto da satisfação, ou seja, a criança está diante do *seio*. Nesse caso, Freud diz “a eliminação é coroada de êxito” (o resultado é a amamentação, portanto, realização de desejo). No entanto, os casos mais freqüentes são aqueles onde não existe essa coincidência ou ela acontece de forma parcial. Ao invés da visão do seio, a criança tem diante si outros objetos, por exemplo, a sua mão, a chupeta, o rosto da mãe ou a visão lateral do peito, etc. Nestas situações, é necessário desenvolver mecanismos que criem condições para a satisfação, mas levando em conta a presença do objeto externo. Freud diz que se trata de buscar a identidade entre a representação mnêmica do objeto e a percepção do momento e essa “discordância dá o impulso para o trabalho do pensar” (FREUD, 1895, p. 373).

Em outra situação, o objeto de desejo na memória da criança é a imagem do peito materno, no entanto, ela se depara inicialmente com a visão lateral do seio. Tem-se, assim, uma correspondência parcial entre o complexo mnêmico (a + b) e o perceptivo (a + c), isto é, entre o que o bebê se recorda e o que ele tem à sua frente. Freud coloca que a meta do pensamento é partir de **c** para encontrar o aspecto **b** que está faltando (visão frontal do seio), através de um processo de decomposição e comparação dos atributos de ambos os objetos (o do mundo externo e o da memória). Aliás, todas as percepções que chegam até o bebê passam por essa operação que compara os aspectos discordantes entre a representação do objeto desejado e a percepção atual, cuja meta é a identidade: ver se a percepção coincide ou não com o objeto da primeira satisfação. Se a imagem do seio é lateral, a meta é encontrar sua visão frontal, tal como foi registrada na primeira experiência de satisfação. Esse processo é denominado de “julgar”. E mais:

o trabalho do eu segue as ligações desse neurônio c e faz surgir, por meio da corrente de Qn ao longo dessas ligações, novas ocupações até encontrar o neurônio b faltante. Em geral resulta em uma imagem motora intercalada entre neurônio c e neurônio b e, com a reanimação desta imagem por um movimento efetivamente realizado, produz-se a percepção do neurônio b e, com isso, a identidade procurada [...]. Na recordação da criança, acha-se uma experiência ocorrida por acaso na amamentação, na qual um movimento determinado de cabeça transformou a imagem frontal em lateral. (FREUD, 1895, p. 373)

Essa é a descrição que Freud faz para o “pensar reprodutivo”, a forma mais primitiva de pensamento e que está na base de todo o pensar (GABBI Jr., 2003). Esse tipo de pensar busca um meio de reproduzir a vivência de satisfação, intercalando imagens motoras (representações de movimento) entre as diferentes representações de objeto que o bebê tem à sua frente. No início, o pensar não se distingue da ação experimental (PRIBRAM & GILL, 1976), ele é movimento, já que o bebê tem que mexer a cabeça até reencontrar-se com a visão frontal do seio. E só nesse caso a descarga vai ser bem sucedida, com a sucção do peito ou da mamadeira.

Ainda outra situação pode ocorrer no estado de desejo, a da total discordância entre o objeto de desejo e a percepção atual, isto é, ao invés da visão lateral do peito, o bebê tem à sua frente algo totalmente inédito, como as mãos ou o rosto do outro: “então se origina um interesse para ‘reconhecer’ esta imagem perceptiva” (FREUD, 1895, p. 376). Esse seria o que Freud denomina de “puro ato de pensar” (ou “pensar cognitivo”), que parte da diferença para também buscar uma identidade, no entanto, sem uma finalidade prática imediata, pois não busca a satisfação e sim o *reconhecimento* do objeto. As identidades encontradas podem ser úteis em ocasiões futuras, para ajudar a reconhecer o objeto de desejo, funcionando como esquemas de antecipação e, inclusive, fornecendo material perceptivo para o trabalho do pensar reprodutivo, qual seja, mais facilitações e novas associações para quando for necessário procurar novas identidades de percepção.

Nos casos em que o objeto é totalmente diferente do objeto de desejo, o “puro pensar” é ato de explorar todas as vias que partem desse novo objeto para familiarizar-se ao máximo com ele. Freud coloca que o “pensar cognitivo” busca a identidade a partir de “ocupações corporais”, enquanto que o “pensar reprodutivo” o faz

por “ocupações psíquicas”⁹⁶. Essa diferença é sutil e a dificuldade de entendê-la é acentuada pela terminologia múltipla que Freud emprega, mas pode ser pensada, como sugere Gabbi Jr. (2003), no sentido de que, no pensar reprodutivo, busca-se um meio para a descarga, ou seja, para repetir a vivência de satisfação e, por isso, ocupa-se uma representação psíquica existente (a do objeto do desejo e de imagens mentais de movimentos de cabeça que, por acaso, foram efetivos numa primeira amamentação). O pensar cognitivo, por sua vez, não visa a descarga dos impulsos (pelo menos, não diretamente), *visa apenas reconhecer o objeto percebido*. Freud diz que as representações de objeto só adquirem significado a partir de sua associação com as sensações corporais do bebê. Do mesmo modo, a compreensão da palavra, como na representação do grito, também reencontra cadeias associativas de sensações corporais próprias:

Então os complexos perceptivos decorrentes do semelhante serão em parte novos e incomparáveis, suas *feições* no domínio visual, mas outras percepções visuais, por exemplo, os movimentos de sua mão, coincidirão no sujeito com a recordação de impressões visuais próprias, bastante similares, decorrentes do próprio corpo e associadas com recordações motoras vividas por ele mesmo. Outras percepções do objeto ainda, por exemplo quando ele grita, despertarão a recordação do próprio grito e com isso vivências dolorosas próprias. (FREUD, 1895, p. 376-377)

Nesse processo de reconhecer o objeto, o ego tenta ligar os novos complexos perceptivos, identificando-os com as representações já conhecidas (e que estão associadas com ψ do núcleo por meio da representação de desejo), e isso se explica pela tendência a imitar movimentos presente no juízo, pois os movimentos sempre eliminam quantidades. Neste sentido, toda imagem motora traz uma tendência a ser repetida. Segundo Freud, no juízo, o reconhecimento das percepções externas é obtido pelo “rastreamento” destas percepções até as representações já ocupadas pelo ego. Em outras palavras, o “reconhecer” depende da associação das novas percepções com as ocupações provenientes do corpo: “isto é, pode ser rastreada até uma mensagem do próprio corpo” (FREUD, 1895, p. 377). No caso das percepções de movimento, o sujeito tenta imitá-los, por isso Freud fala do *valor de imitação* de uma percepção: “imita-se o próprio

⁹⁶ Para Pribram e Gill (1976), o pensar reprodutivo incide sobre as experiências do sujeito com o mundo externo e o pensar teórico sobre as experiências do sujeito com seu corpo. Valendo-se também da terminologia apresentada na parte III do “Projeto”, equivalem o pensar observante ao cognitivo e pensar reprodutivo ao pensar prático: “a diferença entre pensamento observante e reprodutivo é essencialmente discutida como pensamento interessado num objeto de percepção e, em contraste com o pensamento que se concentra em traços de memória” (*ibid.*, p.112),

movimento, ou seja, inerva-se uma imagem motora própria, despertada pela discordância, tão fortemente que se executa o movimento” (FREUD, 1895, p. 379).

Segundo Freud, o interesse por reconhecer o objeto externo também se explica pelo fato de que o objeto fornecido pela percepção é *semelhante* ao sujeito e por meio dele “*o homem aprende a reconhecer*” (FREUD, 1895, p. 376). Essa afirmação pode ser entendida na medida em que esse objeto externo (ou partes de seu corpo) é, ao mesmo tempo, o primeiro objeto da satisfação, o primeiro objeto hostil e o outro que auxilia. Assim, as primeiras percepções que o bebê reconhecerá são as condutas corporais semelhantes, percebidas no outro, tanto é que o juízo ou o “julgar”, na base do pensar reprodutivo e do puro pensar, é “originariamente um processo associativo entre ocupações vindas do exterior e **ocupações provindas do próprio corpo, uma identificação entre mensagens ou ocupações partindo de ϕ e de dentro**” (FREUD, 1895, p. 379, grifos nossos). Na falta destas representações de dentro, segundo Freud, parte do objeto fica incompreendido, podendo apenas ser reproduzido, mas sem significado para o sujeito, como ocorreria na vivência precoce da sexualidade. Nesse período, embasado na teoria da sedução, Freud pensa que a criança só tem condições de representar o sexual quando tiver os caracteres sexuais secundários (na puberdade), ou seja, “seu reconhecimento [da sexualidade], como qualquer outro, também passa por um processo de identificação entre o próprio corpo e o corpo do próximo” (GABBI Jr., 2003, p. 80).

Então, retomando o que desenvolvemos nesta seção, o pensamento tem como meta original o reencontro da identidade entre a imagem do objeto de desejo e a percepção externa, como acontece no “pensar reprodutivo”. Entretanto, o pensar pode se tornar independente dessa meta imediata, como no “pensar cognitivo”, e buscar apenas reconhecer o objeto. Com isso, a busca da satisfação, que seria a finalidade inicial do juízo, pode acabar levando ao conhecimento do mundo externo, como aprender sobre certas partes do corpo do outro e, mais tarde, na medida em que houver novas sensações corporais, levará também ao reconhecimento de suas feições, de sua voz, etc.⁹⁷

Interessa apontar aqui o fato de que o corpo do outro é tomado como referência para o reconhecimento do próprio corpo, no sentido de que o objeto externo

⁹⁷ Como as vivências fundamentais (satisfação e dor) deixam registros distintos em ψ , o bebê tem uma percepção ainda fragmentária do outro e de modo algum totalizada, como na fase do espelho de Lacan (Cf. GABBI Jr., 2003, p. 78-79).

fornece um conjunto de representações e informações que são rastreadas (reconduzidas) até serem assimiladas às sensações outrora experimentadas pelo bebê e registradas em sua memória. Note-se que o processo do juízo “parte da total dessemelhança e acaba por encontrar uma identidade inesperada” (GABBI Jr., 2003, p. 78), qual seja, reconhecer o outro. O “reconhecer” passa por um processo de identificação entre o próprio corpo e o corpo do próximo (GABBI Jr., 2003, p. 80).

Em síntese, o trabalho do pensar decorre de associações estabelecidas desde a primeira vivência de satisfação, constituindo-se em uma forma atenuada de “realização de desejo” e que termina com a percepção do outro, seja para a satisfação da fome ou para a compreensão de seus traços e, futuramente, para a compreensão da linguagem. O julgar ocorre a partir da “existência de experiências corporais, sensações e imagens motoras próprias” (FREUD, 1895, p. 378). As operações engendradas a partir do pensar ampliam, uma parte do ego, já que novos vínculos associativos são registrados em ψ do manto, sejam as imagens-movimento, outras imagens corporais, as feições do outro ou representações acústicas de palavras. Como dissemos, o manto é a parte do ego que tem extensão variável, portanto, passível de modificar-se perante essas reocupações que procuram reconduzir à vivência de satisfação.

Embora Freud, no “Projeto”, não esteja tratando da identificação, nem emprega esse termo, podemos pensar nestas operações, do pensamento e do reconhecimento do objeto, como tendo um sentido assimilatório entre ego e não-ego (entre facilitações forçadas pelo ego em detrimento das outras que são inibidas), ou entre a parte nuclear/constante do ego e a parte do manto que se cria a partir das primeiras experiências e, em outro nível, entre percepções do próprio corpo e as percepções do corpo do outro. O que talvez possa ser pensado como uma primeira descrição do que vai ser conhecido em “Psicologia das massas” (1923) e, principalmente, no “O ego e o id”, como o fenômeno da identificação primária, como fator explicativo dos traços que os primeiros objetos deixam no ego.

Finalmente, em função do que apresentamos nas seções anteriores, podemos fazer uma primeira consideração sobre a coexistência entre as formulações neuropsicológicas e as sociais, bem como uma suposta convivência entre o eu-social e o

eu-corporal, por vezes, tumultuada; por vezes, mais pacífica. No entanto, o que houver de conflito nessa relação deve-se, a nosso ver, à natureza conflitiva que constitui o aparelho psíquico de Freud no sentido geral, e não a um conflito ou a uma incompatibilidade entre os pressupostos neuropsicológicos e os pressupostos psicossociais. Esse dado sozinho não é suficiente para justificar epistemologicamente as aproximações entre as neurociências e a psicanálise, mas ao menos não coloca, de saída, uma incompatibilidade para a modelização de alguns conceitos, como o de ego, repressão e identificação.

Insistimos que os dois tipos de pensar recrutam experiências do indivíduo com seu corpo e também suas experiências com o mundo externo, de modo que a teoria do pensamento mostra uma ambigüidade peculiar na psicogênese do ego, cuja expansão se dá através da interação permanente e recíproca entre sensações internas/representações corporais e sensações externas/representações de objeto. É neste sentido que falamos em dois registros genéticos para origem da instância egóica: o *eu-intersubjetivo* e o *eu-corpo*. O ego não se formaria exclusivamente a partir da imagem de si e das representações de objeto. O contato da organização egóica com o corpo gera um tipo de representação que não surge das identificações propriamente intersubjetivas, mas sim de um outro tipo de identificação, ou seja, no sentido da recondução de certas representações externas (as feições do rosto do outro, seu corpo e os sons por ele emitidos) até seu investimento corporal próprio, logo, uma identificação mais concreta. Essa identificação é semelhante ao que Freud descreve na origem do ego corporal como a superfície que proporciona sensações dúbias, que equivalem às percepções externas e internas ao mesmo tempo, oferecendo a possibilidade do corpo poder objetivar-se para si mesmo (FREUD, 1923, p 27).

Em 1923, vimos que o ego surge da influência da percepção como se fosse o núcleo do sistema-superfície P-Cc: “é fácil perceber que o ego é parte do id alterada pela influência direta do mundo exterior, com mediação de P-Cc” (FREUD, 1923, p. 27). Freud explica que, de fato, as percepções são para o ego o mesmo que as pulsões são para o id. A nosso ver, essas relações também podem ser descritas nos termos do que vimos no “Projeto”, como as percepções (as sensações externas e suas mais diversas representações) estão para o ψ do manto do mesmo modo que as representações do corpo (a “mola pulsional” do aparelho neuropsíquico) estão para o ψ do núcleo. De um modo geral, o corpo, desde a primeira vivência de satisfação, na teoria do pensamento, contribui para a

modificação do id-ego indiscriminado, fornecendo um modo privilegiado de percepção, a qual produz as identificações de ordem intersubjetiva e também outras identificações, de uma ordem mais sensorial e concreta.

4.1 *Fragilidade do ego e moralidade*

Outra consequência que extraímos da “vivência de satisfação” é o fato de que a criança sozinha não soluciona seu estado de carência orgânica. Freud diz que é preciso que haja alterações no ambiente e por esse “naturalismo ético”, como designa Gabbi Jr. (2003), é que a importância do outro se faz presente, embora Freud não esclareça a causalidade desse “princípio de simpatia”, ou seja, o que exatamente faz com que o agente externo se interesse por ajudar a criança⁹⁸. Quando Freud descreve a “vivência de satisfação”, fica estabelecido mais do que a necessidade concreta do cuidado de outro ser humano para a sobrevivência do recém-nascido. Além da natural dependência deste, Freud abre um precedente para se discutir o papel do outro na formação do futuro sistema moral do indivíduo. Segundo Freud, dentre todas as implicações que a vivência de satisfação tem para o aparelho neuronal uma delas seria o fato de que esta primeira experiência de desamparo biológico encontra-se na origem da **moral**: “o desamparo inicial do ser humano é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (FREUD, 1895, p. 363).

A noção de “desamparo” (*Hilflosigkeit*) que Freud traz nesse texto parece conter elementos do que, só mais tarde, será desenvolvido como superego – instância psíquica que coincide com as funções da “consciência moral” e da autocrítica. O desamparo primordial também contém o embrião da tese do que chamamos de eu-social, na medida em que a fragilidade e a dependência performática do bebê abrem um horizonte para se pensar a gênese egóica como algo vinculado às relações interpessoais. Idéia que só será retomada e desenvolvida mais plenamente em “Psicologia das massas” (1921) e também em “O ego e o id” (1923), porém nesse último ao lado de uma argumentação sobre o papel do corpo nas identificações.

⁹⁸ Não obstante, Gabbi Jr. (2003) frisa a importância do tema do naturalismo ético no “Projeto”. Segundo ele, o texto poderia se chamar “O eu e suas vicissitudes”, como tudo aquilo que permite a satisfação, levando em conta o mundo externo.

Quando discute a formação do caráter, Freud afirma que a gênese do superego resulta de dois fatores biológicos: “o desamparo e a dependência do ser humano em sua prolongada infância” (FREUD, 1923, p. 36)⁹⁹, o outro fator é o complexo de Édipo, ou ainda: “o superego deve sua posição particular dentro do ego ou o respeito dele a um fator que se há de apreciar de dois lados. O primeiro é a identificação inicial, ocorrida quando o **ego era ainda frágil**; e o segundo, é o herdeiro do complexo de Édipo, e, portanto, introduziu no ego os objetos mais grandiosos...” (1923, p. 49, grifos nossos). Já é sabido que o superego torna-se o representante interno da autoridade paterna (os objetos grandiosos) e de toda influência social inibidora. O superego surge de uma diferenciação egóica – até então, o agente inibidor por excelência, como vimos no “Projeto” - a partir das identificações amorosas com os pais, por isso Freud diz que o superego é o “resíduo” das primeiras escolhas de objeto. Algumas funções atribuídas ao superego surgiram na teoria do narcisismo com o “ideal do ego”, fato que torna mais claro o sentido da repressão: ela partiria da estima do ego por si mesmo e da necessidade de atender ao seu ideal.

Como instância crítica, o superego está na base do sistema de valores, prescrevendo como o indivíduo deve se comportar e o que lhe é vedado, como na proibição do incesto. Freud reitera que o superego é o “monumento que lembra a **fragilidade** e a **dependência** com que o ego se encontrou no passado” (1923, p. 49, grifos nossos) e, neste sentido, é viável uma aproximação com a afirmação do “Projeto” (1895) sobre o desamparo biológico como a “fonte dos motivos morais”, no sentido da diferenciação de uma instância particular dentro do ego e das relações entre o ego e essa instância (o superego), como tendo sua origem no próprio desamparo infantil: “assim como a criança estava compelida a obedecer aos seus progenitores, da mesma maneira o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego” (FREUD, 1923, p. 49).

Neste sentido, não soa tão estranho aproximar o papel que o desamparo tem para formação da moralidade no “Projeto” (1895) e a futura elaboração do superego, como a agência da consciência moral, a partir da fragilidade do ego em relação às pulsões do id. Em termos de “Projeto”, a fragilidade e o desamparo do ego se expressam pelo fato de que ψ do núcleo está exposto sem proteção aos estímulos corporais (demanda pulsional

⁹⁹ J. Strachey (Introdução de ‘O ego e o id’, p. 36) comenta que na edição inglesa de 1927, Freud coloca “um fator biológico e outro histórico”. Embora não se saiba o porquê, essa emenda não foi incluída nas edições alemãs posteriores.

do aparelho), e depende de outro ser humano que, *na ação específica*, põe termo à essa demanda.

* * *

Do exposto, queremos concluir enfatizando o núcleo de nossa argumentação na tese, no que diz respeito ao ego, isto é, a idéia de que as formulações neurobiológicas e as psicológicas ou psicossociais complementam-se em diferentes momentos da teoria freudiana, como nos períodos que delimitamos em nossa análise: o contexto da escrita do “Projeto” (1895), a década dos anos de 1910 e o *tournant* para a segunda tópica, incluindo os textos de 1921 e 1923. Finalmente, nos parece importante que as discussões sobre a aproximação entre a psicanálise e as neurociências levem em conta esse tipo de análise, de uma revisão de como determinados conceitos se comportam e se fundamentam na psicanálise de Freud e, com isso, verificar se haveria contradição ou complementação quando tais conceitos fossem utilizados em modelos neurocientíficos. Assim, apresentamos uma tentativa de saber, pelo menos em princípio, se os enunciados metapsicológicos comportam ou não uma troca de informações com o campo das ciências cognitivas.

Antes do retornar ao referido debate, utilizando, agora, essas considerações sobre dupla interface no desenvolvimento conceitual do ego, vejamos como ficam as concepções do ego na psicanálise contemporânea, na perspectiva de alguma afinidade ou não com os modelos propostos atualmente pelas neurociências.

Capítulo V

**CONCEPÇÕES SOBRE O EGO E O *SELF* NA PSICANÁLISE
CONTEMPORÂNEA**

Apresentaremos alguns desenvolvimentos pós-freudianos sobre o ego e suas eventuais afinidades ou o afastamento com relação às atuais tentativas de modelização do ego ou do *self* pelas neurociências. A nosso ver, a biologia da mente pode se inteirar de outras fontes psicanalíticas, além da metapsicologia freudiana; seja pela convergência de pensamento ou de resultados, como a que veremos entre a neurociência e a *ego psychology*; seja pelos recursos potenciais para a exploração do mundo das emoções, como a visão que germina no pensamento de Melanie Klein. Contudo, as formulações kleinianas, embora possam munir conceitualmente as investigações empíricas em neurociência, ainda não foram exploradas.

O programa psicanalítico da *ego psychology* surge dos trabalhos de R. Waelder, Anna Freud e Heinz Hartmann. A *ego psychology* representa uma corrente de pensamento em psicanálise, cujo surgimento se entrelaça com a história da psicanálise nos Estados Unidos. Com maior influência entre as décadas de 40 e 80, a psicologia do ego formou uma escola de grandes analistas e pesquisadores: Hartmann, R. Lowenstein, Ernst Kris, Margareth Mahler, René Spitz, Edith Jacobson, David Rapaport, J. Sandler, Otto Kernberg, Roy Schafer, Merton Gill, L. Arlow e Charles Brenner, entre outros.

Existem propostas para uma modernização da psicologia do ego, unindo algumas divisões teóricas internas à abordagem e, de certa forma, renovando seu compromisso com o empirismo acadêmico, por exemplo, Marcus (1999). O que interessa para o nosso trabalho é que a psicologia do ego seria a teoria psicanalítica mais propensa a integrar visões divergentes, segundo esse autor, como “uma psicologia geral científica”: “a moderna psicologia do ego relaciona-se mais estreitamente com a abordagem da

ciência cognitiva. Este ajuste entre ciência cognitiva e a psicologia do ego é condizente com suas correlações com os novos avanços nas *neurociências*” (MARCUS, 1999, p. 858, grifos nossos).

A psicologia do ego também ficou conhecida como psicologia psicanalítica do desenvolvimento, uma denominação que veio após a morte de Freud (BLANCK & BLANCK, 1983, p. 17). Esta reforça a acepção energética e biológica do conceito de ego, como faz Hartmann e Edith Jacobson desde a década de 40 e, ao mesmo tempo, a psicologia do ego formula alguns princípios que serão retomados pelos teóricos das relações objetais, como se vê nos trabalhos de Spitz e de Mahler¹⁰⁰. Os psicólogos do ego podem ser pensado como precursores da linha objetal, no sentido de que defendem que as primeiras relações sociais asseguram as experiências biológicas e psicológicas indispensáveis à sobrevivência do bebê. A mãe passa a ser concebida como elemento indispensável do ambiente imediato da criança, o que se refletirá nos conceitos de “*holding*” e “mãe suficientemente boa”, de Winnicott, e na “*rêverie*” em Bion, que exprimem o papel primordial do psiquismo materno na elaboração das primeiras angústias do bebê.

Desde a preleção de Hartmann na Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1937, que deu origem ao seu primeiro livro sobre o tema, “A psicologia do ego e o problema da adaptação” (1938/1968), aquele autor explicita o interesse por uma ampliação no foco dos problemas psicanalíticos, no sentido de uma teoria geral da vida mental e, em última instância, de uma psicologia geral: “a psicanálise tem a potencialidade para converter-se numa teoria geral do desenvolvimento mental, mais ampla tanto em seus pressupostos como em seu âmbito, do que qualquer outra teoria psicológica” (1968, p. 7). Hartmann sugere que a psicanálise desenvolva outros aspectos funcionais do ego, que vão além da teoria dos impulsos e do seu papel defensivo. Ele também propõe a extensão do método psicanalítico para questões da psicologia não-analítica, por isso recomenda a observação direta dos processos evolutivos (como na observação de crianças e do comportamento das mães com seus filhos). Com isso, Hartmann incentiva uma linha de vanguarda na pesquisa científica em psicanálise, a qual

¹⁰⁰ Paralelamente, nas décadas de 30, 40 e 50, o problema das relações objetais também estava sendo desenvolvido por Melanie Klein, com base na análise de crianças pequenas.

a partir dos anos 50 seria desenvolvida em termos concretos por Spitz, Mahler e John Bowlby. Nesse sentido, a psicologia do ego surge de uma inspiração interdisciplinar, por isso desponta como uma corrente psicanalítica bastante afinada com o movimento contemporâneo de convergência entre as ciências cognitivas, as neurociências e a psicanálise.

O pensamento de Hartmann reveste-se de uma certa atualidade em relação aos programas neurocientíficos. A idéia de uma complementação – e não de uma mistura ou fusão indiscriminada de disciplinas diferentes - fica evidente no pensamento de Hartmann quando ele diz que a psicanálise e a psicologia podem estudar os mesmos assuntos, mas chegarão a resultados diferentes: “a característica que distingue uma investigação psicanalítica não é o tema sobre que se debruça, mas a metodologia científica e a estrutura dos conceitos que usa” (HARTMANN, 1968, p. 6). O problema da adaptação, segundo ele, não seria um tema exclusivo da psicanálise, mas diz respeito também à biologia e à sociologia. Hartmann atribui à libido e à agressividade um papel central no desenvolvimento adaptativo, portanto ele recusa a noção de pulsão de morte. Não obstante, ele defende uma orientação biológica para a psicanálise, como uma de suas características fundamentais, sugerindo um ponto de vista genético à metapsicologia e, para alguns autores, acrescentar-se-iam os pontos de vista genético e adaptativo junto ao tópico, dinâmico e econômico (BLANCK & BLANCK, 1983, p. 31).

Hartmann chama a atenção para os princípios reguladores do ego, ligado ao controle volitivo que, segundo ele, teriam sido negligenciados pelos psicanalistas daquela época. Dois conceitos que sintetizam as aspirações evolutivas dessa abordagem são o de “esfera do ego livre de conflitos” e o que ele chamou de “problema da adaptação”: “a adaptação envolve, obviamente, tanto os processos relacionados com as situações de conflito, como os processos pertencentes à esfera livre de conflitos” (1968, p. 11). A idéia da esfera livre aponta que a origem do ego não é exclusivamente conflitiva, também existem desenvolvimentos “pacíficos” e os fatores maturacionais próprios. A psicologia do ego propõe-se a estudar como estes elementos se facilitam e se dificultam entre si. Algumas defesas são processos de adaptação e não simplesmente reação às forças do id e do superego: “temos razões para supor que esse desenvolvimento é servido por sistemas ou dispositivos que funcionam desde o princípio da vida” (HARTMANN, 1968, p. 16), como a memória e as associações que contariam com os “aparelhos inatos do ego”. Estes

também estão orientados para a realidade da relação com o ambiente e seriam pré-requisitos do desenvolvimento psicológico posterior. Desse modo, nem toda aprendizagem significa um conflito dinâmico, mas remete também à “esfera fora de conflito”, qual seja, a da existência de dispositivos agindo desde o início da vida, relativamente independentes, e o grau de maturidade das funções egóicas: como as fases do desenvolvimento motor, a gênese da percepção, do pensamento e da linguagem. Um exemplo: “o aprender a andar de pé combina a constituição e a maturação do sistema, e os processos de aprendizagem, com aqueles processos libidinais, identificações” (*ibid.*, 1968, p. 13)¹⁰¹.

1. Os pontos de vista adaptativo e genético para as neurociências

Uma tal combinação entre mecanismos inatos e mecanismos aprendidos também é pensada por alguns modelos neurocientíficos sobre as habilidades sensoriais, no sentido de que o cérebro possuiria regras complexas para o processamento da informação, porém as representações são construídas somente na experiência. Assim como na memorização, “a apreensão do espaço nasce da prática” (KANDEL, 2007, p. 315)¹⁰². Outros dados empíricos recentes também vão ao encontro do que Hartmann sintetizou no problema da adaptação quanto ao fato de que a teoria das pulsões e a teoria da sexualidade não explicam totalmente a relação entre ego e objetos, uma vez que há sistemas neuropsíquicos inconscientes que operam com relativa autonomia dinâmica. Trata-se, por exemplo, da revisão cognitiva da hipótese da repressão na amnésia infantil. O esquecimento dos primeiros anos de vida seria consequência da imaturidade funcional de subestruturas do hipocampo, e não decorrente da repressão de fantasias sexuais pré-genitais. As vivências dos primeiros anos ficariam armazenadas, de forma inconsciente, nos sistemas procedurais da memória. As memórias reconstruídas posteriormente em análise, por exemplo, contam com a ajuda de estruturas neurológicas mais tardias, como

¹⁰¹ Dentro da psicologia do ego, também houve um tipo de ênfase ao conflito (a formação de compromisso entre as três instâncias), como foi sugerido por Waelder (1936) no chamado funcionamento múltiplo. Essa outra orientação foi adotada por Arlow e Brenner e também foi influente nos EUA. Hartmann teria seguido a tendência de Anna Freud sobre as funções egóicas, orientação que tem maiores afinidades com os objetivos dessa tese.

¹⁰² Ou ainda: “a capacidade *geral* de formar mapas espaciais já está presente na mente, mas o mapa *particular* não está” (KANDEL, 2007, p. 315).

as responsáveis pela memória verbal e episódica (chamada de memória declarativa ou explícita) e, como indicam alguns pesquisadores, estruturas também responsáveis pelo fenômeno da repressão, que estaria ligado ao desenvolvimento dos lobos frontais, lembra Stora (2006, p. 63). Assim como na década de 1990, os resultados da pesquisa empírica sobre a influência da aprendizagem na expressão genética levaram Kandel e colaboradores a questionarem a oposição entre as categorias explicativas biológicas e as psicológicas, Hartmann, em 1939, também questionava o que é biológico e o que é psicológico no desenvolvimento, qual a parte de um e a parte de outro, uma vez que, segundo ele, Freud teria unificado os dois pontos de vista.

Sendo assim, os pressupostos da psicologia do ego fundamentaram um certo programa de estudos, visando explorar a psicanálise também como uma “psicologia normal do desenvolvimento” (BLANCK & BLANCK, 1983, p. 20). As contribuições de Margareth Mahler, René Spitz e Edith Jacobson tiveram um papel significativo na integração da teoria estrutural da psicologia do ego à teoria das relações objetais. Mahler e Spitz têm termos retirados da biologia, como o de “simbiose”, “matriz indiferenciada dos aparatos inatos” ou o “organizador da psique”, de Spitz. Ambos combinaram o conhecimento psicanalítico sobre as primeiras fases da construção do ego a uma metodologia científica de observação da relação mãe-criança, ambos desenvolveram técnicas de registro inéditas. Mahler trabalhou com observadores treinados em uma escola maternal; e suas investigações apontaram que as patologias graves (como o autismo, a psicose e a estrutura *borderline*) resultam do não engajamento ou dos malogros no estabelecimento de uma relação simbiótica entre a mãe e a criança nos primeiros meses, o que afetaria todo o desenvolvimento do ego¹⁰³. Spitz, por sua vez, conquistou respeito no meio científico, ao aplicar medidas quantitativas, como testes, filmes e ao empregar a observação psicanalítica em orfanatos, prisões e hospitais. Spitz relata severas perturbações físicas e psíquicas em bebês que foram privados do afeto e do contato materno, inclusive físico, no primeiro ano de vida, podendo até chegar à morte. Segundo ele, há um período crítico por volta dos primeiros meses, no qual essa variável é decisiva para o desenvolvimento infantil.

¹⁰³ Mahler conceitua a simbiose como uma fase normal do narcisismo, na qual há uma fusão onipotente entre a representação da mãe e os limites do ego infantil em formação: “e, em particular, o delírio da existência de fronteiras comuns entre os dois indivíduos realmente e fisicamente separados” (MAHLER, 1968, p. 7-8).

E. Jacobson enfatizou a distinção entre ego e *self* e também se dedicou ao estudo das fases primitivas na estruturação do ego e do superego, mas em relação aos objetos internalizados. Nesse sentido, Marcus (1999) refere que ela teria contribuído significativamente para a integração entre a teoria estrutural e as relações objetais. Otto Kernberg assume alguns pressupostos de Hartmann e tenta aproximar a teoria pulsional da psicologia do ego; sua contribuição vai no sentido de diferenciar entre psicose e estados fronteirios (*borderlines*). Heinz Kohut amplia compreensão da transferência e é responsável pela criação de uma nova categoria diagnóstica: os transtornos narcísicos de personalidade. Ele se distancia dos psicanalistas comentados até aqui, porque concebia o narcisismo diversamente da psicologia do ego e opta pelo conceito de *self*, como um si mesmo coeso ou totalizante que é alvo de todos os investimentos da libido, lançando as bases da *self psychology*, que comentamos na seção intitulada “Modelos neurocientíficos”.

Chamamos a atenção para o fato de que muitos psicanalistas contemporâneos preferam atribuir um caráter exclusivamente humanista à psicanálise, ao passo que é inegável o quanto ela retomou e desenvolveu as observações desses teóricos que deram continuidade à psicanálise em uma linha mais evolutiva e dialogando com a biologia. Por exemplo, Winnicott em 1960, que concebeu as habilidades maternas como dependentes do seu nível de desenvolvimento e da sua realidade, desenvolvendo também um conceito valioso na clínica, como o falso *self*. As investigações sobre os limites do ego – numa acepção próxima à biologia, como essa da psicologia do ego - permitiram o atendimento a pacientes antes considerados não-analisáveis, criando as bases de uma nova clínica, os “pacientes de difícil acesso”, como os casos fronteirios, os transtornos de identidade e transtornos narcísicos¹⁰⁴. O aprimoramento nas descrições sobre as disfunções egóicas lançou as bases para a combinação entre análise e medicação (MARCUS, 1999, p. 845). Note-se que tais contribuições dentro da psicanálise tiveram como fundamento, ao mesmo tempo, a psicologia animal, a etologia e a observação de situações reais, o que ficou bastante explícito no trabalho de Bowlby que culminou na formulação da teoria do apego. Em suma, esses psicanalistas assimilaram as noções de maturação biológica e de desenvolvimento psíquico, sendo os pioneiros na inclusão do afeto nas pesquisas experimentais sobre o comportamento humano. Spitz (1979) insiste que a relação entre o recém-nascido e a mãe é biológico-psicológica e o equipamento

¹⁰⁴ Melanie Klein também chegou aos mesmos resultados sobre a análise das patologias precoces, trabalhando paralelamente na Sociedade Britânica de Psicanálise.

inato do bebê precisa ser “ativado” na relação com a mãe, que é o “parceiro humano” a intermediar a ação e a percepção da criança.

O nosso exame dos modelos neurocientíficos sobre o ego tem mostrado a atualidade de tais observações em relação ao campo de investigação das neurociências. Atualmente, há pesquisadores que recorrem a noções que emergiram desses trabalhos, como a de período crítico do desenvolvimento (KANDEL, 2005, 2007) ou à constância objetal referida por Mahler (CLYMAN, 1991, p. 367) ou à teoria do apego de Bowlby (BROCKMAN, 2002, p. 90). Essa vertente da *ego psychology* parece disponibilizar um modelo de desenvolvimento humano mais integral, porque inclui o ambiental, o genético e o social; este sendo um recorte específico do ambiente.

Por outro lado, pensamos num paralelo entre os desenvolvimentos da *Ego Psychology* e a metapsicologia freudiana, seria possível uma **unificação** com alguns aspectos do pensamento de Freud sobre o ego? Os pontos de vista de Hartmann complementam, de certa forma, a concepção do ego, como vimos no “Projeto” (1895), sobre a relação entre a regra biológica da “defesa primária” e a “lei da atenção” – que em Hartmann podem ser pensadas como os “aparelhos inatos” do ego - e a necessária interação do indivíduo com o meio para o desenvolvimento dessa instância. Para Freud e Hartmann, o ego tem atributos inatos sobre os quais ele se desenvolve inicialmente sem, no entanto, ser uma estrutura inata em si mesma. Os psicólogos do ego enfatizaram o sentido adaptativo, evolutivo e organizador da mente. Sabemos que a concepção do ego no “Projeto” (1895) apresenta fortemente a conotação de adaptação entre o aparelho neuropsíquico e o mundo externo. Um aparelho organizado inicialmente por regras biológicas e, ao mesmo tempo, pela experiência de suas trocas iniciais com o mundo, que lhe imprimirão modificações permanentes. As vivências serão constantemente atualizadas, de forma adaptativa, através da ação de um ego. Quando esse ego falha instaura-se a patologia, como no exemplo da defesa patológica. Vimos como Freud enfatiza o papel do outro e do desamparo biológico como mediadores da formação da mente do bebê, embora ele não usasse esses termos e nem tratasse esse outro como sendo exclusivamente a “mãe” (ou uma substituta direta), o que foi posteriormente enfatizado por Spitz, Mahler, Jacobson e M. Klein.

2. O ego estilhaçado e o ego alienado

Ao contrário da afinidade entre alguns pressupostos da psicologia do ego e algumas proposições das neurociências, as formulações sobre o ego em Melanie Klein e Lacan estão muito mais longe de serem assimiladas pela neurobiologia. Quanto a Lacan, já era de se esperar, uma vez que sua concepção de subjetividade é essencialmente intersubjetiva. Todavia, também não existe uma tentativa de modelização empírica dos conceitos kleinianos, embora o peso do fator constitucional seja acentuado em seu pensamento. Apenas à título de hipótese, contudo, sem a pretensão de realmente desenvolvê-la aqui, pensamos que além dos conceitos metapsicológicos de Freud e do modelo de desenvolvimento humano dos psicólogos do ego, as neurociências e a psicologia cognitiva também poderiam encontrar na psicanálise kleiniana um modelo motivacional da mente, no sentido psicodinâmico mais *suis generis*.

As observações de Klein sobre as relações objetais fornecem uma minuciosa fenomenologia sobre a mente infantil, como a que se reflete nas suas célebres descrições do “mundo interno”: a mente é povoada por objetos personificados e vivificados, que se comunicam entre si, sendo terríficos ou não, bons e maus, perseguidores ou vitimizados¹⁰⁵. Em segundo lugar, a realidade psíquica descrita por Klein seria o resultado das vicissitudes da pulsão de morte e das distorções e interpretações do mundo externo. A fantasia inconsciente é inerente à pulsão e, por isso, atua na constituição do objeto e na percepção do mesmo. Duas representantes diretas do pensamento kleiniano, como Susan Isaacs e Hanna Segal, definem a fantasia, respectivamente, como “a expressão mental da pulsão” e o “conteúdo primário dos processos mentais” (SEGAL, 1975, p. 23; ISAACS, 1969, p. 96), atestando a força dos fatores inatos no seu pensamento. Aspecto positivo esse, do ponto de vista de uma aproximação com um programa de estudos da neurobiologia. Talvez Klein possa oferecer um suporte representacional para os novos modelos neurocognitivos da mente, pois, hoje em dia, há um consenso em neurociência de que o cérebro também reconstrói a

¹⁰⁵ O mundo interno de Melanie Klein quase se assemelha a um museu de horrores, tanto que Lacan a apelidou de “açougueira genial”. Para ter uma idéia do modo direto como ela descreve a realidade interna: “nas fantasias sádico-orais, a criança ataca o seio da mãe e os instrumentos que emprega são os dentes e a mandíbula. Nas fantasias uretrais e anais, ela procura destruir o interior do corpo materno, empregando as fezes e a urina para atingir esse propósito (...) os excrementos são encarados como substâncias que queimam e corroem, animais selvagens, armas de todos os tipos, etc; a criança entra numa fase em que concentra todos os instrumentos do seu sadismo no único propósito de destruir o corpo da mãe e seu conteúdo” (KLEIN, 1996, p. 291).

informação sensorial, ao contrário de algumas teorias empiristas do século 19, como a do engrama que concebia os traços mnêmicos como cópias da realidade. Confirmando as teorias gestaltistas da percepção, investigações sobre o sistema visual demonstraram que o cérebro cria formas a partir de dados incompletos, promovendo verdadeiras façanhas analíticas precisas: há células do córtex visual primário que só respondem às diferenças entre claro e escuro, outras respondem melhor às linhas horizontais de um quadrado, outras só respondem às verticais e outras somente às linhas oblíquas (KANDEL, 2007, p. 306). O fato é que as informações visuais são tratadas parcial e separadamente, antes de adquirirem uma coesão perceptiva, os neurocientistas dizem que elas são desconstruídas e depois reconstruídas antes de se tornarem uma imagem consciente integrada e disponibilizada pelo córtex. Essas descobertas levaram à idéia de que o cérebro não reproduz a realidade, mas a interpreta e reconstrói incessantemente. Além do mais, Klein ampliou a concepção de objeto interno e de realidade psíquica, ambos constantemente modelados pela projeção e pela introjeção, como mecanismos ativos.

Embora estejamos comparando modelos cognitivos a um modelo psicológico, cujos dados são flagrantemente distintos, o provável diferencial da teoria kleiniana estaria nas ferramentas psicodinâmicas, tanto para a elaboração de um modelo sobre a representação da realidade, como acabamos de sugerir, como para um modelo neurocognitivo sobre a *comunicação emocional entre estados mentais*. Lembramos que as emoções e os afetos são tópicos que ainda aguardam maiores desenvolvimentos nas neurociências, para os quais alguns conceitos de Klein seriam elucidativos.

O conceito de ego em Klein também acolhe uma acepção biológica, já que a formação da fantasia é uma função do ego arcaico (SEGAL, 1975, p. 24). Melanie Klein recua o conflito edípico e o surgimento do superego ao postular uma relação com o objeto desde o nascimento, alguns atribuem a ela o sentido contemporâneo do conceito de relação de objeto (COELHO Jr. & SIGLER, p. 81). Ao nascer, o bebê é capaz de funções egóicas, como defender-se de ansiedades primitivas e experimentar fantasias, como a inveja e a angústia de aniquilamento, derivadas da ação da pulsão de morte (SEGAL, 1975, p. 24; LOPES DE SOUZA, p. 54)¹⁰⁶. Klein aceita a pulsão de morte como elemento constitucional, cujas ansiedades e fantasias são os motores de todo desenvolvimento

¹⁰⁶ Diferente de Freud, para quem o ego é um corolário do desenvolvimento, Klein coloca: “estamos justificados, penso eu, ao supor que algumas das funções que conhecemos com base no ego mais avançado já se encontram no começo” (1969, p. 318).

emocional. A natureza da fantasia inconsciente determina a constelação defensiva do ego: se este usa mais projeção, introjeção, *splitting*, negação ou identificação projetiva, entre outras.

Este último mecanismo foi proposto por Klein para explicar as formas primitivas de comunicação emocional, como a do psicótico e a criança. Ela reconhece que ao projetar aspectos impulsivos, projeta-se também partes da personalidade (cisões do ego) para dentro do objeto externo e cria-se uma nova identidade naquilo que foi projetado, bem como uma forma de controle desse objeto e de expressão de sensações que não podem ser simbolizadas como experiências emocionais propriamente ditas (e conseqüentemente, nem comunicadas). Em Freud, a projeção era uma espécie de evacuação. Pela identificação projetiva de M. Klein, o que é projetado para fora não é simplesmente perdido: “um indivíduo agressivo, por exemplo, que projeta sua raiva para fora não se limita a negá-la e atribuí-la ao outro... o indivíduo torna-se temeroso do receptor” (ROCHA BARROS & ROCHA BARROS, p. 9).

Na verdade, a nosso ver, a concepção geral de desenvolvimento psíquico kleiniano revela um modelo sobre as emoções e as funções mentais mais primitivas. Não é por acaso que o pensamento psicanalítico contemporâneo de linha kleiniana tem se dedicado à compreensão da identificação projetiva e dos fenômenos da comunicação emocional, ao mesmo tempo também que redefinem a patologia como aquilo que interfere na promoção da integração e da comunicação entre as diversas instâncias mentais (ROCHA BARROS & ROCHA BARROS, p. 9). A comunicação entre estados primitivos da mente e a simbolização de experiências emocionais foram propostas por Klein, porém melhor desenvolvidas por Bion e Donald Meltzer. Klein utiliza preferencialmente o termo “mental” ao invés de psíquico, o mesmo para os neo-kleinianos. Indicamos, então, que pode ser nesses aspectos, a respeito da riqueza na concepção da comunicação entre as instâncias da personalidade, que a teoria kleiniana pode ser uma colaboradora potencial nos debates neurocientíficos e na modelização de determinadas funções mentais ou de suas patologias.

Ao contrário da convergência do modelo desenvolvimentista da *ego psychology* com um programa genético ou neurobiológico da mente e ao contrário também da afinidade destes com certos aspectos da teoria kleiniana, encontramos uma

situação totalmente diversa em Jacques Lacan. A teoria da constituição do sujeito em Lacan segue um viés intersubjetivo, na medida em que a teoria da gênese do ego, contida na elaboração do conceito de estágio do espelho, surge comprometida com um embasamento antropológico. Como se sabe, a concepção do estágio do espelho está inserida no centro da teoria do imaginário; a idéia da experiência especular como um modo de identificação e alienação do ego foi inicialmente proposta em 1936 e reelaborada em 1949, no artigo “Le stadu du miroir comme formateur de la fonction du Je”¹⁰⁷. Simanke (2002) aponta o quanto, nesse período, Lacan está empenhado em substituir os determinantes biológicos pelos sociais, o que fica muito claro no texto sobre os complexos familiares, no qual a família, ao transmitir a cultura, conferiria a especificidade de sujeito em relação à ordem natural: “ora, o objetivo manifesto do texto de Lacan é destituir os fatores biológicos de sua eficácia explicativa nos fatos concernentes ao funcionamento da família humana” (SIMANKE, 2002, p. 248).

Desse modo, a concepção do ego em Lacan não só dá as costas para qualquer projeto naturalista para a psicologia - como o do atual programa genético ou neurobiológico da mente – como também propunha uma outra leitura da segunda tópica, oposta à da *ego psychology* e também à leitura freudiana. Face à concepção ortodoxa do ego como instância psíquica objetivada e voltada para a adaptação do indivíduo, Lacan propõe que o ego se constitui a partir de uma função imaginária e de um desconhecimento fundamental. O estágio do espelho representa a operação perceptiva e também ontológica de uma identificação narcísica com a própria imagem, onde não obstante a imaturidade fisiológica da criança, há uma apreensão da unidade corporal e ao mesmo tempo uma experiência de “intrusão”:

Essa jubilosa apreensão da sua imagem especular pela criança na fase do *infans*, ainda imerso em sua incapacidade motora e dependência lactente, parece mostrar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu se vê precipitado em uma forma primordial antes que ele seja objetivado na dialética da identificação com o outro [...]. (LACAN, 1977, p. 2)

¹⁰⁷ Em 1936, em duas comunicações, na Sociedade Psicanalítica de Paris e no congresso de Marienbad (IPA). Lacan retoma o estágio do espelho na *Encyclopédie Française* (1938), num texto dedicado à família, reeditado depois como “Os complexos familiares na formação do indivíduo”.

O sujeito é captado por uma imagem estranha e ao mesmo tempo sua, de modo que: “o eu se confunde com essa imagem que o forma, mas o aliena primordialmente” (LACAN, 1938/1987, p. 38). A imagem desse eu que se procura alcançar ou se desprender é um logro que só existe enquanto afirmação de um eu social, posto que é sempre inatingível para o sujeito – ora ele mesmo identificado com o semelhante, ora uma imagem ideal (ideal de ego) ou uma intrusão de um outro, como um duplo. É nesse sentido que André Green diz que “para Lacan, o Eu é o cativo (*captif*) das identificações imaginárias do sujeito” (2002, p. 101). A alienação do ego na base da identidade ocorre, porque essa experiência especular não contém nenhuma alteridade.

Não seria por acaso, então, que a maior parte da resistência à aceitação de um diálogo entre a psicanálise e as neurociências seja representada por grupos que descendem da psicanálise francesa. Lembramos que o que primeiro nos chamou a atenção nessa crítica não foram as posturas específicas de determinados autores, mas sim que a maioria dos argumentos assume uma ruptura implícita ou explícita entre natureza e cultura, o que automaticamente produz outra dicotomia: entre sujeito e natureza. No início de suas teorizações psicanalíticas, vimos que Lacan concebe a família como o lugar social de onde emergem as identificações primordiais que farão com que o *infans* se torne sujeito num sentido ontológico, marcando uma ruptura com a ordem natural.

Síntese – Segunda parte

O objetivo do capítulo anterior, mais curto, era exatamente investigar no contexto mais amplo da psicanálise, após-Freud, se outras correntes ou abordagens poderiam também participar do debate com as neurociências, já que essa troca não precisaria ficar restrita a Freud.

Concluimos que existem afinidades entre alguns pressupostos da psicologia do ego e algumas proposições das neurociências, o que seria de se esperar uma vez que esta escola de pensamento desenvolveu uma linha de pesquisa que se aproximou da etologia e da observação de campo, além de acomodar o ponto de vista genético na sua formulação. As concepções psicanalíticas pós-freudianas organizadas pela extensa linha de pensamento das relações objetais, que como vimos edificou-se a partir de contribuições diversas (desde kleinianos, neo-kleinianos, psicólogos do ego), também poderiam oferecer elementos numa eventual troca de conhecimento com o campo das investigações neurocientíficas. Por fim, embora não identificamos nenhuma tentativa de modelização empírica dos conceitos kleinianos, apenas à título de hipótese, pensamos que as neurociências e a psicologia cognitiva também poderiam encontrar em Klein um modelo motivacional da mente, devido à riqueza de descrição do mundo interno e ao desenvolvimento de alguns recursos no sentido psicodinâmico. Sabemos que o peso do fator constitucional é acentuado no pensamento kleiniano, e alguns neo-kleinianos, como W. Bion, dedicaram-se ao estudo da questão do pensamento. Quanto a Lacan, é nítido a existência de uma incompatibilidade com o tema das neurociências, uma vez que sua concepção de subjetividade é essencialmente intersubjetiva.

Agora, vamos recaptular as considerações extraídas do capítulo sobre o ego em Freud, a fim de fazer um balanço parcial sobre quais pressupostos e quais traços da teorização sobre o ego em Freud poderiam interessar ou contribuir para um programa de estudos em neurociências ou numa tentativa de modelização das funções psicológicas do ego ou mesmo do *self*.

O conceito de ego, tal como definido em 1895, é crucial para o funcionamento da psicologia neurológica que Freud propõe naquele texto. Procuramos também apontar como a vivência de satisfação revelam o caráter indelével do outro para o psiquismo: a intervenção do agente externo é imprescindível para eliminar a fome do lactente (FREUD, 1895, p. 362), e um indicador da importância precoce dos aspectos interpessoais da dependência e do desamparo para Freud. Na teoria do pensar, vimos que as relações entre o manto e o núcleo do ego tendem a ampliar as representações-objeto e representação-palavra, logo, constituindo e enriquecendo a noção de objeto. O processo judicativo revela que os aspectos parciais da percepção do outro ganham significado a partir das representações já conhecidas pela criança, uma vez que são compreendidos através da “identidade” com as percepções e imagens motoras próprias. Devido à tendência para imitar movimentos presente no julgar, as novas percepções são comparadas com a do objeto do desejo, e uma parte delas pode coincidir e despertar sensações já vividas pelo bebê. Assim, o “reconhecimento” do objeto da satisfação passa por uma identificação entre experiências do indivíduo com seu corpo e com o mundo externo e, ainda, por uma espécie de identificação entre o próprio corpo e o corpo do próximo.

Vimos também que, considerando o contexto da dependência performática do bebê, a noção de desamparo (*Hilflosigkeit*) mostra a possível gênese da concepção de uma relação com o outro a partir da dependência e da fragilidade, bem como mostra o desamparo na origem de um princípio moral, o que Gabbi Jr. chama de “naturalismo ético” em Freud.

A partir do que foi dito até aqui, esperamos ter demonstrado, pelo menos parcialmente, como é possível pensar a coexistência das formulações neuropsíquicas e psicossociais em Freud, mesmo onde ela pareça menos óbvia, como no “Projeto” (1895). Como dissemos no início deste trabalho, seria interessante que os questionamentos sobre a relação da psicanálise com as neurociências fossem remetidos ao próprio enquadre conceitual-metodológico dos programas neurocientíficos e também ao exame das teses freudianas, para saber se Freud tem ou não elementos favoráveis a uma troca de conhecimentos e de experiências com o campo das neurociências. Pensamos também que essas considerações sobre a dupla natureza do ego indicam a possibilidade de que este conceito seja utilizado pelos modelos neurobiológicos.

Ficamos presos à primeira parte do texto do “Projeto” (1895), na qual predomina uma formulação essencialmente econômica do conceito de ego e que aparentemente destoa de toda concepção posterior: esse ego não se parece com o portador da identidade do sujeito, ou a instância onde objetos externos serão introjetados, etc. Só ao final da parte I, quando Freud começa a descrever os processos secundários, tais como o pensamento e o juízo, junto com o esboço das noções de pulsão e de desejo, é possível ver um ego mais parecido com o ego da segunda tópica. Contudo, é na parte III do “Projeto” (1895), na descrição dos processos psicológicos normais, que a significação do ego será estendida e abre um precedente para que se comece a pensar na formação das primeiras relações com o outro já neste texto freudiano.

A proximidade entre o ego de 1895 e o conceito de ego da segunda tópica não tem nada a ver com os desdobramentos narcísicos do ego, porque entre o “Projeto” e a segunda tópica há um obstáculo epistemológico, ou seja, a ausência da teoria da sexualidade infantil, esta que está na base da teoria do narcisismo. O narcisismo só será oficialmente introduzido em 1914. Na verdade, uma das motivações mais evidentes para a formulação do narcisismo é o fato dele vir preencher algumas lacunas na teoria da sexualidade, as mais importantes são a questão da escolha de objeto e a própria distinção entre a sexualidade adulta e a infantil. Por outro lado, curiosamente, com exceção da seção 14, a formulação neuropsicológica do ego no “Projeto” (1895) mais se aproxima do ego da segunda tópica do que sua caracterização anterior. Em “Psiconeuroses de defesa” (1894), o ego era o agente da defesa psíquica, a contraparte do reprimido e a parte da psique para a qual a idéia a ser isolada da consciência era intolerável de fato. Contudo, empregando uma análise atenta da própria seção 14, a estranheza do conceito de ego diminui, porque ali também se encontram idéias que auxiliarão no entendimento de como muitas teses metapsicológicas posteriores foram formuladas. Apenas um exemplo, a descrição do mecanismo da repressão, no capítulo 4 de “O inconsciente” (1915), fica mais inteligível se reportada à questão das “contra-ocupações” (“*Gegenbesetzung*”), ou seja, estas podem ser pensadas a partir das ocupações laterais do manto do ego, voltadas para a inibição de certas facilidades.

No período imediatamente posterior à escrita do “Projeto” (1895), duas importantes noções desse texto desaparecem da obra freudiana: as noções de ego e de pulsão. Elas são as que admitiam uma formulação eminentemente biológica e só serão

efetivamente retomadas na transição da primeira para a segunda tópica. Elas retornam com mais força a partir de 1920, de modo que a teoria pulsional e a teoria do narcisismo vão participar amplamente das reelaborações que conduzirão à segunda tópica. Esta tópica consiste, sob muitos aspectos, numa retomada progressiva das funções relativas ao ego e à pulsão; esta última já desde os “Três ensaios” (1905).

Ao que parece, o conceito de ego do “Projeto” (1895), embora sob o prisma naturalista e quantitativo, não constitui um capítulo à parte nas concepções freudianas do ego. Na tentativa de uma eventual unificação dentro das concepções sobre o ego, nossa investigação, até aqui, procurou indicar como os fundamentos neurobiológicos e os fundamentos psicossociais do conceito de ego podem estar mais interligados do que se imagina. Acreditamos que a formulação do conceito de ego em 1895 não deva ser tomada isoladamente, mas sim com relação às concepções mais tardias do conceito, como a que se destaca em “Psicologia das massas” (1921), na qual o componente intersubjetivo está mais evidente, dada a riqueza e versatilidades das relações entre ego total e objetos. É interessante que a partir da mobilidade presente nas relações temporárias entre núcleo e o manto do ego, descritos no “Projeto” (1895), é possível fazer uma analogia com a mobilidade do ego narcísico nos constantes investimentos e recuos libidinais: “... são os investimentos de objeto como o corpo de uma ameba e seus pseudópodes” (FREUD, 1914, p. 73). Não se trata de dizer que Freud antecipava o narcisismo no “Projeto”, mas simplesmente que, em 1914, ele utiliza uma figura de linguagem que lhe permitisse acomodar a idéia de flexibilidade e mobilidade de uma organização como o ego, cujos limites são essencialmente dinâmicos e sujeitos às modificações externas. Na década de 1910, então, será constatado que a captação da imagem de si é fundamental para a formação do ego. A repetição narcísica dessa imagem traz a primeira referência mais ou menos unificada para o indivíduo. Dissemos que o ego narcísico é o primeiro objeto total ao mesmo tempo em que ele permite iniciar uma relação de objeto, ainda que incipiente, na qual a alteridade surge da identificação com a imagem especular de si no outro. Destacamos que a grande inovação do narcisismo para a gênese egóica deve-se à noção de sexualidade infantil e não propriamente à sua função identificatória. Como vimos, alguns esboços sobre a identificação estão na teoria do pensamento em 1895.

Simanke (2004) aponta que o próprio texto do “Projeto” tende a ser considerado como um momento de ruptura na evolução das idéias psicanalíticas¹⁰⁸. Discutir o sentido do “Projeto” não é a intenção aqui, mas queremos dizer que a expressão neuropsicológica do conceito de ego nesse texto não está ultrapassada. Uma análise mais atenta da noção de ego revela uma continuidade subjacente entre o conceito do ego em 1895 e o seu desenvolvimento mais tardio, pelo menos na linha de raciocínio que procura resgatar o papel da *interação com o mundo externo mediada pelo outro*. A partir do interesse por “reconhecer” o objeto (um ser “semelhante”) e a partir do “desamparo”, pensamos que a diversidade constatável entre as descrições do ego no “Projeto” (1895) e em “Psicologia das massas” (1921), em linguagens absolutamente distintas, seria talvez mais aparente (e descritiva) do que propriamente ontológica (e explicativa), condizente com a adoção freudiana de estratégias metodológicas diferentes. As relações interpessoais e, em sentido específico, o papel do outro no psiquismo surgem como um critério para a formação das primeiras representações do ego e do objeto, tanto quanto para o funcionamento mais adaptativo do aparelho neuronal e para a própria gênese de valores do indivíduo. Do mesmo modo, ao ingressar na teorização da segunda tópica, Freud retoma muitas concepções de base biológica, como a do ego corporal e a teoria pulsional.

De novo, quanto à discussão sobre a complementaridade entre o neuropsicológico e o social nas formulações do ego e de que modo isso possa vir a interessar para um neurocientista, apontamos, mais uma vez, que a teoria do pensar revela a íntima relação entre corpo e intersubjetividade no “Projeto” (1895). O “pensar reprodutivo” e o “pensar cognitivo” mostram que, desde os primeiros contatos sensoriais entre a criança e a mãe, começam os processos de reconhecimento do objeto gratificador. Ainda mais, as identidades sensórias e parciais alcançadas através do pensar ampliam as representações do ψ do manto e, portanto, podem ser pensadas como estando na base da construção das próprias representações do ego e das representações de objeto, contudo, numa linha genética diferente da que vemos no eu-intersubjetivo, isto é, na identificação psicológica com a imagem dos objetos.

¹⁰⁸ “A tendência a considerá-lo uma obra de exceção no contexto deste percurso inicial parece provir de uma interpretação que vê no par formado pela psicologia e a neurologia uma alternativa excludente que se teria colocado para o primeiro Freud, uma bifurcação do caminho, na qual, após algumas hesitações, ele teria decididamente optado pela via psicológica” (SIMANKE, 2004, p.60).

Com vistas à síntese deste tópico, porém sem esgotá-lo, um outro apontamento concerne à importância da *imagem do corpo* para o desenvolvimento e a consolidação das representações psíquicas primitivas, sobretudo de uma relação objetal a partir da dependência e da identidade. Contudo, no “Projeto” (1895), trata-se apenas da imagem dos aspectos parciais do corpo infantil e da imagem parcial da percepção do outro (suas feições, o movimento de suas mãos, o seio). A percepção totalizadora da imagem do objeto terá que aguardar a teoria do narcisismo que Freud começa a discutir com seu grupo psicanalítico em 1909 (Strachey, prefácio do ensaio “Introdução ao narcisismo”, de 1914). O mais interessante é que mesmo o narcisismo estando ausente no “Projeto” (1895), as elaborações do ego nesse texto, em parte, estão em sintonia com o papel que o auto-erotismo vai ocupar na teoria da sexualidade e também com o papel especular e identificatório que o narcisismo virá a desempenhar na metapsicologia posterior.

Mais tarde, quando Freud abandonar a teoria da sedução e reconhecer uma escolha de objeto sexual infantil, a idéia de que as representações de objeto só são compreendidas se identificadas às sensações corporais ajudam a entender o significado do auto-erotismo: “o corpo do outro, tomado como sexual, será transformado em corpo próprio, igualmente sexual” (GABBI Jr., 2003, p. 78). E como Freud coloca em “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito” (1911), o indivíduo narcísico toma primeiro a si mesmo, ao seu próprio corpo antes de passar a escolha no objeto externo.

A esse respeito, também apontamos aquelas duas linhas de raciocínio sobre a origem do ego, o eu-corpo e o eu-intersubjetivo, que se exprimem de modo ambíguo através da interação entre as sensações internas/representações corporais e as sensações externas/representações de objeto. Se retomarmos a teoria do narcisismo, é possível discutir o papel do corpo na discriminação originária entre sujeito e mundo. Esta última discussão também encontra-se prefigurada nas noções de ego-prazer e ego-realidade, que Freud aborda em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental” (1911), em “Pulsões e destinos de pulsão” e no “Problema econômico do masoquismo” (1924). O apego à imagem de si, proporcionando uma espécie de espelhamento, permitirá compreender melhor a junção dos vértices entre as representações de objeto e as representações do corpo, posto que há uma espécie sobreposição entre a noção de ego e a de corpo na teoria freudiana do narcisismo. O corpo passa a ser solicitado como um todo,

disponibilizando uma representação de si a partir de uma unificação no esquema corporal, que tem início no estágio narcísico e que incide sobre o ego. Freud diz “toma primeiro a si mesmo, a seu próprio corpo, antes de passar deste à eleição de objeto em uma pessoa alheia” (1911, p. 56).

A busca pela complementaridade que pretendíamos apontar não está apenas em reconhecer a via social que se desenha nitidamente no “Projeto”, mas também em verificar em que medida Freud retoma a tese do ego corporal nos textos da segunda tópica, ou seja, em sentido muito parecido com a importância que as representações corporais têm para o ego em 1895. Tentamos mostrar que um eu-social não substitui gradualmente o eu-neural (ou neuropsicológico). Inclusive, comentamos que, nesse caso, existem duas linhas de raciocínio (eu-corpo e eu-intersubjetivo) entrelaçadas em diferentes momentos da obra.

Neste sentido, esperamos retornar ao debate atual sobre a ponte entre as neurociências e a psicanálise, um debate que reacende o horizonte das relações entre o psíquico e o neurológico no pensamento freudiano, levando em conta o que discutimos sobre o encontro entre as formulações psicossociais e neuropsicológicas nas diferentes concepções do ego em Freud. Ao que tudo indica, Freud apostava numa teoria mais integrada da mente desde o início da sua metapsicologia, como encontramos na sua teoria sobre o ego. Como viemos apontando ao longo da tese, tal visão mais integrada sobre a mente e o cérebro está sendo priorizada ou, pelo menos, desejada por algumas abordagens da neurociência cognitiva, que tem se organizado no sentido da construção progressiva de um projeto ou programa de estudos para a investigação da mente e da subjetividade de uma perspectiva mais global e dinâmica. Este talvez seja o principal aspecto em que o modelo freudiano da mente (isto é, sua ampla teoria sobre o aparelho psíquico) possa vir a contribuir.

Os dois capítulos finais visam uma tentativa de maior unificação ou, pelo menos, uma convergência em nossa abordagem, por isso retornamos ao problema do encontro da psicanálise com a neurociência cognitiva, porém reinserindo especificamente o problema do ego nesse campo. Primeiro, apresentamos um modelo neuropsicológico do *self* que se aproxima bastante de alguns pressupostos basilares da concepção do ego em Freud. Como veremos, esse modelo, embora neurobiológico e materialista, não repete os

equivocos de um localizacionismo das funções mentais no cérebro e também não se mostra reducionista em termos biológicos. No capítulo final, apresentaremos estudos empíricos diversos, de um caráter mais geral, para ilustrar de que modo, operacionalmente, alguns trabalhos em neurociências retomam o conceito de ego ou de *self*.

PARTE III – O EGO NAS NEUROCIÊNCIAS

Capítulo VI

O SELF NEUROPSICOLÓGICO EM ANTÓNIO DAMÁSIO¹⁰⁹

“A consciência começa quando os cérebros adquirem o poder (...) de contar uma história sem palavras, a história de que existe vida pulsando incessantemente em um organismo, e que os estados do organismo vivo, dentro das fronteiras do corpo, estão continuamente sendo alterados por encontros com objetos ou eventos em seu meio ou também por pensamentos” (*O mistério da consciência*, p. 51)

O objetivo desse capítulo é buscar uma maior homogeneidade temática para os principais problemas abordados até aqui. Primeiro, através da descrição de um conjunto de afinidades manifestas entre os conceitos de *self* e de ego, presentes na teoria neuropsicológica de António R. Damásio e na psicanálise freudiana, respectivamente. Segundo, apostamos, talvez, numa maior convergência no que diz respeito à questão da relação entre as formulações psicossociais e neuropsicológicas do ego e à sua possibilidade de estar presente ou não em modelos neurocientíficos. Também, de novo, como fizemos no capítulo sobre a neuro-psicanálise, demonstraremos um outro contexto operacional de pesquisas e teorizações sobre o encontro das neurociências com as concepções psicanalíticas. Por esse motivo, elucidamos um modelo neurocientífico sobre o *self* que, embora não explicitamente, retoma muitos aspectos das concepções de Freud sobre o ego, além de ambos os modelos nutrirem algumas hipóteses comuns sobre a concepção do sistema nervoso e do aparelho psíquico. Por outro lado, as teorizações de Damásio, assim

¹⁰⁹ António Damásio é neurologista português, chefe do Departamento de Neurologia da Faculdade de Medicina de Iowa, Estados Unidos.

como a produção neuro-psicanalítica, estão em afinidade também com os princípios básicos do quadro de referência de Kandel.

Como já apontamos a respeito da mudança de perspectiva nas ciências da cognição e nas neurociências que, no final do século 20, ampliaram seu enfoque cognitivista para acomodar aspectos da subjetividade, Damásio foi um dos responsáveis pelo reconhecimento de que o mental não se restringe à cognição: “durante a maior parte do século XX, a emoção não teve espaço nos laboratórios. Dizia-se que era subjetiva demais” (DAMÁSIO, 2000, p. 60). Tal como ele empreende, a noção de cognição começa a ser estendida, de modo a incluir as emoções e a experiência consciente, ambas, na sua teoria, derivadas das representações corporais. Damásio propõe um estudo sobre os substratos neurais da *autoconsciência*, a fim de identificar os padrões funcionais que geram a sensação de estabilidade para o indivíduo e entender como eles são sinalizados e representados no cérebro. Neste autor, a sensação corporal de estabilidade não se distingue, em essência, da acepção genérica do *self*, como o estandarte da identidade.

Ele é um dos primeiros neurocientistas contemporâneos a propor uma teoria neurobiológica para o *self* que ficasse frente a frente com a parte mais “difícil” do problema da consciência, qual seja, seu aspecto subjetivo e qualitativo, também chamado de “qualia”. Também havíamos dito que as dificuldades conceituais relativas à natureza fenomênica da experiência subjetiva foram globalmente apelidadas, na filosofia da mente, de *lacuna explicativa*. Parece que a parte essencial do problema da consciência em Damásio é o modo como se forma a perspectiva individual, e não apenas investigar como as imagens visuais, viscerais e táteis são geradas pelo córtex cerebral, mas, além disso e precisamente, como emerge um “senso de mim”: como o *organismo portador da emoção pode tornar-se ciente dela?* Para alcançar esse fim, o ponto de vista da experiência de um sujeito, não sabemos o quão bem-sucedida a teoria de Damásio é, tampouco se ela, eventualmente, deixa de lado outros aspectos dos “qualia”, porém certamente ela tem munção para, pelo menos, dialogar com o problema da mente fenomenológica. Damásio reconhece estar abordando apenas uma parte do problema da consciência (a chamada autoconsciência). Contudo, ele acredita que esta modalidade reverbera em toda a consciência, pois mesmo em sua forma mais simples, o estar consciente começa pela aquisição do sentido de *self*, que é o passo inaugural da autoconsciência para este autor. Assim, na medida em que ele formula uma teoria de como o cérebro cria cenas mentais

integradas em função da perspectiva *singular* do sujeito, sua abordagem do *self* engloba, de alguma forma, os “qualia”, como ele mesmo diz (DAMÁSIO, 2000, p. 37).

Damásio dispense um esforço sistemático para elucidar o “sentido do *self*”, configurando a tentativa de entender como o indivíduo está conectado às suas emoções e ao conhecimento produzido por elas, ou seja, o *conhecimento de si*. O *self* é pensado como o indicador da presença do sujeito em uma relação específica com um objeto - seja do mundo externo ou da memória, portanto, de uma relação com o outro e consigo mesmo - e da apreensão que o sujeito tem desse fenômeno. Damásio postula que o *self* seja a condição primordial para que – do ponto de vista da primeira pessoa – tenha-se a noção de que algo acontece na mente quando em contato com os objetos; condição sem a qual se configuraria o usual processamento inconsciente da informação.

A primazia que a autoconsciência adquire na abordagem de Damásio talvez seja a maior inovação do seu modelo da consciência, o qual leva em conta aspectos biológicos primários como pré-requisitos para o desenvolvimento de funções mentais mais elevadas (como memória, raciocínio, atenção e linguagem). Coloca Damásio (2000) que o estudo da consciência não deve começar por aquelas funções cognitivas que estão no topo da hierarquia (“de cima para baixo”), já que, em alguns casos, o comprometimento das funções mais nobres não impede a continuidade de alguns estados de consciência. Em geral, as tradições filosóficas e científicas sobre o problema da consciência inserem a autoconsciência em um estágio mais elevado da hierarquia mental, como o coroamento das funções superiores e exclusivamente humanas. Damásio, entretanto, inverte essa hierarquia, tratando a autoconsciência como a condição elementar para todo os processos da consciência, já que, segundo ele, “possuir um sentido do *self* não só é necessário para conhecer, no sentido próprio, mas pode influenciar o processamento de tudo o que vem a ser conhecido” (DAMÁSIO, 2000, p. 37). Desse modo, o autor parece evitar problemas comuns àquelas tradições, tal como o fato de ter que explicar qualitativamente a passagem da consciência para a consciência de si, por exemplo.

Outra inovação nos trabalhos de Damásio (1996, 2000) com relação ao meio neurocientífico corrente é que as emoções e os estados conscientes surgem das *afecções corporais* e do modo específico de como o *corpo é representado no cérebro*. Damásio parte do princípio de que o corpo (em seu funcionamento biológico/vital) e a

interação organismo-objeto têm sinalizações próprias no cérebro, cujos respectivos padrões neurais (ou “mapas”) serão sucessivamente retomados e representados em diferentes níveis de apreensão neuropsíquica¹¹⁰.

Assim, a concepção do *self* em Damásio está essencialmente apoiada na idéia de uma integração progressiva entre estruturas e funções cerebrais, graças à qual o *self* é representado por níveis de ordenação que se atualizam ou se re-representam sucessivamente. Na verdade, suas teorizações nos remetem a algumas especulações presentes nos textos de John Hughlings Jackson, como na hipótese sobre a estratificação do sistema nervoso, que também chega a sugerir um sistema de representações entre os centros nervosos inferiores e os superiores. Todavia, Damásio não faz nenhuma referência a Jackson, salvo uma única menção sobre o caráter mais preciso das teorias deste sobre as emoções, quando comparadas às de James, Freud e Darwin (DAMÁSIO, 2000, p. 59).

A eventual contribuição que a noção de *self* em Damásio pode trazer para a nossa tese vai no sentido de elucidar alguns aspectos da teoria freudiana do ego em sua faceta corporal e identificatória. Tal aproximação não soa tão surpreendente, levando em conta que o atual programa multidisciplinar de pesquisa das neurociências, do qual Damásio é um dos representantes mais ativos, tem pontos em comum com o programa freudiano para uma psicologia científica, na medida em que Freud explicitou a aposta, principalmente no início de sua obra, numa teoria da mente que integrasse aspectos quantitativos e qualitativos, como as noções de afeto (desejo), pensamento e consciência.

Como dissemos, a psicogênese do ego não se dá exclusivamente pela apreensão da *imagem de si* (uma referência mais ou menos unificada da imagem narcísica), isto é, uma forma de representação objetal, em princípio interna e depois também externa devido à percepção do outro como um idêntico; mas também (e primeiramente) a gênese do ego remete ao contato direto com as *sensações corporais* (esse aglomerado sinestésico que se forma pelo fato do aparelho psíquico sofrer a ação dos estímulos endógenos). Já procuramos mostrar como a origem psíquica do ego orienta-

¹¹⁰ “Mapas” e “mapeamento” são expressões recorrentes na terminologia neurocientífica. Para este autor, designam, de modo geral, a capacidade funcional e estrutural do sistema nervoso de sinalizar a troca de informações, gerando determinados padrões neurais. Estes só podem ser acessados na perspectiva de uma terceira pessoa, diferente dos padrões mentais (entendidos no mesmo sentido que imagens mentais) que só podem ser acessados pela perspectiva do sujeito, em primeira pessoa. A representação tem uma acepção mais ampla, englobando tanto padrão mental (imagens), quanto padrão neural (mapas). Embora Damásio não especifique, a representação parece envolver mais de um nível funcional.

se a partir da relação ambígua entre esses dois registros genéticos (do objeto/identificatório e do organismo), expressos na idéia de um eu-intersubjetivo e de um eu-corpo. A teoria da consciência e do *self*, em Damásio, aborda tanto as *representações do objeto* como as *representações do organismo*: a constante interação entre elas origina as emoções e o sentimento de pertença, de um modo muito parecido com alguns aspectos da estruturação do ego na teoria freudiana. Uma diferença é que a teoria neuropsicológica do *self* exprime um sistemático esforço de articulação, enquanto que a concepção do ego em Freud foi trabalhada de formas diferentes, conforme os avanços da metapsicologia. Não obstante as diferenças conceituais e metodológicas entre os dois sistemas, a teoria do *self* pode vir a contribuir na busca de uma visão mais integrada do ego em Freud, um dos objetivos dessa tese. Notar também o papel privilegiado que Freud e Damásio atribuem ao corpo em suas teorias, como a base material para as funções psicológicas. O corpo é a fonte das representações que dão forma ao ego e ao *self* e através dele poder-se-ia introduzir nas neurociências um importante ingrediente psicanalítico que lhes falta, a sexualidade, e que está na base das hipóteses de Freud, mas não de Damásio.

O neurocientista não faz nenhuma referência aos trabalhos de Freud sobre o ego, aparentemente nem se dá conta de uma eventual convergência de seu modelo com alguns princípios das concepções sobre o ego, o que tentaremos sustentar a partir de agora. Numa entrevista, quando interrogado sobre esse aspecto de uma certa semelhança, ele responde que Freud sempre fora um neurocientista moderno e, em outra oportunidade, ele comenta que embora lera Freud há mais de 30 anos, não nega uma coincidência casual de alguns tópicos¹¹¹. Apresentaremos, agora, as categorias que formam o conceito de *self* para, posteriormente, identificar os pontos de contato com a noção freudiana em questão.

¹¹¹ “Eu propus (sem pensar em Freud, mas coincidindo com ele) que o corpo real, tanto como sua representação pelo cérebro, é o teatro das emoções” (DAMÁSIO, 1999, p. 39).

1. *Um modelo do corpo no cérebro: a excomunhão do homúnculo*

Para Damásio, as “representações do organismo” foram negligenciadas na maioria das investigações neurocientíficas, ele as prioriza através da noção de que o *corpo também é um objeto permanente para o cérebro*. Não é à toa que o organismo é geneticamente equipado para trabalhar dentro de uma estabilidade homeostática necessária para a manutenção das funções vitais (como equilíbrio dos índices da temperatura, da pressão sanguínea, do ritmo cardíaco, da taxa hormonal, etc). Damásio afirma que enquanto determinadas partes do cérebro mapeiam a entrada de objetos (perceptos auditivos, visuais ou recordações de situações vividas), outras partes mapeiam apenas o funcionamento do corpo (músculo, pele, órgãos, etc). Vários sítios cerebrais estão incumbidos de gerar um mapeamento somático específico: “não podem mapear nada além do corpo, e fazem isso com mapas em grande medida pré-estabelecidos. São a audiência cativa do corpo” (2000, p. 40). Damásio refuta uma eventual adesão à concepção clássica do homúnculo, seu modelo não “percebe”, não “fala” (Cf. *ibid.*, p. 42)¹¹².

Traduzida neurobiologicamente, a audiência cativa é o conjunto das propriedades sinalizadoras com as quais o cérebro monta padrões neurais e forma as imagens do objeto e do próprio organismo¹¹³. Em Damásio, tais representações internas são as precursoras do sentido do *self*:

As raízes profundas do *self*, incluindo o *self* complexo que abrange a identidade e a individualidade, encontram-se no conjunto de mecanismos cerebrais [...]. Esses mecanismos representam continuamente, **de modo inconsciente**, o estado do corpo vivo, em suas numerosas dimensões. (DAMÁSIO, 2000, p. 42)

¹¹² De acordo com essa concepção clássica da percepção, uma parte específica do cérebro faria todo o trabalho do conhecimento, como se fosse onisciente (imagem de um homenzinho no cérebro). O problema dessa solução seria a origem do conhecimento, precisaria haver outro homenzinho dentro deste numa série interminável, que David Hume chamou de “regressão infinita”. Segundo Damásio, as imagens da consciência não são contadas por um homúnculo esperto, nem pelo indivíduo considerado como um *self*. Não há necessidade de mecanismos aquém desse *self*, pois a cada momento um tipo de conhecimento está sendo apresentado ao organismo, mesmo que nada lhe seja solicitado (Quem faz? Quem sabe?). Não se fez nenhuma pergunta ao *self* central, portanto, ele não interpreta nada, o conhecimento é produzido (Cf. *ibid.*, p. 247).

¹¹³ Para Damásio, os padrões neurais originam as imagens integradas da percepção, contudo, como ele divide o problema da consciência, de saída, isenta-se da necessidade de explicar *como* os padrões neurais tornam-se mentais. Esse seria o primeiro problema geral para uma explicação neurobiológica da consciência. Na metáfora empregada por ele, isso é dar conta de como “o cérebro gera o filme mental”. O segundo problema, do qual ele se ocupa, seria explicar como surge um espectador e proprietário desse filme, o *self* (Cf. *ibid.* p. 27).

Estes mecanismos são designados por Damásio como *proto-self*, a base inconsciente do *self*, cujas representações são o próprio estado somato-visceral do corpo. Segundo Damásio, os estados corporais estão ocultos na maior parte do tempo, enquanto a vida segue seu fluxo (Cf. *ibid.*, p. 49). A ordem dos eventos externos encobriria, em grande medida, a realidade das sensações corporais; e esse é o motivo do desconhecimento de que os sentimentos relacionam-se com o corpo. Isso expressa a vantagem adaptativa de buscar soluções mais eficazes para problemas do mundo externo, impedindo, contudo, a percepção da natureza corporal do *self*¹¹⁴.

Na teoria de Damásio, a consciência de si ou o *self* consciente surge primeiro na forma de um *sentimento* de que algo acontece no organismo quando este interage com um objeto: “tornamo-nos conscientes quando internamente nosso organismo constrói e exhibe um tipo específico de conhecimento sem palavras – o conhecimento de que nosso organismo foi mudado por um objeto (...). A forma mais simples na qual esse conhecimento emerge é o **sentimento de conhecer**” (*ibid.*, p. 218-19, grifos nossos). Esse saber “sutil” e ainda não verbal – de início, um “relato” representacional/imagético - refere-se aos efeitos que a interação objetual deixa nas representações neuropsíquicas inconscientes do *proto-self*. Entretanto, em Damásio, é preciso distinguir entre ter uma emoção, senti-la e ter consciência do sentimento: *sentir* é diferente de *conhecer* propriamente. Veremos que o que ele chama de sentido de *self no ato de conhecer* depende de uma intrincada sucessão de eventos neurológicos que culminarão na diversidade de imagens dos objetos a serem representados.

A consciência, designada nesse âmbito como *consciência central*, só surge quando o objeto e o organismo – e os primeiros padrões neurais formados para estes elementos - são representados em novos padrões neurais. Estes, por sua vez, também representam a relação causal entre o organismo e os objetos através de outro tipo de estrutura de representação cerebral, designadas por Damásio como “estruturas de segunda ordem”, tanto quanto o seu processamento neuro ou eletroquímico como “mapas de segunda ordem”. É como se determinadas operações corticais fossem atualizadas em outros níveis de ordenação, é o que devemos entender por re-representação: “a primeira base para o *você* consciente é um sentimento que surge na ‘re-representação’ do *proto-self*

¹¹⁴ A consciência teria prevalecido, do ponto de vista evolutivo, por ser auto-preservativa; por ligar a regulação corporal da vida ao processamento mais eficiente de imagens, permitindo planejamento e o discernimento entre o que pertence ou não ao organismo (DAMÁSIO, 2000, p. 43-4).

inconsciente no processo de ser modificado dentro de um relato que estabelece a causa da modificação” (DAMÁSIO, 2000, p. 222). Essa noção de *self*, no âmbito sensorial e imediato da experiência consciente, também é chamada de *self central*. Em breve, vamos ver que, considerando a extensão fenomênica da consciência e a complexidade da memória e da linguagem, Damásio vai descrever outra categoria de *self* e de consciência.

Por esse modelo de *self*, na medida em que as imagens, seja de uma dor de dente, da lembrança de alguém ou de uma melodia, afetam o organismo (nesse caso, primeiramente, o proto-self), um outro nível de estrutura cerebral (os mapas de segunda ordem) cria um relato das implicações neurais dessa interação (Cf. *ibid.*, p. 220). Vejamos por partes, o relato (ou a “narrativa sem palavras”) a que Damásio se refere é o processamento neurológico (e não lingüístico) de eventos inter-relacionados de maneira lógica. O mapeamento de segunda ordem nada mais é do que a ativação de estruturas que produzem uma sucessão de novas representações, de modo a formar novos padrões neurais para sinalizar especificamente o que acontece entre o indivíduo e um determinado objeto. Esta interação entre os padrões de primeira ordem e os padrões de segunda ordem produz um sentimento, o *self central*. Para isso ocorrer, o objeto e o corpo teriam sido representados uma primeira vez separadamente nos padrões neurais de primeira ordem, porém a sua re-atualização por outras estruturas cerebrais acaba por representar a *relação* de causa e efeito entre eles, formando, assim, os padrões neurais ou mapas de segunda ordem.

Tanto os mapas de primeira ordem, como os mapas de segunda ordem podem se tornar imagens mentais. Podemos deduzir que a diferença entre os ditos padrões de primeira e os de segunda ordem não é apenas o tipo de estrutura ativada, mas suas interações e a própria sucessão temporal entre os eventos em curso. Pela hipótese de Damásio, o padrão neural de segunda ordem é implementado por mais de uma região cortical e surge da troca transitória de sinais entre alguns sítios cerebrais específicos. As principais características das estruturas de segunda ordem são: a recepção de sinais convergentes de origem variada e, nesse caso, a realização da convergência entre os mapas do corpo e os do objeto; a produção de uma atividade neural sincronizada com a ordem dos acontecimentos; a integração da produção das imagens ao fluxo de pensamento

e sinalizar às estruturas de primeira ordem que processam o objeto para que este seja realçado¹¹⁵.

Então, dois aspectos compõem a hipótese da consciência em Damásio: o relato representacional-imagético da relação organismo-objeto e o realce das imagens do objeto, posto que estas são privilegiadas pelo mecanismo da atenção. Sabemos da existência dos objetos porque eles são realçados na nossa mente, desse modo:

a consciência central ocorre quando os mecanismos cerebrais de representação geram um relato imagético, não verbal, de como o próprio estado do organismo é afetado pelo processamento de um objeto, e quando esse processo realça a imagem do objeto causativo, destacando-o assim em um contexto espacial e temporal. (DAMÁSIO, 2000, p. 219)

Para este autor, a consciência central é o sentimento imediato do aqui e agora, pois nos seus níveis mais básicos ela não depende do raciocínio, da linguagem simbólica ou da memória. Segundo Damásio, nos seres humanos, o relato não verbal de segunda ordem é convertido em linguagem imediatamente – nos padrões de terceira ordem –, já que, inevitavelmente, os objetos percebidos tornam-se verbalmente presentes na mente, em geral, quando se presta atenção neles. Essa conversão do sentimento do *self* em linguagem imbuída de significado é o aspecto da consciência que foi privilegiado nos modelos da consciência estruturada apenas como linguagem, uma concepção que o autor, no entanto, refuta (Cf. *ibid.*, p. 239). Para Damásio, o primeiro relato dos eventos cerebrais e corporais que estão na base do *self* é apenas “um mapa não lingüístico”, portanto, é inconsciente.

Quando a consciência central é desencadeada, e concomitantemente o *self* central, ocorre uma intensificação do estado de vigília: a atenção é focalizada no objeto. Conseqüentemente, as imagens são processadas com maior qualidade e maior condição do organismo de se ocupar deste e de outros objetos. As imagens dos objetos e do indivíduo, aliadas ao “sentimento de conhecer”, permitem inferir sobre a estreita relação entre o

¹¹⁵ A partir das atividades que algumas estruturas neuroanatômicas em particular executam, Damásio infere quais deles poderiam dar conta da hipótese da consciência central. Como por exemplo, ao sugerir algumas estruturas que representariam os estados corporais (*proto-self*): alguns córtices sômato-sensitivos, núcleos do tronco cerebral, o hipotálamo e o prosencéfalo basal. As estruturas de segunda ordem assemelham-se à atividade dos colículos superiores e dos córtices do cíngulo sob a coordenação do tálamo. As estruturas para mapas de primeira ordem corresponderiam às funções dos córtices superiores nas regiões parietais e temporais, o hipocampo e o cerebelo (DAMÁSIO, 2000, p. 234-35): “desconfio que todos esses candidatos têm um papel na consciência, que nenhum deles age sozinho e que o campo de ação de suas contribuições é variado (...). A **noção de interação** entre essas estruturas é crucial para minha hipótese” (*ibid.*, p. 233, grifos nossos).

processamento de imagens e o senso de perspectiva subjetiva: “se essas imagens têm a perspectiva deste corpo que sinto agora, então essas imagens estão em meu corpo, são minhas” (p. 236). Na metáfora do autor, é como se o *self* fosse a primeira resposta para uma questão que o organismo nunca formulou: a quem pertencem esses padrões mentais contínuos? Ao meu corpo, a mim.

A consciência central é criada em pulsos, coloca Damásio sem entrar em maiores detalhes sobre o termo, todavia, a interpretação da sua teoria é inequívoca sobre a natureza neurológica do processo. As operações que produzem a consciência central repetem-se incessantemente para cada objeto que o cérebro representa. Os objetos mnêmicos também liberam pulsos de consciência central, pois a memorização, segundo Damásio, é uma reconstrução da imagem do objeto a partir não apenas da sua estrutura física (som, cor, cheiro, forma), “mas também características da participação motora de nosso organismo no processo de apreender aqueles aspectos relevantes: nossas reações emocionais a um objeto, nosso estado físico e mental mais amplo no momento de apreender o objeto” (DAMÁSIO, 2000, p. 237). Na acepção neurocientífica atual, pensar é um processo ativo, suficiente para alterar certos mapas neurológicos de modo semelhante ao que ocorre na presença do objeto externo, ou seja, tanto as ações como seu planejamento dão origem a mapas de segunda ordem.

Essa categoria de conhecimento é denominada de central não porque dependa de uma única estrutura (inclusive, são necessárias inúmeras estruturas cerebrais para sua produção), mas devido à sua importância funcional e ao fato de que qualquer conteúdo da mente aciona esse sistema, “ela pode ser usada por qualquer modalidade sensorial e pelo sistema motor para gerar conhecimento sobre qualquer objeto ou movimento” (DAMÁSIO, 2000, p. 280). Como estamos rodeados por uma profusão de objetos, é comum que mais de um objeto seja representado ao mesmo tempo – e mesmo que um único objeto possa produzir mais de um relato simultâneo, “já que vários níveis cerebrais podem estar envolvidos” (Cf. *ibid.*, p. 228) - e esse enredo de imagens é integrado ao fluxo dos pensamentos. A continuidade fenomênica da consciência depende dos suprimentos quase contínuos da consciência central, cujos pulsos são decorrentes da variedade de objetos internos e externos.

O *self* central é renovado de momento a momento em um mecanismo que confirma ao sujeito quem ele é, portanto é um fenômeno constante

durante a vigília. Os mecanismos produtores do *self* só são suspensos durante o sono e em estados neuropatológicos diversos, como o coma, o estupor, crise de ausência, etc. Embora consante, esse não é o *self* permanente; é o *self* do aqui-e-agora que diz que é você mesmo que está em uma relação com o objeto: “você é música enquanto ela dura” (DAMÁSIO, 2000, p. 223). O *self* permanente e sua significação subjetiva para a identidade é o *self autobiográfico*: “alguma coisa perdura depois que a música acaba; algum resíduo permanece após muitos surgimentos efêmeros de *self* central (...). Os momentos fugazes do conhecimento em que descobrimos nossa existência são fatos que podem ser registrados na memória” (*ibid.*, p. 223).

Vale lembrar que as apropriações do *self* central não se aplicam a todos os objetos da experiência sensível. Muitos outros objetos são processados de forma automática ou involuntária (inconsciente), como no proto-*self*. Damásio, assim como toda neurociência cognitiva moderna, concebe a mente como processamento não consciente de informação, da qual apenas uma parte apresenta as propriedades da consciência.

2. Self autobiográfico e relação entre consciência central e consciência ampliada: o transitório e o permanente

Os ganhos da aprendizagem, o acúmulo de vivências e a necessidade de confirmar quem somos levam, conseqüentemente, a uma permanente reiteração do *self* central. Desse modo, a concepção de *self*, em Damásio, também compreende um sentido mais abrangente, próximo à noção tradicional de *self*, ligada à identidade e individualidade. Para Damásio, o *self* autobiográfico, o qual designa um conjunto único de experiências que caracterizam a pessoa: “o *self* autobiográfico depende de lembranças sistematizadas de situações em que a consciência central participou do processo de conhecer as características mais invariáveis da vida de um organismo: quem o gerou, onde, quando, seus gostos (...)” (DAMÁSIO, 2000, p. 35). Do mesmo modo, outro tipo de consciência é construída a partir da consciência central, qual seja, a *consciência ampliada*, que possui níveis mais complexos de organização, sendo intensificada pela linguagem – o que dispõe outro nível funcional de representações, o caráter simbólico – e pode ser transformado no decorrer da vida.

Ao contrário do self central, a consciência ampliada não é apenas a sensação de existir no momento presente (eu vejo um pássaro ou tenho uma dor), mas permite ao indivíduo contextualizar-se com relação ao conhecimento percebido e adquirido; enfim, permite projetar-se para o passado ou para o futuro. Esta consciência gira em torno do mesmo “você” central, mas agora conectado a partes do seu registro autobiográfico, digamos assim. É possível fazer um levantamento sobre o local da dor, sua causa, quem referiu algo parecido:

Na consciência central, o sentido do self surge no sentimento sutil e fugaz de conhecer, construído de novo a cada pulso (...) na consciência ampliada, o sentido do self surge na exibição consistente e reiterada de algumas das nossas memórias pessoais, os objetos do nosso passado pessoal, aqueles que podem facilmente dar substância a nossa identidade, momento a momento, e a nossa individualidade. (DAMÁSIO, 2000, p. 252-3)

Todavia, independentemente do quanto as memórias pessoais sejam expandidas pela experiência, conseqüentemente, tornando o self autobiográfico mais robusto, o que ele define como consciência ampliada requer o suprimento contínuo de consciência central para que possam funcionar. Todo o edifício da consciência fica prejudicado pelo comprometimento da consciência central: por exemplo, durante o ataque epiléptico, não se tem acesso à memória autobiográfica, porque a consciência central também está suspensa (2000, p. 227). Quando acaba a crise, essa ponte é restabelecida. Neste sentido, a explicitação do self autobiográfico depende dos mecanismos da consciência central e da disponibilidade da memória adquirida. Este *self* tem origem na estabilidade endógena e no alcance dinâmico do self central, mas é alterado pela experiência: “o self autobiográfico baseia-se em um conceito no verdadeiro sentido cognitivo e neurobiológico do termo” (DAMÁSIO, 2000, p. 224-5).

As concepções neuropsicológicas de Damásio trazem um *self* aparentemente em mudança e um *self* aparentemente permanente, interligados, mas distintos. O primeiro é o self central; não é que se trata de mudança propriamente, mas sim de uma renovação constante: seria uma reprodução efêmera, mas estável do “eu” e do “mim”. O *self* que parece permanecer o mesmo é o autobiográfico, porque surge do acúmulo de fatos fundamentais de uma vida, proporcionando ao indivíduo a sensação de continuidade e alicerçando sua identidade; porém este *self* é o único que é modificado ao longo da vida, à medida que acomoda novas experiências.

Notemos que o modelo do *self* em Damásio obedece a uma estrutura funcional hierárquica, como nas relações entre os mapas de primeira e segunda ordem, e assim sucessivamente, como um sistema de estratificação no qual uma dada camada representa a anterior e lhe acrescenta algo: os mapas de primeira ordem representam organismo e objeto, os de segunda ordem re-representam a relação entre eles e esta ainda pode ser representada por estruturas de terceira ordem, que lhe conferem, por exemplo, um significado¹¹⁶. Além do mais, vimos que os tipos de *self* apóiam-se nos seus aspectos mais básicos, p. ex. a consciência central e o *self* existem a partir do monitoramento automático das representações corporais, por partes específicas do sistema nervoso, chamadas de proto-*self*. Este *self*, por sua vez, apóia-se nos correlatos involuntários da homeostase corporal. Acabamos de apontar que o *self* autobiográfico e a consciência ampliada também dependem da produção contínua do *self* central, pois quando este aspecto da consciência é suspenso, na patologia ou no sono, a noção de identidade fica prejudicada.

É muito difícil não ceder à tentação de uma breve comparação entre esse modelo de Damásio e algumas idéias de H. Jackson (1884), como a explicação sobre a integração das funções cerebrais, que se baseia na teoria de uma estratificação do sistema nervoso e também em sua noção de evolução, na medida em que esta concebe que os centros nervosos superiores se apóiam nos centros inferiores. Jackson (1884, p. 591) considerava três níveis de evolução, entre “centros inferiores”, “intermediários” e “centros superiores”: supõe-se que os primeiros sejam responsáveis pela representação de uma parte específica do corpo; os centros intermediários re-representam os centros inferiores, enquanto que aos centros superiores caberia a representação das representações dos centros médios; logo, seriam centros re-re-representativos. Apesar de Damásio não referir os textos de Jackson, ambos parecem ter hipóteses subjacentes em comum, ou surpreendentemente parecidas, no que diz respeito à concepção evolucionista e estratificada do cérebro, embora Jackson, ao que tudo indica, apóia-se no evolucionismo de Herbert Spencer e Damásio, em Darwin. Outros aspectos da evolução e da noção de dissolução em Jackson poderiam ser exploradas, mas vamos nos fixar em poucas considerações:

o progresso se dá dos centros comparativamente bem organizados no nascimento até aqueles centros superiores que estão continuamente em

¹¹⁶ Cf. *ibid.*, p. 238).

organização ao longo da vida. 2. Evolução é uma passagem do mais simples para o mais complexo; uma vez mais, dos centros inferiores para os mais elevados ... 3. Evolução é uma passagem do mais automático para o mais voluntário. (JACKSON, 1884, p. 591)

Em Damásio, a relação entre os três níveis de representação do *self* também sugere um desenvolvimento que vai do simples ao mais complexo (as imagens do *self* vão ganhando em complexidade) e que vai de núcleos vitais e automáticos para núcleos voluntários ou com maior autonomia, no sentido de dispor das experiências vividas e da percepção consciente. Ainda, o proto-self e o self central são relativamente estáveis e imutáveis, enquanto que o self autobiográfico, o *self* propriamente dito, é modificado pelas experiências ao longo da vida. Também em Hughlings Jackson, “a ascensão evolucionária é do menos para o mais modificável. Se os centros superiores não fossem modificáveis, nós seríamos máquinas extremamente simples; não poderíamos fazer novas aquisições” (JACKSON, *apud* SMITH, p. 247-8).

Chamamos atenção para o fato de que a idéia de estratificação também está presente em Freud, na concepção da teoria da memória e do mecanismo psíquico em geral, como veremos abaixo. Hélio Honda (2002) enfatiza que as formulações de Jackson constituem “uma provável matriz inspiradora” para Freud, indo além do estudo da afasia, que é o único contexto em que Freud referiu-se aos textos jacksonianos, mas as teorizações de Jackson também inspiraram o modelo explicativo para a classificação das neuroses, na tríplice estrutura do aparelho psíquico da primeira tópica, no aparelho neuronal do “Projeto” (1895) e no conceito de regressão (HONDA, 2002, p. 160, p. 172, p. 175).

3. Aproximações entre a concepção freudiana do ego e a teoria do self em António Damásio¹¹⁷

Apresentamos os principais aspectos da teoria freudiana do ego, destacando alguns períodos de sua elaboração das dimensões psicossocial e neuropsicológica do conceito, cujas formulações foram descritas naquela parte da tese. Agora, poupamo-nos desse trabalho de elucidação ao rever algumas dessas formulações à luz de uma teoria neurocientífica contemporânea sobre o *self*.

Primeiramente, num plano mais geral, os sucessivos rearranjos entre os mapas de primeira e os mapas de segunda ordem, sugeridos por Damásio, fazem-nos pensar na concepção freudiana da memória como tendo múltiplas inscrições psíquicas, tal qual descrita na correspondência entre Freud e Fliess (06-12-1896) que ficou conhecida como carta 52. Freud propõe um esquema de “retranscrição” dos mecanismos psíquicos que reordenaria o sistema de memória em épocas sucessivas da vida:

Você sabe que eu trabalho com a hipótese de que o nosso mecanismo psíquico formou-se através da disposição em camadas umas sobre as outras e que, de tempos em tempos, o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito a um *rearranjo* [*Umordnung*], de acordo com as novas circunstâncias - a uma *retranscrição* [*Umschrift*]. Assim o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, e sim ao longo de diversas vezes, e que é registrada em vários tipos de indicação. (MASSON, 1986, p. 208)

Freud está dizendo que ao longo do desenvolvimento ocorreria uma “retradução” dos traços mnêmicos, de modo que o sistema de memória iria se tornando mais complexo com o tempo. Indicamos uma semelhança com o self autobiográfico de Damásio, que também se enriquece graças às reordenações da memória e às repetidas projeções do self central. Em “Concepção das afasias” (1891), Caropreso (2006, p. 21) comenta que os processos associativos do que Freud propõe como aparelho de linguagem

¹¹⁷ Solms e Turnbull (2002, p. 97) também identificam uma proximidade interessante entre a concepção do *self* em Damásio e o conceito de ego em Freud. Contudo, os autores fazem-no de uma maneira totalmente diversa da que faremos. Segundo eles, em termos psicanalíticos, o self central poderia corresponder às percepções do id, enquanto que o self autobiográfico seria sinônimo do ego. A nosso ver, os processos do id teriam que corresponder ao proto-self, pelo estado inconsciente de ambos. Como concebemos o ego freudiano como muito heterogêneo, relacionamos, praticamente, todos os tipos de *self* de Damásio aos vários aspectos que compõem as concepções do ego em Freud.

consistiriam no último estágio de reorganizações sucessivas da informação proveniente do mundo externo. Descrito dessa maneira, o esquema da linguagem proposto por Freud em 1891, assim como sua teoria das reinscrições da memória, não destoam da concepção atual de Damásio sobre a relação de re-representação entre os diferentes mapas neurais da autoconsciência.

Por outro lado, também é possível levantar aspectos do ego passíveis de uma comparação mais pontual com algumas características da noção de *self* em Damásio.

3.1 *Proto-self e instância egóica na seção 14 do “Projeto...” (1895)*

Não obstante as diferenças teóricas entre os autores, a estranheza diminui quando se esquematiza algumas aproximações, por exemplo, entre a definição do proto-self e a acepção neuropsicológica do ego do “Projeto”, principalmente da caracterização do núcleo do ego, porque ambos são conjuntos de representações neurológicas inconscientes e embora estejam voltadas para a recepção de estímulos endógenos, têm um alto valor adaptativo prescrito pela relação do organismo com o meio.

Tanto o ego concebido na seção 14 como o proto-self não podem ser localizados anatomicamente, pois são descrições de processos funcionais. Em Damásio, o proto-self “é um conjunto interligado e temporariamente coerente de padrões neurais que representam o estado do organismo a cada momento, em vários níveis do cérebro, não somos conscientes do proto-self” (DAMÁSIO, 2000, p. 225). O ego freudiano também é uma caracterização de processos funcionais e involuntários que abrangem ψ do núcleo, permanentemente ocupado pelas representações corporais, bem como abrange o manto em determinados momentos, como já dissemos. As *ocupações constantes* do núcleo do ego devem-se ao fato do aparelho neuronal fazer parte de um organismo vivo, cujas manifestações produzem as “grandes carências orgânicas” o tempo todo.

Vimos que o proto-self corresponde aos mapeamentos neurais momentaneamente formados a partir da captação de um certo tipo de informação corporal, logo, dão conta dos sinais orgânicos reguladores da vida. Sem o proto-self, processos *correntes* do organismo, poderíamos pensar num estado vegetativo ou em morte cerebral.

Nas formulações do proto-self e do ego no “Projeto”, fica evidente sua face biológica, de cunho inconsciente e, em certo sentido, automático nas duas estruturas. Em Damásio, a consciência é pensada como alicerçada em aspectos biológicos primários que são pré-requisitos para as funções mais complexas (como as operações psíquicas características da linguagem, do raciocínio lógico, da noção de identidade), enquanto o proto-self é o índice neurobiológico elementar da vida emocional e da vida mental consciente, cuja psicogênese está ligada às afecções corporais. Contudo, a completa funcionalidade do *self* (e também do ego, como vimos,) depende da ativação contínua da experiência do organismo. Lembremos que o mapeamento neural específico feito pelas estruturas de segunda ordem capta as modificações do proto-self em sua interação com o objeto, logo, captam a relação do organismo com o meio: “o proto-self e as estruturas de segunda ordem constituem um recurso fundamental, e sua disfunção acarreta o comprometimento geral da consciência para qualquer objeto” (DAMÁSIO, 2000, p. 344). Enfim, enquanto para Damásio os mapas do *self* primário são representantes dos estados corporais, Freud também descreveu o núcleo do ego como contendo aqueles estímulos corporais que alcançaram uma expressão no psíquico, porém, para sua eliminação, estes exigem alterações no mundo externo, como a ação específica na relação do adulto com a criança. O ego é uma representação de processos determinados em parte pela pulsão de autoconservação e em parte pelos processos mnêmicos de ψ -manto e as percepções que vêm de fora. Essa é a parte variável do ego e que, portanto, pode ser ampliada, como já comentamos.

Queremos dizer que a concepção do ego em Freud e do *self* em Damásio são sancionadas por princípios biológicos, portanto, as duas estruturas têm uma finalidade adaptativa, mas o completo desenvolvimento ou o funcionamento dessas instâncias está vinculado à experiência, como também sugere a interação entre os fatores mecânicos e biológicos em ambas as estruturas, respectivamente, processos adquiridos e processos inatos.

Em Freud, o fator mecânico diz respeito ao montante de excitação que envolve as representações do ego em seu componente material (neurônios e suas facilitações), permitindo que estejam associadas entre si pela lei da simultaneidade. Como Freud também recorre ao ponto de vista biológico, vimos que o ego é impulsionado pelas “regras biológicas” (a *lei da defesa primária* e a *lei da atenção*), adquiridas

filogeneticamente. O ego é a organização que permite a discriminação entre recordar e alucinar e a conseqüente instauração dos processos secundários no aparelho neuropsíquico. O ego surge de condições inatas, como aquelas que impediram a alucinação pela primeira vez, mas terá que ser desenvolvido e constantemente atualizado pela experiência.

Assim como a “defesa primária”, o ego é condicionado pelo critério de prazer-desprazer, vindo substituir as compulsões associativas nocivas ao aparelho pelo desenvolvimento dos processos psicológicos normais, como o pensamento, o juízo, a defesa normal, o mecanismo da atenção. Como apontamos, no caso dos processos do pensar, é premente o fator da aprendizagem, sobretudo, pela necessidade de deslocar atenção dos signos qualitativos¹¹⁸ para as novas percepções que chegam ao aparelho, a fim de que o objeto de desejo possa ser efetivamente encontrado. São desenvolvidos mecanismos que possibilitam ao bebê sustentar o desprazer da fome (inibindo a ocupação maciça da imagem do seio) até que ele esteja na presença do objeto adequado. Freud diz que enquanto o objeto da percepção não coincidir com a representação interna do objeto de desejo, haverá a busca pela identidade entre eles.

O proto-self, por sua vez, assim como o ego freudiano, também emerge de condições estruturais e funcionais dadas e, segundo Damásio, filogeneticamente antigas (como a existência do corpo, do cérebro, a emissão de sinais neurofisiológicos, a capacidade de captação das representações, entre outras), mas o engendramento do padrão de segunda ordem está prescrito ontogeneticamente pela relação do indivíduo com o objeto. Damásio sublinha a imbricação entre as funções biológicas que sustentam o proto-self e seu papel em processos fundamentais, de modo semelhante às funções executivas do ego, que vão desde o processamento de sinais relacionados à dor e ao prazer, até a participação na produção das emoções e sentimentos; inclusive, participação nos processos de atenção, vigília, sono e na aprendizagem (DAMÁSIO, 2000, p. 346).

Outra característica que chama a atenção por estar presente nestas concepções do *self* e do ego é o estado de ligação. As representações do proto-self estão, pelo menos, momentaneamente associadas entre si, quando são captadas por outras estruturas: “um conjunto interligado e temporariamente coerente de padrões neurais”

¹¹⁸ Todo movimento é acompanhado de uma notícia de eliminação em ψ . Os signos de qualidade são as mensagens de descarga ocorridas a partir do sistema ω .

(DAMÁSIO, 2000, p. 225). Um esquema de associações também está presente no ego, tanto dentro de ψ -núcleo (relações horizontais) que se mantém em constante estado de ligação, como na sua ação sobre o ψ -manto.

Como dissemos no início dessa seção, há ausência de consciência em ambas as estruturas. No *self*, a consciência só surge com o self-central, do mesmo modo que a organização egóica originariamente também carece de consciência. Freud atribui os aspectos qualitativos da experiência consciente do ego ao sistema- ω , assim sendo, diz que a consciência é “... o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos no sistema nervoso, isto é, dos processos ω ” (FREUD, 1895, p. 355). Ou seja, assim como o proto-self vigora de modo automático, portanto, na ausência do componente subjetivo das operações mentais, em Freud também a maior parte dos processos em ψ ocorrem independentemente do sistema ω , isto é, sem consciência e sem qualidade. A consciência das emoções e o sentimento de si só surgem com o self-central, do mesmo modo os aspectos qualitativos das conduções em ψ estão vinculadas à comunicação entre o sistema- ψ e sistema- ω .

A propósito das categorias do self-central e self autobiográfico, observamos que estas disponibilizam informações sobre o indivíduo, desde a orientação espaço-temporal, a sensação de estabilidade até os registros da história de vida e seus significados intra e intersubjetivos. A apreensão qualitativa dessas informações e processos dão origem ao que Damásio chama de *consciência central* e *consciência ampliada*. Nessa tese, já argumentamos que a intersubjetividade também pode ser pensada a partir das relações estabelecidas na organização ego entre ψ -núcleo e ψ -manto; o mesmo que dizer entre as representações do corpo (componente pulsional) e as diversas representações de objeto do manto (imagens de movimento de cabeça, do grito e as representações do seio ou das feições do outro). Em termos psicológicos estas são as relações entre ego e não-ego, ou seja, entre o núcleo do ego (sua parte constante) - que corresponde às representações corporais - e os caminhos por ele inibidos no manto de ψ , que correspondem às sensações externas ou representações de objeto e de palavra.

As $Q\eta$'s que ocupam o núcleo de ψ a partir do corpo vão ser investidas nas imagens de movimento e de objeto no manto e o caminho inverso também é percorrido devido à lei de associação por simultaneidade, já que todas as percepções têm um

correspondente em ψ ¹¹⁹, assinalando, assim, as trocas entre as duas partes do ego. Sabemos que as percepções podem despertar sensações já vividas pela criança, como a lembrança da dor e fazê-la repetir os movimentos defensivos: “enquanto se percebe P, imita-se o próprio movimento, ou seja, inerva-se a imagem motora própria” (FREUD, 1895, p. 379). Já discutimos que no processo judicativo do pensar, alguns aspectos parciais da imagem do outro são compreendidos através da identidade estabelecida entre o que o bebê percebe e as imagens motoras que ele já possui. E estas relações entre o manto e o núcleo tendem a alargar a noção de objeto, logo, ampliar a percepção do outro. Por esse motivo, é possível também discutir as afinidades entre o ego neuropsíquico do “Projeto...” e o *self* central e até mesmo aspectos do self autobiográfico, pois, nas teorizações de Damásio, os sentidos mais complexos de self dependem da assimilação e reordenação progressiva das sensações corpóreas e perceptivas em diversos níveis funcionais. Sabemos que a intersubjetividade na concepções do ego em Freud vai ser apresentada com maior clareza e maior abrangência a partir de 1914 e em “Psicologia das massas” (1921), e são essas últimas formulações que virão ao encontro de alguns atributos do self autobiográfico.

Como já apontamos, a formulação do ego que leva em conta as sensações corporais não está restrita ao “Projeto”, e a partir de “O ego e o id” (1923) ela volta a ganhar força com a elucidação do ego-corporal, reforçando nossa argumentação sobre o quanto a teoria do *self* em Damásio, fundamentada nas afecções corporais, pode ser remetida, em muitos aspectos, à teoria freudiana do ego, principalmente no tocante à estreita interação que esta apresenta entre as formulações neuropsíquicas e psicossociais; um ponto que acreditamos favorecer a comparação e a busca de complementaridade com os modelos neurocientíficos.

3.2 *Self central e ego do narcisismo*

É possível encontrar afinidades entre o *self central* e o *ego narcísico*, já que o sentido de auto-referência é muito presente para ambos. Vimos que o *self central* é a noção elementar de que o sujeito é ele mesmo, suas repetidas projeções só desaparecem

¹¹⁹ Cf. GABBI Jr., O. F. *Notas a um projeto de psicologia*, p. 81.

no sono sem sonhos e em estados patológicos. Do mesmo modo que no narcisismo uma cota de libido nunca abandona de todo o ego, permanentemente *reiterado* como grande objeto de amor do sujeito. É necessária uma ressalva, pois o narcisismo freudiano se insere na teoria da sexualidade, enquanto que Damásio não atribui à sexualidade nenhuma função de destaque sobre as demais afecções corporais, o que é um traço marcante nas neurociências em geral que não incluíram ainda a abordagem da sexualidade em seus aspectos subjetivos.

Em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud compila um conjunto de observações clínicas em torno do narcisismo, bem como desenvolvimentos teóricos iniciais já presentes em trabalhos anteriores, como no ensaio sobre Schereber (1911)¹²⁰, “Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci” (1910) e “Totem e Tabu” (1913). A partir de 1914, o ego passa a funcionar como um objeto privilegiado da libido.

3.2.1 O caráter de auto-referência do ego e do *self* central

Em “Introdução ao narcisismo”, Freud diz que numa variedade de situações – desde o delírio de grandeza, enfermidades físicas e até mesmo no sono – a libido objetal é recolhida até o ego (*narcisismo secundário*), de modo que este nunca deixa de ser amado em algum grau, e, por isso, o indivíduo permanece narcísico por toda a vida, o que Freud tinha antecipado em “Totem e tabu” (FREUD, 1913, p. 95): “nós formamos assim a imagem de **um originário investimento libidinal do eu**, cedido depois aos objetos; mas, se **considerado em seu fundo, ele persiste** [...]” (FREUD, 1914, p. 73, grifos nossos). Em comparação com o *self* de Damásio, destacamos a natureza auto-referente da libido do ego, constantemente renovada e auto-direcionada, assim como os mecanismos produtores do *self* central são reeditados a todo o momento em que o indivíduo precisa de uma referência para saber quem ele é. Lança-se mão do recurso da consciência central para conhecer e saber que se conhece, para se ter contato com o objeto externo e consigo próprio. Nas palavras de Damásio, a consciência central é a ponte entre os níveis de conhecimento sobre si e sobre o meio, exercendo um papel de comunicação. Quando ela é suspensa nos ataques convulsivos e estados dissociativos, por exemplo, fica suspenso o

¹²⁰“Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito” (1910/1911).

acesso às memórias e à autoconsciência. Havíamos dito que a consciência central é o suprimento contínuo da noção de identidade, porque a formação do self autobiográfico deriva de suas reiteraões.

Estendendo essa linha de raciocínio, é possível aproximar o aspecto de *convergência* da consciência central – cujo papel é crucial na junção dos diferentes sentidos de self para compor uma primeira representação integrada e consciente de si mesmo – com a função integradora que o estágio narcísico exerce na vida psíquica.

3.2.2 Função de síntese do narcisismo e o papel convergente da consciência central

Embora, em Damásio, as afecções sexuais não tenham qualquer precedência sobre as demais para a unificação do sentido do *self*, como acontece com a síntese pulsional do ego a partir do narcisismo, a natureza corporal do self também participa da construção de um sentido mais unificado de si mesmo na medida em que viabiliza o self autobiográfico. No caso do ego, a síntese na sexualidade infantil, trazida pelo narcisismo, é no sentido de que, pela primeira vez, um mesmo objeto sexual é capaz de satisfazer diferentes pulsões parciais, formando o ego como imagem de si e, ao mesmo tempo, uma imagem unificada do corpo¹²¹. A repetição narcísica da imagem de si faz com que o ego se torne o *primeiro objeto total* do sujeito, graças à concentração das pulsões sexuais que antes estavam dispersas no auto-erotismo. Segundo Freud, o corpo e o próprio indivíduo funcionam como objeto amoroso até que este seja procurado no âmbito externo:

Designamo-los *Narzissismuss* [...]. Consiste em que o indivíduo empenhado no desenvolvimento e que sintetiza em uma **unidade** suas pulsões sexuais de atividade auto-erótica, **para ganhar um objeto de amor**, toma primeiro a si mesmo, a seu próprio corpo, antes de passar deste à eleição de objeto em uma pessoa alheia. (FREUD, 1911, p.56)

Lembramos que o narcisismo proposto por Freud surge como o momento do desenvolvimento em que uma unidade interna é possível e coincide com a própria formação do ego, diferindo da etapa anterior do auto-erotismo em que a sexualidade

¹²¹ A grande contribuição que o narcisismo trouxe para a noção de ego, quando comparada àquela concepção egóica apresentada no “Projeto...”, foi o acréscimo da sexualidade infantil.

apresentava um funcionamento fragmentário e essencialmente plástico. Tal atividade de síntese é atribuída ao narcisismo antes mesmo de “Introdução” (1914), como no trecho supracitado do ensaio sobre Schereber (1911, p. 56) e em “Totem e tabu” (1913), inclusive. Neste, Freud diz a mesma coisa:

as tendências sexuais, antes independentes umas das outras, aparecem reunidas numa unidade e encontram seu objeto; o qual não é, de todo modo, um objeto exterior alheio ao indivíduo, senão seu próprio eu, constituído já nesta época [...] temos dado a essa nova fase o nome de narcisismo. (FREUD, 1913, p. 95, grifos nossos)

Quanto ao traço de auto-referência presente no *self* e no ego narcísico, note-se, ainda, que embora auto-erotismo e narcisismo dispensem o objeto externo, há uma diferença na relação do indivíduo com o corpo. No auto-erotismo, o objeto exprime a natureza polimorfa da sexualidade infantil, a tomada do corpo é eminentemente concreta e não integrada. O termo que Freud (1915) utiliza para esse traço característico da sexualidade infantil é o “prazer de órgão”: a pulsão sexual se satisfaz na própria fonte ou órgão que lhe deu origem. Mezan (2001) coloca que o corpo ministra o objeto, mas não como uma totalidade. Somente a partir do narcisismo é que o corpo passa a ser solicitado como um todo, disponibilizando uma representação de si mesmo a partir dessa unidade que se inicia no estágio narcísico e que converge tanto sobre o ego, como sobre o corpo, pois certamente também participa da junção do *esquema corporal*. Também encontramos um traço de convergência no *self* central, além do fato de que ele disponibiliza uma representação estável e unificada sobre o indivíduo, é a sensação de que é você mesmo, de que acontecimentos estão se passando a sua volta e dentro dos limites do seu corpo.

O apego à imagem de si é o investimento narcísico do ego, o que implica na tomada do corpo como um objeto sexualizado, tanto que Freud diz “toma primeiro a si mesmo, a seu próprio corpo, antes de passar deste à eleição de objeto em uma pessoa alheia” (1911, p. 56), sem distinção, pois são operações simultâneas ou narcisicamente equivalentes¹²². Vimos que um papel primordial tem o corpo para Damásio: os estados corporais do proto-*self* são inerentes à re-representação ou re-mapeamento da relação entre corpo/organismo e objetos.

¹²² “a esse respeito, note-se uma espécie de sobreposição entre a noção de eu e a de corpo” (Montenegro, 2002, p. 212).

Enfim, na teoria freudiana do narcisismo, a aquisição da imagem de si é fundamental para o sentimento de unidade subjetiva. Ela fortalece a noção de que sensações distintas, corporais ou não, como prazer e dor, amor e ódio pertencem ao mesmo objeto: impulsos sádicos, anais e orais, antes desconectados entre si agora *serão captados e satisfeitos no ego*. Na teoria de Damásio, o sentido de self cumpre uma função semelhante, fornecendo ao sujeito o mesmo sentimento de unidade.

3.2.3 Self-autobiográfico e ego intersubjetivo

O self autobiográfico, por sua vez, também pode ser rediscutido a partir da perspectiva do ego dos textos freudianos de 1921 e 1923, onde se destacam os componentes indispensáveis das relações interpessoais: o ego apresenta-se como uma organização complexa, com uma versatilidade de relações entre o ego total e os objetos externos e internos; e relações entre os objetos e o ego-ideal, precursora da configuração do superego. Nesta estrutura, os resíduos das primeiras relações de identificação vão se sedimentando para compor a identidade e o caráter do indivíduo. O self autobiográfico tem uma gênese não muito diferente dessa concepção psicossocial do ego, porque ele representa a identidade e a singularidade no sentido mais característico de self, e sua base imagética depende da disponibilidade dos traços mnêmicos acumulados ao longo da vida.

Para encerrar, apontamos que o ego, em “Psicologia das massas” e no “O ego e o id”, é descrito em linguagem mais antropomórfica, no sentido de um cenário particular para diversas modalidades de relações interligadas ou sobrepostas, inclusive as relações com a autoridade: estrutura do ego surge a partir do corpo e das percepções, e o superego será derivado de uma parte do ego. Uma complexidade de ordem semelhante também está presente na formação do self autobiográfico, porque este se constitui a partir das *várias camadas* de proto-self e de self central. Em outras palavras, ele depende do conjunto de vivências e acontecimentos particulares de cada organismo e isso lhe conferiu um sentido de identidade devido à noção de pertença, de si mesmo do self central.

Indicamos que esse exame da articulação entre as concepções do *self* de Damásio e do ego em Freud pode ser enriquecido, se levarmos em conta o conceito de

identificação, a noção de ego-corporal e as fases psicosexuais do desenvolvimento. Na medida em que as fantasias e aquisições destas fases são acompanhadas pelas sensações orais, anais, sensações táteis, e assim por diante. Esse talvez fosse um aspecto em que a interpolação entre os modelos de Freud e de Damásio sobre o ego e o *self* pudesse começar a interagir.

4. Considerações Finais

Queremos destacar que embora o trabalho de Damásio leve em conta a materialidade concreta do sistema nervoso, sua concepção de *self* passa ao largo de reeditar o localizacionismo do século 19. Não existe um centro para a consciência central ou para a consciência ampliada; tampouco para o *self*, que são padrões transitoriamente formados. A consciência central nem mesmo é organizada por modalidades sensoriais específicas, podendo contribuir para todas elas. Ao levantar as estruturas neuroanatômicas mais prováveis para dar substancialidade ao modelo corporal da consciência – ou eventualmente, estruturas responsáveis pela execução de parte das suas hipóteses -, ele diz somente que determinados sítios são sugestivos de serem cruciais para dadas funções. Algumas das quais ficariam incompletas ou até se desintegrariam sem a participação desta ou daquela estrutura neural, contudo a espacialidade que Damásio descreve para as relações funcionais entre as categorias neuropsíquicas não se confunde com a geografia concreta do cérebro.

Vimos que as funções, como sensações internas, imagens mentais ou sentimentos, por exemplo, não podem estar alocadas em certas partes, porque exatamente dependem da interação entre estruturas variadas e distribuídas no sistema nervoso, sobretudo dos níveis de organização entre as mesmas e das novas representações que se formam a partir daquela interação, próximo ao sentido de “retradução” ou re-representação da carta 52 de Freud. Vimos que o relato representacional da percepção dos objetos adquire linguagem no que poderia ser chamado de “mapeamento de terceira ordem”, demonstrando uma re-atualização entre as instâncias neuropsíquicas propostas por Damásio e um grau de liberdade em relação aos seus substratos neurais.

Como sabemos, Freud assumiu uma postura marcadamente anti-localizacionista na “Concepção sobre as afasias” (1891), quando recusa os esquemas dos distúrbios de linguagem propostos por Wernicke e Lichtheim. Daí em diante, Freud trabalhou com mais liberdade em relação à anatomia, sem dúvida, um passo importante rumo à teoria psicológica. Quando ele critica as hipóteses psicológicas que sustentam aquelas concepções neurológicas sobre a linguagem, aponta uma confusão entre o mental e o neurológico através da transposição de termos psicológicos para termos neurofisiológicos como se estes possuíssem as mesmas características. Freud (1891) diz que tal procedimento é arbitrário, por isso tem que ser desfeita a idéia de que a um simples psíquico (uma impressão sensorial) corresponderia um simples neurológico (a idéia do engrama contido na célula): “tal inferência, com certeza, carece de todo fundamento; as qualidades dessa modificação têm que ser estabelecidas em si mesmas e independentemente de seus concomitantes psicológicos” (FREUD, 1891, p. 70).

Para manter a autonomia entre os fenômenos físicos e psíquicos, Freud adotou a doutrina da concomitância do próprio Hughlings Jackson, segundo a qual os processos nervosos e os estados mentais ocorrem em paralelo, mas não haveria interferência de um sobre o outro, e provavelmente nem relação de causa e efeito. Freud diz que os processos fisiológicos não cessam quando o mental começa: “tendem a continuar, porém, a partir de um certo momento, um fenômeno mental corresponde a cada parte da cadeia ou a várias partes. O processo psíquico é, portanto, paralelo ao fisiológico, um concomitante dependente” (FREUD, 1891, p. 70). Assim, em Freud, a autonomia funcional do psicológico tem uma organização diferente das relações que regem a anatomia.

Não temos mais elementos para prosseguir com essa análise, aplicando-a ao modelo proposto por Damásio, nem seria a nossa intenção. A idéia aqui é tão somente apontar, a partir do exemplo das demonstrações teóricas de Freud e de Damásio, a viabilidade da construção de um modelo neuropsicológico ou de uma psicologia científica, como Freud buscava, que não arraste consigo os equívocos conceituais do passado, como a atitude localizacionista do século 19, como as tendências para reeditar uma nova frenologia ou no uso de um reducionismo biológico eliminativista, o que é irrelevante, contraproducente e até nocivo para a elaboração das teorias psicológicas e mesmo para a investigação geral do problema das relações mente-cérebro e corpo.

No capítulo a seguir, apresentaremos estudos empíricos diversos, de caráter mais geral, para ilustrar de que modo, operacionalmente, alguns trabalhos em neurociências retomam o conceito de ego ou de *self*, e indagar sobre quais seriam seus principais resultados, se haveria elementos comuns entre eles ou tendências que mereçam algum destaque.

Capítulo VII

OUTROS MODELOS NEUROCIENTÍFICOS DO EGO E DO *SELF*

A revisão específica da literatura neurocientífica sobre os estudos teórico-empíricos que, de alguma forma, endereçaram questões para a psicanálise revelou que as referências à noção psicanalítica de ego são escassas e não-sistemáticas. A maioria dos estudos disponíveis nas bases consultadas (CAIRN, PEP, ELSEVIER, ScienceDirect) não aborda direta ou explicitamente o problema do ego e quando o fazem é bastante parcialmente¹²³. Por esse motivo encontramos artigos que se concentram nas funções psicológicas do ego, descritas por Freud ou pelos psicólogos do ego, como atenção, volição ou intenção, pensamento, funções executivas sintéticas, a memória, controle cognitivo-motor, exame de realidade, controle dos impulsos e funções adaptativas (que Heinz Hartmann definiu como parte do “problema da adaptação”), porém tratando dessas funções, ou de um conjunto delas, sem referir o sistema ego em si mesmo.

São mais freqüentes estudos sobre o *self*, sobre os sistemas de memória (lembrando que na metapsicologia freudiana, o ego seria uma parte do sistema de memória), sobre o inconsciente e sobre a junção de esforços entre neurociência e terapias psicodinâmicas para a compreensão dos transtornos mentais. Uma primeira explicação para a carência de referências explícitas sobre o ego é que esse gênero multidisciplinar de abordagem da mente é relativamente recente. Como apontamos, os estudos datam da década de 1980, muito incipientes, para se fortalecerem no final da década de 90 e nos anos 2000.

¹²³ Consultamos os seguintes periódicos e revistas: *Neuro-Psychoanalysis*, *Journal of the American Psychoanalytic Association*, *Journal of American Academy of Psychoanalysis*, *Psychoanalytic Quarterly*, *The Journal of Neuropsychiatry & Clinical Neurosciences*, *Annals of General Psychiatry*, *Am. J. Psychiatry*, *NeuroImage*, *PNAS- National Academy of Sciences*, *Brain e Psychologie Française*, *Journal Français de Psychiatrie*, *Figures de la Psychanalyse*, *Revue Française de Psychanalyse*, *Topique*. O critério de escolha dos artigos foi se eles tinham alguma indicação sobre o “diálogo”, “convergência” ou “integração” entre a psicanálise e as neurociências ou psicanálise e ciências cognitivas. O segundo critério foi se no título e/ou resumo havia alguma referência à teoria psicanalítica ou a Freud e se faziam referências aos conceitos de **ego**, **self** e **repressão**.

Por outro lado, o ego é um sistema híbrido do ponto de vista funcional, como apontamos no quarto capítulo, para o qual buscamos uma linha de pensamento mais unificada dentro da obra freudiana. O ego está ligado a uma diversidade de funções e se apresenta em uma posição tensa e delicada no psiquismo, vejamos as metáforas antropomórficas que Freud usa em “O ego e o id” (1923): elas comparam o ego ao monarca que tem poder e não governa de fato, ao vassalo de três senhores ou ao cavaleiro que tem que conduzir o cavalo para onde este quer ir (p. 27, p. 56): “como lhe (ao ego) confiaram importantes funções, em virtude da sua relação com o sistema perceptivo, ele estabelece a ordem temporal dos processos anímicos e os submete ao exame de realidade. Através da interpolação dos processos de pensamento, consegue retardar as descargas motoras e o acesso à motilidade” (FREUD, 1923, p. 55-6). Talvez a extensão das funções do ego explique, em parte, a omissão do seu conceito nos *papers* neurocientíficos, quando estes tratam do leque de suas funções psicanalíticas.

1. Ego ou Self?

Outro fator provável para a carência de modelos neurobiológicos sobre o ego - e o mais importante, a meu ver - é a prevalência do termo *self* no campo da psicanálise e da pesquisa psicodinâmica norte-americanas e inglesa. Surgido por oposição à *ego psychology*, o movimento da *self psychology* cresceu na escola norte-americana de psicanálise, sob a liderança de Heinz Kohut, e na escola inglesa, bastante ligado a Donald Winnicott, e teve seu apogeu entre as décadas de 1960 e 1990. O pensamento da *self psychology* influenciou significativamente na formação de psicanalistas e psiquiatras daquelas gerações, segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 700), independentemente de suas filiações teóricas (se kleinianos, annafreudianos ou relações objetais). A abordagem do *self* dava acesso aos pacientes difíceis, ao contrário do dispositivo freudiano, recomendado para a clínica das neuroses, e ao contrário da *ego psychology*, muito centrada na adaptação.

Jean-Benjamin Stora (2006) relata um certo descaso no estudo do ego, porque este conceito seria mais relevante do ponto de vista da pesquisa, e não do tratamento. Não concordamos com Stora, porque, do ponto de vista da pesquisa, existe

uma prevalência de modelos neuropsicológicos sobre o *self*, como o de A. Damásio (proto-*self* e *self* central), de Jaak Panksepp (*self* primordial) e David Milrod (*self* e *self representation*), talvez porque se atribua uma maior operacionalidade empírica a este conceito do que à noção de ego. Esa tendência se faz notar como diferencial no âmbito da técnica psicanalítica e da pesquisa clínica ou empírica, pois o *self* é útil para definir a clínica dos distúrbios narcísicos e distúrbios de identidade, bem como para definir aspectos fenomenológicos da personalidade e da experiência subjetiva em geral, tais como a questão da identidade, da singularidade (“senso de mim”, o “senso de si”), da autoconsciência, imagem de si, entre outros.

Na psicanálise, uma distinção entre as noções de ego e de *self* foi feita por Hartmann com relação à teoria do narcisismo; redefinido como “o investimento das representações do si-mesmo (*self*) e não do ego, como Freud propusera inicialmente” (BLANCK & BLANCK, 1983, p. 42). De acordo com estes autores, os psicólogos do ego, como Mahler, Jacobson e Spitz, também adotaram essa distinção, de modo que parece ter se tornado um uso corrente entre os pós-freudianos a atribuição dos aspectos do ego como pessoa ou personalidade total ao *self* – “uma representação de si por si mesmo, um auto-investimento libidinal” (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 700) – enquanto que o ego é pensado apenas como uma instância psíquica específica. No entanto, essa distinção entre ego e *self* está ausente do pensamento freudiano, nem há necessidade de supô-la; Freud parecia jogar com essa duplicidade semântica. Freud concebia o ego como organização interna do psiquismo e, a partir da teoria do narcisismo, também como imagem de si, como representação e investimento de si mesmo. Não existe uma pretensa ambigüidade a ser denunciada no uso do conceito de ego por Freud, como lembram Laplanche e Pontalis (2001). Também concordamos com Andrade (1989) ao colocar que Freud não fora inadvertido a esse respeito, fazendo jus à complexidade intrínseca da teoria do ego.

No entanto, confusões são reproduzidas de uma geração de psicanalistas para a outra, de Hartmann, na década de 50, a Kohut e Winnicott (anos 60) até num artigo recente sobre uma renovação na *ego psychology*. Marcus (1999, p. 844) refere que Freud teria alterado sua concepção egóica a partir de “O ego e o id” (1923), de “uma parte da mente” para o ego como um todo. Flagrante equívoco, pois mesmo quando Freud concebia o ego como uma organização incumbida de funções específicas, os processos a ele vinculados tinham uma significação geral para o indivíduo. Freud também não

modifica sua acepção do ego nesse sentido em 1923, a qual se assemelha mais a uma retomada progressiva das primeiras formulações metapsicológicas do conceito, ligadas ao papel das representações corporais, das representações de objeto e da dependência objetal como pivô da moralidade, como apontamos na questão do desamparo, no quarto capítulo.

E retornando às suposições sobre os motivos pelos quais existe uma preferência no uso da noção de *self* e certa omissão de referências explícitas ao conceito de ego nos modelos neurocientíficos da subjetividade, parece que a partir da *ego psychology* a associação entre intersubjetividade/relações interpessoais ao termo *self* é maior do que ao termo ego, o que pode ter refletido na leitura de alguns neurobiólogos sobre estes conceitos. Finalmente, as aproximações propostas para a psicanálise e as ciências da cognição (da qual a neurociência cognitiva e a neuropsicologia fazem parte) tiveram um marco significativo na descoberta de diferentes sistemas de memória, justificando uma grande incidência de estudos sobre esse tema que também expressa aspectos da identidade e da experiência interna do sujeito.

A amnésia clínica severa do notório caso de H.M., relatado pela neuropsicóloga Brenda Milner, na década de 1950, não trouxe apenas as primeiras evidências neurobiológicas da existência dos processos inconscientes descritos pela psicanálise, mas trouxe um certo modelo para o funcionamento emocional do ponto de vista cognitivo. Segundo Lane e Garfield (2005), a distinção entre memória “declarativa” (explícita) e “procedural” (implícita) está na base de um recente modelo cognitivo sobre os processos psicológicos implícitos, aplicável a outras funções mentais, como a aquisição inconsciente de estratégias afetivas complexas, como hábitos, regras sociais e a aquisição do *insight* (CLYMAN, 1991, p. 375; SIKSOU, 2007) e, ao mesmo tempo, a memória define um modelo neurocognitivo assimilável ao estudo das relações objetais (Imbasciati, 2003, p. 632 e 633). Em suma, a memória aparece como uma questão relevante para ser estudada conjuntamente pela psicanálise e pela neurociência cognitiva (BEUTEL *et al.* 2003, p.), seja porque certos autores pensam que a teoria psicanalítica de Freud pode ser comparada à atual concepção da memória explícita e implícita (SOLMS, 2000, p. 133; SEMENZA, 2001, p. 6), seja porque, no limite, a distinção entre mecanismos perceptivos e mnêmicos, em nível consciente e nível inconsciente, convergem para as descobertas clínicas de Freud sobre os processos desta natureza (SLIPP, 2000, p. 191). Semenza (2001) acrescenta que as diferenças entre os tipos de memória, ao lado de outras questões

trabalhadas pela neuropsicologia cognitiva, são passíveis de serem incorporadas à teoria psicanalítica (p. 3).

2. Pesquisas empíricas

A metodologia utilizada nesses trabalhos é predominantemente caracterizada pela mescla entre uma revisão bibliográfica de textos psicanalíticos e procedimentos experimentais com humanos. Estes são planejados através da atribuição de tarefas cognitivo-afetivas (leitura de sentenças, respostas a perguntas dirigidas, estímulo a reações emocionais e a descrição de traços de personalidade), nas quais os dados são mensurados a partir de técnicas de neuroimagem, como fMRI e PET *scan* (por exemplo, RAICHLE & SNYDER, 2001; JOHNSON *et al.*, 2002; FOSSATI *et al.*, 2003). Alguns trabalhos utilizam-se também de estudos em modelos animais (primatas ou camundongos), como argumentação principal ou como apoio às discussões teóricas, como o relato da psicanalista e neuro-psicanalista Marianne Robert (2007). Outros estudos teriam um maior embasamento teórico (MARCUS, 1999; SHEETS-JOHNSTONE, 2002; SANDRETTO, 2004; BEHRENDT, 2005; ANDRIEU, 2007; PIRLOT, 2007; SIKSOU, 2007) e também se valem de exemplos clínicos, excerto de sessão (por exemplo, Brockman 2002) ou ainda da moderna pesquisa clínica com neuroimagem, como Beutel *et al.* (2003), Shulman e Reiser (2004) e Carhart-Harris; Mayberg; Malizia *et al.* (2008).

Robert Clyman (1991) foi o primeiro que, sistematicamente, explicitou a extensão da noção de memória procedural – ligada ao aprendizado de tarefas motoras e sensoriais - ao contexto motivacional da percepção e discutiu seu papel para o tratamento psicanalítico e para a transferência. Clyman (1991) sublinha que as especulações mais importantes advindas das descobertas sobre a memória dizem respeito à “noção de procedimento” (*notion of procedure*), embora esta fosse bastante simplificada na época do seu artigo. Para esse autor, a constância do *self* e do objeto são operações de um ego não comprometido, logo: “como todas as funções do ego, elas são estruturas de controle emocional. As defesas, como um tipo de função do ego, são procedimentos afetivos” (CLYMAN, 1991, p. 368).

Clyman abre uma nova frente de discussão, a saber, do significado desses achados da pesquisa empírica para a compreensão das transformações inconscientes mais profundas, estudadas pela psicanálise. Ele discutiu a natureza emocional dos procedimentos, estes seriam estratégias cognitivas e motoras, como do reconhecimento das sensações corporais, do espaço, dos objetos, das vozes familiares e dos sentimentos. Essas estratégias são adquiridas muito precocemente e são armazenadas em sítios ainda desconhecidos, mas não dentro do hipocampo, a estrutura deste só amadurece funcionalmente mais tarde (por volta dos 3 ou 4 anos), e não poderia atuar no primeiro ano de vida. Esse aprendizado precoce e provavelmente de natureza afetiva, como defende esse artigo, é um tipo de memória (difícil de se modificar) e mais resistente a perdas funcionais decorrentes de lesões cerebrais, por exemplo. Clyman (1991) acredita que seriam essas estratégias emocionais precoces que a psicanálise procura alcançar e modificar na transferência: “mas a constância do objeto, juntamente com a constância do *self*, não se referem à experiência da imagem declarativa da mãe ou de si. Antes, elas se referem à capacidade de se tranquilizar, de tolerar isolamento e à experiência de si como um todo na ausência de um outro importante” (CLYMAN, 1991, p. 367). Ou seja, não nos lembramos das inúmeras vezes que nossos pais nos frustraram ou nos trataram com carinho. Essas informações são guardadas nas capacidades procedurais do *self* e da constância objetal. E esse conhecimento procedural não fora reprimido, nem se pode tornar consciente, pois ele já é inconsciente. Nesse sentido, portanto, o modelo procedural tem sido aplicado ao estudo do inconsciente cognitivo.

O artigo de Behrendt (2005) propõe uma alternativa aos modelos cognitivos para a explicação do fenômeno da passividade (“passivity phenomena”) na esquizofrenia, ou seja, aquelas ações e pensamentos indesejáveis ou não-intencionais. Esse autor pretende dissolver a necessidade do conceito de *self* como um agente interno, e embora seu artigo não formalize uma definição de *self*, utiliza as seguintes categorias sobre o si mesmo: “auto-monitoramento de ações e pensamentos” (p. 187), “sentido de auto-pertença” (p. 187), “aquisição de habilidades (formação do hábito)” (p. 198), “ação voluntária” (p. 198), “sentido da volição ou do comportamento” (p. 198). Não obstante alguns psicanalistas, como Hartmann e Kohut, estabeleceram uma distinção entre *self* e ego, os aspectos descritos acima também correspondem às funções atribuídas ao ego na

teoria freudiana, pois Freud não os diferencia. Desse modo, relata-se ainda que “a atividade pré-frontal também orienta os mecanismos da atenção, facilitando então a percepção...” (p. 197) ou “a área motora suplementar do córtex medial frontal está envolvida na preparação e leitura de respostas motoras – particularmente aquelas que são iniciadas internamente pelo sujeito” (p. 198). Encontramos um levantamento sobre a provável participação de diferentes sítios cerebrais (áreas do córtex pré-frontal) na execução de estratégias cognitivas que na teoria psicanalítica correspondem ao *self* e ao ego, contudo, sem mencionar o último conceito. Este não é mencionado nem mesmo na discussão sobre os fundamentos neurobiológicos da imitação, no caso dos chamados “neurônios espelho” (*mirror neurons*). A descoberta de Rizzolatti e colaboradores, em 1996, foi assim batizada ao identificarem sistemas neuronais do córtex pré-motor e lóbulo parietal inferior de macacos que eram ativados não apenas durante a execução de uma determinada ação, mas também quando o animal observa a realização da mesma ação em outro animal ou no pesquisador. Posteriormente, neuroimagens também demonstraram a mesma atividade no cérebro humano, o que levantou discussões sobre as bases biológicas da imitação, da intencionalidade e da linguagem (LAMEIRA; GAWRYSZEWSKI; PEREIRA Jr., 2010, p. 123).

Também há evidências de que o lobo frontal do hemisfério direito esteja envolvido no processamento da informação sobre o *self* e de que a auto-percepção e a atribuição de inferências sobre o outro são partes de um processamento neurocognitivo semelhante, já que existe uma sobreposição de ativação neural para as duas atividades em regiões do neo-córtex, como no córtex medial pré-frontal (PLATEK; KEENAN; GALLUP Jr.; MOHAMED, 2004, p. 114, p. 119). A idéia é de que a habilidade para inferir sobre a mente do outro pressuponha um substrato neural para processar informações sobre si mesmo: “uma rede dedicada ao processamento de informações sobre o *self*, que também é chamada quando há necessidade de interpretar intenções, comportamentos ou pensamentos emergentes no outro” (PLATEK *et al.*, 2004, p. 117). Esses dados confirmam um modelo mais antigo, de G. Gallup, sobre o auto-reconhecimento dos chimpanzés no espelho, que colocava que esses animais tinham um grau de auto-conhecimento, caso contrário não identificariam a sua própria imagem e era isso que lhes permitiam desenvolver estratégias sociais introspectivas, como ter simpatia, antipatia, empatia por outros de sua espécie.

Fossati *et al.* (2003) procuraram identificar regiões cerebrais mediadoras entre as emoções e o processamento das informações sobre a auto-referência, o que também se constitui em mais um exemplo de estudo sobre o *self* sem qualquer referência ao ego ou a uma distinção entre os dois conceitos: “o ‘modelo do *self*’ humano é um construto teórico que compreende aspectos essenciais como os sentimentos de continuidade e de unidade...” (p. 1943)¹²⁴. O córtex pré-frontal dorsomedial e o cíngulo anterior aparecem como as regiões que participam ativamente nos processos emocionais positivos e negativos; e por estar em contato direto com várias outras regiões, “o córtex pré-frontal é uma região adequada para a integração do processamento cognitivo com as reações emocionais e a experiência” (p. 1943). Essa informação ganha importância na medida em que as funções integradoras da personalidade estão sobremaneira vinculadas ao ego. O capítulo “As vassalagens do ego”, em “O ego e o id” (1923), deixa claro que o equilíbrio psíquico do ego é tenso e tem um alto custo. Hartmann (1968), por sua vez, insistira na importância dos “fatores sintéticos do ego” (p. 69) e sua capacidade integradora que, segundo ele, tiveram menor atenção por parte de Freud. Além do mais, veremos outros estudos que também vinculam esse córtex e o cíngulo às funções executivas da mente e às experiências emocionais.

Por exemplo, Johnson *et al.* (2002) relatam que o uso da fMRI em indivíduos que tinham que decidir sobre seus traços pessoais, atitudes e habilidades demonstrou “uma ativação consistente e forte do cíngulo posterior e do córtex pré-frontal medial anterior durante a auto-reflexão em todos os participantes” (Johnson *et al.*, 2002, p. 1810)¹²⁵. Os autores referem também um papel ativo para o cíngulo posterior no reconhecimento de rostos, vozes e informações autobiográficas episódicas (*ibid.*, p. 1811). Eles acolhem a possibilidade de aferir, a partir desses achados, alguns correlatos neurobiológicos do sentido psicológico do *self*: “o córtex pré-frontal medial e o cíngulo posterior são regiões cerebrais importantes para acessar o sentido do *self*” (JOHNSON *et al.*, 2002, p. 1813).

¹²⁴ Dez sujeitos foram submetidos à apresentação de listas com traços de personalidade positivos e negativos durante o *scanning* da fMRI, para as quais eles tinham que julgar quais traços correspondiam ou não a eles (condição de auto-referência) (p. 1938). Na segunda condição (hetero-referência), eles julgavam se os traços eram socialmente desejáveis ou não.

¹²⁵ Onze sujeitos tinham que responder “sim” ou “não” para perguntas do tipo “eu esqueço coisas importantes”, “me viro melhor sozinho”, “sou confiável”, visando provocar situações de auto-reflexão (JOHNSON *et al.*, 2002, p. 1809). Os autores apontam a importância de novos estudos para discutir se o que eles propõem como auto-reflexão não seria uma função “metacognitiva” (p. 1812).

Mark Solms (2000) reinterpreta a concepção neuropsiquiátrica tradicional sobre a confabulação, através da leitura psicanalítica. Para Solms (2000), esse distúrbio da memória deve-se mais a uma avaliação incorreta das lembranças ou ao seu não reconhecimento do que a uma perda mnêmica propriamente dita, já que “esses pacientes não são incapazes de resgatar as memórias *per se*” (p. 137), mas sim de usá-las adequadamente. Então, *ele pensa a confabulação como um tipo especial de falha do ego*, como na “liberação de modalidades de funcionamento mental do processo primário da inibição executiva” (p. 136). E ainda: “...as *diferenças* entre os vários tipos (de confabulação) são atribuíveis a vários déficits executivos do ego, apto a liberar aqueles processos” (*idem*). Nas pesquisas de Luria, as lesões mais tipicamente associadas à confabulação acometem a região ventromedial frontal, sendo acompanhadas de uma queda na função da excitação cortical que, em termos psicológicos, refletem-se no prejuízo da crítica, na emergência de estados oníricos e um distúrbio na seleção dos processos mentais. Solms (2000) acredita que as estruturas que servem a essa região subsidiam as funções que são pré-requisitos para o funcionamento do que Freud definiu como processo secundário.

Sabe-se que os quadros confabulatórios têm um traço psicótico evidente. Sabemos também que Freud (1895) atribui a instauração do processo secundário às atividades inibitórias do ego, sem as quais o aparelho psíquico permaneceria em estado alucinatório, qual seja, de associações compulsivas e energias em estado não-ligado: “uma propriedade definidora do déficit em questão é que *ele priva o aparelho mental de algo que é fundamental para o completo funcionamento do sistema Pcs-C* – e assim o processo secundário e o princípio de realidade em geral” (p. 137). O autor recorre às diferenças entre os processos primários e os processos secundários, descritos por Freud, e à importância da “ligação” dos estados excitatórios para interpolar um atraso entre a pulsão e a sua realização, o que caracteriza a capacidade de pensar, como vimos no quarto capítulo. Assim, o comprometimento do córtex frontal ventromedial estaria, do ponto de vista psicanalítico aqui adotado, associado a falhas executivas das funções egóicas, como julgar e pensar, as quais aparecem deficitárias na confabulação (KAPLAN-SOLMS & SOLMS, 2002, p. 272).

Kandel abordou a importância do mecanismo da atenção para a formação dos mapas neurológicos da representação espacial em “In search of memory” (2006),

sublinhando a importância do córtex pré-frontal para a sua produção: “nossa descoberta demonstrando que algumas regiões do cérebro, recrutadas para os comportamentos voluntários, são igualmente requisitadas para os processos de atenção apóia a idéia de um papel considerável desempenhado pela atenção seletiva na natureza unitária da consciência” (KANDEL, 2007, p. 318). Quero destacar a correlação neuropsicológica deste exemplo, uma mesma área – o córtex pré-frontal - aparece, mais uma vez, vinculada a três outras funções que Freud descreve como parte das incumbências do ego: controle voluntário, atenção e função integradora. O córtex pré-frontal também está relacionado à “memória de trabalho”, um tipo de memória explícita de curto prazo que liga as percepções imediatas às lembranças (e outras informações cognitivas) e assim dá autonomia para a gestão e planejamento cotidiano dos fatos (como manter o nexos em uma conversa, lembrar do que foi feito 5 minutos atrás): “conhecíamos em detalhe a memória de trabalho e sabíamos que ela depende de maneira crítica do córtex pré-frontal, essa parte do lobo frontal que abriga a maior parte dos processos mentais complexos” (KANDEL, 2007, p. 358)¹²⁶.

A especificidade das regiões cerebrais não nos interessam em primeira mão ou por si mesma. Todavia, reproduzimos algumas denominações específicas apenas para mostrar que existe uma concordância entre alguns estudos neurocientíficos para a correspondência entre determinadas regiões corticais e aquelas funções psicológicas atribuíveis ao ego psicanalítico, ao *self* ou à categoria da memória. As sub-regiões do córtex pré-frontal são citadas com maior frequência, como vimos acima. Os córtices pré-frontais, segundo Damásio (2000, p. 206), são um vasto conjunto de córtices de ordem superior, participando de funções temporais, espaciais, lingüísticas e do sentido do *self*. No córtex pré-frontal, encontram-se o córtex pré-frontal dorsolateral, o córtex frontal inferior, o córtex frontal medial e o cíngulo anterior.

¹²⁶ Há evidências empíricas de que os esquizofrênicos têm uma atividade metabólica reduzida no córtex pré-frontal, assim como 40-50% dos seus parentes de primeiro grau (sem a doença) apresentam uma memória de trabalho reduzida (KANDEL, 2007, p. 359).

3. “*Default mode of brain network*”: a atividade cerebral intrínseca

Até o momento, dentre os resultados mais significativos sobre os modelos ou hipóteses neurocientíficas, direta ou indiretamente relacionadas ao ego, encontramos o recente conceito de *default mode of brain function* (modo padrão da função cerebral): um padrão específico de atividade cerebral, acidentalmente constatado por Marcus Raichle e colaboradores, em 2001, nos estudos sobre tarefa-induzida com uso de neuroimagem funcional. Ao contrário das ativações que eram tipicamente esperadas para esses estudos, verificaram-se: 1) “determinadas áreas cerebrais tinham sua atividade diminuída, de forma consistente, quando os indivíduos estavam empenhados em meta-tarefas dirigidas (“goal-directed tasks”), simplesmente em comparação com o permanecer quieto com os olhos fechados ou o olhar fixo” (RAICHLE & SNYDER, 2007, p. 1088). Em outras palavras, isso só ocorria quando o controle da linha de base era permanecer em repouso; 2) “essa rede de áreas não era fisiologicamente ‘ativada’ no estado de repouso” (*ibid.*, p. 1088). Devido à consistência pela qual tais áreas participavam dessa redução, formulou-se a hipótese de que poderia haver “um modo de organização do cérebro, presente como linha de base ou estado padrão, que é suspenso durante os comportamentos específicos dirigidos” (RAICHLE *et al.*, 2002, p. 676).

Inicialmente, essas observações surpreenderam, pois as áreas envolvidas não eram previamente reconhecidas como um sistema propriamente dito (como o sistema visual ou o motor). Foi ainda mais intrigante por se tratar de uma ‘redução’ da atividade mesmo na presença de comportamentos dirigidos e uma redução que não decorria da ativação no estado oposto (o repouso), logo, sugerindo um modo próprio de funcionamento: “a queda da atividade quase sempre incluía o cíngulo posterior e o adjacente *precuneus*, região que denominamos de ‘área parietal média misteriosa’” (RAICHLE & SNYDER, 2007, p. 1085). Além dessas, outras áreas estão envolvidas, como o córtex pré-frontal médio e o córtex parietal (RAICHLE *et al.*, 2001, p. 682). Atualmente, contudo, a denominação mais correta para o fenômeno é *default mode network* (modo de rede padrão), já que os autores consideram que “todas as partes do cérebro” apresentam um funcionamento do tipo *default*, no sentido de uma atividade cerebral intrínseca (RAICHLE & SNYDER, 2007, p. 1088).

Muitos neurocientistas questionam se haveria um significado especial para essa atividade intrínseca e o fenômeno segue dividindo opiniões. O *default mode network* (DMN) tem sido pensado aproximativamente aos substratos neurobiológicos da cognição espontânea: como os pensamentos involuntários, devaneios diurnos e mesmo a um componente essencial da criatividade. Como a atividade do DMN persiste mesmo sob anestesia geral e no sono, sua correspondência com a consciência foi descartada em favor da idéia de que ele seja realmente uma propriedade mais fundamental do cérebro. Assim, a diferença que interessa não é entre “repouso” e “tarefa”, mas entre “atividade evocada” e “atividade intrínseca”. Parece que o DMN esboça um alto grau de organização funcional e suspeita-se que este desempenhe um papel evolutivo importante, já que o cérebro despense um alto custo energético (60-80% de sua atividade total) com suas atividades funcionais internas, como a própria manutenção da comunicação neuronal. A principal hipótese levantada por Raichle sobre a função neurológica do fenômeno *default mode* tem direto interesse para a nossa pesquisa psicanalítica sobre o ego, o que comentaremos no tópico seguinte:

essa atividade intrínseca (padrão) é a facilitação de respostas aos estímulos. O tempo todo, os neurônios recebem tanto *inputs* excitatórios como inibitórios. O balanço (‘balance’) entre esses estímulos determina a responsividade (ou ganho) dos neurônios para os *inputs* correlacionados e, ao fazê-lo, **esculpem caminhos potenciais de comunicação no cérebro**. (RAICHLER & SNYDER, 2007, p. 1087, grifos nossos)

Uma outra função adaptativa do *default* é o processamento das informações para interpretar e antecipar as exigências ambientais, hipótese que se aproxima de outras teorizações neurocientíficas que preconizam que o cérebro opera como um mecanismo de inferência bayesiana¹²⁷. O trecho a seguir, também importante para o nosso tema, deixa em aberto a possibilidade de surgirem novas especulações sobre o papel da atenção seletiva na percepção:

a informação decorrente do meio externo e interno é amplamente recolhida e avaliada. Quando é necessário focalizar a atenção, principalmente se a atividade é nova, a atividade dentro destas áreas pode ser atenuada. Esta

¹²⁷ Os autores referem o ensaio “Memória do futuro”, de David Ingvar, que propõe que o cérebro faça previsões desde o nascimento, sendo, posteriormente, esculpido pela experiência para representar internamente uma “melhor estimativa” sobre o ambiente, mesmo no sentido de ações futuras.

atenuação da atividade reflete uma necessária redução dos recursos destinados ao recolhimento geral de informações. (RAICHLE *et al.*, 2001, p. 682)

Carhart-Harris *et al.* (2008) aplicaram o conceito do *default mode* na pesquisa clínica com estudos de neuroimagem, estabelecendo um extenso paralelo entre conceitos freudianos (libido, catexia, catexia de objeto, ego, superego, id, inconsciente, processos primários e secundários, repressão) e alguns resultados recentes da neuropsiquiatria¹²⁸. Esse trabalho aponta a noção de catexia como importante para a integração da metapsicologia freudiana com princípios da moderna neurociência, e ainda: “o processo de catexia de objeto pode ser comparado aos processos da cognição meta-dirigida (“goal-directed cognition”), já que ambos requerem investimento libidinal (...). Propomos que a ativação do córtex pré-frontal dorsolateral correlaciona-se com as catexias de objeto” (CARHART-HARRIS *et al.*, 2008).

Outro aspecto desse artigo a ser destacado é uma observação que se confirma em nossas análises sobre o ego: como este possui múltiplas funções psíquicas e Freud também utilizou seu conceito de diferentes maneiras, seria absolutamente contraintuitivo sugerir a participação de uma única região neural para as atividades do ego. Sendo assim, a compreensão mais ampliada da natureza do *default mode*, de início uma função e agora uma rede, torna-se bastante instrumental: “baseado em um amplo número de estudos de neuroimagen, propomos que *uma rede de regiões altamente conectadas, principalmente incorporando o córtex pré-frontal médio, córtex cingulado posterior, lóbulo parietal inferior e região temporal média vem ao encontro de muitos dos critérios do ego freudiano*. Essa conglomeração de atividade tem sido denominada de ‘default mode network’” (CARHART-HARRIS *et al.*, 2008, grifos nossos).

Os autores supõem que a redução da atividade dessa rede durante a realização da cognição com meta-dirigida (a “evoked activity”, expressão mais utilizada por aqueles que formularam o conceito do *default*) é consistente com um deslocamento de libido do reservatório egóico (representado pelo DMN) para os objetos (representado pelo córtex pré-frontal dorsolateral). Carhart-Harris e colaboradores também citam outros

¹²⁸ Ao contrário da maioria dos estudos desse gênero, os autores demonstraram uma compreensão satisfatória na apresentação dos conceitos freudianos, ponderando sobre as bias da tradução inglesa de Freud. Consultado em *Annals of General Psychiatry*: <http://www.annals-general-psychiatry.com/content/7/1/9>

estudos de neuroimagem a fim de destacar paralelos, tais como: entre o córtex pré-frontal medial e uma função causal no *default mode network*, entre o córtex cingulado posterior/lóbulo parietal inferior e a propriocepção; de novo o córtex cingulado e a evocação de recordações. Como já apontamos no fim do tópico anterior, as *divisões do córtex pré-frontal freqüentemente se destacam no paralelo com as funções psíquicas do ego, como o córtex cingulado posterior (cíngulo) e o córtex pré-frontal dorsolateral e o medial*. Solms (2000) destacou o papel da *região pré-frontal ventromedial* na confabulação, enquanto que Carhart-Harris *et al.* (2008) destacam mais especificamente o córtex pré-frontal ventromedial na censura psíquica e na repressão. As observações destes diferentes autores têm em comum o fato de apontarem uma mesma região cerebral para executar funções mentais interligadas, pois um prejuízo na censura psíquica realmente acarreta uma perda na organização do pensamento, como se vê na confabulação.

Considerando o conceito de superego, esses pesquisadores identificaram um papel para o córtex cingulado anterior na percepção da culpa, além deste cingulado manter forte conectividade com o córtex pré-frontal dorsolateral (pensado como tendo um papel nas relações de objeto). Também se levanta a hipótese de que o cingulado subgenual (Cg25) esteja envolvido no controle da expressão dos impulsos no ambiente, e acrescenta-se que “análises citológicas recentes do córtex cingulado apontaram uma concentração especialmente densa de receptores inibitórios no Cg25” (CARHART-HARRIS *et al.*, 2008). As relações entre o Cg25 e o próprio *default mode network* vinculam-se ao controle da expressão afetiva e motivacional promovida pelos centros visceromotores, o que concorda com achados sobre estimulação cerebral profunda nos casos de pesquisa sobre a depressão resistente a tratamentos. Assim, Carhart-Harris *et al.* (2008) *sugerem uma comparação entre o default mode network e o ego e entre o Cg25 e a repressão*.

Vamos examinar algumas das especulações de Carhart-Harris na teoria da libido freudiana e no ego. Antes disso, examinaremos outras especulações: entre o *default mode* e o *self* neuropsicológico de Damásio.

3.1 Sobre uma escuta permanente

Os dois artigos de Raichle e colaboradores, embora bastante técnicos (posto que são minuciosamente fundamentados em termos de extração e consumo de oxigênio) são finalizados com uma comparação vaga, porém elegante: as áreas recrutadas no *default mode* poderiam ser lidas ou pensadas aproximadamente como as “sentinelas” descritas por William James. Uma ressalva, como os processos funcionais que constituem o *default* ocorrem como atividades involuntárias (e, logo, são inconscientes), a alusão de Raichle às “sentinelas” só é válida se excluir qualquer conotação de uma vigília consciente. Em relação ao contraponto que faremos entre algumas categorias objetivas e entidades (neuro)psicológicas, permanece outra ressalva: a intenção não é lançar nenhuma luz no conteúdo ou significado de tais processos, mas somente identificar processos neurofisiológicos e anatômicos paralelos ou correspondentes aos processos psíquicos.

Haveria um olhar ou uma escuta interna inconsciente? Esta idéia é aparentemente paradoxal, mas não tão estranha. Ela vai ao encontro das teorizações de A. Damásio sobre o *self* neural, inicialmente como uma “narrativa sem palavras” ou um puro relato imagético, como ele diz. Como mostramos na seção anterior, Damásio defende que *o corpo é um objeto permanente para o cérebro*, ou seja, que a relação organismo-ambiente tem suas sinalizações próprias que resultam em “mapas” ou padrões neurais. Quanto às regiões responsáveis pelo mapeamento corporal, lembremos que Damásio (2000) diz que elas “são a audiência cativa do corpo” (p. 40), no sentido de que existem “mecanismos que representam continuamente e de modo inconsciente os estados corporais” (*ibid.*, p. 42).

É possível traçar um paralelo geral entre a “audiência cativa” de Damásio (que é o fundamento neurobiológico do *self*) e o fenômeno do *default mode*. Este também implica um padrão interno de atividade cerebral, independente da consciência, e que opera mesmo na ausência de demanda externa, logo de modo contínuo (sono, anestesia geral, olhar passivo, olhos fechados). Ampliando o raciocínio, a diferença entre “goal-directed behaviors/evoked activity” e “intrinsic activity” poderia ser traduzida, na teoria de Damásio, em termos da diferença entre as “representações do objeto” e as “representações do organismo”. A “audiência” do corpo no cérebro e o mapeamento dos objetos, na

medida em que são re-representados em vários sistemas até se tornarem dados sensíveis para o indivíduo (como a expressão de um sentido de si, dos sentimentos e das emoções), operam talvez de modo semelhante ao papel que Raichle *et al.* (2001) descrevem para as regiões neurais do *default mode network*, qual seja, o de coleta das informações externas e internas, portanto o de uma espécie de monitoramento. O *default* parece operar como as instâncias que disponibilizam esses conteúdos neuropsíquicos para o próprio cérebro e para o organismo. Vale ressaltar que em ambas as teorizações, de Damásio e de Raichle, as atividades em questão não são voluntárias. Em Damásio, existe uma organização funcional dos processos desde o proto-self, porém a intenção consciente se apresenta apenas nos níveis mais abstratos do *self*. No *default*, até onde se sabe, as atividades são totalmente inconscientes e, devido à sua organização funcional, uma aleatoriedade dos processos também está descartada.

Grosso modo, uma interpretação ainda que aproximada do DMN à luz da concepção freudiana do ego, como a que vimos no “Projeto” (1895), assume nuances intrigantes, embora ainda gerais ou superficiais, uma vez que o *default* é uma idéia em evolução. Chama atenção a natureza interna (por oposição às demandas externas) e, eventualmente, contínua de um padrão da atividade neurológica, cujo custo energético para o cérebro é extremamente elevado. Dependendo da abordagem adotada, Raichle e Snyder (2007) apontam que *o custo da atividade intrínseca cerebral supera, de longe, o das “exigências momentâneas do ambiente, que ficam somente em torno de 0,5%-1% do custo total”* (p. 1087). Em Freud, as acepções do ego, do ponto de vista econômico, sempre estiveram claramente vinculadas a imagens ou metáforas energéticas relativas ao investimento de catexias, ocupações endógenas e quantidades a serem escoadas.

Nos termos do “Projeto” (1895), o ego é o “portador da reserva” necessária para a satisfação das grandes carências orgânicas (fome e sede), as quais a fuga motora não soluciona sozinha e, por isso, requer-se uma “ação específica” no mundo externo, envolvendo uma mediação do outro. Como vimos, o ego é formado pelas pulsões do ψ do núcleo (sua parte constante) e pelas representações do ψ do manto (que sofre modificações ao longo do desenvolvimento), formando uma “massa neurônica” de processos associativos de extensão variável, mas em permanente “estado de ligação” (FREUD, 1895, p. 368). De certo modo, se também atribuíssemos a função de “sentinela”

ao ego freudiano, como Raichle faz com o *default mode*, não soaria tão destoante, visto que Freud (1895) delega ao ego o papel de inibir ou facilitar o curso dos processos do aparelho neuropsicológico, impedindo que este permaneça alucinando, tomado pelos processos primários¹²⁹. Vimos que uma das possíveis funções da atividade intrínseca cerebral é a facilitação de respostas (“facilitation of responses to stimuli”), balanceando os estímulos excitatórios e inibitórios, os quais no seu decurso **“esculpem caminhos potenciais de comunicação no cérebro”** (RAICHLE & SNYDER, 2007, p. 1087).

O núcleo do ego freudiano é o responsável por esculpir a ontogênese do aparelho, no que Freud conceituou como “facilitação” (*Bahnung*): são os traços permanentes do aparelho, originados dos processos que são repetidos e deixam os caminhos de condução mais facilmente percorríveis, mais diferenciados. O ego tem a reserva de energia e as duas restrições inatas que impulsionaram o início da sua atividade inibitória e a posterior aprendizagem. A regra da “defesa primária” diz que as representações desprazerosas devem ser evitadas e a regra da “atenção”, por sua vez, diz quais serão investidas. Freud diz que o ego aprende a ficar atento à entrada de percepções e as sobre-investe: ele desloca quantidades de algumas representações em ψ para as representações do objeto externo em Ψ . No trecho já citado sobre o papel da atenção na hipótese do *default*, os meios externo e interno são constantemente recolhidos até surgir uma nova atividade evocada, quando é necessário focalizar a atenção. Notem, a atividade nos sistemas *default mode* é apenas “atenuada”, mas não extinta e isso implica numa redução dos recursos disponíveis para a recepção geral das informações (RAICHLE *et al.*, 2001, p. 682). Assim como na noção de ego, a atenção no *default* parece ter um papel econômico fundamental.

Na teoria do narcisismo, por exemplo, Freud trata o ego como um “reservatório da libido” e aprofunda a relação entre ego e objetos em termos da economia entre “libido narcísica” e “libido do objeto”. Assim como o custo da “atividade evocada” não supera o da “atividade intrínseca”, a libido investida nos objetos não supera jamais o investimento egóico, uma vez que uma carga libidinal permanece no ego, graças ao narcisismo primário infantil, como enfatizado por Freud em diversas oportunidades

¹²⁹ Lembrando que esse processo ocorre através das “ocupações laterais” do ego, pela lei de associação por simultaneidade, Freud diz que “se um neurônio contíguo é investido simultaneamente, isso produz o efeito de uma facilitação temporária das barreiras de contato entre ambos” (1895, p. 368).

(FREUD, 1905, p. 95; FREUD, 1913, p. 95; FREUD, 1914, p. 73), por exemplo: “durante toda a vida, **o ego segue sendo o grande reservatório** do qual os investimentos libidinais são enviados aos objetos e para o interior do qual retornam” (FREUD, 1938, p. 148, grifos nossos)¹³⁰. É nesse sentido que Freud diz que o sujeito permanece narcísico por toda a vida. É curioso que Hartmann (1968) tenha assinalado que essa mobilidade do ego poderia ser o protótipo de uma função biológica importante.

Ambas as teorizações freudianas, do ego em 1895 e as da década de 1910, sugerem a manutenção de um constante balanço de catexias: entre libido egóica e libido objetual e nas “ocupações laterais”, que se desdobram entre ego (vias facilitadas) e não-ego (vias inibidas), se quisermos um sentido dinâmico. Pensamos, então, que o *default mode* - seu recurso energético e aquela espécie de monitoramento interno e externo – encontre um paralelo na mobilidade energética implicada no conceito de ego, do ponto de vista econômico, tópico e dinâmico, como vimos acima.

Assim, se o conceito do *default mode* pode ser traduzido em linguagem psicanalítica, como sugerido por Carhart-Harris *et al.* (2008), como um correspondente neurológico do ego (“intrinsic activity”) e das catexias objetuais (“evoked activity”), creio que tal paralelo venha ao encontro das diversas considerações de Freud sobre a libido, investimento (ou ocupações) e o narcisismo do ego. Por outro lado, é sabido que a teoria do inconsciente freudiano além de explicar os lapsos de linguagem, os chistes, os esquecimentos, também fundamenta a compreensão da fantasia, dos sonhos, da atividade onírica diurna e da livre associação. Enfim, o inconsciente em sentido dinâmico e sistêmico caracteriza todos os processos psicológicos afetivo-cognitivos, salvo seu caráter consciente, enquanto que o *default*, como vimos, caracteriza as atividades cognitivas espontâneas e vincula-se à imaginação e aos devaneios. Shulman & Reiser (2004) sugerem que a psicologia freudiana seria interessante para essa correlação: “sugerimos que alguns dos seus *insights* que foram baseados em dados subjetivos podem ser usados para corresponder com as atividades cerebrais medidas nas condições basais, mas são ignoradas pelos estudos funcionais de imagem” (p. 141). Esses autores assinalam que o

¹³⁰ Freud, aparentemente, oscilou a respeito do problema do reservatório libidinal. Em “O ego e o id” (1923), os investimentos partem do id e não do ego, ao contrário dos *Três ensaios* (1905), “Totem e tabu” (1913), “Introdução ao narcisismo” (1914) e “Além do princípio do prazer” (1920). Todavia, essa questão não é simples, a analogia com o reservatório é ambígua, podendo significar apenas um entreposto da libido ou sua fonte mesma. Para mais detalhes, Strachey, Apêndice B (“O grande reservatório de libido”), p. 63-64.

alto nível de atividade cerebral específica na ausência de estimulação externa é realmente um novo achado, sendo necessário buscar critérios para criar um modelo psicológico da mente que possa incluir hipóteses dessa natureza, como as do *default mode*, para promover respostas para as questões mente-cérebro, o que não tem sido proporcionado pela psicologia cognitiva (p. 138).

Futuramente, quem sabe, o *default mode* possa ser pensado como a base de um modelo cognitivo para investigar o inconsciente não apenas em sua acepção cognitiva, já apontada pelas neurociências desde a descoberta dos sistemas procedurais da memória na década de 50. Contudo, a aura de imprecisões que paira sobre a hipótese do *default mode* promete novas investigações que talvez possam permitir aos neurocientistas ousarem na exploração do inconsciente, inclusive no sentido mais corrente em psicanálise, como no sentido dos conflitos pulsionais e da sexualidade, um aspecto ainda não incorporado pelas neurociências. Embora esse não seja o único sentido do inconsciente em psicanálise, uma vez que é possível encontrarmos na metapsicologia freudiana uma acepção cognitiva para os processos mentais, como apontado por Bucci (1997).

4. Considerações finais

Como vimos, a bibliografia consultada apresenta uma maior frequência de estudos sobre a memória e um menor número de trabalhos sobre o ego. A maioria das pesquisas empíricas dedicadas à investigação dos aspectos intra-subjetivos vinculados ao ego - tais como, identidade, auto-reflexão, autocrítica, percepção de si - optam por utilizar a noção de *self* ou, então, suas referências ao ego são bastante fragmentárias. Um provável fator para a carência de modelos neurobiológicos sobre o ego é a prevalência do termo *self* no campo da psicanálise e da pesquisa psicodinâmica norte-americanas e inglesa. Discutimos a prevalência de estudos sobre o *self* também em termos da distinção que os pós-freudianos estabeleceram entre ego e o *self*, e das vantagens que essa discriminação pôde ter trazido para a pesquisa e para a clínica psicanalítica, embora ela seja absolutamente irrelevante para Freud. As formulações sobre o ego, em Freud, abarcam os significados de uma organização psíquica particular e dos aspectos globais da pessoa e da personalidade (frequentemente, arrolados para o *self*), o que faz parte do interjogo das

diversas tensões que apontamos em torno do conceito de ego: autonomia-dependência, entreposto libidinal-reservatório, eu social-eu neural, etc.

Como resultado da análise de algumas pesquisas empíricas, encontramos dois modelos principais relacionados ao conceito de ego, o modelo procedural da memória e o *default mode network*. Estes modelos sugerem, a nosso ver, um espectro de questões a serem exploradas que vão no sentido da ampliação e da imbricação das noções de inconsciente psíquico e cognitivo e, ao mesmo tempo, trazem substratos neurológicos para a idéia de um monitoramento interno constante, como já sugerido por Freud (na agência do ego) e por Damásio (com a “audiência cativa” do corpo). Os demais estudos apresentaram correlações, algumas mais dispersas e outras mais pontuais, entre os aspectos da noção de *self* e determinadas regiões cerebrais, distribuídas principalmente no córtex pré-frontal.

Nosso objetivo nesse capítulo final, mais curto também, foi tão somente caracterizar o contexto prático de trabalho de alguns grupos de pesquisa em neurociências, identificando algumas tendências mais visíveis, descrevendo procedimentos e resultados a que chegam aquela profusão de *papers* sobre o tema das afinidades entre a neurociência cognitiva e a psicanálise.

CONCLUSÃO

Se tem algum sentido o dito popular que “em terra de cego, quem tem um olho é rei”, pelo menos isso não se aplica ao domínio dos problemas que aqui se procurou abordar. No campo das ciências da mente, e particularmente das relações entre a psicanálise e a neurociência, ninguém possui esse “olho” ou um olhar que atravessa a complexidade do problema das relações entre a mente, o cérebro e o corpo. Nesse terreno polifônico e multidisciplinar, o que melhor se aplica parece ser “o ataque é a melhor defesa”, ou seja, na medida em que a leitura da psicanálise pelas neurociências tem aberto um domínio onde não faltam críticos, aduladores e debatedores de primeira ordem. Todos discutindo, debatendo e alguns agindo como se defendessem sua barricada da invasão inimiga.

Dissemos, na introdução, que um problema precisa ser, primeiramente, compreendido para ser mais bem abordado e debatido, bem à maneira do espírito pragmático científico que não apenas teoriza, mas põe as suas hipóteses de trabalho à prova. Também à maneira da inspiração freudiana que sempre se preocupou, prioritariamente, com a exposição clara de suas idéias, e a revisão das mesmas quando necessário. Ora, no terreno das aproximações sucessivas entre a psicanálise e as neurociências aconteceu exatamente o contrário, ou seja, debater antecede a exposição e a compreensão dos problemas. É curioso constatar que a recepção das neurociências pelos psicanalistas causou tanto de ceticismo como de entusiasmo (BEUTEL *et al.*, 2003, p. 774).

Ao longo deste trabalho, tentamos levantar as questões mais freqüentes que se colocam sobre o tema das trocas entre a psicanálise e as neurociências, e concluímos que o debate que se estabelece é amplo, porém isso se deve mais à natureza interna dos seus problemas, uma vez que a condução mesma dos debates, algumas vezes, se auto-limita, no sentido de que muitos de seus expoentes relegam à um segundo plano o entendimento mais claro das variáveis em jogo. Estamos chamando a atenção para aquelas atitudes que não estão abertas à tentativa de uma compreensão do que se propõe de um lado e de outro desta equação, que vale dizer será sempre imperfeita entre a neurociência e a psicanálise, e da tentativa de investigar quais recursos ambas poderiam realmente oferecer para diminuir ou eliminar o *gap* histórico entre as visões organicista e psicodinâmica sobre a mente, que foi o que tentamos demonstrar neste trabalho.

Peter Gay (1989) comenta que, às vésperas de uma publicação, Freud era acometido de desconfortos psicossomáticos e de uma auto-crítica desoladora. O fato é que Freud também punha suas hipóteses à prova e, conseqüentemente, ele se expunha. A nosso ver, não se põe em dúvida que uma atitude crítica e reflexiva sobre essas tentativas de diálogo seja fundamental na abordagem das relações extra-disciplinares da psicanálise com a neurobiologia. Contudo, por outro lado, também parece faltar aos psicanalistas, principalmente, uma dose de ousadia ou de abertura para as mudanças no seu campo do conhecimento. Como já dissemos, os modelos teóricos mal fundamentados não suportarão o crivo das discussões mais consistentes, das observações clínicas e, no caso dos modelos empíricos, também dos experimentos bem planejados. O fato é que as propostas de um encontro entre a abordagem psicodinâmica da psicanálise e as abordagens objetivas das neurociências são relativamente recentes e têm causado, no mínimo, um estranhamento no meio acadêmico e na psicanálise, para não falarmos no desconhecimento com relação ao contexto de surgimento daquelas propostas.

Neste sentido, essa tese procurou contextualizar a leitura da psicanálise freudiana feita pela neurobiologia, utilizando a descrição sistemática de alguns dos principais programas surgidos, recentemente, na neurociência cognitiva e na neuropsicologia clínica. Sendo assim, apresentamos os pressupostos destes programas neurocientíficos que ensaiam uma interlocução com a psicanálise: o quadro de referência de Kandel, a neuro-psicanálise e a concepção do *self* em Damásio. E paralelamente recorreremos à revisão do conceito freudiano de ego, porque acreditávamos que este

conceito fosse elucidativo sobre as relações entre as concepções neuropsicológicas e as psicossociais na psicanálise de Freud.

Retomaremos, daqui em diante, apenas algumas considerações finais mais importantes, pois já fizemos algumas ponderações sobre as nossas reflexões em diferentes tentativas de síntese ao longo da tese.

O trabalho com o conceito de ego, em Freud, teria contribuído na medida em que vem mostrar que os fundamentos neurobiológicos e os psicossociais do ego podem estar mais interligados do que se imagina, em diferentes períodos da sua obra, mesmo onde o conceito ganha contornos mais antropomórficos, como no ingresso na segunda tópica, ou mesmo onde o ego é parte de um aparelho neuropsíquico. A análise do desamparo biológico e o desenvolvimento do pensar impõem a necessária mediação do outro na interação do aparelho psíquico com a realidade externa e, concomitantemente, para a construção das categorias internas. Consideramos que um eu-social não substitui gradualmente o eu-neural ou neuropsicológico, como apontaria uma leitura mais hermenêutica da psicanálise. Inclusive, comentamos que existem duas linhas de raciocínio (eu-corpo e eu-intersubjetivo) entrelaçadas nas teorizações de Freud sobre o ego. O que nos parece mais importante a esse respeito é que temos boas razões para pensar que Freud apostava numa teoria mais integrada da mente desde o início da metapsicologia. E, por outro lado, a neurociência atualmente trabalha com a concepção do cérebro em funcionamento (“o cérebro em ação”) e faz com que uma visão mais integrada sobre a mente e o cérebro seja priorizada ou, pelo menos, buscada por algumas abordagens da neurociência cognitiva que tem se organizado no sentido da construção progressiva de um projeto ou programa de estudos para a investigação da mente e da subjetividade, de uma perspectiva mais global e dinâmica. Este talvez seja o principal aspecto em que o modelo freudiano possa vir a contribuir.

Nesse aspecto, as investigações sobre o *framework* de Kandel, sobre a neuro-psicanálise e o modelo neuropsicológico de Damásio mostraram que se apresenta uma certa solução de continuidade entre eles. Estas afinidades manifestas, por sua vez, apontam para o fato de que as diferentes tentativas extra-disciplinares nas neurociências, nas ciências cognitivas e, em menor dimensão, na própria psicanálise podem estar exprimindo a construção progressiva, a diferentes mãos, de um programa de estudos sobre um projeto psicológico mais ou menos integrado para compreensão da estrutura e do

funcionamento da mente, mesmo em suas questões mais difíceis, como as da esfera da subjetividade. Há diferentes versões para estes esforços, a proposta de Kandel apresenta um conteúdo programático bastante explícito e até didático a esse respeito. A neuropsicanálise complementa-o, oferecendo sua demonstração no enquadre mais clínico das neurociências.

Destaca-se que nenhum desses programas neurocientíficos se dispõem, exclusivamente, a confirmar ou refutar os conceitos psicanalíticos, o que empobreceria cada um deles e praticamente nada acrescentaria à psicanálise. O *framework* não contesta os fundamentos da relação desenvolvida dentro do *setting* analítico e não questiona o papel da psicanálise como tratamento dos distúrbios psicológicos; apenas se propõe que a psicanálise liberte-se de um ostracismo intelectual com relação ao campo da pesquisa científica sobre a mente, e que ela amplie ou simplesmente diversifique o foco de sua investigação para além da clínica. Com relação à neuropsicanálise, há uma diferença neste aspecto, já que ela toma o método psicanalítico clínico como um importante aliado para as investigações do seu campo específico de problemas, as patologias neuropsiquiátricas, e tem empregado a psicanálise para complementar o método da localização dinâmica.

Seria altamente interessante que esses programas problematizassem também uma noção de interdisciplinaridade e fizessem uma reflexão sobre os problemas a serem formulados e sobre uma compreensão sistemática dos conceitos psicológicos para que o *framework* justamente não se torne mais um programa instrumental ou reducionista sobre a mente. Trata-se, inclusive, de questionar se podemos falar em interdisciplinaridade. Talvez mais apropriado seja uma multidisciplinaridade ou uma atitude extra-disciplinar e mais conciliatória. Sugerimos somente usar a palavra interdisciplinaridade com parcimônia, dado que talvez ela implique em considerar o grau de integração ou de unidade que é pretendido ou alcançado pelos esforços daqueles programas.

Observamos uma diversidade de novos estudos empíricos que propõem uma ponte entre a neurociência e a psicanálise, através do uso da neuroimagem funcional. Alguns estudos permanecem no nível mais superficial e disperso e, quando examinados de perto, não realizam uma verdadeira troca ou convergência de conhecimentos e, nesses casos, permanecem no âmbito exclusivo das correlações clínico-empíricas pontuais. Nessas situações, não produtivas para as disciplinas em questão, nota-se a falta de um

embasamento conceitual maior, o que abre espaço para confusões conceituais diversas e até uma apropriação errônea ou simplista dos conceitos psicanalíticos. Como resultado da análise dessas pesquisas empíricas, as que trouxeram resultados mais consistentes, encontramos dois modelos principais relacionados ao conceito de ego, o modelo procedural da memória e o *default mode network*. Estes modelos abrem uma perspectiva, de início, interessante e que, se explorada, pode revelar pontos em comum com outros conceitos freudianos, como o de inconsciente, como a própria teoria da memória e da representação.

Alguns autores, como Green (1999) ou F. Graeff (2006), comentam sobre a necessidade de se estabelecerem regras de correspondência entre conceitos neurocientíficos e psicanalíticos. Talvez essa não seja uma questão a ser priorizada, porque o encontro destas disciplinas não é um encaixe ponto por ponto. Elas são diferentes em muitos aspectos, ou seja, não se trata de uma equação. E se for, é uma equação imperfeita; o que interessa é como esse encontro pode ser viabilizado de modo produtivo para as duas áreas. Do mesmo modo, é freqüente indagar se os modelos experimentais e laboratoriais têm ressonância ou uma afinidade com os pressupostos da psicanálise. Esse não parece ser um aspecto tão relevante em nosso balanço, na medida em que o que está em jogo não é a adequação de uma disciplina à outra, e sim uma suplementação de estratégias para a elucidação de questões sobre as relações mente-corpo-cérebro que permanecem em aberto, talvez exatamente porque sempre foram tratadas isoladamente por aquelas áreas. Deixaremos em aberto a pergunta sobre se essa pretensa “afinidade” é realmente necessária, ou até que ponto ela auxilia no debate e o que se entende por afinidade num terreno onde a diferença pode ser interessante.

Um certo grau de reducionismo é inerente à relação entre neurociência e psicanálise, porque a redução é parte da metodologia da formulação dos modelos empíricos em ciência. O materialismo neurocientífico também é inevitável na medida em que é tomado como pressuposto fundamental das teorias neurobiológicas, mas nem a redução ou o materialismo são problemáticos em si mesmos, desde que não na sua versão eliminativista que é frontalmente contrária aos enunciados psicológicos, e desde que os mesmos sejam discutidos e administrados nas formulações teóricas e nos procedimentos experimentais.

Afinal, se a psicanálise é convidada e, ao mesmo tempo, desafiada até certo ponto a participar e debater em um projeto científico do mental, não podemos deixar de notar que a ciência, de modo geral, não é outra coisa que uma sistemática celebração da dúvida: testar, falsear, confirmar, re-testar - tentativa e erro. Se o século atual será ou não o século da *memória e do desejo*, como diria Jacob (1998), *ça n'importe pas*, mas sim que não nos entreguemos entusiasmados com verdades definitivas, cujas especulações sempre serão postas à prova. Reiteramos aquela idéia de que a psicanálise só não pode se tornar um sintoma rígido. É como coloca Freud em “Pulsões e destinos de pulsão”: “... o progresso do conhecimento não tolera rigidez alguma, tampouco nas definições” (1915, p. 113).

Referências bibliográficas:

I. Obras de Sigmund Freud

- Freud, S. Obras completas, 24 volumes. Trad. de José L. Etcheverry. Buenos Aires. Amorrortu editores (AE), 1987, 1989, 1998.
- FREUD, S. *La afasia* (1891). Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.
- FREUD, S. Contribution a la conception des aphasies: une étude critique par Sigmund Freud. Leipzig et Vienne, Franz Deuticke, 1891.
- FREUD, S. Fragmentos de la correspondencia com Fliess (1950 [1892-99]). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1998, vol. 1, p. 211-322.
- FREUD, S. Las neuropsicosis de defesa (1894). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 3, p.41-68.
- FREUD, S. Projeto de psicologia (1950 [1895]). In: *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 1, p. 323-446.
- FREUD, S. La interpretación de los sueños (1900). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1987, vol. 4.
- FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FREUD, S. Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci (1910). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 11, p. 53-128.
- FREUD, S. Historias clínicas de la psicoanálisis II - Observações psicoanalíticas sobre um caso de paranoia autobiográficamente descrito. (1912-13). *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953, vol. 16, p. 81-141.
- FREUD, S. Totem y tabu. (1913). *Obras completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953, vol. 8, p. 9-166.
- FREUD, S. Introducción del narcisismo. (1914). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 14, p. 65-98.
- FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión (1915). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 14, p. 105-134.
- FREUD, S. Duelo y melancolía (1917 [1915]). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 14, p. 235-255.
- FREUD, S. Conferencias de introducción al psicoanálisis (1916-17 [1915-17]). 24ª. O estado neurótico comum. *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 16, p. 344-355.

- FREUD, S. (1920). Más Allá del principio de placer. *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 18, p. 1-62.
- FREUD, S. Psicología de las masas y análisis del yo (1921). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 18, p. 63-136.
- FREUD, S. El yo y el ello (1923). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol.19, p. 1-66.
- FREUD, S. El problema económico del masoquismo (1924). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 19, p. 161-176.
- FREUD S. (1926 [1925]). Inhibición, sintoma y angustia. *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1988, vol. 20, p. 71-161.
- FREUD, S. Esquema del psicoanálisis (1940 [1938]). *Sigmund Freud. Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1989, vol. 23, p. 133-209.
- FREUD, S. (1896). “Carta 52”. In: J. M. Masson. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

II. Outros autores:

- AMACHER, P. Freud’s neurological education and its influence on psychoanalytic theory. New York: International University Press, vol. IV, no. 4, Monograph 16, 1965. (Psychological Issues).
- AMARAL, P. P. R.; NAKAYA, H. I. DNA não-codificador: o lixo que vale ouro. *Ciência Hoje: revista de divulgação científica da SBPC*, vol. 38, p. 36-42, julho de 2006.
- ANDRADE, V. M. *Um diálogo entre a psicanálise e a neurociência: a “psicanálise maior” prevista por Freud torna-se realidade no século XXI como metapsicologia científica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- ANDRADE, V. M. (2003b). O ego corporal no continuum cérebro-mente: o modo de ação clínica da psicanálise na perspectiva da interface com a neurociência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 37 (4), p. 1051-1065, 2003.
- ANDRIEU, B. La chair vécue du cerveau: un objet épistémologique du cerveau psychologique. *Psychologie française*, n. 52, p. 315–325, 2007.
- BEHRENDT, R. Passivity phenomena: implications for the concept of self. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 7, p. 185-207, 2005. *Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP)*.
- BEUTEL, M. E.; STERN, E.; SILBERSWEIG, D. A. (2003). The emerging dialogue between psychoanalysis and neuroscience. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, n. 51, p. 773-801, 2003. *Psychoanalytic Electronic Publishing (PEP)*.

- BLANCK, G.; BLANCK, R. *Psicologia do ego: teoria e prática*. Trad. por José Luiz Caon. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- BLUM, V. L. *A concepção freudiana da origem e funcionamento do psiquismo e a questão do controle pulsional pela razão*. 2002, 214 f. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica (Puc), São Paulo.
- BOCCHI, J. C. *A noção de narcisismo na obra freudiana: implicações do narcisismo primário para uma concepção de psiquismo*. 2004. 124 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Psicológicas) - Departamento de Psicologia e Educação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.
- BOWLBY, J. *Apego*. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Vol. I da *Trilogia apego e perda*.
- BROCKMAN, R. Self, object, neurobiology. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 4, p. 87-99, 2002.
- BUCCI, W. *Psychoanalysis and cognitive science: a multiple code theory*. The Guilford Press, 1997.
- CARHART-HARRIS, R. L. *et al.* Mourning and melancholia revisited: correspondences between principles of freudian metapsychology and empirical findings in neuropsychiatry. *Annals of General Psychiatry*, 7:9, 2008.
- CAROPRESO, F. S. *A natureza do psíquico e o sentido da metapsicologia na psicanálise freudiana*. 2006. 268 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.
- CAROPRESO, F. (2006b). *O nascimento da metapsicologia: representação e consciência na obra inicial de Freud*. São Carlos: EdUfscar, 2006.
- CHANGEUX, J-P. *Neuronal man: the biology of mind*. New Jersey: Princeton University Press, 1997.
- CHANGEUX, J-P; RICOEUR, P. *La naturaleza y la norma: lo que nos hace pensar*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.
- CLYMAN, R. B. The procedural organization of emotions: a contribution from cognitive science to the psychoanalytic theory of therapeutic. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 39S, p.349-382, 1991. (PEP).
- COELHO Jr., N.; SIGLER, R. A açougueira inspirada. In: MELANIE KLEIN - a ampliação dos limites da vida psíquica. *Viver - Mente & Cérebro*. São Paulo: Ediouro, nº 3, v.3, Edição especial, p. 74-81. (Coleção Memória da Psicanálise).
- CRICK, F.; KOCH, C. The unconscious humunculus. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 2, p. 3-11, 2000. (PEP).
- DAMÁSIO, A. R. Commentary by Antonio R. Damásio. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 1, p. 38-39, 1999. (PEP).

- DAMÁSIO, A. R. *O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- EDELSON, M. *Hypothesis and evidence in psychoanalysis*. Chicago: University of Chicago Press, 1984.
- ERDELYI, M. H. *Psychoanalysis: Freud's cognitive psychology*. New York: Freeman & Co, 1985.
- FOSSATI, P. *et al.* In search of the emotional self: An fMRI study using positive and negative emotional words. *Am J Psychiatry*, 160:11, November, p. 1938–1945, 2003. (<http://ajp.psychiatryonline.org>)
- GABBI Jr., O. F. *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas: UNICAMP/CLE, vol. 13, 1994.
- GABBI Jr., O. F. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- GRAEFF, F. G. Neurociência e psiquiatria. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol.18, n.1, p. 27-33, 2006.
- GREEN, A. *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine: méconnaissance et reconnaissance de l'inconscient*. Paris: Puf, 2002.
- GREEN, A. Advice to psychoanalysts: “cognitive psychology is good for you”. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 3, p. 16-19, 2001. (PEP).
- GREEN, A. Consilience and rigour: commentary by André Green. *Neuro-Psychoanalysis*, 1: 40-44. (PEP).
- HARTMANN, H. *Psicologia do ego e o problema de adaptação*. Rio de Janeiro: B.U.P., 1968. (Biblioteca Universal Popular).
- HOBSON, J. A. (2004b). Freud está de volta? Como num pesadelo. *Revista Mente & Cérebro*, Scientific American Brasil. Edição zero, set/2004.
- HOBSON, J. A. *13 dreams Freud never had: the new mind science*. New York: Pearson Education, Inc, 2005.
- HONDA, H. *Raízes britânicas da psicanálise: as apropriações de Stuart Mill e Hughlings Jackson por Freud*. 2002, 225 f. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2002.
- HORGAN, J. *A mente desconhecida: por que a ciência não consegue replicar, medicar e explicar o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- IMBASCIATI, A. Cognitive sciences and psychoanalysis: a possible convergence. *J. Amer. Acad. Psychoanal.*, n. 31, p. 627-646, 2003. (PEP).
- IMBERT, M. Neurosciences et sciences cognitives. In: ANDLER, D. *Introduction aux sciences cognitives*. Paris: Gallimard, 2004. (Collection Folio/Essais).
- ISAACS, S. A natureza e a função da fantasia. In: KLEIN, M. *et al. Os progressos da psicanálise*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- JACKSON, J. H. (1884). The croonian of lectures on evolution and dissolution of the nervous system. Lecture I. *The British Medical Journal*, March 29, p. 591-93.
- JACKSON, J. H. (1884). Evolution and dissolution of the nervous system. In: Taylor, J. *Select Writings of Jhon Huglings Jackson*. New York: Basic Books, 1958.
- JACOB, F. *A mosca, o rato e o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- JACOB, P. O problema da relação entre corpo e mente hoje em dia. In: ANDLER, D. *Introduction aux sciences cognitives*. Paris: Gallimard, 2004. (Collection Folio/Essais).
- JOHNSON, S. C. *et al.* Neural correlates of self-reflection. *Brain*, 125: 1808-1814, 2002.
- KANDEL, E. R. (1979). Psychotherapy and the single synapse: the impact of psychiatric thought on neurobiologic research. In: _____. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 5-26.
- KANDEL, E. R. (1983a). From metapsychology to molecular biology: explorations into the nature of anxiety. In: _____. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 117-156.
- KANDEL, E. R. (1983). Neurobiology and molecular biology: the second encounter. In: _____. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 161-198.
- KANDEL, E. R. (1998). A new intellectual framework for psychiatry. In: _____. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 33-58.
- KANDEL, E. R. (1999). Biology and the future of psychoanalysis: a new intellectual framework for psychiatry revisited. In: _____. (2005). *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 63-106.
- KANDEL, E. R. (2001). Genes, brains, and self-understanding: biology's aspirations for a new humanism. In: _____. *Psychiatry, psychoanalysis and the new biology of mind*. American Psychiatric Publishing, Inc., Washington, DC, 2005, p. 375-383.
- KANDEL, E. R. *À la recherche de la mémoire: une nouvelle théorie de l'esprit*. Trad. do inglês por Marcel Filoche. Paris: Odile Jacob, 2007.

- KAPLAN-SOLMS, K.; SOLMS, M. *Clinical Studies in Neuro-Psychoanalysis: introduction to a depth neuropsychology*. 2.ed. New York: Other Press (Karnac), 2001.
- KAPLAN-SOLMS, K.; SOLMS, M. *O que é a neuro-psicanálise: a real e difícil articulação entre a neurociência e a psicanálise*. Trad. Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Terceira Margem, 2004.
- KLEIN, M. (1882-1960). Amor, culpa e reparação. In: KLEIN, M. *et al. Os progressos da psicanálise*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.
- KLEIN, M. (1882-1960). Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945). Andre Cardoso (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1996. 504 p. (Obras Completas de Melanie Klein, v.1)
- KOSSLYN, S. M.; ANDERSEN, R. A. General introduction. In: _____ (Ed.). *Frontiers in cognitive neurosciences*. Cambridge: MIT Press, 1992.
- LACAN, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. (Originalmente publicado em 1938).
- LACAN, J. *Écrits: a selection*. Trad. do francês por Alan Sheridan. New York: W.W. Norton&Company, 1977.
- LAMEIRA, A. P., GAWRYSZEWSKI, L. G. e PEREIRA Jr., A. Neurônios espelho. *Psicol. USP*, vol.17, n.4, p.123-133, dez/2006.
- LANE, R. D.; GARFIELD, D. A. Becoming aware of feelings: integration of cognitive-developmental, neuroscientific and psychoanalytic perspectives. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 7, p.5-30, 2005. (PEP).
- LAPLANCHE, J. A angústia moral. In: *Problemas I: a angústia*. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 288-309.
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS J. B. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LEVIN, F. M. *Mapping the mind: the intersection of psychoanalysis and neuroscience*. Londres: Karnac Books, 2003.
- LOPES DE SOUZA, A. S. Dois vértices emocionais. In: MELANIE KLEIN - a ampliação dos limites da vida psíquica. *Viver - Mente & Cérebro*. São Paulo: Ediouro, nº 3, v.3, Edição especial, p. 52-59. (Coleção Memória da Psicanálise).
- MARCUS, E. R. Modern ego psychology. *J. Amer Psychoanal. Assn.*, n. 47, p. 843-871, 1999.
- MEZAN, R. *Freud: a trama dos conceitos*. 4ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- MEZAN, R. *Interfaces da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- MILIDONI, C. B. *Heurística freudiana no “Projeto para uma psicologia científica”*. 1993. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia do IFCH, da Unicamp. Campinas, 1993.
- MILIDONI, C. B. Algumas considerações sobre o estatuto do psicológico no ‘Projeto’ freudiano. *Trans/Form/Ação – Revista de Filosofia da Unesp*, vol. 17, p. 151-166, 1994.
- MILIDONI, C. B. Metapsicologia freudiana e ciência cognitiva: os riscos da interdisciplinaridade. In: *Encontro com as ciências cognitivas*, vol. 3, p. 3-10, 2003.
- MONTENEGRO, M. A. P. Pulsão de morte e racionalidade no pensamento freudiano. Fortaleza: Ed. UFC, 2002.
- MONZANI, L. R. *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.
- ORTEGA, F.; BEZERRA Jr., B. O sujeito cerebral. 2006. Disponível em: http://www.ibneuro.com.br/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=32&Itemid=25. Acesso em 16-11-2007 às 18h27.
- PAUL, R. A. Freud’s anthropology: a reading of the ‘cultural books’. In: *The Cambridge Companion to Freud*. Cambridge: University Press, 1995.
- PEREIRA Jr., A. Breve histórico da neurociência cognitiva. In: *Encontro com as ciências cognitivas*, vol. 3, p. 37-44, 2003.
- PIRLOT, G. La pensée neurophysiologique de S. Freud: peut-elle aider au dialogue entre psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, Puf, n. 71, p. 479-500, 2007.
- PLATEK, S. M. *et al.* Where am I? The neurological correlates of self and other. *Cognitive Brain Research*, n. 19, p. 114-122, 2004.
- PLISZKA, S. R. *Neurociência para o clínico de saúde mental*. Trad. Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PRIBRAM, K.; GILL, M. *O ‘Projeto’ de Freud: um exame crítico*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- POMMIER, G. *Comment les neurosciences démontrent la psychanalyse*. Paris: Flammarion, 2007.
- RAICHLE, M. E.; SNYDER, A. Z. A default mode of brain function: A brief history of an evolving idea. *NeuroImage*, n. 37, p. 1083–1090, 2007.
- RAICHLE, M. E. *et al.* A default mode of brain function. *PNAS*. vol. 98, n. 2, January n. 16, p. 676–682, 2001. (www.pnas.org)
- REISER, M. F. Changing theoretical concepts in psychosomatic medicine. In: Reiser, M. e Arieti, S. (Eds.). *American Handbook of Psychiatry*, 2nd ed., vol. IV (p. 477-500). New York: Basic Books, 1975.

- REISER, M. F. *Mind, brain, body: toward a convergence of psychoanalysis and neurobiology*. New York: Basic Books, 1984.
- ROBERT, M. La neuropsychanalyse dans le texte: le congrès de 2006. *Revue Française de Psychanalyse*, 2007/2, vol. 71, p. 545-553, 2007.
- ROCHA BARROS, E. M.; ROCHA BARROS, E. L. O significado de Melanie Klein. In: MELANIE KLEIN - a ampliação dos limites da vida psíquica. *Viver - Mente & Cérebro*. São Paulo: Ediouro, nº 3, v.3, Edição especial, p. 6-15. (Coleção Memória da Psicanálise).
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Vera Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- ROY, J.-M. *et al.* (1999). Beyond the gap: an introduction to naturalizing phenomenology. In: J. Petitot *et al.* *Naturalizing phenomenology: issues in contemporary phenomenology and cognitive science*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1999. p. 1-82.
- SACKS, O. A outra Estrada: Freud como neurologista. In: ROTH, M. S. (Org.). *Freud: conflito e cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000, p. 197-208.
- SANDRETTO, J. Freud aurait aimé ce début de XXI^e. Siècle... *L' Esprit du Temps/Topique*, n. 88, p. 145-155, 2004.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. *História da psicologia moderna*. 5^a. edição. São Paulo: Cultrix, 1992.
- SEGAL, H. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SHEETS-JOHNSTONE, M. Taking Freud's Bodily Ego. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 4, p. 41-44, 2002.
- SEMENZA, C. Psychoanalysis and cognitive neuropsychology. *Neuro-Psychoanalysis*, n. 3, p. 3-10, 2001. *Psychoanalytic Electronic Publishing PEP*.
- SHULMAN, R.; REISER, M. F. Freud's theory of mind and functional imaging experiments. *Neuro-Psychoanalysis*, n.6, p. 133-142, 2004. (PEP)
- SIKSOU, M. La neuropsychologie et la psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse*, Puf, n. 71, p. 517-531, 2007.
- SIMANKE, R. T. *A formação da teoria freudiana das psicoses*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- SIMANKE, R. T. *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba: Editora UFPR, 2002.
- SIMANKE, R. T. Memória, afeto e representação: o lugar do Projeto... no desenvolvimento inicial da metapsicologia freudiana. In: *Acheronta – Revista de Psicoanálisis y Cultura*, no. 20, dez/2004. VRL: www.Acheronta.org.

- SIMANKE, R. T. O problema mente-corpo e o problema mente-mente da metapsicologia: pontos de convergência entre a psicanálise freudiana e as ciências cognitivas. *Natureza humana*, 8 (1), p. 93-118, 2006.
- SIMANKE, R. T. (2006b). Cérebro, percepção e linguagem: elementos para uma metapsicologia da representação em “Sobre a concepção das afasias” (1891) de Freud. In: *Discurso: Revista do Depto de Filosofia da USP*, n. 36, São Paulo, p. 55-93, 2006. (Dossiê Filosofia e Psicanálise).
- SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. S. (2006c). Temas de introdução à psicanálise freudiana. *Série Apointamentos*. São Carlos: EdUfscar, 2006.
- SLIPP, S. Introduction to neuroscience and psychoanalysis. *J. Amer. Acad. Psychoanal.*, n. 28, p. 191-201, 2000. (PEP).
- SMITH, C. U. M. Evolution and the problem of mind: parte II. John Hugglings Jackson. *Journal of the history of biology*. Vol. 15, no. 2, (Summer 1982), p. 241-262.
- SIMON, R. Um passeio com Melanie Klein. In: MELANIE KLEIN - a ampliação dos limites da vida psíquica. *Viver - Mente & Cérebro*. São Paulo: Ediouro, nº 3, v.3, Edição especial, p. 22-29. (Coleção Memória da Psicanálise).
- SOLMS, M. A psychoanalytic perspective on confabulation. *Neuro-Psychoanalysis*, n.2, p.133-138, 2000. (PEP).
- SOLMS, M.; TURNBULL, O. *The brain and the inner world: an introduction to the neuroscience of subjective experience*. London: Other Press, 2002.
- SOLMS, M. (2004b). Freud está de volta. *Revista Mente & Cérebro*. Scientific American Brasil. Edição zero, set/2004.
- SOLOMON. A teoria Neurológica da Mente em Freud. In: WOLLHEIM, R. (org.). *Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Artenova, 1976. (Uma Coletânea de Ensaios Críticos).
- SPITZ, R. A. *O primeiro ano de vida*. Martins Fontes, 2002. (Coleção Psicologia e Pedagogia).
- STORA, J-B. *La neuro-psychanalyse*. Paris: Puf, 2006. (Coleção Que sais-je?).
- WAKEFIELD, J. Freud and cognitive psychology: the conceptual interface. *Interface of psychoanalysis and psychology*. Washington: American Psychological Association, 1992.
- WINOGRAD, M. Matéria pensante - a fertilidade do encontro entre psicanálise e neurociência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Brasília, DF, 56, n.1, 2004. Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/seer/lab19/ojs/viewarticle.php?id=32>>. Acesso em: 28-02-2008.
- UTTAL, W. R. *The new phrenology: the limits of localizing cognitive processes in the brain*. Massachusetts: MIT Press, 2001. (Life and Mind: Philosophical Issues in Biology and Psychology)

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *A mente incorporada – ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WHITEBOCCK, J. *Perversion and utopia*. MIT Press, 1995.

WOLLHEIM, R. *As idéias de Freud*. São Paulo: Cultrix, 1971.